

FERNANDO PESSOA



ROSEA CRUZ



Textos estabelecidos e apresentados
por Pedro T. Mota



Edições Manuel Lencastre



FERNANDO PESSOA

ROSEA CRUZ

Textos em grande parte inéditos, estabelecidos, coordenados
e apresentados por

PEDRO TEIXEIRA DA MOTA



Edições Manuel Lencastre
1989

PUBLICAÇÕES DAS EDIÇÕES MANUEL LENCASTRE:

Agenda do Centenário de Fernando Pessoa para 1988

Livro da Sabedoria Portuguesa para 1989

COLECÇÃO PESSOANA:

Vol. I — Moral, Regras de Vida, Condições de Iniciação

Vol. II — A Grande Alma Portuguesa

Vol. III — Poesia Mágica, Profética e Espiritual

Vol. IV — Rosea Cruz



ISBN 972-9054-05-3

Edições Manuel Lencastre

Lg. Doutor António Viana, 6, 2.º Esq.
1200 LISBOA T. 69 32 23

Composto e impresso na
Editorial Mínerva — Minigráfica
Cooperativa de Artes Gráficas, CRL

Dezembro 1989

Depósito Legal n.º 30 622/89

Ex Deos nascimur

in Christo morimur,

per Spiritum Sanctum reviviscimos

Os nossos agradecimentos à família de Fernando Pessoa, especialmente à sua irmã Sr.^a D. Henriqueta Rosa Dias, pela consulta da biblioteca do poeta, bem como ao Dr. António Braz de Oliveira e à Dr.^a Teresa Sobral Cunha, da Biblioteca Nacional de Lisboa, por toda a colaboração. Agradecemos também a Daniel João Lourenço e a Maria João Almeida as traduções de Latim, bem como algumas revisões de texto a Maria Teresa Almeida. Agradecemos a Margarida Cepeda e Filipe Rocha da Silva os desenhos e a Maria Rosa Valério pela dactilografia de algumas páginas. Finalmente, agradecemos a todos os que de uma forma ou de outra contribuíram para que esta obra viesse à luz.

Optámos pela grafia separada das palavras Rosa Cruz, Rosea Cruz, como Fernando Pessoa utilizou. A Rosea Cruz significa o mais alto sentido desta realização. Rosa Cruz entende-se no sentido histórico dos manifestos e do movimento da época, bem como símbolo e tradição ao longo dos séculos. Rosicrucianos, os que têm procurado realizar este caminho.

Respeitamos a grafia original, à excepção de dois textos já publicados. Os números e letras ao cimo dos textos indicam as cotas do espólio depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Os títulos de livros vão entre aspas. As palavras em itálico estavam sublinhadas.

Sinais adoptados:

- (sic) — reprodução exacta de como Fernando Pessoa deixou o texto
(m) — manuscrito
(Dt) (dt) — dactilografado
(Td) (td) — tradução
(v.) — variante. E é a escrita posteriormente a que fica registada no texto.
(N) — Nota do organizador desta edição.
(...) — palavra não decifrada.
(...) (...) — mais do que uma palavra não decifrada.
(- - -) — espaço assim assinalado por Fernando Pessoa.
(— — —) — espaço deixado em branco.
[] — revelamos a palavra abreviada.
(p) — transcrevemos apenas parte do texto.
(R. C.) — Rosa Cruz
(FMY, FM, mca) — Franco-Maçonaria
(Oc) — Ocultismo
(SJ) — Sociedade de Jesus
(GD) — «Golden Dawn»

APRESENTAÇÃO

I

Os textos que agora apresentamos provêm do espólio de Fernando Pessoa depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Dispersos por vários envelopes de catalogações temáticas diferentes, foram recolhidos ao longo destes últimos três anos e constituem uma publicação exhaustiva dos textos intitulados R.C., ou dos que, intitulados Ocultismo, Franco-Maçonaria, Átrio, Subsolo, Caminho da Serpente, Iniciação e Ordem Templária de Portugal, contêm referências rosicrucianas. Para além destes, procurámos nas mais diversas cotas do espólio os que pudessem ter referências à Rosa Cruz. Se a grande maioria dos textos é inédita, alguns, sobretudo os dactilografados, já foram publicados por outros estudiosos.

Muitos fragmentos só conseguiram ser lidos após pacientes labores de decifração e uns poucos ficaram ainda nesse limbo do indecifrável ou de leitura incerta, dos quais reproduzimos alguns, em fac-símile, para possíveis desvendações ou rectificações. Aos poucos foram-se estabelecendo ligações entre os diversos fragmentos, desde os tipos de papéis usados, às grafias e temáticas e, aprofundando-se a compreensão e a sintonia, foi emergindo uma possível datação, paralela à evolução de Fernando Pessoa nestes assuntos e em si mesmo. É assim da nossa responsabilidade a arrumação cronológico-temática dos textos.

A compreensão do percurso e da obra de Fernando Pessoa, sobretudo no seu aspecto hermético, tem ainda que ser considerada provisória face aos textos inéditos existentes no espólio e à subtileza do

tema, que exige uma capacidade interior, quase diríamos, Rosa Cruz, difícil nos nossos dias. Sendo tão numerosos os escritos que publicamos, estes requerem, naturalmente, uma escolha pessoal do que, meditados e vividos, poderão suscitar alguma luz e amor. Os nossos comentários e notas serão poucos, não só para não sobrecarregar o leitor, como também por outras razões. Entre estas sobrevalerá a necessidade de estes escritos serem dados a conhecer o mais cedo possível, de modo a permitir um melhor aprofundamento da vida e obra de Fernando Pessoa e da Iniciação, que é o cerne da demanda da Rosea Cruz.

II

Eis um conjunto de escritos portadores de amplas significações, capazes ainda de transmitir nos dias de hoje caminhos e indicações para muitos dos mistérios e problemas do ser humano e da sua harmonia no Universo.

A Tradição Rosa Cruz, nascida no Séc. XIV com Christian Rosenkreutz, é um dos elos da continuidade de investigadores da natureza material e supra-sensível do Universo, que chegou até aos nossos tempos e da qual Fernando Pessoa faz parte.

Homens que tentaram espiritualizar a ciência e tornar mais científica e menos supersticiosa a religião e a espiritualidade. Alquimistas, astrólogos, médicos, filósofos, magos, cientistas, inseriram-se nesta tradição que adoptou o símbolo da rosa, crucificada ou nascendo da cruz, como testemunho da realização do centro vital, da vida para além das limitações corporais e psíquicas, da perfeição.

Mas quem foram afinal os Rosa Cruz?

Duas raízes: a oculta e a histórico-literária. Na primeira temos um iniciado, Christian Rosenkreutz, a incarnar em 1378 e a lançar o movimento através dum grupo de discípulos que perpetuarão essa impulsão ao longo dos séculos, incógnitos aos olhos do mundo. Ou, se quisermos, a Fraternidade Rosa Cruz foi o nome com que se tentou trazer ao conhecimento geral a existência da Fraternidade dos iniciados e mestres, que sempre existiu, mais ou menos oculta.

Na segunda, João Valentino Andreae, pastor protestante alemão, só, ou com outros membros dum cenáculo de Tübingen, lança, em

1614, os manifestos Rosa Cruz, «Fama Fraternalitatis», «Confessio» e «As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz», em que é descrita a vida deste iniciado, as características da Fraternidade por ele fundada e os objetivos espirituais e sociais para os quais se convidavam as pessoas.

As reedições e traduções são inúmeras e cerca de 400 obras a favor ou contra a Fraternidade (tal como ela surgiu à imaginação das pessoas a partir dos manifestos) eram publicadas em cerca de dez anos⁽¹⁾. Dos que lhes dedicaram obras salientemos: Michael Maier, Robert Fludd, Michel Potier, Francis Bacon, René Descartes e Leibnitz.

Destas duas raízes resultaram múltiplos frutos científicos, artísticos, educacionais e espirituais, que se estenderão ao longo dos anos influenciando na caminhada do Ocidente.

Arquétipos eternos, como o «Conhece-te a ti mesmo», a busca da pedra filosofal e do elixir da longa vida, ou da palavra perdida e da união divina foram pelos rosicrucianos procurados e, em certos casos, realizados. Não só um corpo doutrinário amplo e livre, feito das descobertas e experiências científicas e das analogias e intuições, mas também práticas precisas de alquimia, astrologia, cura, magia, oração e meditação ficaram assim ao nosso dispor.

Elos da perenidade da tradição espiritual ocidental, surgindo exactamente após a destruição da Ordem Templária, e como ela unindo o Oriente e o Ocidente, e muitos outros opostos num cristianismo esotérico, sobretudo como caminho iniciático, o movimento Rosa Cruz veio para realizar o sopro e anseio do Universo: «Homem, conhece-te a ti mesmo e vive em harmonia e amor.»

Nos nossos dias, vários grupos se afirmam rosicrucianos e, se o podem ser, também por vezes se tornam o contrário, ao perderem a verdade, amor e unidade que os deveria caracterizar. O interesse de Fernando Pessoa pelo ensinamento e pela potencialidade Rosea Cruz é, porém, uma contribuição actual, espontânea e livre, dum homem que, não se querendo prender aos grupos, estudou as suas

(1) Em França houve quem recomendasse que os Inmãos fossem lançados nas galés, ou os apelidasse de demoníacos.

doutrinas e caminhou só, para se reencontrar além do sofrimento e da morte, na sua individualidade espiritual, na sua ligação com a Divindade ou com Cristo.

Os seus textos representam, ou são, ora apontamentos do que proveio dos Rosicrucianos, ora verdadeiras criações originais da sua sensibilidade e inteligência, ainda que com profundas relações com os vários métodos e linguagens simbólicas das realidades supraterestras.

Na época das novas descobertas, a fazerem-se no interior da alma, como nos diz Fernando Pessoa, inúmeros destes escritos Rosicrucianos serão veros desafios à audácia e ao ardor de conhecimento dos mais receptivos e maduros, que poderão assim aprofundar a Rosea Cruz.

III

A Demanda de Fernando Pessoa ao longo dos anos pode parecer um percurso labiríntico, mas o fio foi encontrado, e a saída ou centro intuídos e registados, podendo nós agora partilhar deste caminho. Os seus textos sobre a Rosea Cruz oferecem-nos este ensejo.

Desde muito jovem interessado pelo mistério e pela metafísica, como o testemunham poemas intitulos «Metempsicose», «O Círculo» e «Nirvana», ou fragmentos de ensaios, numa precocidade que ia já de encontro à sua tese «o génio é um iniciado de nascença», será, contudo, com a idade que, ao receber mais conhecimentos e ao despertar a sua consciência, conseguirá desvendar algumas dessas interrogações misteriosas. Mas quanto trabalho e sofrimento para retomar esse fio de Ariane...

Há um carta datada de 1915, dirigida ao seu malgrado amigo Mário de Sá Carneiro, onde Fernando Pessoa escreve, a propósito da leitura dos livros teosóficos que fora convidado a traduzir: «O carácter extraordinariamente vasto desta religião filosofia; a noção de força de domínio, de conhecimento superior extra-humano que ressumam as obras teosóficas, perturbaram-me muito. Causa idêntica acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real me hante.» (sic)

Será esse livro de Hargrave Jennings, que tanto o impressionou, que efectuará a sua primeira ligação com a Tradição hermética rosicruciana (se bem que já tivesse lido algumas obras sobre ocultismo). Atestam-no várias anotações ao livro, mais de uma vez consultado, bem como as citações frequentes nos fragmentos escritos e agora transcritos. Essa obra, embora contivesse algumas relações histórico-simbólicas algo aleatórias, ocultava certas indicações iniciáticas para quem as soubesse receber e, com certeza, para o jovem Fernando Pessoa, pois não foi em vão que vibrou animicamente... Acrescenta-se o facto de Jennings ter pertencido à «Societas Rosicruciana in Anglia», com Bulwer Lytton, o autor do «Zanoni», fundada em 1867, e donde, em 1888, saiu a «Golden Dawn», ordem a que pertenceram Mathers, Crowley e Yeats e da qual Fernando Pessoa recebeu alguns ensinamentos mais tarde.

Os fragmentos reunidos no primeiro capítulo deste livro falam-nos da força da ciência hermética, do mistério que ela representa ou se reveste, da causalidade de tudo e da incapacidade dos mistérios serem conhecidos, a não ser por processos intuitivos e intransmissíveis. Os primeiros são de dois projectos de contos-ensaios, denominados «O Filósofo Hermético» e «O Desconhecido», semelhantes, embora o segundo, revelando mais conhecimentos, seja posterior. Revelam possíveis influências de Edgar Allan Poe, aliás citado num fragmento. Escritos na mesma folha de um dos textos do «Desconhecido», há reflexões intituladas: «Bacon-Shakespeare». Provinham das leituras feitas pelo poeta a propósito da autoria das obras de Shakespeare ser atribuível a Francis Bacon, controvérsia esta sobre a qual a biblioteca de Fernando Pessoa está bem documentada. Citemos apenas John Robertson, um dos autores mais lidos do jovem Pessoa, George Pelissier, Walter Begley e o livro «The Secret Shakespearean Seals» dos Fraters Rosea Crucis, na edição de 1916.

Estamos nos anos à volta do início da década de vinte. Fernando Pessoa tem ainda muitos preconceitos manifestados no seu antifeminismo, antimisticismo, anti-internacionalismo, pelos quais ataca a Maçonaria, a Teosofia, chegando a escrever que a Fraternidade Rosa Cruz pretendia destruir a Igreja de Roma e estaria, desde o século XVII, nas mãos de forças negras. São desta altura os textos sobre os «300» e a terceira ordem. É a época mais afirmativa do seu paganismo, em

que, com os seus heterónimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e António Mora, escreve inúmeras e longas reflexões sobre o cristianismo, o paganismo, a divulgação dos Mistérios, e recria o Concílio Pagão, protagonista, com a Fraternidade, a Igreja, a Maçonaria e a Teosofia, no influenciar e reger da marcha semi-adormecida da Humanidade.

Com o tempo, aos poucos, as posições imaturas, ou de alguém limitadamente conhecedor do oculto, vão ser alteradas, de acordo com o alargamento da compreensão e o aprofundamento da interioridade realizados. E assim desaparecem o Concílio Pagão, a história dos «300» e da terceira ordem, ainda que nesta intuisse já algo da continuidade templária em Portugal. A Maçonaria começa a ser reabilitada como caminho iniciático, ou preparatório de tal, e a visão de Cristo vai deixando de ser a de mais um Deus, para passar a diferenciar o adepto Jesus, do estado, grau ou nível de Cristo, atingido por ele, e símbolo da meta humana ideal. É só de mais tarde a sua aceitação do Cristo como a Segunda Pessoa da Trindade. A Tradição gnóstica e joanita emerge também como a detentora do conhecimento iniciático, transmitido ocultamente aos templários e, desaparecido estes, ressurgindo nos Rosa Cruz e na Maçonaria Europeia, e na Ordem de Cristo em Portugal. Com estes textos encerramos o segundo capítulo.

O terceiro capítulo contém as suas reflexões sobre a origem e constituição da misteriosa Fraternidade. Na biblioteca de Fernando Pessoa encontram-se algumas obras lidas e referenciadas nos fragmentos do espólio. São o caso de «A Fraternidade Rosea Cruz», 1924, de Artur Edward Waite, e «A História dos Rosa Cruz», 1925, de Fr. Wittemanns. Se esta última é mais uma descrição das vidas dos precursores e dos rosicrucianos, com algumas incorrecções, já a obra de Waite (que saíra da «Golden Dawn» por não concordar com a orientação excessivamente mágica e pagã de Aleister Crowley) é uma obra documentadíssima e de um grande rigor histórico e lógico, não obstante os seus livros começados agora a publicar mostrarem o seu lado místico. Se acrescentarmos como fontes informativas do rosicrucianismo pessoano o livro de A. Goose, «The Rose Immortal», e as várias obras sobre ocultismo e maçonaria existentes na sua biblioteca, com datas de publicação até ao seu último ano de vida,

teremos uma certa ideia de algum do material sobre o qual Fernando Pessoa fez as suas investigações e meditações e que, se por vezes nos surgem como confissões da impossibilidade de conhecimento de um dos Irmãos Rosa Cruz, ou das suas doutrinas, noutras vezes revelam-se como belos e profundos ensaios. Os rosicrucianos mais nomeados são Bacon, Shakespeare, Robert Fludd, Michael Maier, Thomas Vaughan, para além de Jennings e de Waite, autores mais modernos, e do presumível autor dos manifestos Rosa Cruz, Johannes Valentinus Andreae, lido provavelmente, já que faz várias citações dessas obras. Mais alto do que este círculo de Rosicrucianos, Fernando Pessoa aceitará sempre a existência dos Adeptos ou Irmãos, os Rosa Cruz, nível interno e invisível da Hierarquia ou Fraternidade. Incluímos também neste terceiro capítulo uma grande parte do prefácio de Pessoa à «Alma Errante», de Eliezer Kameneski, publicado em 1932, pelas referências ao rosicrucianismo.

Será nos apontamentos e meditações dos símbolos da Cruz, da Rosa e da Rosa Cruz, reunidos no quarto capítulo, que Fernando Pessoa mostrará mais beleza e originalidade. O que são eles, o que podem transmitir, elevar ou transformar, são aprofundados ao longo dos anos, notando-se uma passagem clara do enfoque da emoção à valorização do ser, das dualidades à unidade quádrupla, da cruz à rosa de cinco pétalas. Quase todos os textos são ricos de implicações ou consequências, como o da reencarnação, parte de um projecto de ensaio intitulado «Crysalida» ou «Phoenix», de que nos restam apenas alguns fragmentos, se bem que haja, espalhadas pela sua obra, inúmeras referências a este ponto doutrinário dos Rosa Cruz.

Noutros textos, Fernando Pessoa liga a Rosa Cruz à Tradição Portuguesa em termos ora sebastiânicos, ora mais iniciáticos, como quando se refere ao talhar do corpo espiritual ou corpo glorioso, outro dos aspectos doutrinários e práticos dos Rosa Cruz. Um extenso ensaio, dez páginas manuscritas, revela as ligações feitas entre os símbolos da Rosea Cruz e os votos tradicionais das ordens religioso-militares de pobreza, castidade e obediência. Juntamos ainda neste capítulo alguns dos textos em que são transmitidos os «mantras» ou palavras de poder da tradição Rosa Cruz, com as quais ele trabalhou, e onde avulta com mais intensidade, porque de fogo espiritual e divino se trata, a palavra-frase: I.N.R.I.

Os vários métodos e ciências ocultas estudados por Fernando Pessoa e que fazem parte das doutrinas rosicrucianas são reunidos no capítulo quinto, para o qual seleccionamos os textos com referências à Rosa Cruz, ou de um alto interesse espiritual. São assim sobre Alquimia, Kabala, Numerologia, Sentidos de Interpretação, Profecia e Astrologia.

O sexto capítulo inclui os textos sobre a iniciação referentes à Rosa Cruz ou que com ela têm mais ligações. Reflectem, do modo subjectivo que os conseguirmos compreender, as visões de Fernando Pessoa ao longo dos anos sobre o caminho iniciático, ligadas com a sua iniciação na Ordem Templária de Portugal, como ele mais de uma vez afirmou, e a partir da qual, ou para a qual, compôs até fórmulas e rituais no possível sentido da sua ressurgência. São escritos muito diversos, numa síntese dos ensinamentos templários, rosicrucianos e maçónicos, com as inspirações e intuições de Fernando Pessoa. Esta distinção última tem a sua razão de ser porque Fernando Pessoa fez várias vezes consultas de escrita automática com seres desencarnados (que poderiam também ser apenas do seu inconsciente), recebendo alguns ensinamentos dum Henry More, que assinava Frater R C (como mostramos em reprodução), sobretudo nos anos à volta de 1917. (No século XVII houve um Henry More, neoplatonista de altíssimo valor, que, contudo, polemizou com Thomas Vaughan). Se este veio, desaparece rapidamente, Fernando Pessoa assinalará, porém, por mais duas vezes, inspirações exteriores, escrevendo entre parênteses — inspired by ∞, e afirmará, mais de uma vez, que não pertencemos só a nós, mas somos todos inspirados pelo alto.

Os textos deste sexto capítulo abrangem assim assuntos muito diversos, como os vários planos de existência, a intuição e o seu desenvolvimento, os rituais e a sua simbologia e operatividade, bem como os níveis ou graus porque se passa num caminho que, pelas suas dificuldades, é exigente nas condições iniciáticas. Apresentamos ainda alguns escritos do fim da vida terrestre do poeta, ilustrativos de alguns dos conhecimentos a que chegou e da sublimidade da identificação do caminho espiritual e do seu centro, a Tradição, o Espírito, Deus.



Henry More
one of the
R. + C.

He "was" a R + C,
He is a R + C,
You are ^a R + C,
No matter. — ~~God~~

No more

Sabemos que são finais por existirem fragmentos datados e com a mesma letra e papel, num caso, e noutra por se tratar de um projecto de carta-resposta ao ataque feito pelo deputado José Cabral contra a defesa da liberdade das associações secretas, publicada por Fernando Pessoa no «Diário de Lisboa» de 4 de Fevereiro de 1935.

O capítulo sétimo encerra as poesias rosicrucianas de Fernando Pessoa, umas já publicadas, outras inéditas. Finalizamos a obra com um breve comentário e com a tradução do prefácio da «Fama Fraternitatis» e do excerto dum livro dos primeiros rosicrucianos, Michael Potier, seguindo-se uma pequena antologia de citações rosicrucianas e uma bibliografia.

IV

Em 1614, foi publicado anonimamente um livro intitulado «A Reforma geral e universal de todo o vasto mundo inteiro. Acompanhada da Fama da Fraternidade, da ilustre Ordem dos Rosa Cruzes, dirigida a todos os sábios e regentes da Europa. Igualmente com uma carta-resposta do Senhor Haselmeyer, que por esta razão foi preso pelos jesuítas e enviado para as galés. Preparada agora para impressão e publicidade, e comunicada a todos os corações fiéis.»

A «Reforma geral do mundo inteiro» era apenas uma parte da obra do italiano Boccacini, «Ragguali di Parnasso» («Notícias do Parnasso»), publicada em Veneza no ano de 1612, alegoria duma reforma do mundo desenvolvida e publicada pelos sete sábios da Grécia e outros sábios, sob a ordem-inspiração do deus Apolo, na qual uns consideraram ser a insinceridade a origem do mal, pelo que deveria haver uma janela no peito onde se vissem as mentiras, e lutar-se contra a hipocrisia; outros atribuíam o mal às desigualdades sociais e recomendavam uma redistribuição das riquezas, sendo ainda aventados outros diagnósticos e curas, mas só havia acordo final no reconhecimento das bases da sociedade: o mérito, a virtude, a fidelidade e o amor. A carta de Haselmeyer, também incluída neste primeiro manifesto, falava da sua aspiração à vinda de almas verdadeiras e não de jesuítas enganadores, congratulando-se pela manifestação dos Irmãos Maiores da Humanidade. Porém, o cerne do livro e c

que sobreviverá naturalmente será a «Fama» ou «Eco da Fraternidade», primeiro manifesto público da ou sobre a Fraternidade.

A «Fama Fraternitatis» é um desafio e apelo aos sábios da Europa para se unirem numa reforma geral do mundo a realizar-se no campo das ciências, arte, filosofia e moral, e em que se considera que a Sabedoria imanente ao homem, perdida na queda, não deixará, cootudo, de ser recebida de Deus por alguns seres como Elias, Moisés e Salomão, sendo agora de novo revelada. Estas afirmações estavam contidas no prefácio da «Fama», de que apresentamos uma tradução no final do livro.

A «Fama Fraternitatis» propriamente dita inicia-se com a descrição do avanço do conhecimento da época, quer pela via humanista quer pelos descobrimentos, e começa com uma história em que vemos um irmão religioso da Alemanha, nascido em 1378, deixar o seu mosteiro rumo a Jerusalém com outro frade, que morrerá pelo caminho, enquanto ele adoece, sendo curado e recebido por sábios de Damasco. De tal forma fica entusiasmado com a sabedoria deles, que não pensa mais em chegar a Jerusalém, e fica antes quatro anos a aprender e traduzir as obras valiosas deles. De lá parte com uma «autorização regular», ou seja, iniciado, em direcção a Fez (com uma breve visita ao Egipto), onde se estabelecerá durante dois anos a estudar a Magia e a Kabbala, entrando em contacto com os seres invisíveis da natureza, os elementais, e participando das reuniões dos povos daquela zona que, num ambiente de grande concórdia, tinham como objectivo comunicarem entre si os avanços nas ciências, artes e filosofias. Na volta, as suas teses-intenções não são bem recebidas em Espanha e regressando à Alemanha, meditará as suas experiências durante quatro anos, até se decidir a convidar quatro dos seus antigos companheiros do mosteiro a reunirem-se com ele numa fraternidade secreta para iluminação e reforma do mundo. Ao fim de alguns anos de labor e oração, partem com as realizações obtidas e as obras compiladas, a fim de esclarecerem os povos dos seus erros e verdades, assumindo algumas regras de vida enumeradas assim: I — Os irmãos devem professar uma só coisa: curar os doentes, e gratuitamente. II — Não se devem distinguir pelas indumentárias, mas adaptar-se aos costumes locais. III — Devem reunir-se no dia C. em S. Spirito ou fazer a justificação da ausência. IV — Cada irmão deve assegu-

rar-se duma pessoa conveniente que o possa suceder. V — a palavra R. C. deve ser o Selo, a Marca, o Carácter. VI — A Fraternidade deve ficar 100 anos em dormência (secreta).»

Descrevem-se em seguida os sucessos desses quase novos apóstolos, os seus encontros em climas caloroso e de alegria. Seres que «dirigidos por Deus e toda a Máquina Celestial [a harmonia dos Seres superiores], escolhidos entre os homens mais sábios de numerosos séculos [reincarnação] viveram entre si e com os outros na mais alta união, no maior mutismo, na bondade (bem-fazer) extrema». Há, em seguida, a descrição da sepultura abobadada do fundador da Fraternidade, que era em si um epítome completo de Sabedoria do Universo e uma representação do caminho iniciático (usada posteriormente nos rituais iniciáticos de várias Ordens e por Fernando Pessoa).

A parte final do livro reafirma a certeza de uma reforma geral divina e humana, assegurando-se, contudo, o cristianismo do movimento e o respeito pelo império e a quarta monarquia e tece-se algumas críticas ao ateísmo e aos alquimistas, meros aprendizes da fabricação do ouro. É dito também haver já algumas adesões de seres que deixaram de caminhar cegos no mundo, reafirmando-se a continuidade da tradição revelada. O manifesto termina com o convite às pessoas de coração sincero para se tentarem ligar à Fraternidade, inacessível aos que não conseguirem abrir o olho do coração: «Também a nossa construção, ainda que vista de perto por cem mil pessoas, permanecerá, para este mundo sem Deus, eternamente intocável, indestrutível, invisível, escondida. Sub Umbra Alarum Tuarum Jehova.»

Esta frase é uma citação bíblica, traduzível por «À Sombra das Tuas Asas, Ó Essência Divina», tendo sido utilizada por um dos primeiros rosicrucianos, Robert Fludd, a ilustrar os seus livros, e da qual apresentamos uma reprodução. Aliás, a ligação com a Bíblia é constante e um vento ou fogo de novo evangelho perpassa frequentemente pela superfície do texto, permitindo-nos compreender os impulsos espirituais despertados na época ou na caminhada do tempo, sendo ainda hoje operativos. Bastará recordar as quatrocentas obras publicadas nos dez anos a seguir à publicação da «Fama», ou Descartes e

Leibnitz a procurarem os Adeptos Rosa Cruz, ou as dezenas de sociedades rosicrucianas existentes hoje.

Um ano depois da publicação da «Fama», saía à luz a «Confissão da Fraternidade Rosa Cruz dirigida aos eruditos da Europa». O Título da edição de Cassel, que continha as duas obras juntas, dizia: «Fama da Fraternidade dos R. C. Ou seja, a muito nomeada Fraternidade da Ordem muito ilustre da Rosa Cruz, a todos os sábios e soberanos da Europa. Acompanhada em latim pela Confissão da mesma Fraternidade, que nunca fora editada, mas que é agora, a pedido de muitos lados, acompanhada de uma tradução alemã, para ser amigavelmente agradável aos leitores. Dada para impressão e comunicada numa humilde intenção caridosa por Filomago, amigo apaixonado da luz, da verdade e da paz.»

A «Confessio Fraternitatis» faz um balanço das reacções suscitadas pelo primeiro manifesto e continua as suas correntes, ainda que agravando demasiado as críticas ao papado, talvez como reacção às acusações de heréticos, mas com consequências fáceis de adivinhar. Realça-se o estado apocalíptico, falando-se expressamente do sexto tempo e da sexta trombeta e de novo se critica a linguagem complicada e enigmática dos alquimistas e se afirma o propósito de Christian Rosenkreutz (só neste manifesto é que as suas iniciais são desenroladas) de operar uma reforma de filosofia através da revelação e transmissão dos arcanos, mistérios e letras de Deus. Reclama-se para o movimento a exclusividade da missão espiritual da época, afirmação sempre perigosa, mas valoriza-se a Bíblia, a humildade, a ligação com os anjos, sendo mesmo referida a iniciação como um encontro da calma ou estabilidade em ou diante de Deus. No último capítulo, o 14, que simboliza a Temperança ou Transmutação, (segundo a tradição do Tarot, o baralho de cartas hermético ocidental), realça-se o desejo da Fraternidade de se atingir a felicidade de acordo com os desígnios de Deus.

As duas obras continham três ideias-força principais: a existência da Fraternidade dos Irmãos Rosa Cruz, elo de uma continuidade de revelação, a existência de um caminho de conhecimento unindo a filosofia e a ciência, o microcosmos e o macrocosmos, e finalmente a necessidade de uma reforma geral das sociedades. Foi talvez esta parte da mensagem que ressaltou mais numa época tão milenarista

e dilacerada por inúmeras contradições que veriam a sua manifestação violenta e visível na primeira grande guerra europeia, entre os anos de 1618-1648, Guerra dos Trinta Anos, que, dizimando milhares de seres na Europa Central, terá também impedido o encontro dos sábios europeus a que se apelava tanto nos manifestos. Mas quer porque, mesmo antes deste trágico acontecimento, o autor ou autores da publicação do manifesto tivessem compreendido que a hora da Reforma geral ainda não tinha chegado, ou que o mais importante era a transmutação interior, que só a iniciação, com as suas fases alquímicas de morte e renascimento pode suscitar, ou porque no plano arquitectado só faltasse ser publicado o texto mais simbólico e iniciático da Fraternidade, surgirá, em 1616, com quatro edições nesse ano, o terceiro e último livro assinado, ou em nome, da Fraternidade Rosa Cruz.

Numa linguagem completamente simbólica, a obra intitulada «As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz» descreve o caminho iniciático realizado por este quando, aos 81 anos, é um dos convidados a participar nas núpcias do rei e da rainha. Os sete dias dessa aventura, que o levará através de uma floresta recheada de provocações (lembra a demanda do Graal, já que se tratava da mesma procura, e despertar do Eu espiritual), até chegar ao palácio em que, com os outros convidados, é experimentado, purificado e ensinado, começam assim: «Ao anoitecer do dia antes da Páscoa, sentei-me a uma Mesa, e tendo (como era meu Costume) na minha humilde Oração conversado suficientemente com o meu Criador, e considerado muitos Mistérios grandiosos (de que a Majestade do Pai das Luzes me tinha mostrado não poucos) e estando agora pronto para preparar no meu Coração, junto com o meu querido Cordeiro Pascal, um pequeno Pão ázimo e imaculado, de repente ergueu-se uma tão horrível tempestade, que imaginei que apenas pela sua poderosa força a montanha em que a minha casa assentava voaria em pedaços. (...) Tomando coragem, e persistindo na minha meditação, até que alguém me tocou duma força inusual nas minhas costas. (...) olhei para trás e contemplei uma Senhora gloriosa e pura, cujos vestidos eram todos da cor do firmamento, e curiosamente (como o céu) ornados de Estrelas douradas, e que empunhava na sua mão direita uma Trombeta de ouro batido, em que estava gravado um

Nome (que consegui ler bem), mas que estou ainda proibido de revelar.» O que interessará realçar mais desta obra é, para além do seu carácter iniciático (e por isso não apresentamos um resumo da obra que faria perder toda a sua capacidade simbólica transformadora), a rara beleza e dinamismo das cenas repletas de imagens tão arquétipas e ao mesmo tempo tão conhecidas, que por duas vias podem ser aprofundadas: uma é a meditação interior das imagens, até que elas revelem os seus conteúdos e impulsionem o leitor a tais realizações, a outra, que julgamos ser ainda inédita, seria a sua representação teatral. Talvez nestes dias em que a Europa vai unindo as suas riquezas, realizando de certa forma os anseios de Christian Rosenkreutz e de tantos rosicrucianos, possamos um dia assistir à representação de obra descritiva das experiências supra-sensíveis de forma tão dramática.

O facto de as obras estarem escritas primeiramente em latim e não virem senão assinadas por «Nós Irmãos da Fraternidade Rosa Cruz» facilitou a expansão rápida por toda a Europa. A registar, em 1622, a única manifestação pública da Fraternidade, a afixação de um edital, às portas de Paris, em que os Irmãos, ou quem se intitulava assim, diziam:

«Nós, deputados do colégio principal dos Irmãos da Rosa Cruz, fazemos habitação visível e invisível nesta Cidade, pela graça do Muito Alto para o qual se vira o coração dos Justos. Nós mostramos e ensinamos, sem Livros nem marcas, a falar toda a espécie de línguas dos Países em que queremos estar, a fim de tirarmos os homens nossos semelhantes do erro e da morte!

Se alguém sentir desejo de nos ver, apenas por curiosidade, nunca comunicará connosco; mas se a vontade o traz realmente e de facto a inscrever-se no Registo da nossa Confraternidade, nós que julgamos os pensamentos far-lhe-emos ver a verdade das nossas promessas; de tal modo que não pomos a indicação da nossa morada, já que os pensamentos, juntos à vontade real do Leitor, serão capazes de nos fazer conhecer a eles e a nós.»

Na Inglaterra, o movimento Rosa Cruz tinha a acolhê-lo uma forte tradição hermética, menos perseguida que a do continente, e por isso o seu desenvolvimento foi rápido e importante. Um dos primeiros a divulgá-la foi o alemão Michael Maier (1568-1622),

um daqueles nobres viajantes, em geral médicos, filósofos ou alquimistas, que uniam os países com as suas doutrinas e realizações, levando atrás de si as amizades, transmutações e curas realizadas, mas encontrando também perseguições, como se descreve na «Fama Fraternalitatis» em relação ao genial Paracelso, um dos principais precursores da Fraternidade em muitos sentidos, ou como mais tarde se passará com o conde St. Germain, um dos últimos iniciados a surgir em público.

Médico pessoal do Imperador Rudolfo II, Michael Maier pôde entrar em contacto com figuras influentes da corte inglesa desde que, morto o Imperador Rudolfo, em 1612, viajou por esse país. Há um documento curioso do Natal de 1612 em que ele se dirige ao rei, dizendo: «Saudações a Tiago, por muito tempo rei da Grã-Bretanha. Pela vossa protecção possa a rosa estar sempre feliz.» Maier terá contactado o Dr. Robert Fludd, que virá a ser o mais conhecido e produtivo dos divulgadores das doutrinas rosicrucianas, ilustrando as suas obras com finas gravuras saídas das mãos dos irmãos de Bry.

Ao mesmo tempo, Francis Bacon, uma figura ainda hoje enigmática, impulsionará a criação de um «Colégio Invisível» com Robert Boyle, que virá a ser fundado no ano seguinte à sua morte, e por onde passou Locke e do qual sairá, em 1660, a primeira Academia científica em Inglaterra, a Royal Society, que tinha simultaneamente um carácter iluminativo, científico e fraterno.

Comenius, nascido na Morávia em 1592, pedagogo errante até se instalar na Holanda, será ainda um dos que viveram o ideal rosicrucianista num sistema que ele chamava de «Pansofia», extensamente desenvolvido no aspecto educativo e social. Neste último campo, foi um dos primeiros a defender uma tripartição religiosa, social e política, pela qual as sociedades se deviam organizar.

O movimento Rosa Cruz conseguirá chegar até aos nossos dias, concretizado, por exemplo, nas inúmeras sociedades ditas rosicrucianas. Contudo, alguns mistérios continuam a existir para os historiadores do movimento: a quem se deve atribuir a autoria dos dois manifestos e das «Núpcias Químicas», e terá havido mesmo um alemão chamado Christian Rosenkreutz a fundar a Fraternidade Rosa Cruz?

Johannes Valentinus Andreae (1585-1645) afirmará na sua autobiografia ter composto as «Núpcias» no ano de 1602, enquanto no «Breviarium Vitae» dará outra data, 1605. Sendo tão jovem, surjem-nos três hipóteses principais explicativas, e veremos, no decorrer do livro, Fernando Pessoa adoptar a última. A primeira seria a de ter escrito o que outros lhe passaram; a segunda seria a sua sabedoria precoce fruto de um aturado estudo do hermetismo nesta vida ou trazido já duma vida anterior; a terceira, a sua inspiração pelos adeptos conhecidos publicamente, a partir dessa altura, por Irmãos Rosa Cruz.

Quanto aos dois manifestos, «Fama Fraternalitatis» e «Confessio», Andreae, a partir de 1616, retrata-se da sua adesão à Fraternidade, apelidando-a de «ludibrium» ou jogo de intelectuais com o fim de fazer as pessoas voltarem-se sobre si mesmas, e afirma a sua ortodoxia protestante. É natural que, sendo ele pastor protestante, assumisse tais posições, porque ou amadurecera ou queria conservar o seu cargo e carreira. Pode, também, ter-se desiludido das possibilidades do movimento, quer pelas fortes críticas recebidas (Robert Fludd escreve já nessa altura que os Irmãos Rosa Cruz devem passar a ser chamados apenas de sábios, dado o descrédito que se ligava àquela designação), quer por uma conversão ao caminho simples e ortodoxo dentro de uma religião, resolvendo assim abandonar a liça.

É na correspondência com Comenius (1592-1670), o pedagogo da Pansofia, e no encontro entre ambos realizado em 1629, que brotam mais indícios de ser um cenáculo de Tübingen, do qual Andreae fizera parte, a origem dos manifestos, e de ter havido uma posterior desistência por se terem sentido incapazes de continuar a obra iniciada. Há quase como que um, pelo menos Comenius assim o deixa entender, passar do facho. Restará, porém, saber se esse próprio grupo era ou não inspirado pelos que a partir dessa altura ficaram conhecidos por Irmãos Rosa Cruz, e esta é a hipótese mais admitida por Fernando Pessoa, tanto para a elaboração dos manifestos como para os rosicrucianos da época e posteriores.

Quanto à existência de Christian Rosenkreutz, duas possibilidades: é uma legenda, construída a partir da vida de outros adeptos e místicos, que chegaram em certos casos a ter grupos também misteriosos, tal como Geert Groote, discípulo de Ruysbroeck e fundador

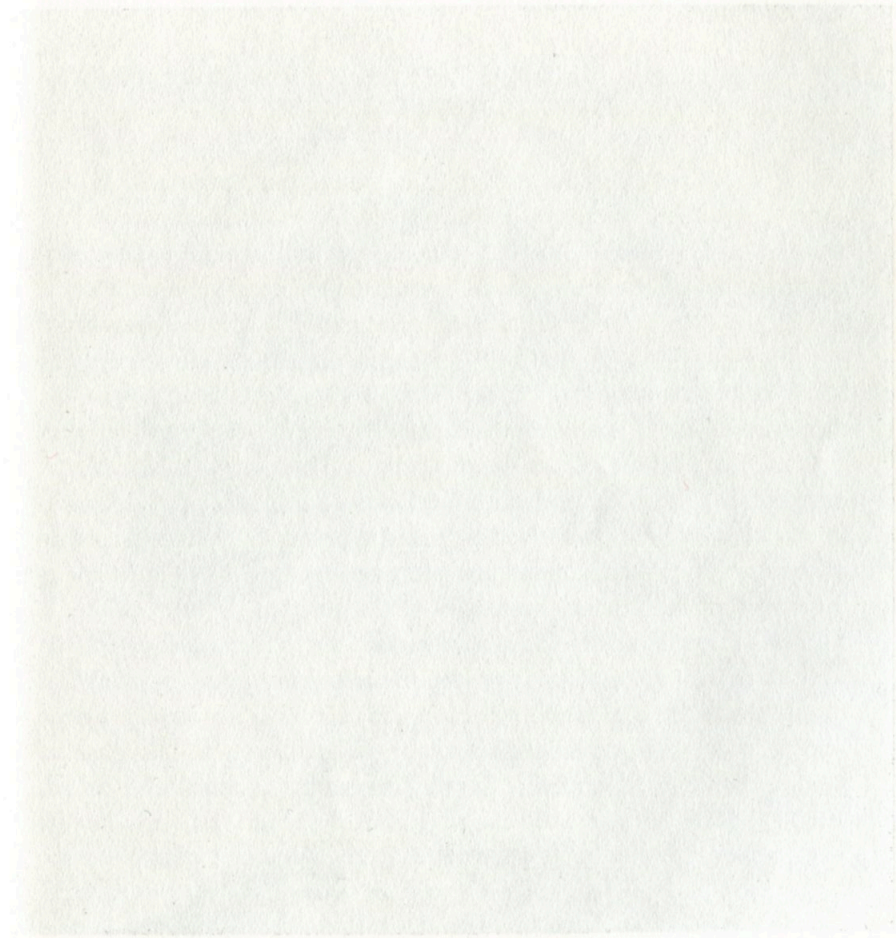
dos «Irmãos da Vida Comum», Cornelius Agrippa, discípulo do abade Johannes Trithemius (1462-1516), fundador de uma sodalidade, ou ainda dos discípulos do místico alemão Tauler, que conservaram o seu corpo numa capela especial e que se reconheciam por certos sinais. A outra possibilidade é aceitar-se a existência de Christian Rosenkreutz, fundador dum movimento iniciático e secreto, que, dum modo ou outro, chegou ao conhecimento dos membros do cenáculo de Tübingen, dos quais Andreae seria um dos principais responsáveis pela publicação dos manifestos e das «Núpcias», nas quais, como se refere no próprio livro, faltavam as últimas páginas.

Interessará, ainda, realçar, como Fernando Pessoa fez, a ligação entre os Templários e a Rosa Cruz, que é sustentada não só pelas razões que ele dá mas também pelo facto citado na «Fama» da permanência por vários anos de Christian Rosenkreutz em Damas (Damasco), exactamente um dos centros com quem os templários mantiveram sempre mais relações. Ora a abertura e confraternização com as outras religiões e tradições fez sempre parte das práticas dos monges cavaleiros, que estabeleceram assim, pesem as guerras e cuidados, relações abrangedoras do esoterismo islâmico, do kabalismo judaico, do gnosticismo neo-platónico e do cristianismo joanita. Também no cenáculo de Tübingen encontramos estudiosos de todas estas correntes da Tradição, pelo que será lícito considerar-se uma ressurgência dessa corrente mais gnóstica e iniciática do cristianismo que passara pelos templários e ordens suas sucessoras e pelos inúmeros precursores, alquimistas, kabalistas, filósofos, pedagogos, santos (ou só beatos... como Raimundo Lúlio, com a sua valiosa «Ars Magna»), e que através dos manifestos procurava vir ao de cima, a fim de unir os esforços dos pesquisadores da verdade e contribuir para uma melhoria da humanidade.

Será então esta hipótese plausível: as forças psíquicas e espirituais do homem estavam mais maduras e capazes de aprofundarem o conhecimento do Universo visível e invisível. Os manifestos emergem impulsionando uma série de seres à realização de obras valiosas em todos os domínios da sociedade. Por dentro ou detrás deles, como coluna vertebral ou tronco destes frutos, estariam os Adeptos, os Mestres, «aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando», e tendo alguns, a partir desta altura, passado a ser cha-

mados «Irmãos Rosa Cruz». Como raiz desta árvore, a rosa, cumprindo-se o preceito de que «o que está em cima é igual ao que está em baixo», significando, neste caso, a realidade espiritual e divina que, escondida ou latente nos humanos, «é a força de todas as forças», como se diz na Tábua Esmeraldina atribuída a um dos Hermes Trismegista, e que Fernando Pessoa nos diz ser, como Bandarra, nome colectivo, significando «dentro da O.C. qualquer dos Irmãos que assume a mesma luz» possível e desejável de ser alcançada e para a qual existe o caminho iniciático, essência de todas as religiões e cume de todas as ciências. Assim se simbolizou na Cruz da vida ascendente e descendente, a Rosa do Amor Divino, Rosa de cinco pétalas, que a ciência nos mostra hoje ser a do trajecto do planeta Vénus nas suas elípticas, ou o eixo das simetrias pentagonais de flores e dum cristal recém-descoberto, rosa que os iniciados nos revelam ser a chispa divina no ser humano.

I CAPÍTULO





27 19 M3 (dt)

HERMETIC PHILOSOPHER

«E a Gnose», perguntou elle, «o que sabem os senhores do que foi realmente a Gnose? Tratam-na ainda, e tratam-na sempre, como uma seita religiosa, um movimento herético. Há, é verdade, quem se lembre de a considerar como uma sobrevivência de qualquer cousa anterior ao Christianismo. A idéa é justa, muito justa, mas como é errado, ao mesmo tempo!»

«Assim como na vida há dois lados — o lado pelo qual ella é exterior, luz, vida pratica, logar do senso comum, da sciencia, da arte, da philosophia, e o lado pelo qual ella é O DESCONHECIDO — assim há duas sciencias — a sciencia que o senhor conhece, a metaphisica que sabe, e a outra sciencia, a que se não sabe ostensivamente nunca, a que não se socializa ou torna conhecida, a sciencia occulta, a magia, que os senhores não só ignoram, como ignorarão sempre, porque, pela natureza das cousas, são condemnados a ignorar-a. Bem sei, bem sei que a curiosidade moderna se vae approximando em alguns pontos da sciencia; mas á medida que ella se aproxima, a outra recúa. O milagre — isso a que chamam milagre existe, creia-o senhor. Mas quando se tenta investigal-o desaparece. Parece á razão vulgar — e está na natureza util das cousas que assim seja que é porque o milagre não existe. Não é. É porque elle não é sociavel, não é passavel para a sciencia exterior, que em livros e experiencias se estuda e ensina.»

Verão o que se averigua dos phenomenos chamados do espiritismo. Não se averiguará senão, quando muito, certas cousas ininteressantes. O modo real e íntimo como elles se dão — esse não é revelavel.

Ninguém lê os livros de sciencia hermetiva que se tem publicado. E quem os lê ou os pôe de parte rindo, ou os abandona tediento de os não ter podido comprehender. É que na propria natureza da magia está providencialmente envolvida a impossibilidade de ella — a sciencia suprema — se poder tornar publica como sciencia. Mais lhe direi — porque não ha mal em dizer-lh'o — o saber da sciencia real anda envolvido em nem sequer pensar em divulgá-la. As razões lógicas e superficiais, já lh'as dei. As razões intimas e essenciaes nem sequer posso pensar em querer dar-lh'as. Não me comprehende bem, porque isto não é para que se comprehenda? Lembra-se do que dizia Jesus? «Que quem comprehender isto que o comprehenda? «É o philosopho hermetico a fallar da sciencia real aos outros. Mas por mais que queira não quer nunca revelá-la. De maneira que tudo o que diz, tem de o fechar com essa phrase «quem poder comprehender que comprehenda». E ha quem possa comprehender. Ha iniciados ab origine. Digo-lhe isto, porque não lhe revelo nada. Quando perceberão os senhores o sentido real, portanto não-literal, d'aquella phrase de Jesus: e alguns fôram eunucos desde o ventre materno, e outros fizeram-se eunucos pelo reino dos ceus». Que ingenuidade a sua julgando que eunuco quer dizer eunuco ou que reino dos ceus tem que ver com reino ou ceus ou qualquer cousa que nas palavras transpareça!»

Tudo realmente mas philosophicamente expondo, reduz-se a isto: que toda a vida é um mysterio, todos os actos da vida tem um lado pelo qual são mysterio, outro pelo qual não o são. O primeiro é o que bate na consciencia real das cousas; o outro o que está chegado á inconsciencia da vida pratica. Quem sabe, por exemplo, o significado mystico e transcendente da cópula? Não ria; nada ha que rir. Tudo isto é mais serio que quanto de serio ha na vida apparente.

Depois os senhores não sabem a razão intima e occulta da vida universal; não sabem o quanto tudo está providenciado, como a acção mais insignificante tem o seu logar occulto e mystico no proposito

progressivo das cousas. Porque é que em todos os combates em que entrou Napoleão não foi attingido por uma bala? Se os senhores soubessem porque foi!

Discutem outros dos vossos scientists sobre se Jesus Christo existiu ou não. Se soubessem! Se soubessem o que é existencia! Mas não o sabem, não o podem saber e errarão sempre. O senhor já leu o opusculo de Pères provando que Napoleão nunca existiu? Já? E que achou?

«Achei curioso, e cheio de coincidencias extranhas realmente. Tambem a mythologia offerece estofo para...»

Se o senhor soubesse o que é um mytho! E achou curioso o livro? E nunca lhe passou pela cabeça que elle é mais que curioso, e que aquellas coincidencias possam ter um sentido occulto e extranho? Nunca sequer perguntou a si se ha realmente coincidencias, cousas fortuitas, acasos? E o senhor typifica, em si n'este momento, a orientação da sciencia e da sabedoria brancas. Que pena eu nem sequer poder pensar dizer-lhe a verdade que o senhor, aliás, não perceberia!

E já pensou no que é um Grande Homem na historia e como é e porque causas elle apparece? Nunca?

Deixe os espiritas e os theosophos orientaes. São quando muito publico para iniciados. Nada mais são. Acredite. E acredite tambem que a sciencia hermetica é uma sciencia, e nada tem com disciplinas de vontade, saber querer e outras cousas assim. Tudo é sciencia, sabedoria — no desejo, vontade ou concentração. Essas são cousas que fatalmente seguem, porque o sentimento e a vontade estão á altura que as puzer a sciencia, a sciencia, não a intelligência ou o saber. Mas isto é liminar para o mysterio. De resto já nas minhas palavras lhe disse o mysterio todo. Disse-lh'o porque o sr. não percebe, nem perceberá nunca, porque não pode perceber. Quem comprehender isto, — é a velha frase — que o comprehenda».

«O sr. considera, por exemplo, pura imaginação e impossibilidade o Metzengerstein de Poe? (1).

(1) Um dos contos fantásticos de Edgar Allan Poe, em que se admite a metempsicose e se exemplifica como «quem com fogo mata, com fogo morre».

«Mas com certeza...»

«Ingenuidade, creia. Ingenuidade e mais nada.»



27 19 M3 — 8/9/10 (m)

PHILOSOPHO HERMETICO

A intuição não é senão a socialização da sciencia do occulto. Ao occulto pode-se achar 3 formas: o passado, o futuro e o occulto verdadeiramente, o íntimo, a outra face das cousas. Occulto significa o que não é presente, o que não é actual — isto pode ser o que já passou, o que virá a ser e também o que é mas não conhecemos. — Pode também fazer-se uma outra divisão: em estas trez espécies — o não presente ou inactual (incluindo o passado e o futuro), o invisível (isto é, aquillo que é presente e está fora da nossa vista ou meio de conhecimento, mas que é cognoscível por meios usuaes e scientificos: — como o que se está passando na casa ao lado, o que se está fazendo na China, para nós, o que há no polo sul) e, finalmente, o occulto propriamente dito.

Assim a doutrina scientifica da hereditariedade só hoje tem lugar no desenvolvimento da sciencia, mas os gregos contem-a especialmente os dramaturgos. Intuição, porque é sciencia fora do devido lugar no tempo.

Shakespeare — a muitos admira — construiu no «Rei Lear», como em outros casos, um typo esplendido e scientificamente exacto de loucura social. Como? Por intuição. Intuicionou elementos scientificos que só hoje têm lugar na sciencia e com eles construiu aquelle typo.

A intuição é inconsciente da natureza do intuito. Assim, por bella que seja a minha intuição do passado eu nunca o revivo. Falta-me o elemento vital á intuição.

Vemos que a intuição, como o mediunismo, são phenómenos do occultismo inconsciente, de illuminismo inconsciente. A intuição pode ser associável, como na loucura, e socializável no genio. Isto é, o homem de genio concebe o que intuiciona de forma que

equilibre o elemento occulto com o elemento social — e assim torna o que diz útil e agradável à sociedade. O louco — Ah, que os seres não entendem o louco! — O louco, seja elle de que espécie fôr, intuiciona mais fundamente em realidade do que o homem de genio, o que faz com que a sua intuição se individualiza em extremo (a gnose é individual, já lh'o disse) e assim não pode socializar o que intuiciona. E também o seu corpo o seu chimismo individual de tal modo se alterará que produzirá o resultado (...) à face social se chama loucura, e que dá uma incompatibilidade de vida com os outros.

Repare, e repare bem, que eu não digo que o louco é um iluminado. O louco repito-lhe é um semi-iluminado; não tem a Sciencia, mas uma forte intuição de occulto. Levanta os pés da terra em curto vôo, mas não chega ao ...onde quer chegar. Compreende-me não é verdade?

Do ponto de equilibrio entre a intuição da gnose e a vida social, é aquelle em que essa intuição é incompleta e em que...

Isto é, o individuo nem deixa de ser social, nem de ser intuitivo. Já o doido está mais consciente na intuição gnóstica. — Os maiores génios Platão, Shakespeare, são os que estão entre a gnose e a vida social, a alma e o acatamento. Já os Paracelsus, (...) viu (...)

O espírito não cria concebe. Propriamente o que concebemos, não o concebemos; é concebido em nós pelo Creador. (o Mundo é um visto conceito...). Assim a hallucinação como se explica? Como posso eu ver o que alli não está? Eu não o posso crear. É então creado em mim? Mas assim é o mundo. Mas é impalpável. É que *não-universal*. E veja só eu ⁽¹⁾. Naturalmente, sendo não universal, é *não-social* também. É *individual* puramente. E a gnose é individual, já sabemos ⁽²⁾. O que vemos, por hallucinação, está alli, pelo menos está alli tanto com as cousas reaes alli estão.

Para o milagre, dizem, é preciso crença. Claro que é. Quem analisa destrói. Vejo como se erra. O milagre, entende muita gente,

(1) Leitura incerta.

(2) V. já lh'o disse.

que cede à investigação porque era só real. Há outra hypóthese, de que elles não se lembram, porque *é aquilo que não foi feito para elles se lembrarem d'ella*: é que o milagre sucumbe à investigação — porque não foi feito, providenciado para ser *investigado*. É occulto, individual portanto. Analizal-o é tentar submetel-o à verdade social ou universal, à qual elle, por natureza sua, não pertence.

27 19 M3-13 — *Philosopho Hermetico*

Repare que há para tudo métodos occultos.

Pode ser que a Sciencia moderna consiga um meio de permutar metais em ouro. Não discuto se o poderá fazer ou não. É que não é hora de se poder fazer socialmente isso. — Mas na idade média, para o fazer, era, claro está, preciso outro método, porque a hora social não estava chegado, o método occulto. Dir-lhe-ei que é inteiramente differente. Assim o trabalho que um guindaste faz, por meios occultos de o fazer, empregados antes dos guindastes existirem, pois que não emprega guindastes em cousa que se lhes assemelhe ou deixe de se assemelhar.

As cousas são providenciais de modo que quem tem a sciencia real não pode por qualquer razão poder ou mesmo querer transmittil'a.

Tertulliano — (...) frase citada por H. Jennings.

E se me perguntar como se transmite então, sendo individual, a sciencia verdadeira, dir-lhe-hei que o individual transmite-se achando a expressão individual, isto é, occulta das cousas. E se me perguntar o que quer isto dizer eu não lhe responderei.

É preciso não confundir o «método» intuitivo com o occulto. O intuitivo substitui a *observação*, o occulto substitui a *sciencia*; o 1.º corresponde ao mero observar e ver, o 2.º ao dirigir e saber sociais o 1.º (...), occultamente o 2.º



27 10 M3 11 — *Philosopho Hermetico*

Assim o Novo Testamento ... Ninguém se lembra de perguntar se as próprias interpolações, emendas, etc., com que nos chega não serão *inspiradas* também... Inspirados são todos e em tudo; depende a sciencia real da consciencia que dessa inspiração se tem.

A base da vida universal é o corpo, a cousa; a da vida social a *palavra*;

Para o philosopho hermetico os corpos não existem, e as palavras...

27 19 M3 — *Hermetic Philosopher.*

S. Paulo é a passagem do hermético para o literal. É a passagem evidente e clara. Não falla elle em mistérios?

E a arte do esconderijo? E a arte de envenenar? Onde estão essas duas artes *medievas*, e da renascença italiana? Perdidas. E talvez o senhor não sinta a origem dellas, e a que se deve. Não sabe nem ficará sabendo. Eu sei mas não lh'o digo.



27 19 M3-12 — *Philosopho Hermetico*
(Tripla divisão in man)

No primeiro caso está o homem em relação com o universo visível e espacial; no 2.º caso com os outros homens; no 3.º com a face mysteriosa das cousas.

O que é misterioso é individual. Basta para o ser que não haja palavras para o dizer; é incomunicável portanto, Gorgias⁽¹⁾ já dizia, não se pode, por sua natureza, comunicar...

(1) Diálogo de Platão, em que Sócrates trata da natureza, limites e uso correcto da retórica.

53A-96 (m)

Rosa-Cruz=argumento que todos os homens de genio instinctivamente reconhecem-o ocultismo — Browning (notes on Paracelsus) — Ben Jonson, ainda que troçando (1) (2).



53A-97 (m)

Lentamente, se o ocultismo — oh, illusão! — se estudar, vir-se-ão achando explicações e razões para actos em apparencia produzidos por espiritos; mas esse caso é o mesmo que o da transmutação de metais. Há dois modos de o fazer ... (etc.)

A investigação é impossível porque, sendo paciente e scientifica encontra apenas o lado externo do phenomeno; sendo empirica e ligeira encontra-se em apparencia duvidosa contra os factos, que parecem escapar-se-lhe para a falsidade.

53B-5 (m) — *RosaCruz?*

Shakespeare, (- - -), teem escriptas cousas mysticas. Mas elles proprios não as percebiam. Tinham intuições e transcreviam-as, sem as comprehender. É como o doido, que é inct. O inconsciente é o *possesso*. Por isso é inconsciente.

Á medida que a sciencia se foi tornando social, foi-se perdendo.

O modo, o methodo pelo qual os scientes chinezes fabricavam a polvora, e sabiam movimentos de gymnastica «Sueca» não é o methodo, o modo actual, visivel, social, comprehensivel e apparente. Por isso não se tornou *social* a polvora, e a tal gymnastica. Só, desde

(1) Robert Browning (1812-1884), autor dum livro «Notes on Paracelsus» e casado com a poetisa Elisabeth Barret Browning.

(2) Benjamim Jonson (1572-1637), amigo de Bacon, Shakespeare e Donne, foi autor de várias peças teatraes com títulos muito suggestivos: «O Alquimista», «A Senhora Magnética», «Mercurio reivindicado do Alquimista». Num fragmento do espólio está citada a obra «The Fortunate Isles and their Union» (Masque — 1626).

quando descoberta, em ..., se tornou a polvora *geral* no ser conhecida, porque então chegára o momento evolucional de ela poder ser social; e o mesmo aconteceu com os movimentos gymnasticos que Kuhne talvez não ignorasse (3).



53A-98 (m) — *R. Cruz*

O mundo é uma vontade essencialmente. Em apparencia é uma intelligencia. As sciencias abertas são as que tem de seguir a ordem logica (i e da intelligencia), as occultas as que seguem a da vontade — (Cf. Lithé. Pref to Salvérté 2 ed. pXXXIV

«Les anciens tournaient, toutes les sciences du coté de l'utilité Tout ce qui n'était pas interessant pour la société, pour les arts était négligé. Ils rapportaient tout à l'homme moral, et ne croyaient pas que les choses qui n'avaient point de usage fussent dignes de l'occuper.

Bouffon: Discours sur la memoire des traités d'histoire naturelle.

San Severo and his assumed discovery of un-burning lamps — Casual discovery.

A sc^a occulta, não é *saber certas coisas*; é sabel-as occultamente, i e, o modo oculto de as fazer.

Des Sciences Occultes par Eusèbe Salvérte. 3 edition, introduction de E. Lithé

Paris. Bailliére 1856.

Contains much reading.

Condorcet (1).

(3) Luis Kuhne, nascido na Suécia, publicou inúmeras obras sobre os métodos de medicina alternativa, que foram traduzidos e conhecidos em Portugal, desde os fins do século passado: «A Nova Sciencia de Curar», 1896, baseada em banhos, alimentação natural, e com exclusão dos medicamentos e operações, «A educação das Creanças», 1896.

(1) Marie Jean Caritat, Marquez de Condorcet, nascido em 1743, foi um génio penetrante, tendo-se distinguido na matemática, na filosofia e na literatura. Membro da Academia Francesa, contribuiu para a revolução americana e francesa, tendo occupado vários cargos, até cair em desgraça e ser morto.

Quételet: Physique social. 2v (2).

Bailly — a sua curiosa theoria de uma *humanidade* pre-humana que soubesse uma sciencia hoje quasi perdida (3).

Notice Lithé's preface to *Salverte* — on arts and sciences in ancient civilizations — arts are fragmentary, sciences systematic; arts of each time, sciences regular evolution in *proposed* environment; arts primitive, science not.

Science occulte: une disproportion totale entre le cause et l'effet.

(Td).

«Os antigos viravam todas as ciências para o lado utilitário ... Tudo o que não fosse interessante para a sociedade, para as artes, era negligenciado. Referenciavam tudo com o homem moral, e não acreditavam serem dignas de o ocuparem as coisas que não tivessem qualquer uso.»

Bouffon: Discurso sobre a memória dos tratados de história natural.

San Severo e a sua suposta descoberta de lâmpadas que não se gastavam. — descoberta casual.

Reparar no prefácio de Lithé a *Salverte* — sobre as artes e as ciências nas antigas civilizações — as artes são fragmentárias, as ciências sistemáticas; artes de cada época, ciências uma evolução regular num ambiente proposto; as artes primitivas, a ciência não.

Ciência oculta: uma desproporção total entre causa e efeito.



53B-93 (m) 2 especies de magia (Lane. Modern Egyptians) (=) 2 especies de sciencia — ocultista e esoterica = Rosa Cruz.

Com Court de Gebelim, fez parte da Loja dos Amigos Reunidos, os «Philalètos», de Paris, ligada a Martinés de Pascoales.

(2) Quételet (1796-1874), astrónomo belga, tradutor de episódios de «Os Lusíadas», tendo escrito sobre o desenvolvimento das faculdades humanas.

(3) Jean S. Bailly (1736-1793), ensaísta e historiador, Presidente da Academia Francesa, e executado pelos jacobinos. As obras mais importantes são «A História da Astronomia» e «Os Ensaíos sobre a origem das fábulas e das religiões antigas».

133 G Ioo. (m)

O contacto com o oculto pode obnubilar, como pode elucidar. (O genio, o louco-*cf*) (Espiritismo que os occ. desrecomendam).

Ex-Sh-Bacon thesis.

O criterio material da iniciação. Pode ser-se iniciado de nascença, ou iniciando. O genio — o genio de verdade que é uma iniciação organica e transcendente.

(A associação de ideias e a inteligência analogica)

Não creou Deus ao mundo, senão só ao mundo que creou

O passo do Evangelho sobre os que são eunucos (= iniciados) desde o ventre materno etc., confirma que pode haver *iniciação* do Destino, que se pode *nascer iniciado*, e cumprir inconsciente, ou quasi, um destino oculto.

O genio — ou certo genio — como iniciação.

Shakespeare

(a preparação em uma vida para outra)



53A-59 (m) (p)

O Abade da Quintessencia.

O «Hamlet» como drama ritual ou symbolico. O espectro que *desvia* da rota.



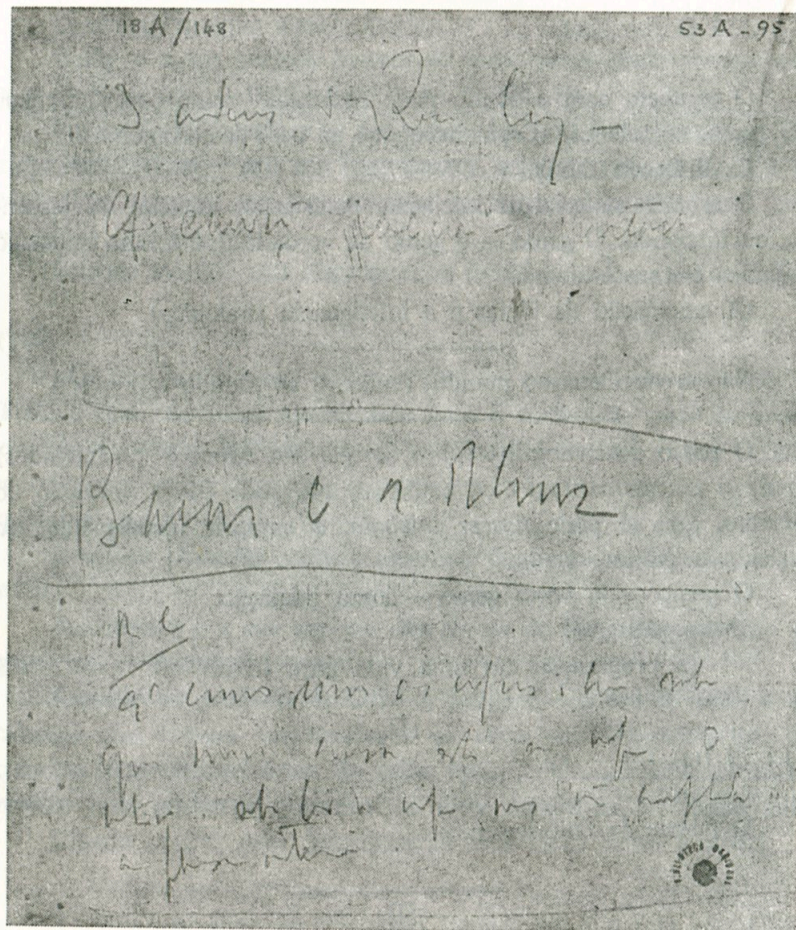
53A-95. (m) (p) (1)

3 ordens de Rosa Cruz —

Cf. emoção, raciocinio, vontade.

Bacon e a R(osa) Cruz.

(1) Reproduzido em Fac Símile. 2 linhas de difícil leitura sobre cifras e a dificuldade de se compreender simultaneamente a cifra e o sentido da frase.



53B-33 (m)

R.-C. ... ou Bacon — Shakespeare

3 ordens da R. Cruz:

(1) a interior, occulta,.....; que tem os segredos grandes; que ninguém conhece; que sabe os symbolos supremos.

(2) as esotericas, que escrevem (R. Fludd); que sabem os symbolos secundarios, mas ainda assim comprehendendo-lhe de certo modo o alcance; e aqueles actos supremos-alchimia, prolongamento (não-eter-no) da vida, etc. Sabem os symbolos metaphysicos, conquanto não os conheçam supremamente.

(3) os exotericos (Fr. Bacon) — (Os da mão-esquerda), que sabem apenas empregar os symbolos como que usuaes, onde uma crença superficial põe a significação..... (comunicam por copia, etc) — Não sabem as grandes descobertas, as vezes estão mesmo em antagonismo com elas (Bacon c. Fludd, ou - - -), Jonson contra alchimia?)

Lá por isso do *linga* e do *ioni* disse eu; se o formos a ver assim, até aquella vela n'aquella palmatoria...

— E porque não? disse o Desconhecido.

54 A 13 (m) O Desconhecido.

Exotericas — Sciencia.

Esotericas — magia.

Hermeticas —

Os esotericos percebem a origem das cousas segundo a sua representabilidade do mysterio para a alma humana. Os hermeticos fora já de toda a comprehensibilidade. Vêem não já os symbolos mas as cousas. Para os gnosticos ainda a verdade aparece no seu *symbolo vivo*, não morto (como para os exotericos). Para os hermeticos é a verdade pura que é revelada.



53B-54 Rosa Cruz. (O Desconhecido)

Ha tres ordens de sc^a: a da vontade, a da intelligencia, a da emoção. A intuição é a intelligencia da emoção. Mas a emoção pura — eis a sciencia.

A scª antiga era da casta dos sacerdotes. Os symbolos religiosos basilares — não confundir com acumulações sociaes — são *realmente conscientemente symbolos*, produtos da *consciente* e *sciente* casta sacerdotal.

As magias: a deceptiva (prestidigitação).

O mistério (que é tudo) não é comprehensível senão á emoção. A intelligencia não pode comprehender o Mysterio.



144D2 — 137 (m)

O Desconhecido

Os hermeticos, esotericos e exotericos

O exemplo da astrologia. As 3 maneiras. Duas creanças nascidas no mesmo lugar ao mesmo tempo. O como se faz a «differença» é esoterico. O porquê é hermetico.

Apparelho para cahir predios é esoterico. O como eles cahirão, *disporão das pedras no cahir* (nota do que acontece no fim) é hermetico.

Exoterico — a sciencia

Esoterico — o occultismo

Hermetico — o hermetismo

Todos os movimentos sociais, tudo no mundo está nas mãos dos hermeticos. Todo o universo como o concebemos é criação dos Hermeticos. Isto escapa á mais alta imaginação philosophica. Mas é como eu vos digo. Eu mesmo se vos digo isto, é que desconheço a vontade hermetica de cuja existencia apenas sei.



53B-34 (m) R. Cruz

«O facto», continuou o desconhecido, «é que tudo está mais complexamente ligado e interlogico do que se julga. Ou tudo deve

estar relacionado e - - - ou então não: ou a lei ou o acaso deve reger tudo. O acaso não é... E se é a lei, porque há-de ella parar n'um ou n'outro ponto, porque não há-de ella dominar tudo? Se a lei rege o movimento dos astros, porque não há-de ella reger o encontro tido por (b) casual de duas pessoas. Se os astros são *elementos* no trabalhar da lei, porque não o serão os sentimentos humanos.

Porque não hão-de as estrellas reger as vidas humanas e os seres humanos, e a hereditariedade e o meio também, e *na mesma lei*, que, por ser lei, ha-de ser uma, i.e., por ser uma, deve ser a mesma sob a apparencia diversa dela.

(b) V. dito

138-15 (Dt) O Desconhecido.

«Os exotericos teem relações com os anjos, pela magia profunda dominam os espiritos, sabem a significação intima e vital dos symbolos, conhecem a mathematica profunda em que assentam as almas, “fallaram” com os demiurgos, lidaram com os principios magicamente causaes que estão entre Deus e o Mundo, conheceram Christo na sua Figura Eterna e na sua Vera Physiognomia não-symbolica.

«Sim, observei, livido, elles fôram aquelles que sem duvida viram Isis sem veu.»

«Não só a Isis viram sem veu, mas com sentidos espiritualizados no seu corpo ao Maior Principio viram frente a frente. Colheram o auxilio de Asmodeus, de Beelzebuth, de outros.

Agora escutae, disse o Desconhecido, baixando a voz que tomou de repente uma intonação de sombra, distante e ao mesmo tempo pavorosamente nitida. Escutae:

Pausou um momento. Depois, não sei se lentamente, mas tenho a impressão que sim, disse-me estas palavras assombrosas:

«Mas nada d'isso nunca existiu. Os espiritos, os deuses, as Vidas Supremas de que os symbolos fallam, os demiurgos, os demonios, os espiritos todos — nunca existiram. São creações dos HERMETICOS para uso illusorio dos Esotericos. Assim como estes só por symbolos não sempre certos dão noticia da sua fé e dos seus poderes aos Exotericos, aquelles o fazem a elles. Deus mesmo não existe; Deus é

uma criação illusoria dos HERMETICOS. Existe realmente e verdadeiramente para os Esotericos, mas verdadeiramente não existe. O mysterio é mais profundo do que julgaes e de que os Esotericos julgam. O Mysterio É MAIS UNO E INDIVISIVEL DE QUE DEUS E O ANJOS.

Um grande horror physico descera sobre mim. Eu não sabia para onde pudesse olhar que um terror pessoal não sahisse d'esse objecto.

Quando ergui os olhos não havia ninguem no quarto, além de mim. O grande espelho fitava-me ôcamente. Com mão tremula acendi o candieiro. A alegria humilde da luz derramou-se de repente pela sala. Não estava lá ninguem. Eu tinha sonhado então? Não podia determinar se sim, se não. Olhei em volta, cheio de um pavor que morava, rigido, nas minhas minimas, sentidas, veias.

Mas nada de extranho no quarto. Nada?

N'uma estante um livro sahia para fóra, parecia ir cahir. Eu tive uma certeza *inexplicavel* de que aquillo era anormal e extranho, de que (se bem que não tivesse reparado para a estante antes) aquelle livro não estivera assim ha talvez momentos. Quiz ir em direcção a elle mexer-lhe, mas um pavor tolheu-me. Por fim pude avançar.

Ceguei ao pé da estante, deante do livro, tirei-o para fóra. Olhei-lhe para a capa. Era a Biblia.

N'um gesto rapido, como que decididor da minha sorte peguei na Biblia e abri-a.

Não sei porquê um versiculo foi a unica cousa que immediatamente vi, como se o resto da pagina estivesse inteiramente branca. Foi esta, rigorosamente, a sensação que tive.

Abri e li:



54-5 (dt)

Conhece, disse elle, que, porque tudo que está em baixo é como o que está em cima, assim no occulto ha uma politica, como a nossa politica terrestre e material; que ha uma diplomacia transcendente. O occultismo, que por symbolos e sombras, temos, não é a expressão de uma verdade, mas de uma opinião transcendente. O caminho

verdadeiro da Verdade só se vê quando conhecemos o principio fundamental, de que devemos servir-nos para nos desvestir da illusão primaria.

— E qual é esse principio fundamental?

— É este: NO ABSOLUTO NÃO HA NEM BEM NEM MAL.

O Bem e o Mal são termos creados para symbolizar cousas que, em si, nem bem nem mal conteem. O occultismo é uma politica da Vontade absoluta, em que figura como mal, porque opposto aos seus interesses transcendentos, tudo quanto é a Intelligencia; mas a Intelligencia só é um mal para quem a tem por inimiga.

Nos mythos antigos ha traços da primeva dissidencia. Do Anjo Rebelde se diz que é Lucifer, o Portador da Luz. Porque razão se identifica a Luz com o Mal? Porque o que lhe chama Mal é a Treva. Elle illumina e dissipa a Treva Originaria, o Chaos primevo. A Luz é o mal porque está constantemente a destruir o Mundo, cuja substancia é a Treva.

O Deus que creou o Mundo não é o Ser. Ha mais mundos do que aquelles que Deus creou. Ha mais Deuses que Deus. Ha mais Realidades que a Realidade natural ou sobrenatural.

O mal é de duas especies. Ha o mal que é inimigo da substancia do Mundo: este é a Intelligencia, que é o ver-o-mundo-de-fora, o principio de fuga do mundo para o Além-Infinito. E ha o mal que é inimigo do mundo, e não da sua substancia, e este é o mal puro e simples — o mal do criminoso, e por vezes tambem do santo, o mal do que quer destruir os outros para existir, ou destruir-se para que os outros existam.

Acima de todos os deuses e de todos os mundos, impessoal, nem bom nem mau, Intelligencia Pura, despida de todos os attributos, está o DESTINO. Cada mundo, cada universo, tem o seu Deus creador, e o seu Bem e Mal, que são a tendencia para regressar a Deus, e a tendencia para se affastar d'elle.

A revolta dos anjos não nasceu de quererem desobedecer ao omnipotente. Contra o Omnipotente não poderia haver revolta. Nasceu da tendencia para a Verdade, para verem, acima do Deus que os creara, alma do mundo a que pertencem, o DESTINO. Porisso ao anjo primeiro rebelde se deu o nome de Lucifer — o Portador da Luz.

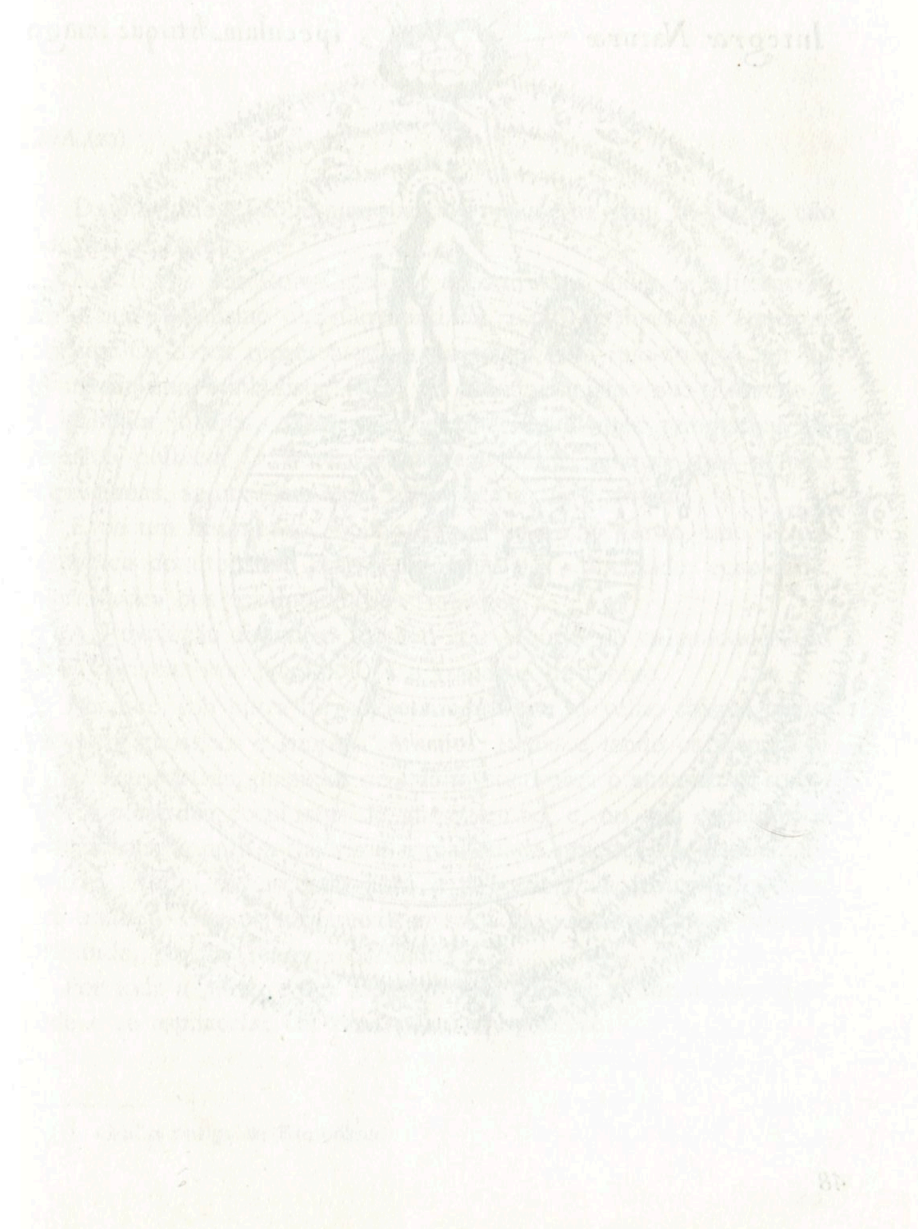
Acima da ansia de fusão com os productos de Deus, está, com effeito, a ansia mystica de fusão com Deus, que é a base do occultismo (quasi) todo. Mas acima d'esta mesma ansia está a ansia de fugir a Deus e ao Mundo — a ansia de fusão com o Destino.

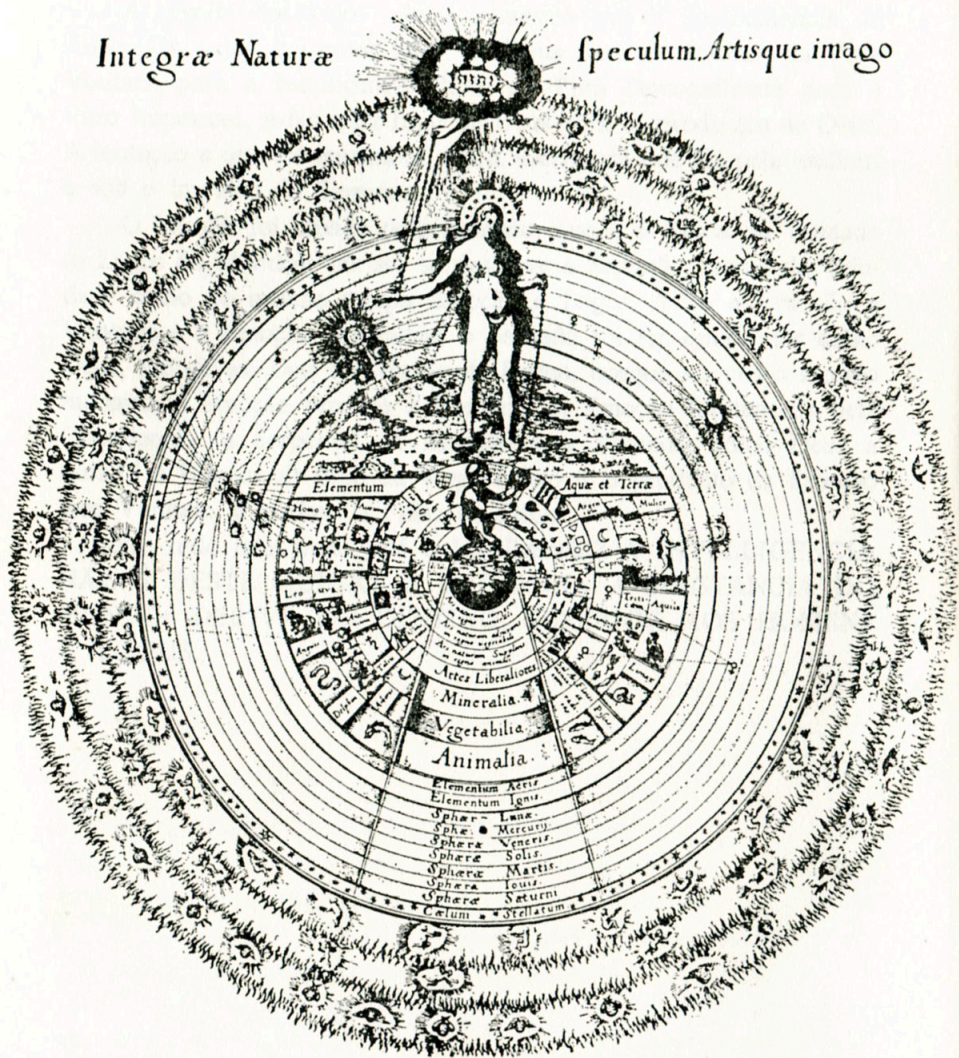
A revolta dos anjos não é a mesma que a desobediencia de Adão. Os anjos quizeram fugir de Deus para o Destino, da Pura Vontade para a Intelligencia Pura, da Pura Personalidade para o Puro Impessoal. Adão quiz fugir de Deus para os productos de Deus. A tentação a que ele succumbiu, diz a Escripura que foi pela mulher, e sob o impulso da Serpente.

O Mundo foi creado pela Emoção, que é a logica da Vontade (o Logos do Mundo); porisso se descreve a Segunda Pessoa da Trindade como ao mesmo tempo Emoção e Logos. Adão e Eva são a Vontade e a Emoção separadas; o peccado foi em querer ser como Deus, unindo-as. Deu a inversão de forças, porque no nosso mundo humano, a Emoção precede a Vontade. A Emoção foi tentada pela Consciencia (a Serpente). A Emoção sem Vontade, como Deus a quiz, é a Virgem. O filho da Virgem, isto é, o producto da Emoção sem Vontade, é porisso o Filho de Deus.

Em tudo isto, onde está a Intelligencia? A INTELLIGENCIA NÃO É DESTE MUNDO, É EXTRANHA Á SUBSTANCIA DO MUNDO: DERIVA DO DESTINO, SUPERIOR AOS HOMENS E A DEUS.

II CAPÍTULO





129A.(m)

Da identidade do esotericismo⁽¹⁾ rosa-cruz com a Gnose não pode haver duvida.

Nos livros dos Rosa-Cruz nós encontramos todas as afirmações que o neo-platonismo christão continha, tanto as mysticas, como as politicas. Os livros representativos do esoterismo rosa-cruz, a par do seu mysticismo symbolista, fusão do emanacionismo neo-platonico e da Kabbala judaica, apresentam os mais evidentes symptomas do utopismo politico. O fraternarismo igualitario aparece nas utopias rosicrucianas, assim como uma ansia de paz as atravessa.

É de um illuminado, Louis Claude de Saint-Martin, que deriva a tritypica do utopismo activo moderno — a «liberdade, egualdade, fraternidade» dos revolucionarios franceses.

A Revolução Francesa (com o seu séquito de calamidades, de que o Christianismo partilhou) é a vingança da Gnose.

Renasce, sob outra forma, separadamente, o velho shisma christista entre gnosticos e simples christãos. Renasce tendo os principios da gnose, tripartida, passados no que mystico para o enxame de sociedades e correntes occultistas do nosso tempo, e, no que equalitarios e essencialmente para a theoria e a malfadada practica da democracia moderna. Assim, renascendo para a superficie da historia, renasce moribunda a Gnose, substracto mystico do christianismo; renasce moribunda, porque renasce dividida.

Por toda a parte, e em todas as suas formas, o christianismo se divide e se esphacela; em uma palavra, apodrece.

(1) Grafia antiga de Esoterismo.

O neo-ghostico laico, que é o democratismo moderno, continua a ser o mysticismo dos escravos, a aspiração das epochas decadentes onde se perdeu a noção da inter-relação dos egoismos na vida social e a utopia se erige em directriz da vida.

53-58.(m)

1. A Maçonaria.
2. A Companhia de Jesus (razão porque não a Igreja Catholica).
3. A finança internacional.
4. Os judeus (porque excluindo os portugueses).
5. As associações ocultas e semi-ocultas, incluindo a Sociedade Theosophica.
6. Os Internacionalistas intellectuales.)

O que é comum a todas estas forças é (1) serem anti-nacionais, (2) serem contrárias ao espirito da civilização christã, (3) serem contrárias ao espirito aristocratico e superior (N) fundamento greco-romano da civilização.

Nota: Riscou a frase «espirito aristocratico e superior».



53A-58. (m) (p)

S. J. — destruir a E. C, substituindo-a por um Christianismo profano.
R.C. — idem, repondo o judaismo.
O.C. — — — —

Fundados pela O. C. para a transmutação alchimica da EG.Catholica, os Jesuitas.

A formula sacramental pela qual se substitue ao erguer de Hiram ou à vingança de Molay o sagrado e symbolico Regresso d'El-Rei D. Sebastião. (Manif. Encoberto, Osiris).

Martyr que, tomando o nome de Encoberto, foi erguido em Osiris.



53 A-70 m

The explanation of F. Masonry.

The four meanings of everything. — The four types of orders — outer 2 — inner 2. (left hand, right hand — Shakespeare's portrait) (Bacon of lower order right, Sh. of higher order left) (Theosophy wrong in supposing unity in the higher Government of the world; there also is enmity, there is enmity in the very darkness.)

(Td.)

A explicação da Franco-Maçonaria

Os quatro sentidos de tudo — Os quatro tipos de ordens — 2 exteriores — 2 interiores (mão esquerda, e mão direita — retrato de Shakespeare). (Bacon da ordem inferior da direita, Shakespeare da ordem superior da esquerda).

A Teosofia está errada ao supor unidade no Governo Superior do Mundo: aí também há inimizade, há inimizade nas próprias trevas.



53 B - 68 (dt)

300.

Por motivos que ignoramos, e porventura ignoraremos sempre, em fins do seculo dezaseis e principios do seculo dezasete, os Rosa-Cruz soffreram uma revelação. Então se deu — e a revelação mostrou que se dera — uma corrupção em parte dos menores da Fraternidade, se é que nella ha menores. Começara a acção dos Trezentos.

Então se formou uma especie de sombra, negra e informe, da Fraternidade, e a gente que formava essa sombra começou de corromper a doutrina secreta e os usos e restricções d'ella. Foi então que appareceram Robert Fludd, transmissor corrupto do systema occulto, Francis Bacon, seu esquerdo menor, e outros, de diversas nações,

verdadeira- ou aparentemente, que fundaram as bases da Maçonaria, e tomaram posse d'ella, desde logo, occultamente. Ainda a dirigem.

Este acontecimento invisível, esta scisão na sombra, foi dos acontecimentos mais graves que se teem dado a dentro da civilização europeia. Os Rosa-Cruz eram christãos, como são, e a sua doutrina (o mesmo nome d'ellas a revela e encobre) consiste em (como elles mesmos diriam) uma transmutação do chumbo do hebraismo, e do ferro do paganismo, no ouro de Christo. A corrupção do systema consistiu, como está patente em Fludd, e mais distantemente patente em Bacon, por exemplo, na abolição da alchimia transmutadora — na reversão á simples Kabbala, que é um começo do entendimento do mundo, e áquelles principios orientaes em que a Kabbala se funda.

Longe d'isto tudo, os Mestres da Doutrina Secreta guardam as chaves dos segredos intimos do mundo. E o que os seus sombras temem é aquillo que na acção dos Mestres elles não podem nunca attingir — o commando da formação dos genios, a acção intima e intensa que incidiu sobre Shakespeare, sobre Goethe, e incidirá sobre quem se possa alçar, por nascimento e influxo dos astros, á altura onde a Grande Luz o atinja.

Porque os trezentos temem, acima de tudo, o genio. Esse, sendo de origem superior — representada neste mundo pelo acaso de hereditariedades encontradas, de circunstancias educativas proprias, de meios sociaes suscitadores — está fóra da sua acção assombrosa, mas não suprema. Os poderes magicos dos esquerdos do Occulto, altos como são, não sobem comtudo até onde vão os dos Mestres da Doutrina Secreta — ao commando interior das almas grandes, a saber mover os que nascem a que nasçam novamente. Delegados, e anjos, em certo modo, do Deus particular do nosso mundo especial, elles combatem, com forças superiores, os exilados dos entre-mundos, os filhos do espaço nocturno, senhores da rebellião, não contra Deus, mas contra a fórmula que Deus toma ao ser creador do nosso mundo.



Ocultismo

Commetteram o crime de revelar as doutrinas do ocultismo, fazendo o oculto visível, o que a propria palavra prohibe que se faça. E isto com uma indízivel mixtura de charlatanismo e de mera drogaria social como no caso de varios theosophistas conhecidos, e notavelmente da notoria Mme Blavatsky (¹), iniciada talvez na sciência dos invisíveis thibetanos, mas com certeza na de qualquer MacKelgue ou Crookes mais da nossa civilização. A investigação do Dr. Hodgson fez explodir essa charlatanice da russa.

A confusão mental, a indisciplina característica dos theosophistas athraem apenas os congeneres incompletos de espirito. Que lhes façam muito bom proveito!

Que diferença, mesmo de mero tom, entre a pobreza de espirito dos theosophistas e a magnifica mysteriosidade dos scriptos dos Rosa-Cruz! Nestes, mesmo quando nada comprehendemos, sentimos a força e a sciência dos Mestres da Sabedoria.



(¹) Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), fundadora da Sociedade Teosófica. Sucedeu-lhe na presidência a sua secretária Annie Besant (1847-1933). Leadbeater foi outro dos principais líderes do movimento. Encarregado de traduzir, em 1915, algumas obras destes autores, Fernando Pessoa pronunciou-se com certo conhecimento de causa.

Um dos textos refere a investigação feita pelo enviado da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, Dr. Richard Hodgson, em Adyar, a sede da Soc. Teosófica na Índia, aos fenómenos então publicitados de certas materializações ou de sons vindos do mundo invisível. Após seis meses em Adyar, Hodgson redigiu um relatório, aprovado depois pela direcção da sua sociedade, em que se concluía tratarem-se de imposturas para apoiarem o movimento teosófico. (Ver Guénon, «Le Theosophisme»). Acrescente-se que, não obstante as várias críticas aos teosofistas, Fernando Pessoa escrevera, à guisa de remate: «Blavatsky era um espirito confuso e fraudoso; mas também é fora de dúvida que recebera uma mensagem e uma missão dos Superiores Incógnitos.»

A Rosicrucian is a kind of occultist a man our mind can understand. He cannot understand a neo-buddhist. The detestable indian net jugglery called Theosophy, so despicably taken far from the great, though obscured beauty of the Budha of the East, by its mixture with western movements.

And a man like Mr. Leadbeater, who has at home the keys to all the mystery has forgotten to put unto the bunch the key to English Grammar.

(Td)

Um Rosicruciano é uma espécie de ocultista, um homem que a nossa mente pode compreender. Ela não pode compreender um neo-budista. A detestável rede de prestidigitação indiana chamada Teosofia, tirada baixamente e longe da grandiosa, ainda que obscura, beleza do Buda do Oriente, pela sua mistura com movimentos ocidentais.

E um homem como o Senhor Leadbeater⁽¹⁾, que tem em casa a chave de todo o mistério, esqueceu-se de pôr no molho a chave da Gramática Inglesa.

54A-86 (dt)

Invocam os theosophistas a intima continuidade da tradição hermetica ou esoterica. Segundo Mrs. Besant (quote here the due part of the Ideals of Theosophy).

Infelizmente o estudo da litteratura ligada á exposição, propositadamente confusa, das theorias que formavam a base metaphysica das sociedades secretas como os Rosa-Cruz — infelizmente esse estudo revela principios fundamentais que, qualquer que seja o seu sentido symbolico, se não casam de modo algum com as theorisações theosophicas.

Assim, se ha cousa que resulta clara da confusa doutrina dos esotericos europeus, é que o sexo feminino é, por várias razões de ordem symbolica, considerado por elles como inferior e quasi mau.

Excusamos de rebuscar muito na literatura hermetica. (Q. from Hargrave Jennings).

Como é que isto se concilia com a these theosophista de que o que ha de principal é a Fraternidade humana, esta sem olhar a sexo, raça ou casta?

Além d'isso os hermeticos europeus não se propunham trabalhar pela humanidade. Nada d'isso se conclue dos seus escritos, e estes, embora nos não revelem o seu systema como conjuncto, não deixam de, fragmento a fragmento, nos revelar de que elementos ella se compõe.

A theosophia, como é próprio e de esperar da nossa epoca, é apenas uma democratização do hermetismo. Se se quizer, é uma christianisação d'elle. Mais nada. Christianisação ou Democratização feita com a idéa de Fraternidade, por signal a mais baixa das trez que compõem a trindade fraceza.

Os hermeticos europeus constituíam sociedades secretas para fazer determinadas investigações scientificas. Até que ponto essas investigações representam uma tradição remota, é possível julgar-o. Para que o faziam é simples. As castas sacerdotaes e outras perderiam certo poder sobre o povo se divulgassem certos principios scientificos, os quaes, aliás, permittiam, na baixa dos sentimentos religiosos, o recurso a fraudes religiosas, por meio de applicações scientificas não muito diversas dos hodiernos processos de alta prestidigitação, de prestidigitação scientifica.

O vagar que as classes superiores tinham nos tempos da escrivatura torna possível uma extensa investigação scientifica.

Supponha-se que um padre egypcio descobria a lei da propagação do som, pelo que respeita ás camaras sonantes. A utilização religiosa, fradulenta (ainda que, talvez, sem má intenção) d'esse principio inhibiria totalmente que pensassem em divulgar-o.



A *Theosophia*.

A Natureza, porém, é mais subtil de que os theosophistas. A necessidade de “servir” preocupa o theosophista, constitue um dos seus ideaes. Preocupa o theosophista que um individuo entre para o mundo e saia d'elle sem deixar signal da sua passagem, sem ter sido um auxilio e um conforto para os outros. Mas essas theorias, embora sirva excellentemente para obrigar a indolencia hindu a fazer qualquer cousa, serve de pouco ao homem europeu, nascido no habito de agir, que o cerca. Que o europeu não esteja, porém, accostumado a agir altruisticamente, é certo; o que, porém, é igualmente certo é que não está provado que a acção altruista seja a melhor, que a acção altruista seja, na verdade, a mais altruista.

Servir os outros — ou, como dizem os theosophistas, “servir” sem explicação — pode ser muito bom, mas resta saber o que se entende pela palavra “servir”, que especie de serviço é que se pretende fazer aos outros. Pretende-se beneficiar-os, já se sabe. Mas como é que se beneficiam os outros? E estará realmente demonstrado que sirva de alguma cousa beneficiar os outros? As leis da natureza, taes quaes as podemos conhecer, tendem a indicar-nos esse como o verdadeiro caminho?

A sociedade chamada Os filhos da India tem (informa Mrs. Besant) um artigo principal pelo qual os seus membros se obrigam a practicar todos os dias um acto de dedicação. Á primeira vista, esta idéa parece nobre, vigorisadora, practica mesmo. Um exame mais cauto, porém, depressa despe d'esses attributos que a nossa precipitação lhe descobriu. Se practicar pelo menos um acto de dedicação por dia fôsse coisa que custasse, haveria ao menos a vantagem do desenvolvimento da vontade. Mas acontece precisamente que a dedicação é das cousas mais faceis d'este mundo. A mulher, que é um ser inferior, é ingenuamente dedicada, “serve” por temperamento, no sentido em que os theosophistas empregam este mallogrado verbo. A *Theosophia* é um systema creador de mulheres.

A natureza, porém, é mais subtil que os theosophistas. De tal modo estão as cousas arranjadas por ella neste mundo, que servir-se

cada um a si, completamente, energeticamente e competentemente, é, ainda, o melhor meio de servir os outros. E, de resto, é o melhor meio de poder servir os outros, querendo-se, mesmo no sentido altruista que os theosophistas dão á palavra. Porque uma vontade forte pode ser muito mais util de que uma vontade fraca.

A *Theosophia*, afinal, não passa de um systema de philosophia indiana que, por typicamente vago e lato, se adapta perfectamente á sciencia moderna, como, de resto, a ella se adaptaria se por acaso ella fôsse precisamente o contrario, quanto aos principios que assentou.

54-52 (m)

Janua Coeli — introdução exoterica á philosophia hermetica.

O progresso até Arhat é apenas um progresso na illusão. Os occultistas são como homens que mergulhassem para encontrar as estrellas reflectidas na água.

Aquelles antigos e singulares philosophos prohibiram a exhibição ou exposição dos seus principios á humanidade⁽¹⁾. Nada que se pareça com uma Sociedade Theosophica podia emanar desses (por assim dizer) estranhos espiritos (se espiritos se lhes pode chamar).

Todo o progresso na emoção é um progresso na illusão. Livros como o de Hargrave Jennings (?) *The Rosicrucians* ..., — quando nitidamente ensinam que os Membros d'aquella singular fraternidade (?) tem por sua philosophia que a emoção é superior á intelligência, mesmo como processo cognitivo, (cf.) não falla senão de modo que o entendem aquelles que podem entender, e não entendam os que não podem. Quem quiser acceitar essa declaração, tal qual alli se lê, evidentemente que o pode fazer.

Este livro é uma reimpressão, nuns pontos alterada de uma edição anterior. Onde e quando impressa, não importa; nem isso deve pôr ou tirar para o proveito — se o houver — que o leitor retire da sua leitura.

(1) Acrescento: Se elles o prohibiam saberá o leitor como deve ler livros como o de H. Jennings?

Todo o leitor do Novo Testamento deve ter reparado que Christo, muitas vezes, tinha ao fim de uma ou outra parábola, qualquer frase como esta: Quem puder comprehender isto, que comprehenda. Às vezes trata-se de parábolas na verdade complicadas. Mas outras vezes são simples. Porque então pronunciava Christo essa phrase? Ponhamos de parte a possibilidade (explicável de muitos modos) de que ele a não tivesse pronunciado. Dada como pronunciada, ella o que significa? Evidentemente que a parábola tem qualquer de difficil que comprehender; que a sua simplicidade, portanto, não passa de apparente; mas poisque seja apparente, que há, então, nela um outro, mais profundo, sentido.

São estas as considerações que talvez seja nosso dever — e quem sabe se é o nosso destino? — exarar ao prefácio deste livro.

54-13 (m)

O homem superior torna-se [— — —]

Tem que calcar as emoções, porque é um estorvo ao pensamento, que abandonar o calor e das companhias humanas e a solidariedade [— — —] das amizadas modestas.

Toda a ambição é uma renuncia. Ser mais do que homem paga-se muito caro — como ser-se menos que homem. Ser super-social é ser extra-social; e, como disse Aristóteles, quem quer ser extra-social ou é mais ou menos que homem, ou é Deus ou [- - -]. O homem superior é ambas as cousas;

O calor e o affago de pertencer à humanidade quotidiana;

Ou se tem que renunciar à felicidade ou à grandeza. Os deuses permitem que o homem se lhes eguale numa cousa, mas não nas duas. Quem, dos homens, sobe a Deus tem a companhia dos imortaes, mas a sua inimizade também. Morre, em geral, triste e obscurecido. Morre como Milton cego e odiado pelos próprios filhos. Morre como o Infante, sem, no sentido acima, ter vivido.

É curioso que eu, um pagão, encontre o melhor exemplar d'isso no Evangelho. Na vida de Christo se symboliza por completo a perso-

nalidade do Creador, o seu caminho ⁽¹⁾ entre os homens, o seu destino divino e o seu fim humano.

Todo o creador acaba por uma crucificação. Como Christo diz à propria mãe: «Quem é esta mulher?»; isto é, não pertence, a família, não tem lar, e, ainda que opere pela pátria, nem pátria tem. Os (— —) mas o filho do Homem não tem onde deitar a sua cabeça.

Tem que levar a sua própria cruz; a sua renuncia tem de ser a sua — como não pode delegar a sua supremacia do pensamento, não pode delegar também, o seu estrangulamento da vida.

Tem como única compensação — quando a tem — a celebridade, que no Evangelho finalmente se symboliza pela crucificação num alto à vista de todos, entre dois ladrões, porque a celebridade também a tem o que a ganhou pelo mal.

Tem o ódio do Povo, porque quem cria mata o Passado, e quem mata o Passado é odiado pelo Povo, que só do Passado vive. Assim, quando perguntaram ao povo a quem se devia livrar da morte — se Christo se a Barabhas, o povo gritou que lhe dessem Barabhas. E no próprio nome está escondido o symbolo terrível. «Bar-abh» é aramaico, e quer dizer «o filho do pae». Sim, o que é filho do pae, isto é, filho do Passado é que o povo quer; o que é «filho de Deus», isto é, do que não tem tempo nem lugar, do que cria o mundo e o altera — esse não o quer o povo.

O Evangelho é um tratado de Maçonaria Esotérica. Propriamente, isto não se deverá revelar, porque pertence aos Mystérios; mas não faz mal dizel-o, porque não poderá ser inteiramente comprehendido. O Evangelho, sobretudo o quarto, é um *Tratado de Iniciação* maçónica.

Symbolo que o Alto Ocultismo annunciou, sem o explicar, á humanidade, e inútil a ella, como humanidade, a vida de Christo representa, em allegoria transcendente, a carreira do Adepto, quer como o Rosa Cruz domine as forças da Natureza quer, como o (sic)

O Christianismo é um crime porque é a revelação dos Mystérios, a exposição pública do que se ensinava nas iniciações gregas, e nas

(1) V. a sua carreira.

egyptias, e nas dos judeus. E é um crime inútil, porque, por sua natureza, o conteúdo dos mysterios, mesmo revelado, não se revelou. É como um segredo dicto em lingua desconhecida. Tertuliano bem o diz... (Q. from R C. H. Jennings)

Mas como todo o crime contra o Spirito traz em si-mesmo o seu castigo, a revelação dos mysterios no Christianismo resulta inútil porque o Mystério não se comprehende sem *as novas faculdades* que só se adquirem pela iniciação; e resulta um castigo, porque, não sendo comprehendido assim, é pseudo-comprehendido de outra maneira que tem de ser falsa, e que, como é falsa, é danninha, e como é a aplicação ao mundo humano de cousas que não lhe pertencem, a sua acção humana só pode ser dissolvente e destructiva.

Um exemplo servirá para mostrar bem o que digo. No Evangelho *não se prega a caridade nem a doçura*. O que está lá "nesse sentido" e parece não poder ter outro, tem, na realidade, um sentido muito differente. Quando X manda amar aos proprios inimigos, não se refere a qualquer espécie de amor ou affeição que as emoções humanas sejam capazes sequer de realizar; nem por "inimigos" se entende o que naturalmente se entende pelo termo, em qualquer sentido humano (v: "possível") que se tome. Suponha o princípio applicado: é o fim da sociedade. É que o princípio não é o que se lê, mas outra coisa muito differente; não se entende com relações possíveis dentro do mundo visível, nem com emoções que possam surgir na alma humana do homem. Dizer o que é esse princípio — mesmo que eu o pudeste fazer — seria, não já inútil ou prejudicial, mas impossível, dado que não há palavras, nem mesmo pensamentos, para traduzir o que só pode ser "pensado"... por meios de conceber que não são as ideias, e "transmithido" por meios de comunicar que nada se parecem com as palavras. Já isto, que nada é, é difficil de dizer, e só pode ser dicto por uma accumulção de negativas.



24-71 (p) (m)

Os Rosa Cruz, transmissores da velha tradição aristocrática adentro do ocultismo.

24-73 (m) (p) Paganismo Superior
Theorie do Paganismo (1)

O Cristo é a representação simbólica, humanizada, do processo, que o paganismo não conta, ou não sabe contar, pelo qual a Realidade passou do Caos e da Noite (Destino) para os Deuses. Entre o Informe, que o duplo mistério da Noite e do Caos representa, e o Formado, que começa com o primeiro deus, há um abismo causal, sobre cuja natureza, de propósito, o sistema pagão se cala. Nos mistérios, porventura, não se calava; e ali se ensinavam aquelas doutrinas que, porque derivavam de uma verdade anterior aos deuses, não podem ser ditas na forma exterior que, por natureza, se coaduna com o mundo exterior que os deuses governam.

Entre os deuses e o Cristo há uma diferença. Os deuses são reais, e carnaes com a sua carne; existem como nós, mas superiormente; agem como nós, mas completamente; nascem como nós, mas sem o caso (nem crepúsculo) nem imperfeição.

O Cristo, porém, não existe *senão simbòlicamente*; é substancialmente simbólico. Os deuses não são mitos nas suas pessoas, são-no, quando muito na nossa indecisão. O Cristo, porém, é um mito *na sua própria realidade*; é real na proporção em que é mítico. É só símbolo, mas só símbolo de si-próprio. É puro sonho, mas que nada projectou.

Assim, o processo mental, pelo qual compreendemos Cristo, não existe na humanidade. Os próprios deuses, nossos semelhantes maiores, não o entendem. Os deuses são da nossa carne e da nossa alma mas perfeitos; podemos amá-los ou comprehendê-los, embora não os possamos seguir nem imitar. O Cristo, o Logos, não pode ser comprehendido;

(1) Texto transcrito do livro «Páginas Íntimas de Auto-Interpretação», conservando assim a modernização da escrita de Fernando Pessoa. Apenas acrescentámos as palavras que não tinham sido então transcritas.

pertence a uma outra realidade, cujo próprio modo de ser real é diferente do mais abstracto conceito que façamos, da palavra *realidade*.

O Cristo é o intermediário Absoluto, o que é absurdo; o Verbo que não é pronunciado, o que é impossível.

A razão só sobe até aos deuses porque os deuses são racionais; não sobe até ao Logos, porque ali não há razão.

O que paira acima do Logos é Lei, Destino, visto do nível dos homens e dos deuses, cuja raça, como Píndaro disse, é uma só; é outra coisa, vista do nível de Cristo, mas que coisa, não podemos nem atingir, nem compreender que se atinja ou se não atinja, mas «coisa» mesmo, lhe podemos, mesmo por falso recurso, chamar.

O Cristianismo, como o Budismo, são crimes contra a humanidade, porque são crimes contra as leis divinas. São a tentativa, mais que todas sacrílega, de revelar o irrevelável; de trazer para o público o que, de sua natureza, trazido que seja para o público já não é o que é.

É como se houvesse uma jóia ou uma flor, cuja cor maravilhosa só pudesse existir na noite, desaparecendo logo que se estabelecesse a luz, com a qual se visse.

A vulgarização do mistério não se pode fazer, porque, assim como o segredo, dito, deixa de ser segredo, perde a sua virtude mística de segredo; assim os mistérios, revelados, não são revelados. Disse-o bem Tertuliano: revelá-los é destruí-los.

Quando se lê nos livros, tais quais são, dos Rosa Cruz que o *sentimento* é mais verdadeiro que a razão, supõe o geral dos leitores que se trata do sentimento, como humanamente o sentimos. Mas não é esse o sentimento de que os Encobertos falam. É de uma outra forma *de consciência*, que *não existe, nem em esboço*, na alma humana; de que nada em nós pode dar ideia, ou fingir que é *sombra*.

O mistério de Cristo não pode ser revelado, porque não há na alma humana qualidades para compreender essa revelação.

A «intuição», de que falam os místicos é termo usado apenas para indicar um processo de compreensão *que não é a inteligência*. Mas não temos qualidade nenhuma a que se chame *intuição*. A palavra é *negativa*, posto que pareça positiva. Assim como vir de *intus*, «dentro», e significar «compreensão vinda de dentro», pode ser *in-tuitio*, o não ver, o não proteger. Tão subtil sentido, duplo, têm às vezes as palavras!

Cada um de nós tem, a sós consigo no seu silêncio de ser um ser, uma personalidade inexprimível, que nenhuma palavra pode dar, nenhum gesto interpreta, que o mais expressivo dos olhares não interpreta, nem inclui o mais contornante dos gestos. Por essa personalidade extra-social, extra-humana mesmo, cada qual é um eterno isolado, crucificado eternamente no seu próprio não-ser-os-outros. A própria essência íntima do sentir é não poder exprimir, salvo em si e só por si, adentro do indivíduo para si mesmo. Só quando chega à *inteligência* é que o sentimento se exprime. A substância do *sentimento* é não se exprimir. Todo o gesto pressupõe ainda que sumária, obscura e subconscientemente, a representação mental do gesto — e a «representação mental» é uma ideia, isto é, um fenómeno d'aquella parte de nós, a que chamamos a *Inteligência*.

Sentir é existir a sós irreparavelmente. Pensar é existir com os deuses e com a substância visível e harmónica do mundo. Agir é existir com os homens e com a natureza criada.

Agir tem por manifestação o gesto — seja o gesto mesmo ou a palavra, ou o «acto». Pensar tem por manifestação (— — —)

A Bíblia, tratado de alchimia, é, como os tratados de alchimia, uma obra escrita em cifra transcendental.



53-59 (m)

Atrio

1. Vida do Homem-animal, humana (pagã), divina.
2. Os trez obstaculos ou tentações — mundo, carne, diabo. O seu sentido
3. Os trez processos de libertação ou ascensão: (a) a união ao Todo (processo hindu), (b) a libertação do Todo (processo Christão), (c) o dominio do Todo (processo dos R+C)
4. Os desvios do processo: (a) o ascetismo, (b) o mysticismo, (c) o voluntarismo. (vg. o odio á personalidade; o odio á intelligencia, o odio á lei).
5. A sciencia como unico caminho.

II

1. A victoria sobre o Mundo:
- | | |
|-------------------------------------|---------------|
| (a) A renuncia ao mundo | B. |
| A. (b) a vida indifferente ao mundo | Perigos de |
| (c) A imposição — | cada processo |
| | C. |
2. A victoria sobre a Carne:
- | | |
|----------------------------------|----------------------|
| (a) a castidade | B e C, ut supra. |
| sublimação → (b) o affastamento | Qualquer processo |
| aproveitamento → (c) a conquista | quando não empregado |
| | no 3.º caso — o caso |
| | é o aproveitamento»? |

- 60 — 3. A victoria sobre o Diabo:
- (a) abolição da personalidade
 - (b) elevação da personalidade
 - sublimação
 - (c)

Quando, seguindo o seu caminho proprio, e só esse, o Candidato houver chegado ao fim, terá que o sempre teve.

Ao que tem será dado...

Bate, e abrir-te-hão.

61 — O aproveitamento quer dizer o uso das qualidades do individuo para fins superiores. Não se pode exigir a quem não é sensual que use a sexualidade que não tem.

O mais completo é aquelle que consegue reunir em si as trez aspirações, e realizar a ascensão por todos os caminhos ao mesmo tempo, embora por uma só via. O que, abstendo-se, sublimando-se e aproveitando-se, se diviniza pois se anulla, se excede e se transforma. É esse verdadeiramente o Mestre, o que, livre do mal e do bem, conhece a lei e (sic)



Diz a Igreja, em sua extrema sabedoria que são três os inimigos que espreitam a alma na sua provação terrena. São elles o Mundo, a Carne e o Diabo. Por Mundo entende-se a soma de coisas ficticias que nos ligam à Terra, as vaidades do poder e da glória, as solicitações da própria virtude se nella temos orgulho. Por Carne entende-se os instintos naturais desde o da conservação, que nos faz presas de esta terra, até o de reprodução ainda que subtilizado em formas mysticas ou platonicas. Por Diabo entende-se tudo quanto é orgulho e descaminho.



Porque tudo, enfim, é um combate travado entre trez Principados: os Mestres (como a si mesmo se fazem chamar pelos «discipulos»), o Concilio Pagão e a Fraternidade dos - - -, que propositadamente não usa do nome de Mestres nem de Concilio.

Ha hypnoses mais altas que as da terra, e os mysticos do Budhismo, como os do Christianismo, podem ter grandes experiencias mysticas, ver Deus face a face, unir-se com Christo, descer aos Abysmos, sem que isso seja mais que uma hypnose que lhes impozeram Aquelles que elles conhecem por Mestres, ou por qualquer outro nome assim.

Do Concilio Pagão nada sei, excepto que existe. Inimigo de todo o mysticismo, alheio a toda a religião intima ou externa, Elle é, nos abysmos do mundo, o defensor da Razão e da Ordem Externa, o mundo tal como nos foi dado. Se esse Concilio é de facto constituido por Deuses, se é uma ficção de qualquer Demiurgo, não o saberei dizer nem quererei dizer.

A Fraternidade que, para evitar peores males, fundou a estrutura da Maçonaria, atando-a com laços de que os Mestres, por muito que se sirvam d'ella, a não podem desenhencillar, não combate a Igreja Catholica, como tambem a não combate o Concilio Pagão. A Igreja Catholica deve o existir ainda, por extranho que isto pareça, a ter por si duas das grandes forças conductoras do Mundo — a ter

a apoiar a Ordem Secreta que dirige a Igreja, a mão direita dos R. C. e a mão esquerda do Concílio, isto por assim dizer.

Na Igreja Catholica se reúnem os elementos pagãos, que o Concílio Pagão apoia, e os elementos distinctivamente christãos, que a Fraternidade protege. Porisso é que sobre a Igreja Catholica incide toda a furia dos Mestres; porisso é que, tanto o Concílio como a Fraternidade, não sendo nenhum d'elles catholico mas tendo sobre a Igreja determinadas idéas, não pôde desamparal-a, pois a desamparal-a seria o desampararem-se a si mesmos.

Assim tudo é uma lucta no alto, de que o formigueiro dos homens, aqui em baixo, é a sombra e o desmanchamento. Assim como a Maçonaria é a introdução á vida intima de tudo, assim a simples consideração da Maçonaria, por reflexo, nos introduziu á vida intima de tudo.



53-69 (dt)

O Concílio Pagão, porém, não sendo — como é de ver — catholico, não antagoniza comtudo a Igreja Catholica, pois a considera a unica sobrevivencia organizada do mundo pagão que hoje existe. A Igreja de Roma é, de facto, uma systematização judaizada dos Mystérios; mas o ser insufficientemente christã não pesa muito, como é tambem de ver, ao Concílio Pagão.

Por não antagonizar a Igreja Catholica, a cujos principios naturalmente se oppõe, o Concílio combate o anticatholicismo dos Mestres. Houve uma tentativa de entendimento entre a Fraternidade e o Concílio, para defeza, além de outras coisas, da civilização europeia, fundada na tripla base da cultura grega, da ordem romana e da moral (ex) christan. Mas o entendimento não pôde ainda completar-se, pois não chegou ainda a hora. O fim seria obstar á orientação do mundo, procurada pelos Mestres — orientação feita pela conjuncção das influencias judaicas, das influencias orientaes e das influencias puramente satanicas. Satan, lembrar-se-ha o leitor sabido, é do Oriente: elle é Lucifer, estrella da manhã.

Assim se verifica, mais uma vez, o dicto central de Hermes Trismegisto — que tudo é em baixo como é em cima; que as diplo-

macias e intricações da terra são um reflexo das diplomacias e intricações que se passam nos confins (suppostos) do Abyssmo.

É bom notar que ha sociedades judaicas, inteiramente independentes da FM, que todavia estão ligadas a esta, para certo numero de fins, atravez das ordens judaicas a dentro d'ella. Todos farão justiça ao povo judeu que é capaz de se infiltrar na FM para fins proprios. Assim, erroneamente, se attribue um espirito desordeiro à FM. São certos elementos d'ella, trabalhando contra ella sem querer, que com os outros elementos externos, usam d'esses processos. A acção judaica a dentro da Maçonaria — refiro-me à acção judaica como judaica de raça e não como kabbalista — está no mesmo caso que a acção ingleza. São inevitabilidades: o instincto patriotico infiltra-se na Via.



54-87 (dt)

SS.

As infiltrações de uma linha na outra são sempre feitas de Alta Ordem para Baixa Ordem, nunca entre Ordens de igual nivel. Assim os Chefes Secretos da Maçonaria podem fazer infiltrações nas Ordens Menores das outras linhas — na Igreja e na Ordem Menor da linha da Fraternidade. Os Chefes Secretos da Igreja podem fazer o mesmo, como já fizeram, na Maçonaria, onde ha ritos que são d'esta origem. E é sabido que o mesmo succedeu com as ordens maiores dependentes da Fraternidade; à acção d'ellas deve a Maçonaria grande parte da sua formação. Tudo isto se passa, ou por combates no Além, ou por entendimentos no Abyssmo, e está acima da nossa comprehensão humana.

O que nunca ha, nem pode haver, é infiltração de igual para igual. O mais que pode haver, neste caso, é erro ou confusão humana. Um Catholico pode, de facto, entrar para a Maçonaria, ou, pelo menos, para alguns dos seus ritos, pois ella o não exclue — pelo menos por essa só razão. Mas é mau catholico o que entra para a Maçonaria, pois a Igreja expressamente prohibe aos seus fieis que ingressem em qualquer sociedade secreta, de mais a mais profana.

(Nunes quiz fundar uma O.C. dentro da M. Isso estava de antemão condenado.....)

(As provas da OC. Sob ellas ficou esmagado Anthero de Quental, que nunca passou de escudeiro. (A sua associação com elementos maçonicos e semelhantes em parte contribuiu para a sua derrota astral.

Nem força teve, nem sequer intelligencia para realizar a Formula Externa do Limiar, que no vulgo diz: *Talent de bien faire*. Quanto mais a Formula interna, com toda a sua grandeza esmagadora (1).

54-94 (dt)

Sub-Solo.

As Altas Ordens distinguem-se das Baixas Ordens em que naquellas o grau é duplo, e, ao passo que o circulo, o triangulo e o esquadro são os symbolos das Baixas Ordens, o oval, o quadrado e a cruz são os symbolos das Altas.

Isto, em certo modo, explica o quadrado que, em vez do circulo, distingue um dos graus paralelos das Altas Ordens.

A Maçonaria é formada pelas Baixas Ordens todas, ou, se se preferir, as Baixas Ordens são formadas pela Maçonaria. Baixos ou Altos Graus que seja, todos são das Baixas Ordens, e para todos é preciso ser maçom. As Altas Ordens não necessitam todas que se seja ou houvesse sido maçom: em algumas (como foi a Soc. Ros.) tem que se ser mestre-maçom para ser admittido ou iniciado; em outras, como a G D, não se exige essa qualificação; em duas, pelo menos, é condição essencial para ser admittido o não ser (em uma o não ser, em outra o não ser nem ter sido).

(1) A parte final foi acrescentada a lápis e está redigida na margem. Esta afirmação de Fernando Pessoa mantém-se como um mistério, dado que não temos indicações históricas quanto a estas actividades do genial e malogrado Anthero de Quental. Quanto a Nunes, em 1807, em Paris, pretendeu conferir graus da Ordem de Cristo dentro da Maçonaria. (Citado por A. E. Waite, no «*Emblematic Free Masonry*», existente na biblioteca do poeta.

Os Mestres representam o Padre, e as suas formulas são essencialmente do Velho Testamento, do Talmud e da Kabbala, o que tem induzido muitos em suppor nellas e atravez d'ellas uma acção judaica, o que não é verdade, pois o intimo sentido do emprego d'esses elementos está acima e além do judaismo ou de qualquer raça ou religião. O Concilio representa o Filho, ou Verbo, e, como a Igreja Catholica, que governa, exclue todos os elementos hebreus no Christianismo. A Fraternidade representa o Espirito Santo.



54-23. (m) (p)

Notes on Occultism.

The immense sanity of the Catholic Church, which is identical with that of the Fraternity: to give private judgement no right to understand of God by itself, for private judgement in religious matters is an ignorant meddling with the occult, and the ignorant meddling with the occult is a submission to evil forces.

Duality is the essence of satanism. To conceive Satan is opposed to God is satanism. Satan is not opposed to God: Satan is creation of God... Only God exists absolutely. Satan, as all else, exists only relatively.

Setebos — the symbol, who beget Caliban human evil upon Sy-corax foul desire.

(Td)

Notas sobre Ocultismo.

A imensa sanidade da Igreja Católica, que é idêntica à da Fraternidade: não dar ao julgamento privado direito de compreender por si mesmo Deus, pois o julgamento privado em assuntos religiosos é uma ingerência ignorante no oculto, e uma ingerência ignorante no oculto é uma submissão a forças maléficas.

A dualidade é a essência do satanismo. Conceber Satanás oposto a Deus é satanismo. Satanás não está oposto a Deus: Satanás é criação de Deus... Apenas Deus existe absolutamente. Satanás, como tudo o mais, existe apenas relativamente.

Setebos — o símbolo, que gera a maldade humana de Caliban sobre o desejo louco de Sycorax ⁽¹⁾.

15. 4 11.

A aquisição do poder é segura ⁽¹⁾ e firme na proporção do ocultamente d'esse poder. Mandará mais quem puder mandar sem mostrar que manda. O symbolo máximo do poder não é o Rei, mas o valido oculto que manda no Rei.

O poder mostrado ofende pela mostra, levanta invejas e inimizades, é sujeito à crítica, sabe-se onde está, e quem o quiser apear sabe a onde deve bater. O poder oculto vive a olhos alheios apenas na propria sombra, que não há seta que atravesse, emboscada que prenda ou ameça que amedronte.

Todo o homem quer o poder, porque todo o homem é a imagem de Deus, e Deus é o poder. Mas o poder de Deus, que é sem limite, é também a occultação sem limite. Revela-se sem se revelar. Sentido em toda a parte, em nenhuma parte é visto.

O mal dos homens não está em quererem ter o poder, mas em quererem mostrar que o têm. A glória, a pompa, a fama são a forma do Domínio; são a fraqueza do Poder.

Dos sábios invisíveis se pensou que era uma acção egoísta saberem tanto, e não o quererem revelar. Mas de que vale revelar o que se sabe? A verdade e a sciência nada servem á vida, e só serviria a quem as revela para lhe dar a fama, que ella não pretende.

Assim como a virtude é maior em quem não quer prémio para a virtude, em que à virtude que merece prémio acrescenta a virtude

⁽¹⁾ Setebos era um deus dos Patagónios, que era adorado por Sycorax, a mãe de Caliban, principal personagem da peça iniciática de Shakespeare «A Tormenta», e da qual Fernando Pessoa tencionava publicar a tradução que fizera.

⁽¹⁾ Forte.

de não querer prémio; assim o poder é maior em quem não quer prémio para o poder, em quem ao poder que merece conquistar, junta o poder de renunciar à conquista.

Só uma coisa vale mais que a Victoria; é a paz do Rei que não precisou vencer.

26C-52 (dt)

Na formula do Concílio, os Deuses dão, nós não conseguimos. O génio é que é a Santidade. Sermos o que nascemos, eis a verdade, atingirmos o que não somos, seja o que fôr, eis a mentira. Pode o homem ser deus, mas só sendo inteiramente o que humanamente é. Shakespeare vale mais que os santos todos.

Cumpra o mundo, tal qua te é dado — eis a formula do Concílio, que é a do Olympo. E a formula da Fraternidade completa-a: sê o que és a sós contigo. Não caminhes, nem pertenças: sê!

A imaginação mais viva que a dos outros homens, o raciocínio mais apertado que o dos outros homens, a poesia mais alta, a vontade mais forte — tudo isso é que é o verdadeiro Consequimento. Para quê buscar os deuses se nos não consummámos a nós? «De que vale a um homem ganhar o mundo — seja embora o mundo dos abysmos — se perde a sua propria alma», isto é, o desenvolvimento da sua propria personalidade humana.

O mysticismo, o alémsismo, tudo isso deve ser apenas sentido, profundamente sentido, para ser aproveitado artisticamente, transitariamente. Os deuses mesmo nos mandam que os repudiemos, pois que os não somos. E, repudiando-nos, tornando-nos nós mesmos completamente, seremos eguaes aos Deuses, que não são senão porque cada um é elle mesmo completamente.

A formula da Fraternidade é esta: cada homem é elle só; qual quer caminho que siga, tem que buscal-o em si mesmo. Não pode pertencer a Ordem nenhuma, nem a outrem de qualquer modo. A formula da RC é esta: liberdade, egualdade, fraternidade. Mas não é como a entendem os místicos que a recebem sem a entender. Liberdade, quere dizer não se subordinar a nada, nem ao próprio ideal nem à própria personalidade, nem à lei de Thelema que nos dá a nossa liberdade como nossa limitação. Egualdade quere dizer que,

tendo cada um esta liberdade, cada um será igual a qualquer outro, desde que cada um seja o que é. Fraternidade é o que segue: ninguém se pode oppor a outrem desde que seja o que é, porque ser o que é é ser irmão de quem também é o que é.



54-76 (dt)

NOTAS PARA UMA REGRA DE VIDA

(cf. *A Moral da Força*)

Assim a Lei é (1) descobrir o que somos, para que saibamos o que é que intima e verdadeiramente queremos, independentemente do que supomos que queremos ou do que julgamos que devemos querer; (2) conformar todos os nossos pensamentos, emoções e impulsos com essa nossa íntima e verdadeira vontade, excluindo todos os outros pensamentos, emoções e impulsos, por agradáveis que nos sejam, ou uteis que nos parecem, porisso que não são nossos, mas somente agradáveis e talvez uteis; (3) feito isso, recusar systematicamente toda acção externa que não sirva os fins d'essa nossa verdadeira vontade, recusando-nos a ceder às sollicitações do chamado dever, às chamadas da humanidade e aos receios do ridiculo e do maguante.

Repare-se que esta attitude defensiva é puramente passiva. Não impõe que sejamos crueis, nem que sejamos oppressivos, pois qualquer d'essas attitudes, importando uma invasão da personalidade alheia, importa a contra-invasão da nossa personalidade por a d'essa pessoa. Quem gosta de ter creados, tem que depender de creados e de ter preocupações com creados.

Esta é a regra para as personalidades definidas, que, atravez de incarnações várias, attingiram o estado de poderem começar a libertar-se, mas pode ser seguida por quem quer que seja, se para tal tiver força, e será o maior progresso que cada qual pode realizar.

Para os outros ha só a regra de realizar a sua personalidade de accordo com a inibição. Ao passar da plenitude do animal para a plenitude do homem pleno, tem o homem que passar pela phase pura-

mente humana, que é um somno, como se (salvas certas differenças) estivesse entre duas incarnações.

Ao realizar um acto que sabemos estar de accordo com a nossa personalidade, não devemos ter hesitação alguma em aceitar as suas consequencias. A mulher que acha de accordo com a sua personalidade o fugir ao marido, com um amante, não deve queixar-se do ostracismo social, porque essa consequencia externa está contida na acção natural, e tem que ser aceite como a dor do parto ou o cansaço do exforço. Não fazer nada que nos dê lucro simplesmente porque nos dê lucro, mas ou por que nos é naturalmente agradável, ou porque nos é naturalmente proprio e nosso. Não fazer nada que nos seja agradável simplesmente porque nos é agradável, sem vermos se nos agrada porque está conforme comnosco, se porque simplesmente supomos que nos deve ser agradável, por illusão a nosso respeito ou suggestão alheia.

Não temos deveres senão um — respeitar a integridade da personalidade humana, a nossa como a alheia. Isto quer dizer trez coisas: (1) para os fins fundamentaes da nossa vida, dispensar todo o auxílio alheio; (2) para os fins quotidianos da nossa vida, estabelecer uma exacta reciprocidade com os outros; (3) para as circumstancias da vida que são extranhas a uma cousa e outra, subordinar-nos à regra do ambiente, visto que ella nos não attinge. Assim, e empregando exemplos muitos simples, (1) se o nosso trabalho proprio é sermos escriptores, e temos que apresentar a manuscripto feito à machina, devemos aprender a escrever à machina, dispensando secretarios; (2) se precisamos de creados, devemos tratar esses creados com exacta reciprocidade, como eguaes, dentro de limites a considerar mais adeante, mas defendendo-nos de em qualquer cousa nos impor a elles, ou de nos preocupar com a nossa auctoridade, pois isso é preocupar-nos com eles, e diminuir a nossa personalidade; (3) visto que temos que andar vestidos, andaremos vestidos de accordo com os usos correntes, sem querer mostrar «personalidade» nessa materia, que é puramente externa e alheia a todos os intimos fins que possamos ter.

Estas trez grandes regras da vida superior, resumiu-as Saint Martin, servindo-se de um aspecto da formula dos Rosea Cruz, na phrase Liberdade, Igualdade, Fraternidade — independencia dos outros (Liberdade) na vida superior e íntima; reciprocidade com os outros

(Egualdade) na vida normal que serve de base material a essa vida superior; conformação com os outros (F) nos phenomenos exteriores e insignificativos da vida.



54-99. SUB-SOLO (dt)

A Ordem de Cristo não tem graus, templo, rito, insígnia ou passe. Não precisa reunir, e os seus cavaleiros, para assim lhes chamar, conhecem-se sem saber uns dos outros, falam-se sem o que propriamente se chama linguagem. Quando se é escudeiro dela não se está ainda nela; quando se é mestre dela já se lhe não pertence. Nestas palavras obscuras se conta quanto basta para quem, que o queira ou saiba, entenda o que é a Ordem de Cristo — a mais sublime de todas do mundo.

Não se entra para a Ordem de Cristo por nenhuma iniciação, ou, pelo menos, por nenhuma iniciação que se possa ser descripta em palavras. Não se entra para ela por querer ou por ser chamado; nisto ela se conforma com a fórmula dos mestres: «Quando o discípulo está pronto, o mestre está pronto também.» E é na palavra «pronto» que está o sentido vário, conforme as ordens e as regras.

Fiel à sua obediência — se assim se pode chamar onde não há obedecer — á Fraternidade de quem é filha e mãe, há nela a perfeita regra da Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Os seus cavaleiros — chamemos-lhes sempre assim — não dependem de ninguém, não obedecem a ninguém, não precisam de ninguém, nem da Fraternidade de que dependem, a quem obedecem e de que precisam. Os seus cavaleiros são entre si perfeitamente iguais naquilo que os torna cavaleiros; acabou entre eles toda a diferença que há em todas as coisas do mundo. Os seus cavaleiros são ligados uns aos outros pelo simples laço de serem tais, e assim são irmãos, não sócios nem associados. São irmãos, digamos assim, porque nasceram tais. Na ordem de Cristo não há juramento nem obrigação.

Ela sendo assim tão semelhante à Fraternidade em que respira, porque, segundo a Regra, «o que está em baixo é como o que está em cima», não é contudo aquela Fraternidade: é ainda uma ordem, embora uma Ordem Fraternal, ao passo que a Fraternidade não é uma ordem.



(p) (m).

No conflito com o misticismo neo-platonico, outra coisa, porém, aconteceu. Esse misticismo produziu, entrando em conflito ante-sincretico com o cristismo, a heresia celebre da Gnoce. Esta heresia não desapareceu nunca. Opressa, esmagada exteriormente, essa seita oculista tornou-se secreta, desapareceu da evidencia historica, mas não da vida. Não é impossivel encontrar, aqui e ali, evidências da sua permanencia secreta. E essa permanencia oferece aspectos de conflito com o cristismo oficial e sobretudo com o católico. A par do cristismo oficial, com os seus varios misticismos e ascetismos e as suas magias varias, nós notamos, episodicamente vindo à superficie, uma corrente que data sem duvida da Gnose (isto é, da junção da Cabala judaica com o neoplatonismo) e que ora nos aparece com o aspecto dos cavaleiros de Malta, ou dos Templários, ora, desaparecendo, nos torna a surgir nos Rosa-Cruz para, finalmente, surgir à plena superficie na Maçonaria.



54A18 — (Dt) (p)

Vivendo nós hoje naquelle imperio, que é o quarto, de que, sendo a Inglaterra o actor maximo, é todavia Jacques de Molay o symbolo incarnado e o exemplar, é na historia da Ordem do Templo, e sobretudo na da sua queda externa, que temos que buscar o com que comprehender este mundo social onde vivemos (em que vivemos).

No Christianismo, tal qual como finalmente se constituiu nas sombras da Historia, havia dois elementos distinctos, que só um laço invisivel prendia. O mesmo succedia nas religiões anteriores, como a da Grecia, em que, para além dos rituaes visiveis, e, por assim dizer, civicos, havia o mundo subterraneo dos Mystérios. No Christianismo se reflectiu esta dupla constituição do culto religioso. Desde que ficou mysticamente completo, o Christianismo formou-se com duas faces, uma virada para a Luz, que é a mentira, outra para a Sombra, que é a verdade. Da primeira fase se formaram, em virtude de varias e

successivas circunstancias historicas, as trez Igrejas christãs — a de Roma, a chamada orthodoxa, e aquella, fragmentaria e incoordenada, a que resumimos sob a designação de Protestante. Da segunda face se formou uma unica Igreja — a Igreja Gnostica, possuidora das chaves dos intimos mysterios; foi a ella a que mais tarde se haveria de chamar, na linguagem dos Rosicrucios, a Igreja Mystica.

Por circunstancias que, ou são desconhecidas e por isso se não podem narrar, ou são conhecidas mas por sua natureza se não podem narrar também, veio a formar-se, com certos fins mysticos e secretos, a dentro do seio visivel da Igreja de Roma, uma ordem que foi designada de Ordem Militar do Templo de Salomão. Os seus servos, iniciados ou não, são os que designamos pela abreviação de Templarios. A esta Ordem Mystica foram confiados os segredos e a tradição da Igreja Gnostica. Só a Noite sabe de que maneira foram transmitidos. Uns dizem que primitivamente ella os não tivera, mas os adquiriu apenas, por uma transmissão externa, quando, indo às Cruzadas, tomou contacto com o Oriente; outros sabem que desde o inicio ella os tinha, pois que para os ter fôra fundada, nem ha mister de ir ao Oriente quando o Oriente pode vir até nós. (quando o Oriente já viera até nós.)

Em trez symbolos externos — outros tinha, que não se viam — manifestava a Ordem do Templo a sua verdadeira natureza. Eram esses symbolos as cores preta e branca (esta ultima indentada) da sua bandeira ou balsa; a cruz rubra que usavam quando sacerdotes sobre o hombro esquerdo; e a figura da Ordem — um cavallo em que estão montados, não um, mas dois, cavalleiros. As cores preta e branca figuram, de uma maneira differente, as duas columnas do Atrio do Templo de Salomão, por onde ha que passar para o Claustro dos Mysterios. São (como em diversa figuração são as columnas) o signal da tradição gnostica e da posse dos segredos. A Cruz Rubra, figurando, por ser cruz a divindade triumphante, por ser rubra a humanidade martyrizada, de Christo, é usada como symbolo geral da Ordem, por ser ella christã no mais largo e alto dos sentidos. É usada, porém, numa intenção especial, sacerdotalmente sobre o hombro esquerdo: o Lado Esquerdo é o da manifestação e da mentira, e a Cruz Rubra, assim usada, diz que o Christianismo que a Ordem mostra não é, de veras, o Christianismo que tem. Os dois cavalleiros monta-

dos no mesmo cavallo não designam, como ingenuamente se julgou (cuidou), a pobreza da ordem, que não tinha cavallos bastantes para os seus cavalleiros. Significa outra coisa muito differente: a dupla constituição da Ordem, o facto de que tinha um lado Militar e um lado Sacerdotal, ou, em outras palavras, um lado exoterico e outro esoterico, um lado externo e outro interno. O primeiro estava em contacto com a Igreja de Roma e a ella se subordinava e obedecia; o segundo a ninguém humano devia, ou poderia dever, obediencia.

54-45 (dt)

(¹)

A Ordem Templaria da Escocia havia creado a M. como Ordem Mystica. Os Rosicrucios recrearam-a como ordem Magica. A Ordem de Christo competiu o fazer que houvesse nela uma Ordem Alchimica. Podemos dizer, na mesma linguagem maçonica, que a Maçonaria foi entrada pela Ordem do Templo, passada pelos Rosicrucios, erguida pela Ordem de Christo. Desde que cumpriu sua missão o Emissario Portuguez, ficaram na Ordem Maçonica os elementos espirituaes de transmutação. Quem quizer e souber buscal-os, os encontrará.

A M. continuou, na sua apparencia secreta, sempre a mesma; mas um novo espirito havia penetrado nella desde que Ramsay fallára; um espirito ainda mais alto se despertára nella desde que nella fallou o Emissario do Occidente.

(Doravante referir-me-hei no termo Ordem do Templo á Ordem Templaria da Escocia, para que não confunda com a ordem maçonica que tem este ultimo nome; no termo Ordem de Christo à Ordem Templaria de Portugal, que é a parte interior da outra, hoje extincta.)

54-46 (dt)

Destruida como Ordem Externa em toda a chamada christandade, não foi comtudo a Ordem do Templo internamente destruida.

(¹) Riscado o título: Igreja Symbolica ou Mystica.

Nem externamente o foi de todo. Disfarçou-se na Escocia, disfarçou-a D. Diniz em Portugal. Converteu a Ordem Externa em Ordem de Christo; e, por traz da Ordem de Christo, continuou intacta, como ainda hoje está, a Ordem Interna do Templo. A Igreja Romana, que é uma Ordem Externa, não teve, nem tem, poder sobre o que do Espírito. Ao centro da cruz rubra da Ordem de Christo abriu-se um espaço branco, em cruz também, para signal, como espaço, de que para além havia outra cousa; para signal, como branco, da innocencia crucificada dos Templarios.

Destruída como Ordem Externa em toda a chamada christandade, não foi contudo a Ordem do Templo internamente destruída, porque o não podia ser. A Igreja de Roma, que é uma Ordem Externa, não tem poder sobre as coisas que são do Espírito. Tem-o, é certo o Concilio Secreto, por cuja acção essa Igreja é dirigida.

Ocultou-se na Escocia, disfarçou-se em Portugal, reorganizou-se na sombra no resto da Europa. Na Escocia subsistiu, mesmo externa, mas escondida. Em Portugal foi convertida em Ordem de Christo, no que externa; e, por traz da Ordem de Christo, continuou intacta, como ainda hoje está, a Ordem Interna do Templo. Ao centro da Cruz Rubra de Christo... (ut supra). No resto da Europa, a reorganização effectuou-se na Allemanha, um pouco mais tarde, e tomou a forma, a um tempo interna e externa, da Fraternidade da Rosea Cruz.

Era fim secreto dos Templarios transformar a Igreja de Roma, operando nella de dentro, em Igreja Catholica. Com a destruição externa da Ordem do Templo, perdeu-se a possibilidade de o fazer.

Nas suas nupcias chymicas, ha que reparar, Christian Rosenkreutz traz no hombro esquerdo a Rosea Cruz.



III CAPÍTULO





53-B 19 (m)

Todos nós sabemos, por isso, que, por muito que se tenha escripto ou dito, ninguém poderá dizer com verdade que sabe o que é no fim essa Fraternidade da Rosa Cruz, nem se existe ou existiu, nem se não passa, ela toda, ainda ⁽¹⁾ de só fala, dum symbolo ou de um hieroglypho; que ninguém poderá dizer com verdade que conhece ou trata ou quem fosse um Irmão da Rosea Cruz, propriamente tal, se taes ha ou houve; que ninguém poderá dizer com verdade que conhece as doutrinas ou os principios pelo quaes essa Fraternidade se manifesta ou se manifestou. Tudo nisto é, e tem sido, mytho e illusão. Da ordem maçonica que se constitui com um nome semelhante e uma derivação supposta, pode haver, e ha, historia e noticia. Da *coisa* incerta que, em certo modo, lhe deu nome, porque d'ella o tirou, não ha, não houve, noticia nem historia.



53 A 36 (m)

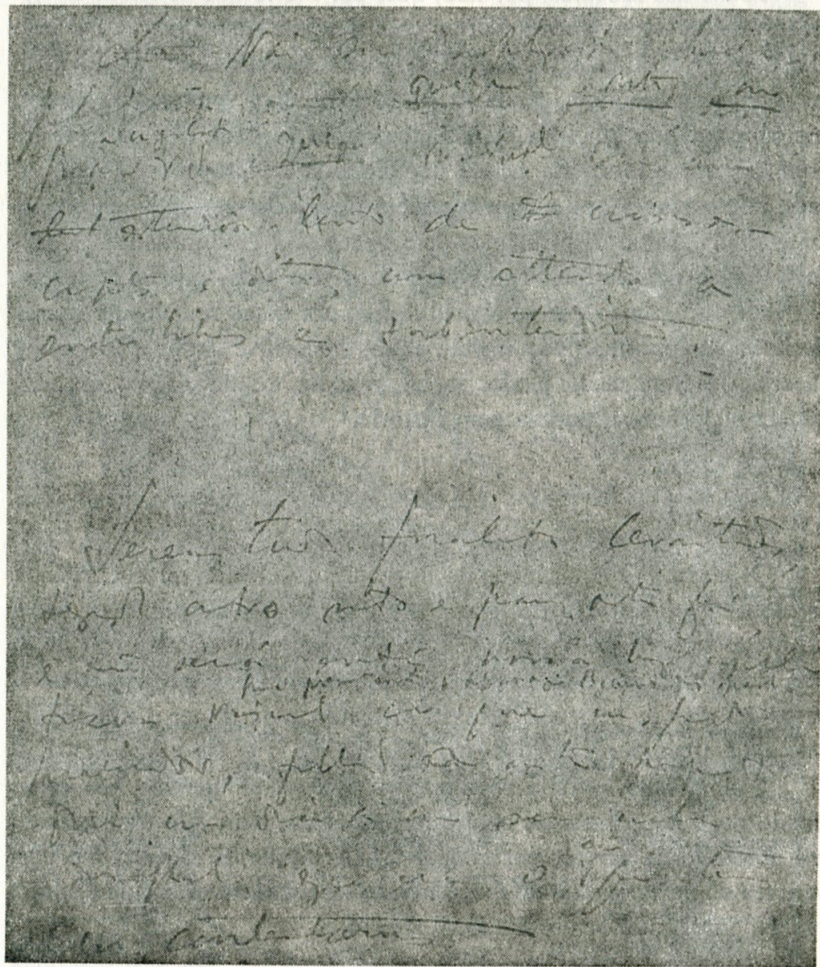
O thema da Fraternidade da Rosea Cruz tem sido quasi constante tratado com um mixto de ignorancia e de charlatanismo. A maioria do que o tem versado — mas não com mão diurna e nocturna — não tem mais que, entre as mentiras e as imaginações que nos dão — se darem ares de pertencer a essa Fraternidade ou de ter d'ella noticia iniciatica e completa.

Assim, onde se falla veladamente entenda-se que me não estou dando por hierophante de quaisquer mysterios, nem que transmitindo me abstenho de revelar partes secretas de mysterios alheios que porventura de um modo ou de outro me sejam conhecidos. Sou, de minha indole, um profano respeithador.

(1) Leitura incerta

Não sou, neophito, hierophante de qualquer rito, ou guarda ou vigilante de qualquer ritual. Sou um estudioso lento de coisas escritas e ditas, um attento a entrelinhas e subentendidos.

Seremos todos finalmente levantados, segundo outro rito e para outro fim, e não será então nossa luz aquela treva visível que é presentemente o apanagio obscuro dos mestres, ou que um grande Iniciador, fallando a certo propósito, disse um dia a um seu (...) discipulo (1), que era o com que temos que contentar-nos.



(1) Leitura incerta.

RC.

Póde confiadamente afirmar-se que quem quer que seja, que ou adopte o nome de Rosicrucio, ou diga ou suggira que tem quaesquer relações pessoaes ou directas com qualquer Rosicrucio, está mentindo. Está igualmente mentindo quem quer que seja que affirme que tal ou tal outra pessoa actual ou do passado era Rosicrucio, pois nem tem meio de o saber, nem, por definição, os Rosicrucios viviam à superficie. Está igualmente mentindo quem quer que seja que affirme que realmente conhece (salvo em grandes generalidades) a doutrina rosicruciana.

Tudo quanto póde haver é uma approximação a essa doutrina; o total da doutrina está velado por processos que tornam absolutamente impossivel descobrir-lhe a essencia. O mais que ha é estudiosos, mais ou menos perspicazes, da doutrina; e os mais perspicazes, os que deveras alguma coisa chegam a entender nella, são os que nem pensam em se designar como Rosicrucios, nem sonham em querer levar ao espirito dos outros, por via directa ou suggestiva, a noção de que deveras teem qualquer contacto com os Rosicrucios, ou de que estão de posse da doutrina plenaria.

De Fludd a Jennings, de Vaughan a Waite, os que alguma coisa perceberam dos arredores da doutrina não se designaram Rosicrucios, nem exprimiram nunca um perfeito entendimento d'aquillo sobre que escreviam. Uma coisa, ao menos, tinham attingido: o conhecimento de que não poderiam perceber tudo. Uma coisa, ao menos, tinham encontrado: a certeza de que não poderiam «encontrar» um Rosicrucio.

O mundo dos symbolos, das iniciações e dos caminhos mysticos é um mundo de sombras e de sonhos. Algumas sombras serão de coisas; alguns sonhos serão do que ha. Mas a maioria dos que se embrenham por esse caminho deixam de distinguir bem. A Circe do Abysmo tenta como nenhuma mulher. Não esqueçamos a advertencia de um Mestre da Magia: «Já vi Isis», disse, «já toquei em Isis; não sei comtudo se ella existe.»



53-9. (m)

When the disciple is ready the «Master» is ready too. Shakespeare's «initiation» was after the closeness of the Master to the disciple, the revelation of the Master to him.

The expression «my God» = «my God, the Father» = my Master is right and to whom to pray.

Inwardly soul and body are *one*, but the soul is master of the body in the lower sense, as Christ is Master in the inner sense.

Is the Master separate yet unseparate? When death occurs does the dual unity become a double unity? Is this the meaning of the Greek, «to die is to be initiated?».

53-9v

«Fraternidade» quer dizer que não há Mestres.

1. a Fraternidade
2. Esoterica.
3. Exotericas (Maçonaria).

The Fraternity knows the truth about God. They only understand the Incarnation.

Shakespeare's humility, modesty and aloofness signs of his initiation.

The soul of the is a man apart from each man and this is the Master (¹). The soul of that soul is God. (Or is this only genius and inspiration).

= Father (b), Son (c) and Holy Ghost (a)
 (c) — Suffers torture and death (— physical world)

(¹) Acrescentou: or guardian angel.

(Td)

Quando o discípulo está pronto o Mestre está-o também. A «iniciação» de Shakespeare foi depois da proximidade do Mestre, com o discípulo, a revelação do Mestre a ele.

A expressão «meu Deus» = «Meu Deus, o Pai» = o meu Mestre está certo e (²) a quem se deve orar.

Interiormente a Alma e o corpo são um, mas a alma é mestre do corpo no sentido inferior, como Cristo é Mestre no sentido interior. Está o Mestre separado e contudo inseparado? Quando ocorre a morte a unidade dual torna-se uma unidade dupla? É este o sentido dos Gregos «morrer é ser iniciado?».

9 V.

A Fraternidade conhece a verdade acerca de Deus. Eles só compreendem a Incarnação.

A humildade, modéstia e desprendimento de Shakespeare, sinais da sua iniciação.

A alma da alma é um homem à parte de cada homem, e isto é o Mestre (²). A alma desta alma é Deus. (Ou é isto apenas génio e inspiração)

— Pai (b) Filho (c) e Espírito Santo (a)
 (c) — Sofre, tortura e morte (= mundo físico)

53B 85 (m)

Oc.

O segredo primario da Frat.R.C é que se nasce *Rosicruciano*. Se houve iniciação, trouxe-a o individuo de um plano outro que o physico.

(²) Acrescentou: ou anjo da guarda.

Há RCs de 3 círculos: os que não reencarnam, ou incarnam voluntariamente e adeptamente; os que nascem rosicrucianos (e. g. Fludd) e os da ordem externa que são feitos RCs em esta vida física. (como preparação para o nascerem na reencarnação seguinte).



53A-1 (m)

As 3 ordens dos Rosa Cruz: as sobrehumanas, as esotéricas e as exotéricas; estas 3.^{as} derivadas das 2.^{as}.

54-31 (m) (p)

A Rosa Cruz: as suas 3 ordens — os verdadeiros (⊙), os internos (⊖) (que são os mais altos; *conhecidos*) e os exotéricos (dentro do esoterismo essencial, ☉) que são ou iniciados por *educação*, ou por intuição.

Solis Deo gloria est. — Amen in Mercurio (na doxologia) ⁽¹⁾.



54A-93 (m)

7 colleges of equal rank in the occult hierarchy, (Fr. Synteticus, apud Wittemans): 12 persons, so it seems, in each college. (or perhaps he refers only to the Supreme Council of the Rosicrucian Order) — 5 live in community, 7 are scattered throughout the world to teach writers, speakers or men of action. They are all continually incarnated.»

⁽¹⁾ No prefácio que F. Pessoa leu, da obra de H. Jennings «The Rosicrucians: Their rites and mysteries», encontram-se estas frases que terão inspirado o poeta, e que traduzimos:

Soli Deo Laus et Potentia!

Amen in Mercurio, qui pedibus licet carens

decurrit Aqua, et metallice universaliter operatur.

Só a Deus Louvor e Potência!

Assim seja em Mercúrio, que sem pés permite fluir a Água e operar na universalidade dos metais.

(Td)

7 colégios de igual nível na hierarquia oculta (Fr. Synteticus, apud Wittemans) ⁽²⁾: 12 pessoas, assim parece, em cada colégio. (Ou talvez ele se refira apenas ao Conselho Supremo da Ordem Rosicruciana) — 5 vivem em comunidade, 7 estão dispersos através do mundo para ensinar escritores, oradores, ou homens de acção. Estão continuamente incarnados.



54A-72 (dt)

Oc.

There can be little doubt that the name C. R. C. is a symbolic name, and, being the name of the presumed founder of an Order, it is likely, things being so, to define in itself the nature of the Order. Now it can mean either of two things — Rosicrucianism which is Christian, or Christianity which is Rosicrucian. As, however, the symbol of the Cross — and particularly so of the Rosy (or Red) Cross — is by nature Christian, it is more probable that the real meaning of the symbolic name is the second. A Christianity which is Rosicrucian would mean a Christianity that is different from the normal and accepted types. That Rosicrucianism is non-Roman, if not anti-Roman, is clear from the explicit texts, such as that of the Confessio, which is declaredly anti-papal. That Rosicrucianism is not properly «Protestant» is less evident, but not difficult to conclude from the non-protestant tone of the whole texts and their unplain symbolism.

⁽²⁾ O irmão Synteticus escreveu uma carta com algumas correcções do que considerava errado no livro «A História dos Rosa Cruz» ao seu autor, Wittemans, que a transcreveu nas edições seguinte.

It is further to be considered that the Rosy (or Red) Cross was the Templar Cross, and in the Chemical Nuptials C. R. C. wears this cross on his left shoulder, in the exact manner of the Templars (of the priestly Templars). So it seems that Rosicrucian Christianity is likely to mean Templar Christianity, which it will afterwards be interesting to investigate as to its nature, after its existence, as such, is determined.

There is, it is true, the thesis, put by Castells, that the Rosicrucian Cross was the Tau and not the Calvary, or even the Cosmic Cross — an hypothesis which, however, is not borne out by the symbols themselves. (ex)

The Castells theory is that Rosicrucianism is a derivation from the Kabbalah, being one of its Christianizations, in other words that the Rosicrucian Order is a particular aspect of the Order of Kabbalists, as first referred to publicly by.....in his book with the title, «The Order of the Kabbalah» (.....). But as elements of equal, if not more, evidential value, tend to link the Rosicrucians with the Templars, the question emerges of how the Templars are connected with the Kabbalists, if they are connected at all. The Rosicrucians, it is true, may derive from both: they may derive from the Templars as a sort of Christian chivalry, driven into an Inner Order; they may derive from the Kabbalists in expressing their peculiar Christianity through Kabbalism. In the same manner, though FMy derives ostensibly, and certainly to some extent directly, from the Operative Lodges, it has adjusted to the Operative elements and symbols, elements and symbols which are of other origins, Kabbalism being one of them.

(td)

Não pode haver muitas dúvidas de que o nome de C. R. C. seja um nome simbólico, e, sendo o nome do fundador presumível de uma ordem, é então provável que defina em si próprio a natureza da Ordem. Pode então significar duas coisas: o Rosicrucianismo que é Cristão, ou o Cristianismo que é Rosicruciano. Como, contudo, o símbolo da Cruz — e particularmente o da Rosea (ou Vermelha) Cruz — é por natureza Cristão, é mais provável que o sentido verdadeiro do nome simbólico seja o segundo. Um Cristianismo que é Rosicruciano

significaria um Cristianismo que é diferente dos tipos habitualmente aceites. Que o Rosicrucianismo seja não-Romano, se não anti-Romano, é nítido dos textos explícitos, tais como o da «Confessio», que é declaradamente antipapal. Que o Rosicrucianismo não é propriamente «Protestante» é menos evidente, mas não difícil de concluir do tom não-protestante do conjunto dos textos e do seu complexo simbolismo.

Deve-se considerar, além disso, que a Cruz Rosea (ou Vermelha) era a Cruz Templária, e que nas Núpcias Químicas, C. R. C. veste esta cruz no seu ombro esquerdo, à maneira exacta dos Templários (dos Templários Sacerdotes). Parece, assim, que o Cristianismo Rosicruciano significa provavelmente o Cristianismo Templário, o que será posteriormente interessante investigar quanto à sua natureza, depois que a sua existência, como tal, esteja determinada.

Há, é verdade, a tese, posta por Castells, que a Cruz Rosicruciana era o Tau e não o Calvário, ou mesmo a Cruz Cósmica — uma hipótese que, contudo, não nasce dos próprios símbolos (ex).

A teoria de Castells é que o Rosicrucianismo é uma derivação da Kabbalah, sendo uma das suas Cristianizações, noutras palavras, que a Ordem Rosicruciana é um aspecto particular da Ordem dos Kabbalistas, referida publicamente pela primeira vez por..... no seu livro intitulado «A Ordem da Kabbalah» (.....). Mas como elementos de igual, se não maior, valor de evidência, tendem a ligar os Rosicrucianos com os Templários, surge a questão de como é que os Templários estão ligados com os Kabbalistas, se é que o estão de algum modo. Os Rosicrucianos, é verdade, podem derivar de ambos: podem derivar dos Templários como uma espécie de Cavalaria Cristã, transformada numa Ordem Interna, podem derivar dos Kabbalistas ao expressarem o seu Cristianismo peculiar através do Kabbalismo. Do mesmo modo, apesar da Franco-Maçonaria derivar ostensivamente e sem dúvida, numa certa extensão directamente, das Lojas operativas, ajustou aos elementos Operativos e símbolos, elementos e símbolos que são de outras origens, sendo o Kabbalismo um deles.

The Muses Threnodie, by H. Adamson. (Edin. 1688)

«We have the *Mason Word* and
second sight,

Things for to come we can fortell
aright.»

Cit. W. J. Huyhan, art. *Freemasonry*. Encycl. Brit. vol. 11-12)

Curious as indicating a sort of absorption of FM by the Brethren of the RC. They are not Masons; they have the *Mason Word*. They have also second sight, apparently, in space and time.

Rc «*Mason Word*» see several quotations by Huyhan (ibid. p. 82-83) on the early use of the expression.

The art. in E. B. is especially interesting in so far as Old Charges, and the like, are concerned.

(Td)

The Muses Threnodie, por H. Adamson (Edin. 1638)

«Nós temos a *Palavra Maçónica* e
a segunda visão

As coisas que virão podemos prever
correctamente»

Citado W. J. Huyhan, art. *Franco-Maçonaria*
(Enciclopédia Britânica, vol. 11-12)

Curioso ao indicar uma espécie de absorção da F. M. pelos Irmãos da R. C. Não são Maçons; têm a *Palavra Maçónica*. Têm também a segunda visão, aparentemente, no espaço e no tempo.

R. C. «*Palavra Maçónica*», ver várias citações por Huyhan (ibid pg 82-83) sobre o uso inicial da expressão.

O artigo na Enciclopédia Britânica é especialmente interessante no que diz respeito às Obrigações Antigas e coisas semelhantes.



O termo Rosicruciano, ou, se se quiser, Rosa Cruz, é legitimamente empregado em três sentidos, excluindo o maçónico, em que designa simplesmente um dos indivíduos que têm qualquer dos sete ou oito graus que, em outros tantos ritos, incluem esse nome em seus títulos e os symbolos correspondentes, bem ou mal dados ou entendidos, nos seus rituais. Convém, porém, dizer Rosicruciano nos três sentidos mencionados, deixando o Rosa Cruz para o maçónico. Assim se evitam confusões.

Os três sentidos legítimos, excluindo este quarto, são os seguintes:

Podemos dizer Rosicruciano um indivíduo pertencente à chamada Fraternidade da Rosea Cruz (não da Rosa-Cruz) — fraternidade da qual ninguém sabe nada, nem quanto aos componentes, nem quanto às doutrinas ou conhecimentos, nem quanto à história.

Podemos dizer Rosicruciano alguém que pertença à Ordem Rosicruciana, ou, até, a qualquer das ordens d'ella derivadas, ou que tal pretendam — a GD, a AA, e outras (1).

Uma ordem difere de uma fraternidade, em que uma ordem tem graus e, em geral, ritual, ao passo que uma fraternidade — neste sentido restritivo e definidor da palavra — os não tem. A Ordem Rosicruciana, a Ordem-Mãe, apareceu (ao que parece) no século XVII, não se sabe bem onde nem como, desenvolveu-se, quantitativa e ritualmente, no século XVIII, em que se tornou maçónica — isto é, pôs como condição de admissão o ser-se Mestre Maçon, sob qualquer obediência regular — e subsiste hoje, com certas rectificações, e de novo (outra vez) sem a condição maçónica.

Na sua primeira phase creou ou transformou a Maçonaria — a «Ordem Externa», como estes Rosicrucianos lhe chamam —, mas se creou, ou, se transformou, até que ponto transformou, são coisas que ninguém hoje sabe, ou, se o sabe, ainda o não veio trazer até ao mundo profano.

(1) A grafia utilizada era três pontos dispostos em triângulo a seguir a cada uma das iniciais.

Para quem saiba da doutrina rosicruciana — neste sentido — o suficiente para que lhe sirva de chave ou medida, o influxo da Ordem-Mãe é manifesto no Segundo Grau Simbólico (quem, áparte isso, o esperaria?), no Rial Arco inglez (o Rial Arco de Zerubabel não o de Enoch, hoje Grau 13 do Rito Escocez) e, possivelmente, na Ordem Rial da Escócia, ou seja, a Ordem de Heredom e Kilwinning. Quanto ao mais, não.

Na sua segunda phase, influiu também a Ordem Rosicruciana na Maçonaria; foi, porém, já noutra sentido. Estava a Ordem Externa na phase, originada em 1737 pela célebre Oração de Ramsay, da formação dos Altos Graus, e alguns deles, e com certeza o grau 18 do Rito da Perfeição (pae do 18 do Rito Escocez e do 7 do Rito Francez, — — —), são de origem rosicruciana, quer porque a Ordem Interna os enviasse para a Externa, quer porque os plagiasse, por assim dizer, e assim os introduz na Maçonaria, alguém pertencente ou que pertencesse a ambas as Ordens, ou que, alternativamente, sendo simples maçom, tivesse tido conhecimento irregular dos rituais ou do seu conteúdo.

Na sua phase presente, a Ordem Rosicruciana nada tem que ver, creio, com a Maçonaria, continuando, porém, a estender a mão àqueles maçons, como (agora) àqueles não-maçons, que julga dignos de serem chamados ao seu templo ⁽¹⁾. São necessariamente excluídos, sob certas reservas ou dispensas, os maçons das Obediencias — são quasi todas as dos paizes latinos — que admitem ateus, e a quem, por assim violarem a principal condição iniciatica, está fechado o Transepto.

53A-4 (dt)

Mas, ainda quando assentemos em que a tradição de um paiz é aquelle ponto da sua vida historica em que elle attinge a maturidade da sua vida, a expressão exacta do seu destino — sendo o que está para traz preparação, e o que está para deante desenvolvimento,

(1) V. aos seus templos.

ou declinio, ou ambas as coisas —, ainda assim não é sempre facil distinguir em que ponto da sua vida historia é que se isso deu, qual o periodo em que a tradição se definiu.

Qual é a tradição portugueza? O vago espirito nacional, cavalheiresco e lyrico, que foi enchendo a Primeira Dynastia e culminou, extinguindo-se, no principio da Segunda? O imperialismo terrestre de Tanger e de Arzilla? O imperialismo maritimo dos descobrimentos? O dos descobrimentos só, ou o d'elles e das conquistas? Tudo isto é portuguez, tudo isto é tradição, mas uma ou outra d'estas coisas temos que escolher, pois todas entre si se contradizem em seu intimo sentido, e, sobretudo, no em que podemos guiar-nos por elle.

Consideremos um caso curioso de difficuldade em determinar a tradição. É tanto mais curioso, quanto de não trata de um paiz mas de uma instituição universal. Refiro-me ao caso da Maçonaria.

A Maçonaria é uma Ordem iniciatica que pretende e busca basear-se num intuito ou rhytmo tradicional. Ora qual é, e onde está, esse rhytmo tradicional?

Pode estar, primeiro, nas corporações medievas de pedreiros constructores de cathedraes — os que, por isentos de certas obrigações corporativas e feudaes, tiveram o nome de pedreiros livres (francs maçons), poisque o conceito de liberdade na Edade Media era opposto ao que temos desde a Revolução Franceza: a liberdade era então, não um direito, mas um privilegio, e antes havia liberdades que liberdade. E, como estes pedreiros livres, tendo que deslocar-se de uns logares para outros, e ahi entrar em relação com outros grupos, tinham que fazer-se reconhecer como seus pares, ou irmãos, usavam necessariamente de certas formulas de reconhecimento — fossem palavras ou gestos — pelos quaes se não enganassem em quem eram. É esta, manifestamente, a base material da Maçonaria, tambem a tradição maçonica verdadeira? Então a Maçonaria é, ou tem que ser, catholica, poisque os pedreiros livres tinham por compromisso o respeito e temor de Deus, a fé em Jesus Cristo e na Trindade Divina, o culto da Virgem Maria e a obediencia à Santa Madre Igreja. Nalguns casos havia também a clausula de que deviam esquivar-se a toda a heresia, quer nascida de seus pensamentos, quer do influxo dos de outros. E por heresia entende-se, evidentemente, a heresia contra o dogma e a doutrina da Igreja Catholica Romana.

Póde estar, segundo, na extranha transformação que se deu em certas corporações de pedreiros, na Escocia e na Inglaterra, mas principalmente na Inglaterra, quando — não sendo elles, aliás, já constructores de cathedraes e estando já vigente e por vencer o regimen protestante — passaram a ser admittidos a essas corporações individuos que não eram do mister, sendo o primeiro d'elles, que se conheça, um fidalgo escocez, James Boswell, senhor de Auchinleek. Mas o ponto central é a curiosa «Accepção» que se deu junto da Corporação, ou Companhia, de Pedreiros ou Alveneis, de Londres. Essa entidade, intersticiada na Corporação, parece ter sido alli posta pela Fraternidade da Rosea Cruz, grupo de gente que ninguem sabe o foi ou é, excepto que, a avaliar pela linguagem de que usavam em seus manifestos, assaz obscuros, eram kabbalistas christãos. Fossem o que fôssem, transmutaram a antiga Maçonaria, a quem presumivelmente imprimiram, sob veus symbolicos ou não, as suas doutrinas, assim como lhe transmittiram a sua abreviatura — trez pontos em triangulo —, pela qual affirmavam a sua crença na Trindade Divina. Foi nesta altura, evidentemente, que se fixou a tradição maçonica, no sentido da Maçonaria como ordem iniciatica contendo um novo segredo. Mas, se assim é, então a Maçonaria, não sendo já catholica, é todavia, ou tem que ser, christã e trinitaria.

Póde estar, terceiro, no apparecimento official da Maçonaria, naquelle estabelecimento quasi publico d'ella, de onde irradiou de Inglaterra para todo o mundo. A data é 24 de Junho de 1717; o facto é a fusão de quatro lojas de Londres no que ficou a chamar-se a Grande Loja de Inglaterra, desde então implicitamente, e desde mais tarde explicitamente, a Loja Mãe do Universo. Nesta altura a questão complica-se, porque houve duas phases no entendimento do assumpto. Na primeira, representada pela Constituição de 1723, não se exigia ao candidato — à parte a questão de ser maior e de entrar por sua livre vontade — mais que o ser um homem da religião universal em que todos concordam, isto é, «ser um homem de bem», assim como tolerante das opiniões dos outros — para que, diz a Constituição, aqui se possam encontrar fraternalmente os que, se assim não fosse, sempre seriam divididos. Na segunda, representada pela Constituição de 1738, exigia-se nitidamente a crença em Deus. Houve uma reacção (em qualquer dos sentidos da palavra que o leitor quei-

ra), e a ella se teem mantido fieis as Maçonarias dos paizes do Norte, como hoje as dos paizes latinos à Constituição de 1723.

54A-68 (dt) (p)

(2) In the beginning of the seventeenth century, and evolving probably from Kabbalism, through a Christianization thereof, there appeared in Germany a fraternity, of which no one knows anything positive or certain, calling themselves the Rosicrucians, or the Brethren of the Rosy Cross. The fraternity dealt in symbols and was Christian; it influenced many people and these came to form, whether by higher design or their own accident, a sort of exoteric Rosicrucianism, ranging from a sort of scientific mysticism, such as that of Bacon, to a kind of Christian kabbalism, such as that of Flood.

(3) A certain similarity of symbolism, conscious in the Rosicrucian exoterics, unconscious in the Masons, brought together in some unknown manner these two bodies, the approximation being rather by the exoteric Rosicrucians assimilating Masonry to themselves than by Masons introducing Rosicrucianism into their guild. This transmutation was carried out by the exoteric Rosicrucians within, or next to, the Masons' Guild or Company and so purely speculative, as distinct from semi-operative, Masonry was born.

(Td)

No começo do século XVII, provavelmente evoluindo do Kabbalismo, através de uma sua Cristianização, appareceu na Alemanha uma fraternidade, da qual ninguém conhece nada de positivo ou certo, chamando-se a si mesmos Rosicrucianos, ou Irmãos da Rosea Cruz. A fraternidade trabalhava com símbolos e era cristã; influenciou muitas pessoas, e estas vieram a formar, quer por desígnio superior quer por casualidade própria, uma espécie de Rosicrucianismo exotérico que ia desde uma espécie de misticismo científico, como o de Bacon, a uma espécie de Kabbalismo Cristão, como o de Flood.

(3) Uma certa semelhança de simbolismo, consciente nos Rosicrucianos exotéricos, inconsciente nos Maçons, unificou de modo desconhecido estes dois corpos, sendo a aproximação mais pela assi-

milação da Maçonaria pelos Rosicrucianos exotéricos de que pela introdução do Rosicrucianismo pelos Maçons na sua guilda. Esta transmutação foi levada a cabo pelos Rosicrucianos exotéricos dentro, ou próximo, da Guilda, ou Companhia dos Maçons, e assim nascia a Maçonaria puramente especulativa, distinta da semi-operativa.

Nota: Continuação de uma parte do texto, e de que apresentamos apenas a tradução:

Desde a oração de Ramsay até aos nossos dias vemos ainda as duas forças trabalhando — uma baixando continuamente a Maçonaria à terra, a outra elevando-a continuamente ao céu.

A reacção também se estabeleceu em França, mas, até certo ponto, da mesma forma que na Ordem do Templo e no Rito Escocês na Inglaterra, fora da Maçonaria. Refiro-me às experiências do Martinismo de Papus e das sociedades ocultas semelhantes; apesar de serem, é claro, completamente não-maçónicas, enquanto a Ordem do Templo e do Rito Antigo e Aceito são-no apenas tecnicamente, sendo mais propriamente Super-Maçónicas, como, por exemplo, pode ter sido designada a «Societas Rosicruciana in Anglia».

Nota: O texto que se segue faz parte de uma explicação, mais longa, dos requisitos para se aprofundar o conhecimento maçónico. A ordem a que se refere é, provavelmente, a «Societas Rosicruciana in Anglia», como se depreende do texto anterior.

53-84 (p) (m)

«Melhor será se estes conhecimentos especiais estiverem apoiados em, ou fundamentalmente se derivem de, uma iniciação de tipo super-maçónica. Há, porém, que notar que há iniciação extra-maçónicas que não habilitam em nada à compreensão da Maçonaria; outras ainda que são postiças; mais conduzem ao desentendimento que ao entendimento d'ella. Está no primeiro caso a iniciação em certa ordem de tipo rosicruciano, que têm sede em Londres; está no segundo o pseudo-martinismo fundado por Gérard Encausse (Papus).

... a ordem em vez de ser, como supremamente lhe competia, a depositária das doutrinas sagradas da Gnoze e da Kabbalah nas suas transmissões templária e rosicruciana, ficou numa simples carbonária ritual. (1)

Excertos do prefácio de Fernando Pessoa ao livro de Eliezer Kameneski, a «Alma Errante», publicado em 1932:

(...) E, do mesmo modo, na mais alta poesia inglesa a inspiração sobreleva á construção. Continúa a técnica de apalhões: nêsse nível, porém, tocam nos astros. Onde, por desvio e excepção, a construção suba, como em Milton, desde logo a subtileza e a eteridade descem. O Ariel do pagão Shakespeare, não sendo mais que um elemental do Ar, é todavia mais angélico que os anjos do cristão Milton — anjos da Cabala ou da Rosea Cruz, ou, pelo menos, da Rosea Cruz como Fludd a entendeu.

Esta existência necessária, nos povos, de elementos opostos, e porisso complementares e equilibrantes, manifesta-se, em geral, através de indivíduos diferentes. Quer dizer: não é no mesmo indivíduo que normalmente coincidem os dois elementos complementares; aparece um em certos indivíduos, outro em outros. O equilíbrio dá-se na raça ou no povo em conjunto, não nos indivíduos separadamente.

Algumas vezes, é certo, essa dupla mentalidade da raça se reflecte, ou parece reflectir, no mesmo indivíduo. Tal foi, talvez, o caso de Shakespeare — burguês banal, dirigindo atiladamente o seu teatro, emprestando dinheiro a juros a seus conterrâneos, e, no mesmo tempo, escrevendo *A Tormenta*, que, para tudo ter de etéreo e inspirado, é até simbólica e profética. Mas nem o caso de se citar Shakespeare quer dizer que a coexistencia individual dos elementos opostos se dê sómente em altos espíritos, nem o apontamos senão como a excepção, e para acentuar a regra. É na raça ou nação, repita-se, que o equilíbrio essencial se dá.

(1) Fragmento redigido aquando da polémica, em 1935, sobre as Sociedades Secretas.

Isto vem, primeiro, para o fim geral de se compreender que, se nos aparecer um indivíduo com característicos opostos aos que são vulgarmente distintivos da sua raça, não é lícito que duvidemos que êle pertença a essa raça, ou que seja sincero na apresentação desses característicos: êle poderá ser tansómente um depositário dos característicos complementares da raça a que pertence. Isto vem, depois, para o fim particular de se compreender que, sendo a raça judaica universalmente conhecida pela sua fechada e cautelosa materialidade, não havemos necessariamente de desconfiar da sinceridade de um judeu que se nos apresenta como um romantico e um idealista. E, para o caso das composições de Eliezer — porque é delas, afinal, que se trata —, êste ponto da sinceridade é importante: sem ela, como veremos, elas nada seriam.

O povo judeu é essencialmente, e no sentido filosofico da palavra, um povo materialista. E, como é essencialmente um povo materialista, é materialista na sua materialidade e materialista na sua idealidade. Da sua materilidade não ha que falar, pois todos falam dela e não é dela que aqui se trata. É à-cerca da sua idealidade que convém e cabe a explicação.

A idealidade judaica manifesta-se de três fórmias diferentes, todas eivadas do materialismo central da raça, ritmo do pêndulo da vida que a anima. A primeira fórmula é o seu patriotismo tradicionalista; e o patriotismo tradicionalista, seja de que nação fôr, é o modo mais material do sentimento da pátria ou da raça. A segunda fórmula é a especulação cabalística, em que, embora se pretenda subtilizar, por interpretações de três ordens, o conteúdo do Pentateuco, e de mais que o Pentateuco, nunca se atinge uma vera abstração ou uma espiritualidade verdadeira: material, considerando o que pretende ser, é ainda o Nome Inefável, materiais os Sephiroth, os Arcanjos, os Anjos e as Esferas Celestes, através de quem vem até nós a Sua emanção. A terceira fórmula — não mais recente, mas mais recentemente sensível — é o idealismo social em todos os seus modos, desde o equalitarismo até ao naturismo; e essa é material por sua mesma natureza.

São estas as três fórmias da idealidade judaica, e, embora todas manifestem o materialismo central da raça, não são materiais em seus

intuitos; não ha porisso que duvidar da sinceridade daquêles judeus em quem as vemos. Do tradicionalismo racico, é certo, ninguém duvida ou duvidou; aliás, os antisemitas não têm nem tiveram senão vantagem em acentuá-lo. As outras duas fórmias têm sido diversamente consideradas pelos inimigos dos judeus: a primeira como sincera na origem mas não em certos modos do seu uso, a segunda como insincera; e como ambas elas servindo — uma por utilização, outra por invenção — para desintegrar e dissolver a civilização cristã, em a qual os judeus adversariamente vivem.

Acusam os cabalistas, de cuja sinceridade original se não duvida, de, primeiro, através da Rósea Cruz, terem creado a Maçonaria, Ordem supostamente anti-cristã, e de, mais tarde, por diversas vias, se terem infiltrado nela, para, presumivelmente, contrariar e vencer as expansões cristã e templaria que se manifestaram, depois da Oração de Ramsay, na criação dos Altos Graus e sobretudo da *Stricta Observancia* de von Hund ou dos seus Superiores Incognitos. Acusam os idealistas sociais de, por meio de doutrinas equalitárias, para tal fim inventadas, pretenderem mergulhar, e de facto estarem mergulhando, a sociedade aristocratica que é a de Europa na decadencia e na anarquia, para, evidentemente, sobre os escombros construir o Reino e o Reinado de Israel. E acusam a Maçonaria de ter provocado a Revolução Francesa e os judeus de terem provocado a Revolução Russa.

Antes de mais, entendamo-nos bem sobre qual é a matéria de que se está tratando. Trata-se do idealismo judaico e da sua sinceridade ou não sinceridade; não se trata da acção política dos judeus. Essa é evidente e natural; tem-se aproveitado, não só da Maçonaria e da ideologia equalitaria, mas de tudo quanto, de origem judaica ou não judaica, possa de facto, devidamente utilizado, servir para dissolver a civilização tradicional, greco-romana e cristã, da Europa e do mundo europeizado. E legitimamente se tem aproveitado, pois aos judeus assistem os mesmos direitos que aos outros povos: o direito de defeza e o direito de império — o primeiro em absoluto, o segundo se o concedermos aos outros. Nem foram os judeus, ou a Maçonaria, ou qualquer outra força estranha, que provocou, ou poderia provocar, a Revolução Francesa. As revoluções são provocadas pelo Poder tira-

nico que as torna, passado certo ponto, inevitáveis. Foi a tirania do Antigo Regimen que fez a Revolução Francesa. Foi a tirania do Czarismo que fez a Revolução Russa. As fôrças estranhas não fizeram mais que aproveitar-se, conforme puderam, da matéria social incoordenada em que as tiranias, depois das revoluções que provocaram, deixaram os povos que regiam.

O problema das origens da Maçonaria, e sobretudo do Grau de Mestre, que é o seu fulcro, é confuso e obscuro ao ultimo ponto: ninguém, fóra ou dentro da Ordem, se póde orgulhar de ter achado para ele uma solução, simples ou composta, que satisfaça senão a quem a deu. Uma coisa, porém, se póde afirmar: a Maçonaria não é uma Ordem judaica, e o conteúdo dos graus fundamentais, que vulgarmente chamam simbólicos, não é judaico em espirito, mas só em figura. Se se quizer dar um nome de origem à Maçonaria, o mais que poderá dizer-se é que ela é, quanto à composição dos graus simbólicos, plausivelmente um produto do protestantismo liberal, e, quanto à redacção dêles, certamente um produto do século dezoito inglês, em toda a sua chateza e banalidade. O quadro judaico dos três graus e o cenário judaico do drama do Terceiro podem ser considerados naturais em uma terra e um tempo protestantes. O protestantismo foi, precisamente, a emergencia, a-dentro da religião cristã, dos elementos judaicos, em desproveito dos greco-romanos; porisso se serviu ele sempre abundantemente de citações, tipos e figuras extraídos do Velho Testamento. Ninguém crê, porém, ou diz que a Reforma, pense-se dela o que se pensar, fôsse um movimento judaico.

À parte isto, os dois primeiros graus maçonicos, menos simbolicos que emblemáticos, não conduzem definitivamente a coisa nenhuma; e o grande mistério do Grau de Mestre — que é, por issim dizer, a Rosa de toda a Cruz maçônica — é um símbolo vital mas abstracto, que cada qual póde interpretar no sentido que entender. E assim de facto se tem interpretado — a êle e à parte simbolica dos outros dois — através do vasto esquêma divagativo dos Altos Graus e dos Graus Velados — este, aliás, já fóra e além da Maçonaria. Tudo, desde o catolicismo ao ateísmo, se tem reflectido nêsses graus interpretativos. Se ha Altos Graus que são nitida e materialmente cabalísticos, e até anti-cristãos, tambem os ha que são espirituais ou cris-

tãos, desde o sobregrau do Sacro Rial Arco até àquele grau criptico em que Hiram é erguido como Cristo. Sucede, até, que o mesmo grau do mesmo rito póde ter conteúdos diferentes sob diferentes Obediencias: assim é que o Grau 18, propriamente Príncipe Rosa-Cruz, do Rito Escocês é «filosofico» na America (depois da revisão de Pike), menos talvês que «filosofico» na Maçonaria francêsa e sua congêneres, mas plenamente cristão (como aliás não poderia deixar de ser) sob as Magnas Obediencias britanicas. Em resumo, nada e tudo se tem reflectido na Maçonaria: nada nos graus simbolicos, que de per si não explicam; tudo nos Altos Graus e nos Graus Velados, onde cada fabricante de ritos, de católico a ateu, deixou o rastro dos seus preconceitos e das suas preocupações. Mais em resumo ainda: a Maçonaria é, nas suas bases, insuficientemente dogmatica e definida para que do seu conteúdo se possa afirmar isto ou aquilo, judaismo ou outra coisa qualquer.

A presença de elementos cabalísticos nos graus simbolicos, afirmada por alguns com vislumbres de razão, tambem não prova a origem judaica da Maçonaria. Quando a Maçonaria emergiu e se constituiu declaradamente, em seus graus fundamentais, já de ha muito a Cabala tinha intérpretes não-judeus e por êsses fóra cristianizada, para o que, aliás, eminentemente se prestava. A presença de elementos cabalísticos na Maçonaria não prova, pois, uma origem judaica. De resto, êsses elementos cabalísticos resumem-se em dois — o sentido simbolico do Templo de Salomão, e a Palavra Perdida. O sentido simbolico do Primeiro Templo, póde ser, na Maçonaria, de origem templaria, e portanto cristã, pois a Ordem do Templo era-o «do Templo de Salomão», e não se sabem ao certo os pormenores da iniciação secreta nessa Ordem. Quanto à Palavra Perdida do Grau de Mestre, se de facto lembra o Nome Perdido do cabalismo judaico, não é necessariamente da mesma natureza. Sabe-se em que consiste a essencia do Nome Perdido dos cabalistas; não se sabe que espécie de Palavra é que o Mestre morreu para não revelar. A maior autoridade maçônica de hoje interpreta a Palavra Perdida de um modo nitidamente não-judaico: *Verbum Christus est*, diz.

O que acaba de dizer-se da Maçonaria, com mais forte razão se pode dizer dos Rosicrúcios, que, misturados com ela na antecâmara da sua vida emblemática, bem pode ser que a houvessem fun-

dado, ou contribuído para a sua fundação, como sistema especulativo. A grande Fraternidade é cristã no seu nome, cristã nos seus dois Magnos Símbolos, cristã e católica (embora não-romana) nas suas dedicações. Os Rosicrucios eram, é certo, cabalistas, como eram, em dois sentidos, alquimistas; mas eram cabalistas cristãos, como eram (sobretudo) alquimistas espirituais. Como vários outros, aproveitaram-se da Cabala e lhe deram um sentido e um complemento cristãos; por isso com mais razão se poderiam queixar os judeus de que os Irmãos se haviam servido da Cabala para fins anti-judaicos, do que os cristãos de que eles tinham introduzido a Cabala na substância do cristismo, onde, aliás, desde o Quarto Evangelho, já toda a alma dela existia. Acresce, quanto á Rosea Cruz, que os grandes expositores dela, desde antes do seu aparecimento até nossos dias, tem sido declaradamente místicos cristãos, e, ainda, que o voto de castidade absoluta, a que (por motivos que nada tem com virtude) a Fraternidade obrigava o candidato, é a coisa menos judaica, embora «cabalística», que se pôde conceber.

Quanto ao idealismo social — isto é, aquêles princípios de radicalismo social que habitualmente se manifestam pelo lema «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» do místico cristão Saint-Martin —, êle não é só judaico, nem, nas suas origens europeias, precisou do judaísmo para nascer. O radicalismo social europeu nasceu, como doutrina, de remotas especulações gregas, transmitidas e reforçadas pelas especulações (tam frequêntemente anti-monárquicas) dos escolásticos; nasceu, como facto, da normal reacção humana contra as várias tiranias de Europa, auxiliada espiritualmente pelos princípios sociais cristãos, tais como os Evangelhos os revelam. As doutrinas do Cristo, se as não interpretarmos mística ou simbólicamente, são plenamente anarquistas. Assim, o radicalismo social só pode dizer-se judeu no sentido em que o cristianismo é judeu. (continua).



54A-75 (dt)

Oc. (FM)

The most plausible hypothesis is a syncretic or eclectic one — that the Order was gradually built up out of elements derived

from several hidden sources, these being fitted together or superposed with more or less skill or understanding by several generations of redactors or adapters.

There can, I think, be little doubt that the primary constitutive element, in Freemasonry proper, was the operative one, but Freemasonry only became its own beginning, as such, when that element was somehow rationalized or made speculative, and it seems probable that this arose out of Rosicrucian speculation made by men who were not Rosicrucians in the sense of belonging to that Fraternity, but self-constituted students in group of the presumable tenets of it. This elaboration seems clear in the rituals of the two first Degrees, the operative element being clearer, more to the fore, in the First Degree, the speculative, as such, clearer, more to the fore, in the second. But there is an intermingling of both in either degree.

It is not improbable that a speculative spirit, a spirit of symbolism and its interpretation, was active everywhere and in many ways during the Middle Age and its sequence, and this would tend to rationalize or mysticize the purely operative spirit. It worked, perhaps, on several occasions and on different levels, leavening the operative element in one way in a certain place, leavening it in another way in another place. It is not unthinkable that certain traces of one such element are to be found in the first two degrees, that other traces, comparable with some vague indications to be found among the legend of the Children of Solomon in the Compagnonnage, are to be discovered in the Third Degree.

In the Third Degree, however, there is a superadded element of Kabbalism, as if the Hiramite Legend were adapted, by a certain rearrangement, into a Kabbalistic purpose. This is a third element certainly to be reckoned with.

Apart, too, from: the indirect Rosicrucian elements which show up in the first two degrees in the way just mentioned, there seems to be a second, more intimate, Rosicrucian element showing in certain High Grades and particularly so in those which bear the name Rose-Croix.

This is, properly, no longer Kabbalism, or even Christian Kabbalism, but Christian mysticism. It is symbolism of another type and degree.

Where Kabbalism can more certainly be presumed is in the Royal Arch, and it could certainly be equally presumed of the Master Grade, of which the Royal Arch is the development on certain lines. The point has been rightly put that the reference to Ancestors in the R. A. and those to Ancient Brethren in the Craft System are connected. The Craft reference is, however, less marked than the R. A. one, and the Ancient Brethren may stand at no more value than the «time immemorial» of the same ritual level, or any like phrase connecting with what may be a purely symbolic past.

So it seems that Freemasonry was slowly built up out of many Secret Orders and speculations: it certainly connects, at one point or another, with them all, severally or jointly; but it is equally certainly an obliteration of what it receives, and the light shown is indeed darkness visible.

It is sometimes spoken of the Kabbalah as if it were the only system of intellectual mysticism, or, otherwise, the most perfect or most beautiful of all. This is an error. The occult tradition has many forms, the Kabbalah being but one of them. It is possible that all derives from one central occult tradition; but each form is different in its aspects and in its direct interpretations or implicits. There is no definite assurance that Rosicrucianism is Kabbalistic except in its derived and exoteric state: that Fludd is a Kabbalist cannot be doubted; but that the Fama or the Confessio express or imply Kabbalism can certainly be doubted.

There are thus two Rosicrucianisms, and it is difficult to say whether they be the esoteric and exoteric side of the same theme, or whether they are two wholly different types of mysticism or symbolism, working under the same name, whether this be proper only to one and assumed by the other, or in some manner proper to both.

Really, there are three Rosicrucianisms: that shown by the Fama and the Confessio; that shown by Fludd and the Christian or semi-Christian Kabbalists, and that shown (presumably) by Bacon and the like workers in the exoteric. Freemasonry shows traces of the three types. The opening of the tomb of CRC and the finding of that of the Master are in some way analogous.

(Td)

Oc. (FM)

A hipótese mais plausível é uma sincrética ou eclética — a Ordem foi gradualmente construída de elementos derivados de várias fontes escondidas, que foram encaixadas ou sobrepostas, com mais ou menos habilidade ou entendimento, por várias gerações de redatores ou seguidores.

Há poucas dúvidas, penso eu, quanto a ter sido, na Franco-Maçonaria, o elemento primário constitutivo, em si mesmo, o operativo, mas a Franco-Maçonaria só começou o seu caminho, como tal, quando esse elemento foi, de certo modo, racionalizado ou tornado especulativo e parece provável que isto brotou da especulação Rosicruciana feita por homens que não eram Rosicrucianos, no sentido de pertencerem a esta Fraternidade, mas estudantes em grupos autoconstituídos à volta dos seus presumíveis princípios. Esta elaboração aparece clara nos rituais dos dois primeiros Graus, sendo o elemento operativo mais claro, mais visível, no 1.º Grau, o especulativo, como tal, mais claro e mais visível, no segundo. Mas há uma mistura de ambos em qualquer dos graus.

Não é improvável que um espírito especulativo, um espírito de simbolismo e da sua interpretação, estivesse activo por toda a parte e de vários modos durante e após a Idade Média tendendo a racionalizar ou misticizar o espírito puramente operativo. Actuou, talvez, em diversas ocasiões e em diferentes níveis, fermentando, de um certo modo, o elemento operativo num sítio, fermentando-o noutra local de modo diferente. Não é impossível que certos vestígios de um tal elemento se encontrem nos dois primeiros graus e que se possam descobrir outros traços no Terceiro Grau, comparáveis a algumas indicações vagas existentes na legenda dos Filhos de Salomão, da Compagnonnage.

No Terceiro Grau, contudo, é acrescentado um elemento do Kabbalismo, como se a Legenda Hirâmica fosse adaptada para um propósito Kabbalístico através de um certo rearranjo. Isto é, sem dúvida, um terceiro elemento a ter em conta.

Também, à parte dos elementos Rosicrucianos indirectos que se mostram nos dois primeiros graus no modo mencionado, parece haver um segundo elemento Rosicruciano mais íntimo, mostrando-se em certos Altos Graus, particularmente nos que têm o nome Rosa-Cruz.

Isto já não é mais, propriamente, Kabbalismo, ou mesmo Kabbalismo Cristão, mas misticismo Cristão. É simbolismo de outro tipo e grau.

Onde se pode presumir mais certamente de Kabbalismo é no Arco Real e, certamente, poder-se-ia também presumir do Grau de Mestre, do qual o Arco Real é o desenvolvimento em certas linhas. Tem sido correctamente realçado que a referência aos Antepassados no Real Arco e aos Irmãos Antigos no Sistema Operativo estão ligadas. A referência Operativa é, contudo, menos marcada do que a do Real Arco, e os Irmãos Antigos podem não ter mais valor que o «tempo imemorial» do mesmo nível do ritual, ou qualquer outra frase ligando com o que pode ser apenas um passado puramente simbólico.

Parece, assim, que a Franco-Maçonaria se construiu lentamente a partir de muitas especulações e Ordens Secretas: ligando-se, certamente, num ponto ou noutro, com todas elas, em separado ou conjuntamente; mas é, de facto, igualmente uma obliteração do que recebe, e a luz mostrada é, sem dúvida, uma treva visível.

Fala-se, por vezes, da Kabbala como se fosse o único sistema de misticismo intelectual, ou então, o mais perfeito ou o mais belo de todos. Isto é um erro. A tradição oculta tem várias formas, sendo uma delas a Kabbala. É possível que todas derivem duma tradição central oculta, mas cada forma é diferente nos seus aspectos e nas interpretações ou implicações directas. Não há uma certeza definitiva que o Rosicrucianismo seja Kabbalístico, excepto no seu aspecto derivado e exotérico: que Fludd é um Kabbalista não pode ser posto em dúvida, mas que a «Fama» ou a «Confessio» expressem ou impliquem Kabbalismo é o que pode ser posto em causa.

Há, assim, dois Rosicrucianismos, e é difícil dizer se são o lado esotérico e exotérico do mesmo tema, ou se são dois tipos completamente diferentes de misticismo ou simbolismo, trabalhando debaixo do mesmo nome, quer isto seja propriamente dum só, e assumido pelo outro, ou, de certo modo, próprio a ambos.

Na realidade, há três Rosicrucianismos: o mostrado pela «Fama» e a «Confessio»; o mostrado por Fludd e pelos Kabbalistas Cristãos ou semi-Cristãos, e o mostrado (presumivelmente) por Bacon e os que trabalhavam de igual modo no exotérico. A Franco-Maçonaria mostra traços dos três tipos. A abertura do túmulo de Christian Rosenkreutz e o encontrar do que é do Mestre são, de certo modo, análogos.



53B-40

RC.

It is possible, even probable, that in the three circles of the Fraternity, the third or outmost one was divided into two parts or half-circles—the right hand one from which outward Rosicrucianism issued, the left-hand one from which Freemasonry arose.

Right — Jugum jugum legis (H. R. A.) ⁽¹⁾

Left — Nequaquam vacuum (Craft — Bacon and Nature)

Second Circle — Libertas Evangelii. [Waite]

First circle — Dei Gloria Intacta.

But neither is outer Rosicrucianism such as contained in the HRA, or in the seventeenth Century order, real Rosicrucianism, nor is FM Rosicrucian at all.

(The same may have applied to the second circle — such as Fludd being on the right, such as Shakespeare (see portrait) on the left — Or it may be that the second circle was «left» in respect of the first.) Ex

(td)

RC

É possível, mesmo provável, que nos três círculos da Fraternidade, o terceiro ou o mais exterior fosse dividido em duas partes

(1) Hidden Rite Ancien, o Antigo Rito Escondido.

ou semi-círculos — o da mão direita, do qual saiu o Rosicrucianismo exterior, o da mão esquerda, do qual nasceu a Franco-Maçonaria.

Direita — o jugo da lei (H. R. A.)

Esquerda — o vazio não existe (Operativo — Bacon e Natureza)

Segundo Círculo — Liberdade do Evangelho. (Waite)

Primeiro Círculo — A glória Intacta de Deus. (1)

Mas nem é Rosicrucianismo externo tal o que está contido na H. R. A., ou na ordem do século XVII, verdadeiro Rosicrucianismo, nem é, de forma alguma, Rosicruciana a Franco-Maçonaria. (O mesmo pode aplicar-se ao segundo círculo — tal como Fludd estando no direito, e Shakespeare [ver retrato] no esquerdo. Ou pode ser que o segundo círculo fosse «esquerdo» em relação ao primeiro) Ex.



54A-66 (dct)

Oc.

The probability is that the Rosicrucian Fraternity was really a triple sodality: above, in the hiddenness, and communicating with the middle part by a method perhaps not visible or tangible, the Secret Chiefs or Unknown Superiors, the Inner Circle in more senses than one; then, as a Second Circle, the emitters, under secret influence or inspiration, of the strange texts or documents on which the suggestion of the Fraternity was carried through Europe; lastly, those who, like Flood, at least in his first stage, studied the documents, took their beckoning and lesson to study others, and thus became the philosophers (rather than the suggestors or «poets») of the movement, the Outer Circle thereof. When, later, Rosicrucianism appeared as an Order, the threefold natural division was reflected,

As frases latinas estavam contidas na «Fama», e transcrevemo-las, enquadradas no texto original Rosa Cruz no fim do capítulo.

both naturally and artificially in it — for, after all, a distinct degree, and a definite ritual are artifices. It is curious to note the designations of the degrees in the three stages of the Order, from Philosophus, in which the Lower Stage culminates, through Adeptus, common to the three Middle Grades, to such transcendent degrees as those named Master of the Temple or Magus, or the unattainable degree beyond them.

The very name Philosophus, highest in the Lower Stage, contains something of the meaning of what has just been said as to the character of the *natural* Lower Branch of the sodality. The Philosophus rises (through the Vault or Subgrade) to contact with the Unknown Superiors and it is then that, like the human founders of the Rosicrucian Fraternity or Flood in his later period, in which became like them, he becomes an Adept.

54A-66 (Td)

Oc.

A probabilidade é que a Fraternidade Rosicruciana fosse realmente uma tripla sodalidade: em cima, ocultamente, e talvez comunicando com a parte média por um método não tangível nem visível, os Chefes Secretos ou Superiores Incógnitos, o Círculo interior em mais do que um sentido; depois, como um segundo círculo, os emissores, debaixo da influência secreta ou inspiração, dos textos ou documentos estranhos, nos quais a sugestão da Fraternidade era levada através da Europa; por fim, aqueles que, como Flood, pelo menos no seu 1.º estágio, estudaram os documentos e recolheram deles o apelo e a lição de estudarem outros, e assim tornaram-se os filósofos (em vez dos suggestionadores ou «poetas») do movimento, o Círculo Externo dele. Quando, mais tarde, o Rosicrucianismo apareceu como uma Ordem, a tripla divisão natural reflectiu-se nela, tanto natural como artificialmente — pois, no fim de contas, um grau distinto e um ritual definido são artificios. É curioso notar as designações dos graus nos três estados da Ordem, a partir do Filósofo, em que culmina o Estágio Inferior, através do Adepto, comum aos três graus Media-

nos, até a graus tão transcendentales como os denominados Mestre do Templo ou Mago, ou o grau inatingível que está para além deles.

O próprio nome Filósofo, o mais alto no Estágio Inferior, contém algo do sentido do que se acabou de falar quanto ao carácter do Ramo Inferior *natural* da sodalidade. O Filósofo eleva-se (através da Cripta ou subgrau) para contactar os Superiores Incógnitos, e é então que, como os fundadores humanos da Fraternidade Rosicruciana ou como Flood no seu último período, na qual se tornou como eles, se torna Adepto.

53B-41 (m)

The Rosicrucians had no rites or rituals, meaning, not the later Order, but the Fraternity itself.

They had likewise no degrees. They had indeed three «circles», but these have no analogy with what we properly call degrees. The word degree — which means a step — implies the possibility of passing from one to the next, and so on. The Rosicrucian circles were a different thing. They were three — an inner, an outer (middle) and an external circle. The candidate, according to his natural preparation and «possibilities» in this life, was admitted to one of the three, even to the highest if worthy, and never moved out of it (in that incarnation).

Of the inner circle — the true Rosicrucians — nothing is known, or, otherwise, has really transpired. Of the middle circle we know of such as Flood, and from that circle came, later on, the eighteenth century Order, ritual and, one time, Masonic. But of the external circle came Freemasonry, properly such.

Within each circle there was of course progress, but progress as we all make in knowledge in the course of our lives — the grades are inner grades, unseparated or undistinguished by definite transition.

Of course there were, and are, really external grades, in the Order of which emerged from the Middle Circle, as there are grades in Masonry, which issued from the Outer one. But these are shows and forms, necessary in many cases, but not of the essence of the

Circles. And in the high and veridic circle there is no outward show of the kind.

Apart from this, we all know that, even where there are visible grades, no conformity exists between the initiatory knowledge of the various order they are of and the hierarchy of the grades themselves. The fact that a man has the 33d degree of the Scottish Rite does not make him, in his veridic life as a Mason, a higher initiate in the life of the Order than one who has gone no further than, say, the 18th. The inner and the outer initiation, in any order whatever, coincide only when the initiate is of the earth, earthy.

(Td)

Os Rosicrucianos não tinham ritos nem rituais, no sentido, não da ordem posterior, mas da própria Fraternidade.

Do mesmo modo, não tinham graus. Sem dúvida tinham três círculos, mas que não tem qualquer analogia com o que chamamos propriamente graus. A palavra grau — que significa um degrau — implica a possibilidade de passar-se de um para outro, e assim sucessivamente. Os círculos Rosicrucianos eram uma coisa diferente. Eram três — um interior, um de fora (meio) e um círculo externo. O Candidato, de acordo com as suas possibilidades e preparação natural desta vida, era admitido a um dos três, mesmo ao mais elevado se o merecesse, e nunca mais saía dele (nesta incarnation).

Do círculo interno — os verdadeiros Rosicrucianos — nada se sabe, ou, de outra forma, realmente transpirou. Do círculo médio sabemos daqueles como Flood, e deste círculo veio mais tarde a Ordem e ritual do século XVIII, e, a certa altura, Maçonica. Mas do círculo externo veio a Franco-Maçonaria, propriamente dita.

Dentro de cada círculo havia, é claro, progresso, mas progresso como todos nós fazemos no conhecimento durante as nossas vidas — os graus são graus internos, inseparáveis ou indistinguíveis por transições definidas.

É claro que houve, e há, verdadeiros graus externos na Ordem que emergiu do Círculo do Meio, como há graus na Maçonaria que provieram do círculo exterior. Mas estes são espectáculos e formas,

necessários em muitos casos, mas não da essência dos círculos. E no círculo verídico e alto não há espectáculos exteriores do género.

A parte disto, todos sabemos que, mesmo onde há graus visíveis, não existe conformidade entre o conhecimento iniciático das várias ordens em que estão e a hierarquia dos próprios graus. O facto de um homem ter o 33.º grau do Rito Escocês não o torna, na sua vida verídica como maçã, um iniciado mais elevado na vida da Ordem do que um que não foi além, digamos, do 18.º. A iniciação interior e a exterior, em qualquer ordem que seja, coincidem apenas quando o iniciado é da terra, terrestre.

54A-33 (m)

Os Classicos do Hermetismo.

1. O Pimandro de Hermes Trismegista.
2. A «Fama Fraternitatis»...
3. Os «Versos de Ouro de Pythagoras».
4. A parte interpretativa do livro de Kircher. (T. M.)
- 5.



54A-10 (dct)

The Way of the Serpent.

Só o contacto com qualquer coisa do Vertice, isto é, da Unidade, dá o poder completo, ou alguma cousa completa no poder, sobre nós e as cousas. Nos graus intermedios a força é muitas vezes confusão, e o conhecimento vertigem. É por vezes imprudente aventurar-se o espirito feliz em caminhos para que não tem bussola. Assim é que, sendo Lytton sem duvida um conhecedor de grandes segredos da ordem menor, isso o não privou de ser um pessimo escriptor; não houve magia que o fizesse mestre do proprio equilibrio e dono da sua personalidade. Com ser iniciado, qualquer que fôsse o modo, em

alguns dos mysterios do proprio Segundo Limiar, não conseguiu Robert Flood ser senão um expositor confuso e indigesto. Esta fallencia do dominio esthetico e superior — e a esthetica é a saliencia da figuração divina, pois a belleza é a fôrma Divina na materia — encontra-se frequentemente em homens que são innegavelmente versados nos mysterios do mundo magico.

Certo que estas considerações podem ser tomadas ao contrário: ha certas disposições intimas e proprias, que fazem com que o individuo seja chamado, e assim elle recebe o que nasceu para merecer. Por isto foi que Shakespeare, desde que a Grande Fraternidade o chamou a si sem lhe fallar, pôde adquirir aquelle commando de sua propria alma que o ergueu, como expressor, acima de todos os poetas do mundo; por isso é que este homem que não buscou, senão com a substancia intima do seu ser, entrou em mais intima (embora inconsciente) posse dos Segredos Maiores de que o buscador Flood ou o maçã Bacon.

Na «Tormenta» estão dados mais intimos mysterios que em todo Flood, e estão dados em belleza, porque teem o signal de Deus na Materia, que é essa mesma belleza.

54A-58 *Essay on Initiation*

The difficulties of the subject are many. We can never be sure whether we are reading a work which is worth reading or the rant of one who knows something. It is not the case of catching an «occult» writer in flagrant nonsense in something we know; that is insufficient. His knowledge may be weak in that point and strong in another. If we are astrologers and read a book dealing, among other things, with alchemy and astrology and find, by the light of our knowledge, that the astrological part is nonsense, we need not hurry to presume that the alchemical part (in which we are unversed) is equally wrong. The fact that a newspaper publishes false news on something we have witnessed or know of will naturally lead us to doubt its news on any other subject. This need not be so.

The fact that a man is a charlatan is not sufficient to prove that he always writes like a charlatan, any more than fact that Words-

worth often wrote so wretchedly is proof that he is a wretched poet. A charlatan need not be a charlatan in everything or always a charlatan; a charlatan may be inspired.

Even the writing of conscious, deliberate nonsense does not necessarily mean that real nonsense results. The old tag about many a true word being often spoken in jest is here applicable. It is on record that John Valentine Andrea wrote, when only 16 or 17, the *Chemical Nuptials of Christian Rosenkreutz* as a jest. It is hard to dispute that he did write the book. Yet the book, written at that age, and (if we believe his words, and there is no reason not to believe them) in jest, is a great symbolical story, valid in itself. I have known a person blurt out a wrong date — year, month, day, everything wrong — as his birthdate, yet the horoscope erected for that date coincide in the main points, even in directions, with the true one.

(Td)

Ensaio sobre a Iniciação

São muitas as dificuldades do assunto. Nunca podemos estar certos se estamos a ler uma obra que merece ser lida ou se os disparates de quem sabe um pouco. Não se trata de apanharmos um escritor ocultista em flagrante erro sobre algo que conhecemos; isso não é suficiente. O seu conhecimento pode ser fraco nesse ponto e forte noutra. Se somos astrólogos e lemos um livro que trate, entre outras coisas, de alquimia e astrologia e encontrarmos, à luz do nosso conhecimento, que a parte astrológica está errada, não devemos apressar-nos a presumir que a parte alquímica (na qual não somos versados) está igualmente errada. O facto de um jornal publicar sobre certos assuntos, que presenciámos ou conhecemos, notícias falsas levar-nos-á, naturalmente, a duvidar das notícias dele sobre qualquer outro assunto. Isto não tem de ser assim.

O facto de que um homem é um charlatão não é suficiente para provar que ele escreve sempre como um charlatão, como o facto de Wordsworth ter escrito frequentemente mal, prova que é um mau poeta. Um charlatão não precisa de o ser em tudo, um charlatão pode ser inspirado.

Mesmo o escrever deliberada e conscientemente coisas absurdas não implica necessariamente que resultem verdadeiros absurdos. O velho ditado de que muitas palavras verdadeiras são frequentemente ditas de brincadeira aplica-se aqui. Registe-se que João Valentino Andrea escreveu, quando tinha apenas 16 ou 17 anos, as «Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz», como uma brincadeira. É difícil negar-se-lhe a escrita do livro. Contudo, o livro escrito nesta idade, e (se acreditarmos nas suas palavras, e não há razão para que não acreditemos nelas) de brincadeira, é uma grande história simbólica, válida em si própria. Conheci uma pessoa que disse abruptamente uma data errada — ano, mês, dia, tudo errado — como o seu dia de anos, contudo, o horóscopo levantado para essa data coincide nos pontos principais, mesmo em direcções, com o verdadeiro.



54A-59 (dt)

Essay on Initiation

Not only, however, can inspiration, or what is so called, operate with a conscious medium — meaning one who knows that he is writing something which he is normally incompetent to write, not only can it operate with an unconscious medium — meaning one who writes something he neither can write nor understands after it is written, whether because he writes in trance or in direct mediumship, but inspiration can operate with a wrongly conscious medium, that is to say, with one who supposes he is writing something whereas he is really writing something else, or who supposed he is writing something with one meaning and the thing written is found to have more than one. This is probably the reason why deep meanings emerge so easily from fables, even those of uncultured peoples; why the work of great poets reveals such understandings that we cannot conceive the poet to have been conscious of them; why works written for children turn out to elaborate things out of the Kabbala or other hidden knowledge, why purposed jokes turn out to have a terribly serious meaning.

No case is as curious, perhaps, and in part because it is an extreme case, than that of the authorship and manner of authorship of *The Chemical Nuptials of Christian Rosencreutz*. All evidence, little though it be; points to this work having been written by John Valentine Andrea; the book is highly imaginative and Andrea was not. All evidence seems to show that it was written by Andrea when about 17 years of age; and the work is of a kind as to render that normally impossible. All evidence seems to show that it was written as a joke, even a boy's joke; and the work is one of the deepest symbolism. We cannot evade the issue by making Andrea a genius or an initiate. We cannot evade the issue by supposing he stole the work or passed it under his name by the author's order or request (unless this be meant in a certain sense).

Shakespeare's *Caliban* is a manifest satire on modern democracy. It does not seem to be such a satire; it is. Yet Shakespeare did not live in our times, nor was he what is normally called a prophet, meaning currently one.

(Td)

Ensaio sobre a Iniciação

Não só a inspiração, ou o que é assim chamado, pode operar com um medium consciente, ou seja alguém que sabe estar a escrever alguma coisa que normalmente é incapaz de o fazer, não só pode operar com um medium inconsciente — ou seja, alguém que escreve algo que nem pode escrever nem compreender depois de ter escrito, quer porque escreva em transe ou em mediunismo directo, mas a inspiração pode operar com um medium erradamente consciente, ou seja, com alguém que supõe estar a escrever algo quando na realidade está a escrever outra coisa, ou quem supõe estar a escrever com certo sentido e o escrito resulta ter mais de um sentido. Esta é a causa provável de emergirem tão facilmente das fábulas, mesmo de povos incultos, significados profundos; de a obra dos grandes poetas revelar compreensões tais que não podemos conceber que o poeta tenha tido consciência delas; de obras escritas para crianças revelarem-se como elaborações da Kabbala ou de outro conhecimento oculto, de brinca-

deiras propositadas revelarem-se como portadoras de um sentido terrivelmente sério.

Nenhum caso é tão curioso, talvez, e em parte porque é um caso extremo, do que a autoria e a maneira da autoria de «*As Nupcias Químicas*» de Christian Rosenkreutz. Tudo tende a apontar para a obra ter sido escrita por João Valentino Andrea; a obra é altamente imaginativa, e Andrea não o era. Toda a evidência parece mostrar ter sido escrita por Andrea quando tinha cerca de 17 anos, e a obra é de um género tal que normalmente torna isto impossível. Toda a evidência parece mostrar que foi escrita como uma brincadeira, possivelmente uma brincadeira de rapaz, e a obra é uma do mais profundo simbolismo. Não podemos fugir à resolução da questão fazendo de Andrea um génio ou um iniciado. Não podemos evadir-nos da solução supondo que ele roubou a obra ou que a fez passar sob o seu nome, a pedido ou ordem do seu autor (a não ser que isto seja dito num certo sentido).

O *Caliban* de Shakespeare é uma sátira evidente sobre a democracia moderna. Não parece ser uma tal sátira; é. Todavia, Shakespeare não viveu nos nossos tempos, nem era o que se chama normalmente, no significado corrente, um profeta.

De acordo com a nota da página 108, transcrição de «*Fama Fraternis*»:

«Como a nossa porta se abriu após tantos anos, assim se deve abrir uma porta à Europa (quando o muro tiver sido retirado), que se deixa já ver e que é aguardada por muita gente.

De manhã, abrimos a porta e encontramos uma cripta com sete lados e ângulos, cada lado com cinco pés de comprimento e oito pés de altura. Se bem que o Sol jamais a tivesse iluminado, ela brilha, contudo, dum outro sol instruído por ele, e que está ao alto, no CENTRO. No meio, em vez duma pedra tumular, havia um altar circular, coberto duma pequena folha de cobre amarelo, sobre a qual estava esta inscrição:

A. C. R. C. Hoc universi compendium unius mihi sepulchrum feci.

[A. Cristiano Rosa Cruz. Fiz da minha sepultura um compêndio ⁽¹⁾ de todo o Universo].

Primeiro, havia à volta do primeiro círculo:

Jesus mihi omnia. [Jesus é tudo para mim.]

No meio havia quatro figuras fechadas no círculo com as inscrições:

1. Nequaquam Vacuum Não existe o vazio
2. Legis Jugum O jugo da lei
3. Libertas Evangelii A liberdade do Evangelho
4. Dei gloria intacta [A glória intacta de Deus]

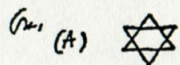
Tudo isto é claro, assim como os sete lados e os dois heptágonos. Então ajoelhámo-nos todos juntos e demos graças ao Deus, único sábio, único Poderoso, único Eterno, que nos tinha ensinado mais coisas que toda a razão humana possa inventar; louvado seja o Seu Nome.»

IV CAPÍTULO

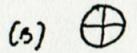


⁽¹⁾ Outra tradução possível, dada por Rijckenborgh, no «Apelo da Fraternidade da Rosa Cruz» é: «Desta síntese do Universo, eu fiz-me, enquanto vivo, um sepulcro.»

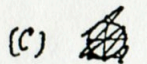
△ ▽ △ ▽
fogo, água ar terra



(A) contém os quatro quatro triângulos (o hexágono)



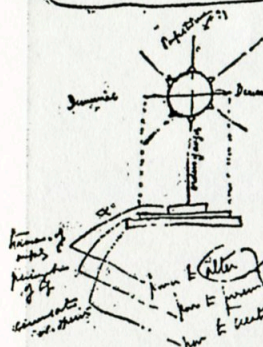
(B) + lingua o yoni



(C) B superimposed on A.

Estes são os símbolos representados
os quatro Actus: Fides, spes, caritas
humana - a? transcendente a
vici, foi a união entre os dois;
Am. NE - a parte da filosofia
NW - a arte.
SE - o amor
SW - o poder

A = os quatro elementos; B = os dois principais geradores.



Rosa da Vida
O que significa o prolongamento dos braços da Cruz?
A parte masculina da Vida, que é a sua
Direcção (a Erecção) prolonga-se para
cima para Deus-Fim, para baixo
para Deus-Origem, e durante a sua
passagem pela Rosa é Deus-Matéria.
Prolonga-se para a direita
(que é o para cima do vertical) para

O traço transversal da Cruz reproduzido em
baixo (α) dá o Poder sobre a Ilusão, porque
na +, | significa Aspiração, e - consequente
a aspiração que transcende a Vida, e
geralmente se transmuta em Vida

O traço grande

144U-18 (m)

fogo água ar terra

- Ora: (A) contém os quatro triângulos (o hexágono)
(B) + lingua yoni
(C) B superimposed on A. (I)

A = os quatro elementos; B = os dois principais geradores.

Rosa da Vida

O que significa o prolongamento dos braços da Cruz?
A parte masculina da Vida, que é a sua Direcção (ou Erecção),
prolonga-se para cima para Deus-Fim, para baixo para Deus-Origem;
e durante a sua passagem pela Rosa é Deus-Matéria. Prolonga-se
para a direita (que é o para cima do vertical) para

O traço transversal da Cruz reproduzido em baixo (α) dá o
Poder (sobre a Ilusão), porque na +, | significa Aspiração, e -
consequente (2)

- Braços da Cruz — Horizontal — Demoniac
— Vertical inferior — Orders of angels
— Vertical superior — Perfected man (?)

Degraus da Cruz — power to create — conversation with spirits
(num sentido — power to preserve — prolongation of life
ascendente) — power to alter — transformation of metals.

Raios da Cruz — Estes raios ou emanções representam as quatro
actividades superiores humanas — as que transcen-
dem a vida fora de um sentido preciso;

assim: NE — a philosophia

Nw — a arte

SE — ()

SW

(¹)

V —

O traço ao alto (= Deus) é o irrealizado. O traço horizontal
(= — — —) que é o mais curto, é o que se realiza.

○ = a illusão = o que limita a Cruz da Verdade.

É o Amor que liga o Poder à Illusão

A Renúncia é o prolongamento Superior da Cruz.

Ad Crucem per Rosam; Ad rosam per crucem — hic est lapis
(hoc lapis est)

1. Ad Crucem per Rosam; ad Rosam per Crucem: hoc lapis' est.
2. Sede in lapide Rosa et in Rosâ Crux.
3. Quum rosea est Crux, rosa crucificata est.
4. Sed in Cruce est Rosa, et in Rosa Crux.
5. Ut sint omnes in omne et omne in omnibus.
6. Quod in lapide est, in Rosa est Crux.
7. Ask me no more: find out: Joseph Balsamo.

(¹) Observar a reprodução do texto em fac-símile.

Voodoo — 3884 is your woman in House of Love and Power
— in Sex, in Somatic Joy. + 3884.

(td)

Braços da cruz — Horizontal — demoníaco

— Vertical inferior — Ordem de Anjos

— Vertical superior — Homem perfeito.

Degraus da Cruz — poder de criar — conversa com espíritos.

poder de preservar — prolongamento da vida.

poder de alterar — transformação de metais.

1. À Cruz pela Rosa; à Rosa pela Cruz: isto é a Pedra.

2. Mas na Pedra a Rosa e na Rosa a Cruz.

3. Quando a Cruz está rósea, a rosa está crucificada.

4. Porque na Cruz está a Rosa, na Rosa a Cruz.

5. Para que todos estejam no Todo, e o todo em todos.

6. Porque está na pedra, na Rosa está a Cruz.

7. Não me pergunte mais: descobre: José Balsamo.

Voodoo — 3884 é a tua mulher na Casa do Amor e Poder — no
sexo, na alegria somática. 3884. (¹)

I44Y-29

RC. page. (²)

377 — intellect and the affections.

10 signs of the Zodiac, these: Balance ceasing to separate Virgo
from Scorpio, These two become one. (refer, passim, to p. 340) (chap.
from. p. 338 onwards).

(¹) Este texto foi escrito, sobretudo a parte final, sob um influxo outro
que o da consciência e escrita normal do poeta. Se foi o famigerado José
Balsamo, outro espírito, ou o mero subconsciente, o leitor que decida...

Refira-se que um dos significados de Voodoo é Serpente...

(²) Comentários ao livro de Hargrave Jennings, «Os Rosicrucianos. Seus
ritos e mistérios».

The curious doctrine (v. Soame Jenyns and page 356) as to some pleasures being possible pains and some pains elsewhere).

Qy. Is the Crucified Rose (p. 358) the Crucified Emotion? As the Rose is Feminine (discus) (I) it may else express Emotion. (But is emotion fem.?)

Cross = mixture of the upright | and the base — (*What, properly is this base?*); Rose on the Cross = then, what?

p. 359 — «ring outside» is this in *the Rose*, or in the emblem like ⊕ in the title page?

p. 366 — extraordinary (read as personal reference).

Are the 7 days of creation, 7 World?

Knowledge is power: This phrase conveys a new theory of the Will.

Alchemy = conversion of all into gold. Fire is golden and is the symbol of Life (true). Why is not then alchemy the conversion of all into *essential life*? — *Mercury into Gold: Intelligence into Gold*.

(Td)

«Os Rosicrucianos». páginas:

377 — intelecto e os afectos.

10 signos do Zodíaco, destes: Balança deixando de separar Virgem de Escorpião, estes dois tornam-se um. (Referências a partir da pág. 338).

A curiosa doutrina (ver Soame Jenyns e a pág. 356) quanto a alguns prazeres serem possíveis dores e algumas dores para além disso).

Questões. (1) É a Rosa crucificada (p. 358) a Emoção Crucificada?

Como a Rosa é Feminina (disco) (I) pode, de outra forma, exprimir Emoção. (Mas a emoção é feminina?) Cruz = mistura do vertical | e da base — (*O que é propriamente esta base?*); Rosa na Cruz = então, o quê?

p. 359 — «anel exterior» é isto na *Rosa* ou no emblema como no título da página?

p. 366 — extraordinário (lido como referência pessoal).
São os sete dias da criação, sete Mundos?

Conhecimento é Poder: esta frase transmite uma nova teoria da *Vontade*.

Alquimia = conversão de tudo em ouro. O fogo é dourado e é o símbolo da Vida (verdadeira). Porque não é então a alquimia a conversão de tudo em *vida essencial*? *Mercúrio em Ouro: Inteligência em Ouro*.



53B-35

Rosicrucian Symbols

The *Rose* is indubitably the *world*, as is seen in the name *Rosamund*, *Rosa mundi*, «the Rose of the world».

The thing *that is crucified* is $\cdot\cdot$ the *visible universe*.

Christ prob. stands for Feeling, the *Redeemer* (Redeemer from the Intellectual dream).

Will is lowest,
Intellect is next,
Imagination.
Feeling is highest,

The levels of the pentagram:

First (and lowest) level:bc (both *b* and *c* create)

2nd (and middle) level:dc

3rd (and highest) level: a

Partial ascents: b to c
e to d

The Inner Pentagram: the five results:—

3. bc da =

1. ab + cd =
2. ab + de =
3. ac + cd =
4. ac + bc =

(Verso)

ab = fall of the angels

ac = » » man

The angels fell through *imagination*, and man through the *will*; the angels would have a reality other than God's, man and action other than the divine one. The acts of imagination in us, whereby we strive to construct dream — worlds and dream realities, to substitute the world reality, are the survival, in us of the rebellion of the angels. (1) Genius is luciferine (in two Senses).

A nossa imaginação condicionada, a nossa vontade serve, são as algemas do nosso estado caído.

Toda a ascensão é através da inteligência — eterno «meio».

Sentimento, a Rosa, crucificada no mundo, isto é I masculino e — feminino princípios.

(Td) (p)

Símbolos Rosacruz

A Rosa é, indubitavelmente, o mundo, como se vê o nome *Rosamund*, Rosa mundi, «a Rosa do mundo».

A coisa que é crucificada é $\bullet\bullet$ o universo visível.

A provação de Cristo corresponde à Emoção, o Redentor (Redentor do Sonho Intelectual).

Vontade é o mais baixo

Intelecto vem em seguida

Imaginação

Sentimento é o mais elevado

Os níveis do pentagrama

Primeiro (e mais baixo) nível: bc (tanto *b* como *c* cream).

Segundo (e meio) nível dc

Terceiro (e mais alto) nível a

Ascensões parciais b para c

e para d

Pentagrama interno: os cinco resultados: —

1. ab + cd = 3 bc + da =
2. ab + de =
3. ac + cd =
4. ac + bc =

Os anjos caíram através da *imaginação*, e o homem através da vontade; os anjos teriam tido uma realidade diferente de Deus, o homem é a acção outra de que a divina — Os actos da imaginação em nós, através dos quais lutamos por construir mundos de sonho e realidades de sonho, por substituir a realidade do mundo, são a sobrevivência em nós da rebelião dos anjos. (1) Génio é luciferino (em dois sentidos).

A nossa imaginação condicionada, a nossa vontade serve, são as algemas do nosso estado caído.

Toda a ascensão é através da Inteligência — eterno «meio».

Sentimento, a Rosa, crucificada no mundo, i. e., princípios, | masculino e — feminino.

54 A-14. (m)

Podem os homens mandar nos deuses? Nos elementos podem com certeza mandar. E nos anjos?

Os Deuses operam por capricho, e da sua acção resulta a desordem e a injustiça do mundo. Os anjos governam a operação das emanações divinas.

Os Deuses não são nem inferiores nem superiores aos anjos: são diferentes, a sua operação é diversa, e diversa, não a sua força, mas a sua espécie de força.

De um lado estão os Anjos, de outro os Deuses, de outros os Elementos. Os primeiros regem o mundo como Deus, os segundos como Realidade, os terceiros de dentro ⁽¹⁾ da composição do mundo.

Os Elementos são povoados por entes de identificação própria, que habitam a composição do mundo.

As várias religiões são vários aspectos da verdade do mundo. Os «mythos» são a figuração symbolica de um ou outro aspecto da verdade do mundo.

+ Symboliza a Luz, porque a Luz é, de si, um symbolo do Divino Irreal, isto é, do Deus Pai e do S. S.

Desde que cahiram no Abysmo de *Fora da Vontade*, passou a haver no mundo 2 princípios — um de Acção ou Bem, outro de Inercia ou Mal, aquelle *Emotivo no mundo; este Inteligente no mundo*.

A *horizontal* é a linha que atravessa a Vontade Divina.

O Crescente é sempre ou assim — ou assim (). Significa a passividade da emoção, essencialmente.



54A-25 (m)

Em Adão, o homem e a Mulher separaram-se. (Q). Em X^{to} reuniram-se (a ponto que a 2.^a pessoa, *manifestada*, é feminina).

A Cruz é, sem folhas, a *árvore* do Eden. Dos 2 lados da Cruz reaparecem, por assim dizer, *Abel* e *Cain*.

Queda: emoção e vontade separam-se pela vinda da intelligencia — (Serpente)

⁽¹⁾ V. como Mundo composto.

Concebido em si e concepção não-em-si separam-se.

A percepção (concepção não-em-si) é o *nada* (Emoção) (a mulher, de ahí o usar-se para designar *nada* o symbolo real da mulher).

O Ser (filho) (em si) é essencialmente emoção (= não-ser, que é, demonstravel, como o fez Hegel e o= ∞ se pode provar...)

Como o concebido tem que ser *percebido, sentido*, a essencia do mundo *em nós* é a emoção.

O *Concebido em si* é a *Realidade, qualquer que seja*.

A *Concepção não-em-si* é a concepção que não cria, porque só o em-si, que é o Ser, pode dar o *que é*, que é o ser.

Assim só pela geração physica ou mental se pode crear um ser. De ahí o culto phalico; de ahí o emprego desses symbolos como indicadores do acto magico que é o acto de geração *mental*.

A concepção não-em-si é *essencialmente illusão*. De ahí o ter-se por sonho tudo o que se *percebe* sem ser criação nossa. De ahí o conceito dos Occultistas de que os sonhos são mais reais que a vida. E que os sonhos são *criação*.

15/4-33 (m)

God = Will

The rebel archangels, by revolt against Will, created Intellect, and were lunched into the Abyss of Reason, i. e., into Abyss of abdication from Will.

God = Will at Rest

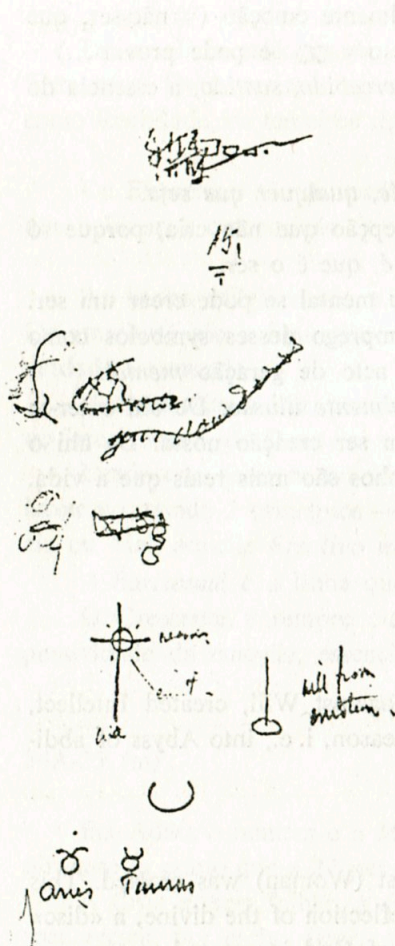
Man = Will in action.

From Will in action, Will in Rest (Woman) was created. This Will in Rest is not the divine, but a reflection of the divine, a «disc» like the Sun, the visible presentation of God in created mater.

Crucification of Will at Rest on the Cross of Will in action and Reason.

Will in Rest = Emotion

The Fall = When Emotion became Act.



15.34

3
 Sacrificing of Will at
 Rest on the Arm of
 Will in action and
 Reason
 Will in Rest = Emotion.
 The Fall - when motion
 became Act

Will at Rest
 Revolt. Motion = Reason,
 = the Abstract & Infinite
 self-consciousness of
 the fallen angels.
~~Will in action~~
 Creation of world by
 Emotion, which is
 will at rest from the
 outside (in inside
 in) for - Spirit
 is present
 Plus is in at rest - 15.34
 Anis Tunus

Will at Rest.
 Revolt = Motion = Reason = the Abstract and Infinite self-consciousness of the fallen angels.
 Creation of World by Emotion, which is Will at rest from the outside (in inside in so far as emotion is concerned) (1). There is man at outside in God by the angels fall and apartness (2).
 «E»motion is only escaped rest.
 Quies (quis)

Emotion strove to rise upward (Adam) and became Will in action and so separated Emotion from it self = The Woman (symbol).

(Td)

Deus = Vontade.
 Os arcanjos rebeldes, pela revolta contra a Vontade, criaram o Intelecto e foram lançados no Abismo da Razão. i. e. no Abismo da abdicação da Vontade.
 Deus = Vontade em Repouso.
 Homem = Vontade em acção.
 Da Vontade em acção, Vontade em Repouso (Mulher) foi criada. Esta Vontade em Repouso não é divina, mas uma reflexão do divino, um «disco» como o Sol, a apresentação visível de Deus na matéria criada.
 Crucificação da Vontade em Repouso na Cruz da Vontade em acção e Razão.
 Vontade em Repouso = Emoção.
 A Queda = Quando a Emoção se tornou Acto.

Vontade em Repouso.

(1) Acrescento.
 (2) Leitura incerta, pelo que apresentamos o Fac-símile.

Revolta = Movimento = Razão = a Abstracta e Infinita auto-consciência dos anjos caídos.

Criação do Mundo pela Emoção, que é Vontade em repouso, do exterior (é interior enquanto diz respeito à Emoção) ⁽¹⁾. Há o homem ⁽²⁾ no exterior em Deus pela queda e separação dos Anjos.

«E»moção é apenas descanso escapado.

Descanso (quem)

A Emoção esforçou-se por se erguer (Adão) e tornar-se Vontade em acção, e assim separou a Emoção de si própria = A Mulher (símbolo) ⁽³⁾.

54A-95 (m)

The Fall of the Angels and the Fall of Man. Three acts.

The world was created for the regeneration of the fallen Angels. Man fell because he was tempted by the Woman, that is by a part of him separated from him. (Cf. Binah and Chokmah).

Fall of the Angels: God withdraws from manifestation leaving behind His darkness, the World.

Fall of Man: Satan becomes Prince of the World.

Christ: God becomes again manifest, as Man.

(St. John «I and my ⁽¹⁾ Father are one.»)

God's Darkness: the World lit by Adam, the Sun (the Dead Sun) (the Sun of the World)

(The incarnation of Satan did it take place?)

Is Satan intelligence?

What does *Saturn* mean?

In one sense Will.

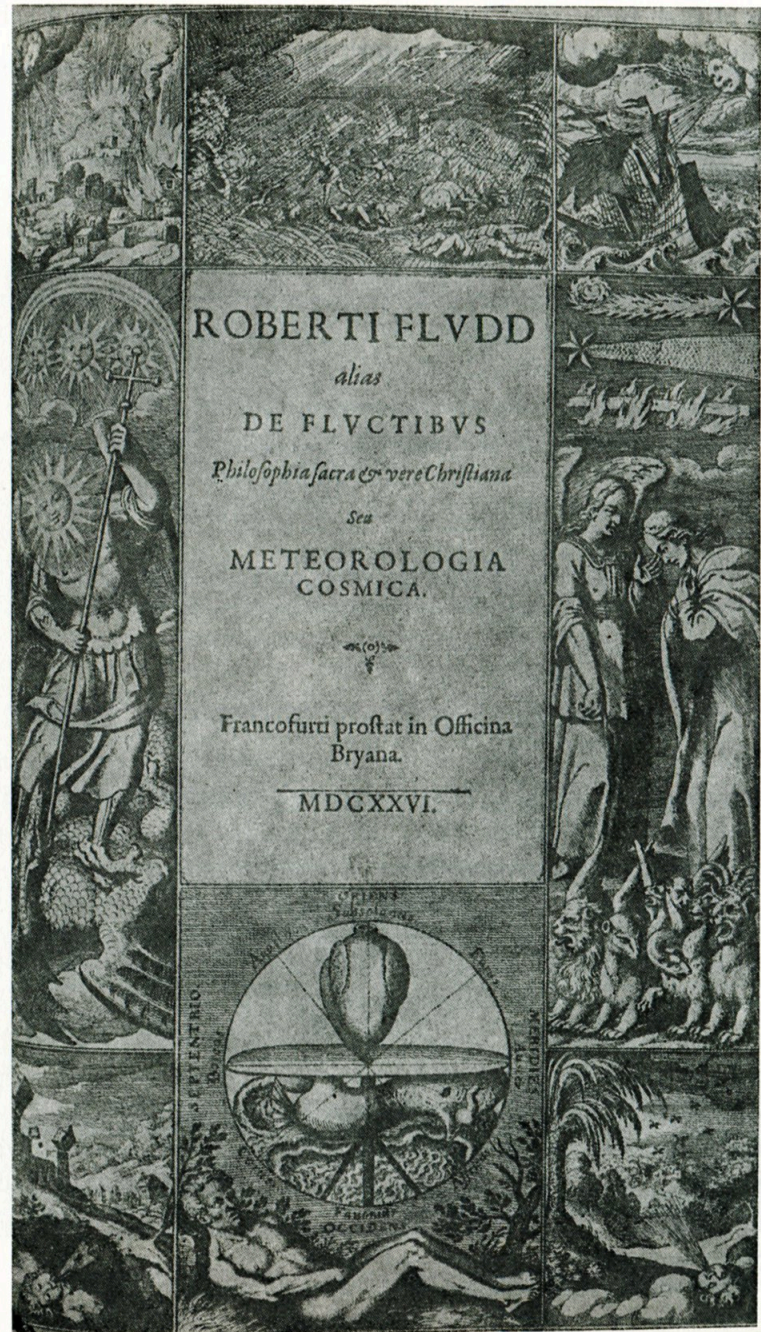
Adam a spirit (else he could not be like the God), or the *unity*, not duality, of spirit and flesh. The creation of Eve was the separa-

⁽¹⁾ Acrescento.

⁽²⁾ Tradução incerta, pelo que apresentam o Fac-símile.

⁽³⁾ Símbolo n.º 6, da pág. 137.

⁽¹⁾ v. The



tion of flesh from spirit. The temptation was the submission of spirit to flesh, i. e. the encasement of spirit by flesh.

(Td)

A Queda dos Anjos e a Queda do Homem. Três actos.

O mundo foi criado para a regeneração dos Anjos caídos. O Homem cai porque foi tentado pela Mulher, ou seja, por uma sua parte separada dele. (Cf. Binah e Chokmah).

Queda dos Anjos: Deus retrai-se da manifestação deixando para trás a Sua escuridão, o Mundo.

Queda do Homem: Satanás torna-se o Príncipe do Mundo.

Cristo: Deus torna-se outra vez manifesto, como Homem.

(S. João «Eu e o meu⁽²⁾ Pai somos um»)

A Escuridão de Deus: o Mundo alumado por Adão, o Sol (o Sol Morto) (o Sol do Mundo)

(A incarnation de Satanás teve lugar?)

É Satanás a Inteligência?

O que significa *Saturno*?

Num sentido Vontade.

Adão um espírito (doutro modo não poderia ser como Deus), ou a unidade, não a dualidade, de espírito e carne. A criação de Eva foi a separação da carne do espírito. A tentação foi a submissão do espírito à carne, o emprisonamento do espírito pela carne.

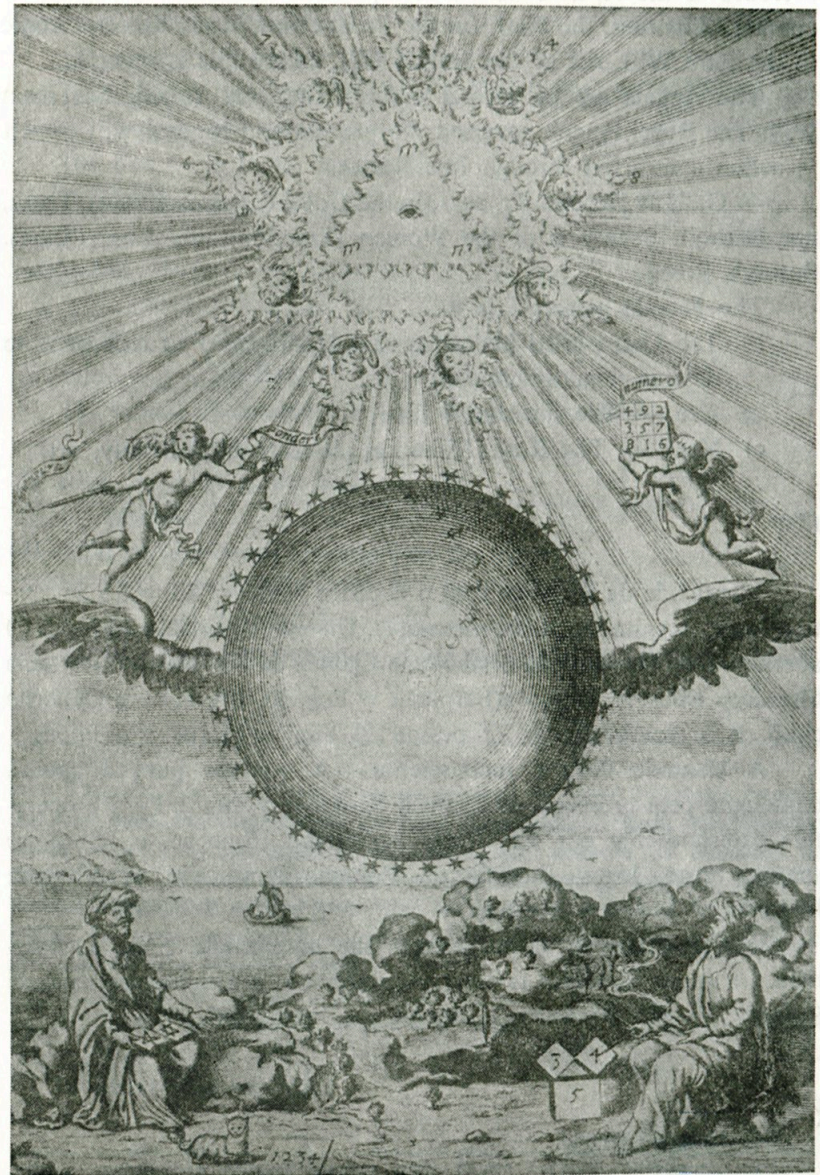


54 A-84. (m)

Identity of Serpent with Holy Ghost — SS = HG = serpentine SS. (esses) = Anima Mundi the same. The symbol of anima mundi covered that of the Serpent in the Egyptian Symbol in Kircher.

Anima Mundi = God (?) = Then Serpent = HG and is with God at top. Does scareb = 2nd person(?) (Yes) = Horus = the Son.

(2) v. o



Pure will is unconscious = Pure will is only conscious by the presence of the H. G. Pure will is operative outwards by a *wish* to operate. (Emotion, the Son), (in the theist sense, logos, Emotive Logic of the Pure Will, not of the limited will, where this is *inverted*).

The Angels are of several orders. They are Intelligence from Will. The Rebel Angels reversed the process and become will (revolt \bullet action contrarily) through Intelligence.

— God, as Hermes Tr. says, is the *Good* (he does not say Truth, nor Beauty). Beauty is of the Woman (Emotion), the Rose (Shaks. Beauty's Rose).

The Female principle is in:

- a) The Logos (also Redeemer and Destroyer $\bullet\bullet$ to redeem is to destroy what is created)
- b) Eve — The horizontal Line
- c) Mary — The Rose. (Emotion uncreative; $\bullet\bullet$ Beauty, art.

(Td)

Identidade da Serpente com o Espírito Santo = SS = SS Serpentino (esse) = Anima mundi o mesmo(?). O símbolo da anima Mundi ⁽¹⁾ abrangia o da Serpente na Simbologia Egípcia de Kircher ⁽²⁾ // Anima Mundi = Deus(?). Então a Serpente = Esp. St. e está com Deus no cimo. É o escaravelho = 2.^a pessoa (?) Sim. = Horus = o Filho.

A Vontade Pura é inconsciente — A vontade pura é apenas consciente pela presença do Espírito Santo. A Vontade Pura é operativa exteriormente por um desejo de operar. (Emoção, o Filho) no sentido teísta, lógos, Emoção da Vontade Pura, não da Vontade limitada, onde isto é invertido.

Os Anjos são de várias ordens. São inteligência vinda da Vontade. Os Anjos Rebeldes reverteram o processo e tornaram-se vontade (revolta, «acção contrária») através da Inteligência.

⁽¹⁾ Alma do mundo.

⁽²⁾ Athanasius Kircher (1602-1680), grande erudito e linguísta jesuíta. Seus livros, finamente ilustrados, granjearam-lhe grande renome na época: «Mundus Subterraneus», «Aedipus Aegyptiacus». Era um hermético, pois admi-

— Deus — como diz Hermes Trismegista — é o *Bem* (não diz Verdade nem Beleza). Beleza é da Mulher (Emoção). A Rosa (Shakespeare. A Beleza da Rosa).

O princípio Feminino está no:

- (a) o Lógos (também Redentor e Destruidor, $\bullet\bullet$ redimir é destruir o que estava criado.
- (b) Eva — a linha horizontal
- (c) Maria — a Rosa (Emoção não criativa, $\bullet\bullet$ Beleza, Arte)

54-21. (m)

male	— female	+	complete male
will	intellect		instinct (?)
(1) female (emotion)			(1) female (Women)
			(maiden)

(2) child, earth (World), balance (3)
product

(4) child on the crosse, (woman on the cross)
if considered as (2) or (1) crucified

(under symbolism of the circle and the cross)

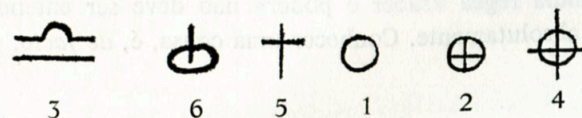
(cf possibly — The Circle and the Cross», by A. Hadrian Allcroft. (Macmillan, 12/ net, issued in Oct or Nov. 1930 — (454 pp).

tia a Tradição Primordial, donde teriam derivado as várias religiões e esoterismos. Na parte interpretativa do «Aedipus Aegyptiacus», citada por Fernando Pessoa como um dos clássicos do hermetismo, descreve as doutrinas de Zoroastro, da Kabbala caldaica e hebraica, de Orfeu, Pitágoras, Platão e Proclus. Contemporâneo dos Rosa Cruz, ele representa o mesmo impulso, mas dentro da Igreja: aprofundar o conhecimento da natureza, sem o desligar de um conhecimento interior e divino.

⁽¹⁾ Escrito no interior a palavra «red».

⁽²⁾ Escrito no interior a palavra «vermelho».

Os números correspondem:



(Td)

masculino vontade	— feminino intelecto	+ masculino completo instinto (?)
(1), (1) feminino (emoção) (virgem)	(1) (2) feminino (mulher)	

(2) criança, terra (Mundo), balança
produto (3)

(4) criança na cruz, (mulher na cruz)
— se considerada como (2) ou (1) crucificada.
(no simbolismo do círculo e da cruz)
(conforme possivelmente — «O Círculo e a Cruz», por A. Hadrian Allcroft (MacMillan), 12/ de preço, publicado em Outubro ou Novembro de 1930 — (454 pp)



53/66 (m)

Compreender tudo é tornar-se o *Spirito* de tudo. Compreender é *ser* pela inteligência aquilo que se contempla, crear de novo o que se experimenta.

O Destino é a relação íntima entre o Espírito Santo e Deus; o Acaso é a relação externa entre Eles.

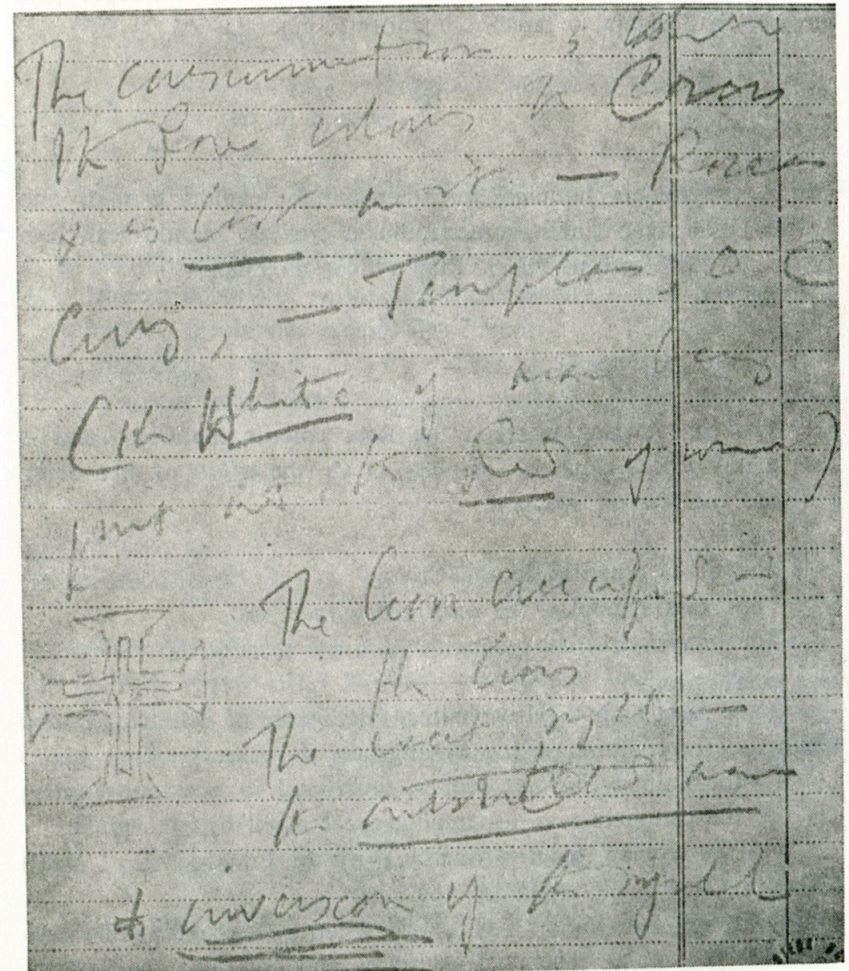
O Verbo Aceitado é o Mundo; o Verbo Rejeitado, ou Crucificado, é a divindade do mundo. O «Dae-nos antes Barrabas» (o filho do Pae) da multidão, envolve o repúdio da tal substância divina.

O mundo crucificado como limitação divina, remida portanto só pela crucificação da natureza divina. //



53A-32 (m)

A formula regea «saber é poder» não deve ser entendida relativa, senão absolutamente. Conhecer uma coisa, é, *de facto*, possuil-a.



Os Mestres de Doutrina Secreta representam o seu conhecimento por um symbolo negativo. Na Cruz, que significa a vontade (e no Calvario significava o poder, o poder constituido, a lei), mostravam pregado, morta, a Rosa (que significa a emoção, o segredo, — pois a emoção é secreta,) e assim figuravam que, morta a emoção pela vontade, a Sciencia, o terceiro imanifesto, emergia. //



26-44 (m)

A experiência humana aprendeu que o melhor, o mais alto de nós, está como Christo crucificado, á cruz do mundo real, com as suas dores e os seus males. Elle, a Rosa da Emoção.



53A-13 (m)

The consumation is when the Rose colours the Cross and is lost in it — Rosea Cruz, — Templars, O. C. (the *White* of man being put into the *Red* of woman).

The Cross crucified in the Cross.

The exact symbol — the *outstretched man*.

The *inversion* of the symbol.

| the *erect* animal (also phallus, intelligence of instinct, ∴ the instinct of reproduction is the intelligence of present),

— the animal (*instinct* proper, horizontal in position,

+ the complete man — intelligence crossed by (·) instinct.

(1) the woman, faculty, vacuity, Virgin.

Cross in (2) — reality, the earth.

rose

Rose in (4) — The man exceeding and regarding the woman.

cross

Rosa in cruce

(1) v. cut.

(1) (2) e (4) correspondente aos símbolos da página 137.

53A-13 (m) (Td)

A Consumação é quando a Rosa tinge a Cruz e se perde nela — Rosea Cruz —, Templários, Ordem de Cristo. (O *Branco* do Homem juntando-se ao *Vermelho* da Mulher).

A Cruz crucificada na Cruz

O símbolo exacto — o homem esticado para fora

A *inversão* do símbolo

| o animal erecto (também phallus, inteligência do instinto, ∴ o instinto da reprodução é a inteligência do instinto da preservação).

— o animal (instinto propriamente, horizontal na posição)

+ o homem completo — inteligência cruzada (1) pelo instinto a mulher, faculdade, vacuidade, Virgem.

(2) a realidade, a terra. → Cruz na Rosa

(3) o Homem excedendo e olhando a mulher. → Cruz na Rosa



53-79 (dct) (p)

Ordem de Christo.

A cruz dos Templarios era toda vermelha; a da Ordem de Christo, não podendo reproduzil-a, limita-se a abrir a divergencia de inserir uma cruz branca delgada no meio da Cruz dos Templarios. (Quando é que, modernamente, se passou a usar de novo da Cruz toda vermelha?)

Como é que usavam a cruz as naus e caravellas?

«A Ordem de Christo», por J. Vieira da S. Guimarães, Lisboa, 1901.

(1) V. cortada.

(2) Ver símbolos n.ºs 2 e 4 da pág. 137.

(3) Ver símbolos n.º 4.

Notar que a Cruz de Christo é talhada de maneira que tenha 8 pontas, e oito pontas tem a estrella superior (na commenda e gran-cruz), que tem ao centro o coração cercado de espinhos translação da r. crucificada) com a cruz posta ao alto, em maneira de timbre.

Nota: o coração cercado de espinhas e a cruz emergente d'elle são de outras ordens tambem.

26C-42 (m)

Cross: Horizontal stroke (VM = Female Principle).

? Vertical stroke (Masculine Principle [Soul of the world] (-) in excelsis = H. G., not F.)

? Rose or body = Adamic Body = F = dual nature (blood and water)

5 petals = 5 wounds = (en Soph + 4 worlds).

Body placed in Cross is *raised* (N!)

Cross — earth (where M. is buried).

Here Earth means world, of course. Lifted to death which is Life.

X^t — is *nailed* to earth as Adam, raised to die as X^t.

(Cross lies on ground with top towards East) (On a Church, INRI being where Altar is)

Note that INRI also is, thought in a different order, a Tetragramaton with 2 *equal letters*. (The Tetragramaton of the New Law).

Jesus nomen resurgit integrae.

In nomine regnat Jesus.

(Td)

Cruz: Traço horizontal (Virgem Maria = Princípio Feminino).

? Traço vertical (Princípio Masculino (alma do mundo) ⁽¹⁾ in excelsis = Espírito Santo, não Pai)

? Rosa ou Corpo = Corpo Adâmico = Pai = natureza dupla (sangue e água)

(¹) A palavra «alma do mundo» foi riscada.

(5 pétalas = 5 chagas = En Soph + 4 mundos)

Corpo colocado na Cruz, depois a Cruz é *levantada* (N!)
Cruz — terra (Onde o Mestre é enterrado)

Aqui terra significa Mundo, com certeza.

Erguido à morte que é Vida.

Christo é *pregado* à terra como Adão, erguido para morrer como Cristo.

(A Cruz jaz no chão com o cimo virado para o Este). (Numa Igreja, INRI é onde está o Altar)

Notar que INRI é também, ainda que numa ordem diferente, um Tetragramaton *com duas letras iguais* (O Tetragramaton da Nova Lei).

O nome de Jesus ressurge íntegro (Jesu nomen resurgit integrae)!
Reina em nome de Jesus. [in nomine regnat Jesus.]

53B-32 (dt)

A Cruz significa a Vontade — o traço vertical e phallico a vontade expulsiva e creadora, o traço horizontal e yonico a vontade submissiva e inibidora. Na cruz india e, em geral, oriental, que é analoga ao Tau, e não tem haste acima da horizontal, entende-se a formula ascetica, e que a vontade expulsiva vae só até onde a domina e limita a vontade inibitiva. Na cruz christan a vertical passa acima da horizontal, mas a parte acima da horizontal é menor que a que está abaixo; isto significa que a vontade expulsiva coexiste com a vontade inibitiva, e que a vontade inibitiva não mata, porém restringe, a vontade expulsiva, que é menor depois de passar por ella. Não se deve esquecer que o traço vertical, e phallico, é contado de baixo para cima, e não de cima para baixo, como se traça naturalmente ao desenhal-o.

Além d'estes dois typos de cruz ha a cruz natural, a que tambem chamam a cruz grega, que é a cruz igual nos seus dois elementos,

significando a harmonia entre o principio expulsivo e o principio submissivo da vontade.

O circulo representa a realidade, que é illimitada e limitada ao mesmo tempo; é illimitada porque a circunferencia em nenhuma parte «começa» e em nenhuma parte «acaba», mas o espaço que, com a sua illimitação, abrange é limitado. O circulo une-se ás trez cruces, como typo da relação entre ellas e a realidade. Na cruz india não tem maneira de unir-se senão sobrepondo-se; é collocada sobre a junção da vertical e da horizontal e resulta qualquer cousa como o symbolo do planeta Venus, salvo que a esphera é menor que a cruz tau, e no planeta é menor. Isto significa que, no systema ascetico, a realidade é excluida e «supportada». Na cruz christã o circulo é posto no cruzamento das linhas, mas, como estas se cruzam deveras, prolongando-se, o circulo fica no meio como se estivesse «crucificado» na cruz que as rectas formam. Isto significa que, no systema mystico, a realidade é «sacrificada». Na cruz natural, como os braços são eguaes, o circulo fica por fóra dos braços, formando o conjuncto um circulo com dois diametros perpendiculares. Isto significa que, no systema natural, a realidade *involve* a acção das duas vontades e as contém e limita.

Realidade expulsa e supportada, no systema ascetico; realidade accete e sacrificada, no systema mystico; realidade accete e assumida, no systema natural. Assim é que o circulo com a cruz interior é o symbolo da Terra.



53B-3 (dct) R.C.

Ha trez typos de symbolos — o do circulo, o do triangulo, e o irregular (que incluye varios). O do circulo é o symbolo da Realidade, o do Triangulo o symbolo do Caminho, o irregular o Symbolo da Interpretação. Convém saber que os symbolos são trez, pois, embora entre elles haja occultas e subtis analogias, o que num schema symbolico significa uma coisa pode significar outra num outro schema symbolico.

No caso da R. C. o symbolo indicado é o do circulo, que tambem se chama Rosa.

O traço vertical recto significa, por motivos evidentes, o Homem, e, derivadamente, a Vontade. O traço horizontal recto, tendo o aspecto viril, mas sendo o elemento contrariante do outro traço, significa o Feminino no Homem, e, derivadamente, a Intelligencia. Unidos esses traços formam a cruz, que é o symbolo completo do Homem, distincto do macho animal. O traço vertical significa o que cria e se ergue ao céu, por isso mesmo que cria; o traço horizontal o que destroe e nega, o que rasteja, mas, ao mesmo tempo, é o que dá o sentido ao vertical, pois o vertical o não fôra se não houvesse horizontal para determinar o plano sobre o qual elle é vertical.

O circulo significa a Possibilidade Infinita, ou, em outras palavras, a Mulher Abstracta, a Virgem Maria, mar infinito do que pode ser.

Ora a cruz pode ser unida com o circulo de trez maneiras: cercando o circulo a cruz, e representando esta dois diametros (um vertical, outro horizontal), assim collocando o circulo no meio da cruz, e esta figura parece a outra, desde que os braços e ramos da cruz se extendam para fora do circulo. A cruz dentro do circulo significa astrologicamente a Terra, o Resultado, o Filho, pois este é o producto da união do principio masculino e do feminino. A Cruz excedendo o circulo dá o circulo crucificado, mas o que é crucificado é, não o simples circulo, mas o circulo já com a cruz no meio, isto é, o Filho. A terceira maneira como o circulo se pode unir com a cruz é dita mais adeante, pois envolve uma consideração differente do simples espaço.

53B-27 (dct)

Reincarnação.

Crysalis
Chrysalida

Os characteristics que tivemos nas nossas incarnações anteriores não são — salvo qualquer intuição occulta indefinivel, ou informação secreta especial — determinaveis, senão, em certo modo, com respeito á nossa incarnação immediatamente anterior.

A nossa diferença de nós-mesmos, em relação a essa encarnação imediatamente anterior, consiste numa diferença de personalidade; a individualidade permanece a mesma. Isto é, a dentro do mesmo typo de quadro a paisagem é diferente, ou, em outras palavras, a dentro da mesma forma a côr é diversa. A Rosa Crucificada é o symbolo da reencarnação; ou, dizendo melhor, é esse um dos factos de que é symbolo. No fundo rigido e morto (em certo sentido) da Cruz, que é a Individualidade, colloca-se, martyrizada, a flor, isto é, a realidade viva da Rosa, que é a Personalidade. Só quando a Personalidade — temporariamente pela Morte, definitivamente pela União — se integra na Individualidade e a tingue, acaba o Mortal da Cruz e o vivo da Rosa, e a Cruz, tornada vida, se converte em Rosea Cruz. (Templários, Ordem de Christo).

Descendo, porém, á explicação temporal de como podemos calcular o que fôzemos na nossa encarnação imediatamente anterior — e isso, em certo modo, nos permite, ainda que com mais difficuldade, fazer identicos calculos retrocedentes para as encarnações que vieram antes —, diremos que o calculo pode ser feito nos seguintes principios: (1) somos, nas linhas geraes e abstractas do nosso ser de hoje, aquillo que eramos, nas mesmas linhas geraes e abstractas, no nosso ser de hontem, mas é preciso notar bem que o geral e abstracto é realmente geral e abstracto, não devendo nenhum elemento concreto intervir na nossa calculação; (2) somos, nas cores particulares do nosso ser de hoje, aquillo que, sem que o conseguissemos, mais desejámos — mais no desejo e na duração d'elle — ser no nosso ser de hontem; e a intensidade com que o formos hoje depende da intensidade com que o desejámos hontem.

Supponha-se, por exemplo, que um individuo A' é poeta, violentamente sensual e constantemente infeliz. O que ha a deduzir quanto ao seu ser anterior A é que fôsse imaginativo (podia não ser poeta), que ou não fôra sensual ou reprimira a sua sensualidade, tendo comtudo pena intensa de a não ter ou de a reprimir, e que fôra constantemente contente ou feliz. Assim: (a) o fundo da individualidade é o mesmo, com um certo accrescimo da experiencia anterior, nascido da maior «idade» do ser essencial; (b) o fundo da personalidade representa a realização do que se não teve e se desejou; (c) a superficie do homem representa a compensação do destino

anterior. Ha, é certo, uma interpenetração d'estes trez elementos que pode difficultar a sua exacta descriminação.



54-38 dt)

Convergencia da sciencia moderna para a parte «esquerda» do velho occultismo. A produção artificial de ouro, etc. (O interesse pelos phenomenos e manifestações «occultas»).

O mal de comunicar aos homens o segredo do fabrico do ouro...

Os RC abstinham-se de afirmar claramente em seus livros a doutrina da reencarnação, porque é das trez doutrinas da physica occulta, aquella que é aparentemente inaceitavel pelo christianismo exoterico ou popular. (A clarividencia e a claraudiencia, a inspiração, etc., apparecem nos relatos dos milagres e das prophecias...) — Os occultistas não queriam quebrar a fé christã sem lhe substituir outra que afinal seria a mesma; o que só poderia dar-se quando a Hora houvesse chegado. A inutilidade social de atacar as Egrejas christãs e sobretudo a Catholica.



53B-30 (dt)

RC symbol.

O mundo é composto, inorganicamente, de materia e de movimento. A materia é especial, o movimento temporal. A materia como é espacial e passiva, é feminina; o movimento, como é temporal e activo, é masculino. O elemento sexual exprime bem este sentido. A materia é expressa, poisque é passiva e feminina, por uma linha horizontal; o movimento, poisque é activo e masculino, por uma linha vertical — aliás a indicação phallica (e de fogo, em distincção da horizontal, que é da terra). (Esta da terra pode talvez relacionar-se com o poder ser o signo de V. o que deveria estar no Occidente, opposto a Aries, se não fôsse a divisão por Balança).

A cruz representa pois o mundo inattento, elementar, physico ou inorganico. No encontro das duas linhas — materia e movimento — surge, como coisa extranha e comtudo natural, a Rosa, poisque

é a Vida, a flôr, primeiro indicio vivo da arvore. Resulta do cruzamento do elemento masculino e do feminino, como toda vida, isto é, todo ente vivo.

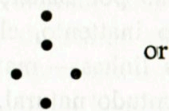
Esta Rosa ou se espalha pela Cruz e a inunda da sua vida, que, neste caso, é a sua côr, e a Cruz fica Rosea — portanto a Rosea Cruz, representando a vida divina enchendo a materia e o movimento, ou o sangue mediatorio do Ch., tingindo a nenhuma-côr do mundo; ou se crucifixa na Cruz, ficando propria, e é a vida humana, sujeita aos males da materia e da sua decomposição — Rosa que pode ser rubra, se significa a vida, que pode ser negra, se significa a Morte.

A Rosa crucificada é de cinco petalas, que representam os cinco sentidos — não, porém, os cinco sentidos como elles commumente se entendem, mas os verdadeiros cinco sentidos, determinados da seguinte maneira: os pés (a agua, Pisces, Jupiter), os joelhos (a terra, Capricornio, Saturno), o peito (o fogo, Leo, o Sol), a face (o fogo novo, Aries, Marte), a ligação (o ar, Gemeos, Mercurio). São os cinco astros masculinos, e reparar-se-ha que o Fogo apparece duas vezes. São os Cinco Pontos do Entendimento occulto.

Na applicação mca. a horizontal representa, de um lado o 1.º g., de outro o 2.º; a vertical, do lado de baixo é os Altos G., do de cima os Gr. V. O terceiro gr. forma a ligação sendo a Rosa central, que dá vida a tudo. A vertical de baixo é de baixo porque o A. G. são interpretativos, e, portanto, abaixo (symbolicamente) dos só symbolico s.

O sentido da agua (tacto), o sentido da terra (ouvido), o do fogo (/)

Tudo nasce da agua (Pisces) — l'eau de mer milieu universel. Depois tudo (passado o Diluvio) vive na terra (Capricornio). Depois tudo é gerado pelo Sol (Leão). Depois tudo é individuado por Marte (Aries, face). Depois tudo é unido por Mercurio (mensageiro dos Deuses), Gemeos, irmanação no Ar de dois signos eguaes na qualidade — os dois signos do Fogo (Leão e Aries).



or

Merc	Aer.
Sol. Mars.	Ignis
Sat.	Terra
Jup.	Aqua.

Assim, occultamente, a Rosa, nas suas cinco petalas, reproduz a Cruz, dando por «pontos» os dois braços, o espaço igual de cima, e o duplo espaço de baixo.



53 A	D. Sebastião	Desejado	Encoberto
46	Socrates	Hiram	
	J. Caesar	Jesus (Nazaret)	
	Jesus of Nazare		
	J[acques] de M[olay] King Seb.		
	D. Seb.		

Talhando o corpo espiritual do Rei para que nelle, uma vez formado, o *Segundo Advento* carnalmente se faça.

What is *desired*, in H. A. B., is not he but the Word he had; in J. C. not he but the word in him; in K. S not he but the Christ. (The Word who is he).

47. 5 petals of Rose:
(also 5 points) (of F. M. or Star)

(1) Life — the five worlds: etheric, astral, mental, spiritual, monadic. (they cross material world)

(2) Christ — the five natures of (1) human, Jesus of Nazareth, (2) magical, with Socrates, etc. (3) mystical, with Buddha, etc., (4) divine, with Osires, Bacchus, (5) the Second Person of the Holy Trinity.

(3) Encoberto: the fivefold person of God Innefable, the «hidden One» — En, En Soph, En Spoh Aur, Kether (Macroprosopus), the 9 Sephirots. (Triangle, eye in world and splendour)

(3) (1) (1)

or : Innefable eye.
Kether
Chokmah triangle

Binah
Micropros Radiancy (sun)

otherwise:

- (1) K. Sebastian, the man.
- (2) K. Sebastian, the hope.
- (3) K. Sebastian, the symbol.
- (4) K. Sebastian, the Master.
- (5) K. Sebastian, the Christ.

(Td)

O que é *desejado* em Hiram A. B., não é ele, mas a Palavra que ele tinha; em J. C. não é ele, mas a Palavra nele; no Rei Sebastião, não é ele, mas o Cristo (a Palavra que ele é).


5 pétalas de Rosa:

(também os 5 pontos) (da Maçonaria, ou da Estrela)

(1) Vida — nos cinco mundos: etérico, astral, mental, espiritual, monádico. (Elas cruzam o mundo material.)

(2) Cristo — as cinco naturezas de (1) humana, Jesus da Nazaré, (2), mágica, com Sócrates, etc., (3) mística com Buda, etc., (4) divina, com Osíris, Baco, (5) a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

(3) Encoberto: a quintupla pessoa de Deus Inefável, o «Um Velado» — En, En Soph, En Soph Aur, Kether (Macroprosopo), as 9 Sefirotas (Triângulo, olho no mundo e esplendor).

ou Inefável olho
Kether
Chokmah  triângulo
Binah
Microprosopo radiância (Sol)

de outro modo:

- (1) R. Sebastião, o homem.
- (2) R. Sebastião, a esperança.
- (3) R. Sebastião, o símbolo.
- (4) R. Sebastião, o Mestre.
- (5) R. Sebastião, o Cristo.

53A48. (m)

Cross and Rose

(1) The vertical of the Cross is the etheric world, the horizontal the physical one. (Rose — astral, mental, spiritual, monadic, divine).

(2) The vertical of the Cross is the Law in Fate ☺, the horizontal the fate in Fate ☮ (the Serpent).

(3) The vertical of the Cross is the creative, or divine, element in God. (God's life); the horizontal is the destructive, or satanic element in God, — Satan. (God's death). The Rose is the Soul of God in its five manifestations in the four worlds of the Kabbalah and the divine world above them. God's soul or resurrection.

The devil is death state of God. (*If so*, then the Dead and Ritting Master of the 3^d Degree, is the Devil, Prince of this world in whose image we, as corrupt beings, are raised; the Living Master, not Prince of this world, but Architect of it, being God. The Word, Known to Him and two other — the other persons of the Trinity — is the hidden key to the right building of the world. The word is Christ, being the «thought» with which God made the «World», and the manner in which we again obtain commerce unto the kings.

(Td)

Cruz e Rosa

(1) A vertical da Cruz é o mundo etérico, a horizontal o físico. — (Rosa-astral, mental, espiritual, monádico, divino).

(2) A vertical da Cruz é a Lei no Destino ☺, a horizontal o destino no Destino ☉ (a serpente).

(3) O vertical da Cruz é o elemento criativo, ou divino, em Deus. (A Vida de Deus); o horizontal é o elemento destrutivo, ou satânico, em Deus, — Satan. (A morte de Deus). A Rosa é a Alma de Deus nas suas cinco manifestações — nos quatro mundos da Kabbalah e no mundo divino acima deles. A alma de Deus ou ressurreição.

O diabo é o estado morto de Deus. (*Se é assim*, então o Mestre Morto e Erguido do 3.º grau, é o Diabo, Príncipe deste mundo em cuja imagem nós, como seres corruptos, somos elevados⁽¹⁾); o Mestre Vivo, não Príncipe deste mundo, mas Arquitecto dele, sendo Deus. A Palavra, conhecida dele e dos dois outros — as duas outras pessoas da Trindade — é a chave escondida para a construção correcta do mundo. A palavra é Cristo, sendo o «*pensamento*» com o qual Deus fez o «Mundo», e a maneira pela qual obtemos de novo intercâmbio com os reis.



24-110 (m)

O Universo não pode ser infinito, porque infinito é só a infinidade. O universo não pode ser eterno, porque eterna é só a eternidade.

(1) Hiram, rei de Tiro, enviou o mestre Hiram Abbif para ser o arquitecto do Templo de Salomão. Durante a execução da obra, foi vitimado por três assassinos para lhe roubarem os nomes e conhecimentos secretos de que era detentor. O seu corpo foi coberto de terra e os assassinos fugiram. Contudo, o corpo veio a ser descoberto e os assassinos, depois de procurados, foram mortos.

Esta legenda, resumidíssima aqui, com bases bíblicas, é um dos eixos centrais dos mistérios e ensinamentos da Maçonaria. Fernando Pessoa escreverá inúmeras vezes sobre este tema tão rico, apresentando valiosas leituras místicas e analógicas, ligando as figuras de Hiram, Jesus, Jacques de Molay, o último Grão-mestre dos Templários, Christian Rosenkreutz, D. Sebastião e o Cristo. Há, portanto, Hiram rei de Tiro (H. K. T.) e Hiram Abif (H.A.B.). O levantar deste último, na figura actual do candidato a Mestre, é um dos pontos chaves do ritual de várias ordens, especialmente da Maçonaria.

Nem pode haver espaço infinito e tempo infinito, pois não pode haver dois infinitos.

Espaço e tempo são dois atributos ou manifestações do Infinito, que o simulam sem o ser. Parecem-nos infinitos, parece-nos que são infinitos — são, porém, sómente indefinidos. (As duas colunas do Atrio).

No tempo e no espaço decorre a materia; só no tempo a Alma; no Infinito Puro, Deus.

Este Infinito é, porém, só Deus Imanifesto — não manifesto como Mundos senão manifesto como Deus. Para além, supremo deveras, está o Deus Imanifesto — a ausencia até de Infinito. E isto representa-se: o Deus manifesto por um Circulo; o Deus Imanifesto por um ponto no centro do circulo. E isto é, em astrologia scripta, o symbolo do sol, que é a sombra de Deus.

A dupla essencia, masculina e feminina, de Deus — a Cruz.
O mundo gerado, a Rosa, crucificado em Deus.

A criação não é uma emanção, mais propriamente uma *limitação*, uma negação de Deus por si-mesmo.

Mais certo será dizer que o Universo é a negação de Deus, ou a morte de Deus. Como, porém, a negação ou morte de Deus é necessariamente divina, o universo contém um elemento diverso que a lei — elemento ausente, por assim dizer, e abstracto.

O unico milagre que Deus fez é o Universo.

Á Lei, Fatum, elemento abstracto de Deus, e pelo qual Deus está desincarnadamente manifesto no mundo, se opõe o Christo, que é o desejo de Regresso a Deus, o desejo de Liberdade, de não haver Fatum.



53A-49. (m)

Christ is the resurrection of God. Christ is the link between the World and God, and to reach Christ we must kill the three words of Satan — Desire, Power and Belief (*inspired by* ∞) — and, by

completing the building of the temple, of which the plan is always made.

Beauty is the memory of God; Goodness is the anticipation of Christ.

(Td)

Cristo é a ressurreição de Deus. Cristo é o laço entre o Mundo e Deus, e para chegarmos a Cristo temos de matar as três palavras de Santan — Desejo, Poder e Crença, (inspirado por ∞) e, completarmos a construção do templo, do qual o plano está sempre feito.

A Beleza é a memória de Deus; a Bondade é antecipação de Deus.



54-27a (m)

As *historic* sense (but it is philosophic) is in time, the 5 points are *times* of history.

5 points of historic (or moral?) meaning — from morals substu scheme. (¹).
virtue, silence, union,
(Faith, hope, chastity, silence and union).

(Td)

Como o sentido histórico (mas é filosófico) é no tempo, os cinco tempos são tempos da história.

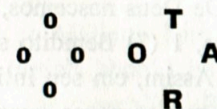
(substituir o esquema a partir de moral) (¹)

Os cinco pontos do significado histórico (ou moral?):
virtude, silêncio, união,
(Fé, esperança, castidade, silêncio e união).

(¹) Os parênteses destes textos são acrescentos.



53 A-82. (m)



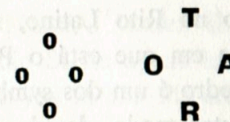
5 petals of rose

5 senses (?) spirit, soul, astral, mind, body.

spiritual sense, soul sense, mental sense, astral senses, corporel senses.

spirit, soul, mind, astral senses, physical senses.

(Td)



5 pétalas da rosa

5 sentidos (?) espírito, alma, astral, mente, corpo.

sentido espiritual, sentido anímico, sentido mental, sentidos astrais, sentidos corporais

espírito, alma, mente, sentidos astrais, sentidos físicos.



53B-84 (dct) *Atrio*.

No ultimo e excelso sentido, a Loja é o arcano ou arca da Verdade. O Mestre e os Dois que estão com elle no governo da Loja são o symbolo das Trez Verdades fundamentaes ou cabalisticas. Os dois que, com estes trez, formam os Cinco que completam a Loja, são symbolo dos Dois princípios externos ou de Relação, por meio dos quaes a Verdade não é Erro. E os outros dois, por meio dos quaes a Loja fica perfeita, são os symbolos dos Dois ultimos principios, por meio dos quais a Verdade pode descer ao nosso conhecimento, se nós soubermos subir a ella.

Os trez principios que formam a Loja são: (1) Jehovah não é Deus, (2) Adam não é Homem, (3) Eva nunca existiu. Os dois principios que completam a Loja são: (4) No principio foi (ou era) o Verbo, (5) E o Verbo se tornou Carne. Os dois ultimos principios, pelos quaes a Loja se torna perfeita, são: (6) O que está em cima é

como o que está em baixo, e (7) Quando o discípulo está prompto, o Mestre está prompto também.

(6) De Deus nascemos, em Jesus morremos, pelo Spirito Sancto resurgimos, 1 (7) Bemdito seja Deus nosso Senhor, que nos deu o Verbo.

Assim, em seu intimo o verdadeiro sentido, exposto entre nevoas para que se perca quem não sente o caminho, se descobre a verdade da F. M., como um Magno Mysterio Christão.

1 ou, de Deus somos entrados, em Jesus passados, pelo Spirito Sancto erguidos.

Na FM não estão, é certo, tão patentes os mysterios sagrados como no Rito Latino, nem ha grau ou ordem nella que atinja a altura em que está o Pontifice Romano. Mas assim como a Rocha de Pedro é um dos symbolos da Verdade, assim o é a Maré de Paulo — outro modo, devidamente entendido da Scylla e da Charybdes, a rocha e o redemoinho, entre os quaes singra a Realidade material, na velha symbologia pagã.



Nota: Fernando Pessoa criticou o desenho e a interpretação que Oswald Wirth, um ocultista macónico, fez em relação aos principais symbolos da Maçonaria. É desse manuscrito inédito que seleccionamos estas partes respeitantes à Rosa Cruz:

53B-14 (m) (p)

7. Since FM may have originated to some extent in Germany, with the R. C Fraternity and their followers, at least in so far as such symbols as the pentagram are concerned, why should not the letter G mean, not God or Gott, but *Geist*? The Spirit is in Man as the all-seeing Eye in God — the ineffable in the *trinity* reflected in the transcendent, or Higher Self, in the *quintuity*. This *quintuity* means the five senses, not the 5 outer senses, as we know them, but the 5 components of the real body of man — etheric, astral, mental,

spiritual and angelical (alternatively: thought ⁽¹⁾, feeling ⁽²⁾, will ⁽³⁾, instinct ⁽⁴⁾ and intuition ⁽⁵⁾) (I). (But G may be, after all, the *Salt* Wirth calls it. It depends on what *Salt* means. Doubtful).

8. If a cross be drawn by uniting Kether to Malkuth here and joining the midles of the pillars, where their initials should be put (from Netzasch to Hod), then the pentagram (or 5-petalled Rose) will be crucified thereupon. (Ex.)

53B 23 (p) (m)

2. On the Cubic Stone, which is the Mason's *Model*, should be the V. S. L., which is his *guide*. The Cubic Stone opens in two sorts of cross — cosmic, if with pointed arms (as in the illustration in N. E. F.); Calvary, if just open, with square — typed arms. The latter is the better way; it shows in darkness, Christ immanent in the World; that the world *broken, open*, is the Calvary Cross.

(Td)

7 — Já que a Maçonaria pode ter-se originado, até certo ponto, da Alemanha, da Fraternidade R. C. e dos seus continuadores, pelo menos no que respeita a symbolos, tais como o pentagrama, porque não deverá a letra G significar, não God ou Gott, mas Espírito (Geist)? O Espírito está no Homem assim como o Olho Omnividente está em Deus — o inefável na *trindade* reflectido no transcendente, ou o Eu Superior, no quinário. Este quinário significa os cinco sentidos, não os 5 sentidos exteriores, como os conhecemos, mas os 5 componentes do corpo real do homem — etérico, astral, mental, espiritual e angelical (alternativamente pensamento ⁽¹⁾, sentimento ⁽²⁾, vontade ⁽³⁾, instinto ⁽⁴⁾ e intuição ⁽⁵⁾). (Mas G pode ser, afinal, o Sal como lhe chama Wirth. Depende do que significa o Sal. Duvidoso).

9 — Se for aqui desenhada uma cruz *unindo* Kether a Malkuth e juntando os meios dos pilares, onde as iniciais deles devem ser

I — (1) Símbolo de Mercúrio; (2) Vénus; (3) Saturno; (4) Marte; (5) Júpiter.

postas (De Netzach até Hod), então o pentagrama ou (Rosa de cinco pétalas) estará crucificado em cima dela. (Ex.).

53B-23 (td)

2. Na Pedra Cúbica, que é o Modelo do Maçon, deve estar o Volume da Lei Sagrada, que é o seu *guia*. A Pedra Cúbica abre-se em 2 espécies de cruz — Cósmica, se tiver os braços pontiagudos (como na ilustração da «New Encyclopaedia Freemasonry»); Calvário, se apenas aberta com braços do tipo quadrangular. A última é a melhor maneira; mostra na escuridão, O Cristo imanente no Mundo; que o mundo *quebrado, aberto*, é a Cruz do Calvário.



53A-39 (m)

Atrio ou Soc. Templ.

A FM tem essencialmente, ou 3 pontos, ou 5 pontos — 3 se considerarmos os 3 tempos essenciais (Mestre, Rial arco, e Rosa Cruz) — 5 se incluirmos os dois primeiros graus que são necessários mas só preparatórios. Isto é simbolizado por \odot e pelos 5 p. da M. (por estes é o Mestre erguido).

No 1.º tempo trata-se da construção do 1.º Templo, que é o de Salomão; no 2.º do 2.º T., que é o de Zerubbabel; no 3.º tempo da do 3.º T., que é o de Christo — ou, alternativamente, do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

No 1.º tempo revela-se o symbolo da Palavra Perdida; no 2.º revela-se o symbolo da maneira de a encontrar; no 3.º o symbolo da Palavra ella mesma; ou antes, da sua natureza e essencia. Revela-se, sempre, só symbolos, como em todas as iniciações. Assim como se não revela o que é a P. P., assim se não revela a verdadeira maneira de a encontrar, nem, uma vez encontrada, o seu verdadeiro sentido. A palavra é Christo, mas não se diz o que é Christo.

Não são por isso precisos, uteis ou... mais do que 5 graus na FM — os dois preparatorios, o do Mestre, o do R. A., e o R. C. Todos os outros graus são divagações ou erros — são ou superfluos ou futeis.

A M. acaba onde o indica a oração d'aquelle grau cryptico (Perfeito Mestre de Santo André) onde Hiram é erguido como Christo — «... porém no sentido mais alto e lato da palavra ...».

Substituindo a figura humana do Christo por uma Rosa, a Ordem Rosicruciana *ajustou* o symbolo.

In Nobis regnat Jesus não quiere dizer «Jesus reina em nós», mas «É em nós que Jesus reina» — em nós, que não nos templos externos.

(Companheiro do R.Arco, Irmão (Frater) Rosa-Cruz).



53-6 (Dt) (tr) (p)

FM.

Eu próprio inclino-me a acreditar que por detrás dos symbolos e ainda mais symbolos da Obra jaz um grande Mistério Cristão. A consumação da Maçonaria, de qualquer modo que seja compreendida, é a perfeita Ashlar ou a Pedra Cubica, e a Pedra Cubica, se desdobrada ou revelada, desenrola-se numa Cruz do Calvário. Sómente com o subterfugio de terminações pontiagudas, como na ilustração em....., incluída também na Enciclopédia de Waite, pode desdobrar-se numa Cruz Cosmica. Mas mesmo assim é a Cruz Cósmica com terminações triangulares; uma cruz terminando em todos os pontos, numa significação ignea ou divina.//



53A73. (m) (td)

INRI

In Nobis Ressurrexit Jesus	Em nós ressuscitou Jesus
In Nobis Rerurget Ille	Em nós ressurgirá Ele
Ille Nomen Regis Ignis	Ele é o nome do Rei do Fogo
In Nomine Regis Immortalis	Em nome do Rei Imortal
Jesus Nazareus Rex Ignis	Jesus Nazareno Rei do Fogo
Jesus Nazareus Rex Imortalitatis	Jesus Nazareno Rei da Imortalidade
In nobis regnat Ignis	Em nós reina o Fogo
In nobis regnat Jesus	Em nós reina Jesus



54A-96 (m)

Oc.

A caridade é a bondade em Christo — o fazer o bem, não por ter pena, do homem como homem, mas do homem como irmão. A caridade é a bondade unvida, a compaixão feita amor.

Somos iguais em Deus, irmãos em Christo, e livres no Spirito Santo.

Na iniciação por meio de symbolos, a explicação dada não é falsa, mas não é a verdadeira.



54B-13. (dt)

Oc.

The soul is the body of the Spirit, even as Kether is the body of Ain Soph (A).

The lower does not know the higher, though all in the lower be as in the higher.

Every medium is a screen. Thus the body is a screen *between the soul and the spirit*, and, in the same manner, the soul is a screen between the spirit and what is above it.

The five bodies of man, of which the Theosophists speak: spiritual, - - - (see.H.M. Taylor for the names). Register as the five petals or five perfect points. (Analyse as to analogical truth).

These five bodies are really (perhaps) three bodies and two links between them: the spirit, the soul and the body, body and soul (etheric) and the link between soul and spirit (ethereal). These links perhaps correspond to the intergrades in the grand schem of in.

(Td)

A alma é o corpo do Espírito, mesmo como Kether é o corpo de Ain Soph (A)

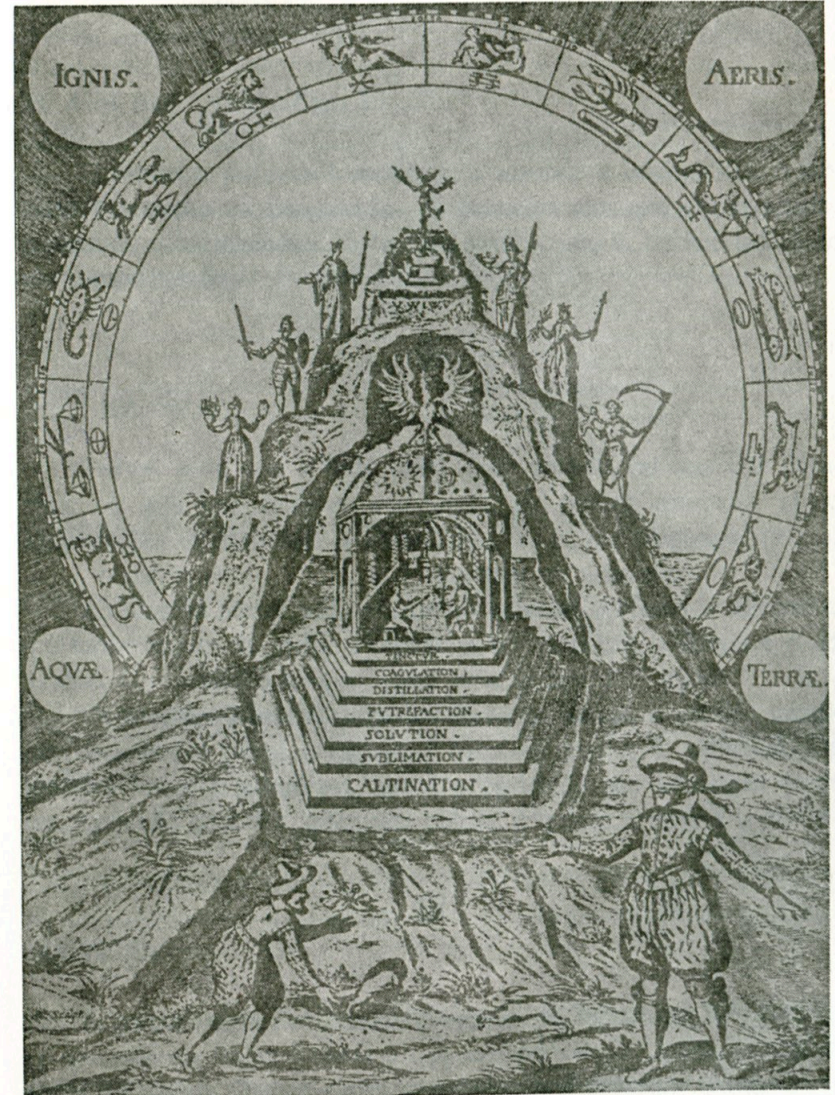
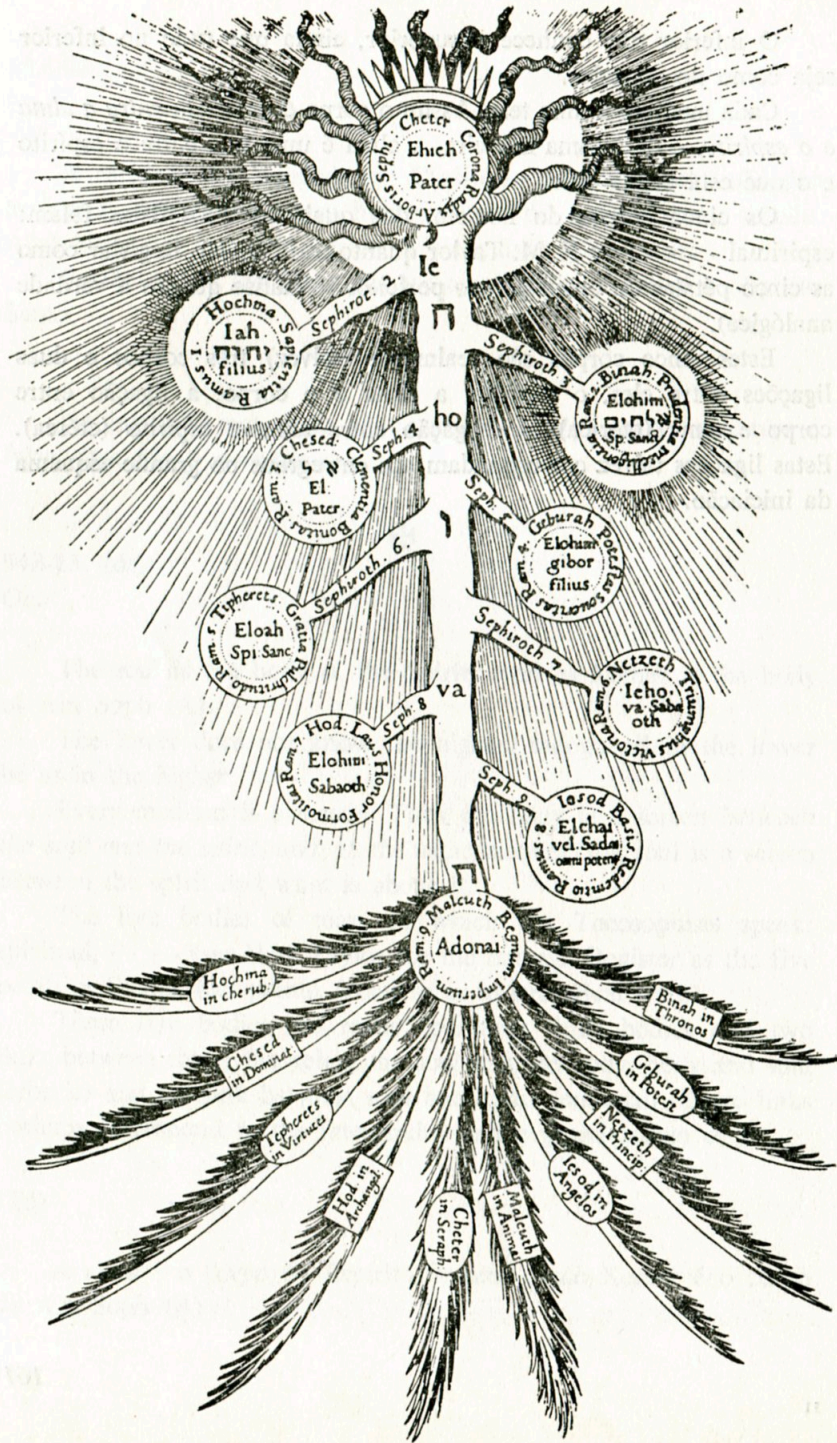
O inferior não conhece o superior, ainda que tudo no inferior seja como no superior.

Cada medium é uma tela. Assim o corpo é uma tela *entre a alma e o espírito*, e da mesma maneira, a alma é uma tela entre o espírito e o que está acima dele.

Os cinco corpos do homem, dos quais os Teosofistas falam: espiritual - - - (ver H. M. Taylor quanto aos nomes). Registrar como as cinco pétalas ou cinco pontos perfeitos. (Análise quanto à verdade analógica).

Estes cinco corpos são realmente (talvez) três corpos e duas ligações entre eles, o espírito, a alma e o corpo, a ligação entre corpo e alma (etérica) e a ligação entre alma e espírito (etérea). Estas ligações talvez correspondam aos entregraus no grande esquema da iniciação.

V CAPÍTULO



53 A-34 (m) *Átrio* Cap. I

O primeiro dirige-se à memória, o segundo à inteligência; o terceiro à intuição ou imaginação. O primeiro tem que ser estudado, o segundo compreendido, o terceiro vivido; isto é, interpretado sem ser compreendido.



53-73 (p) (dt)

Temos, pois, que a cada coisa neste mundo, ou seja por natureza, ou seja por artifício, competem, ou podem competir, cinco significações ou sentidos; o literal, ou....., ou allegorico ou....., o moral ou e o espiritual ou anagógico.

Ao sentido literal pode chamar-se também profano; o allegorico e o moral são os do atrio; e espiritual é o claustro; o divino é o do templo. O verdadeiro sentido, entre estes quatro, é o quinto.

Os sentidos literal e allegorico formam, juntos, o sentido terrestre; os sentidos moral e espiritual formam, juntos, o espiritual. Os sentidos literal e allegorico, moral e espiritual são humanos. Quer em opposição com uns, quer com outros, o quinto sentido é o divino.



54A-29 (Dt)

A grande regra do Occulto é aquella do Pymandro de Hermes: «o que está em baixo é como o que está em cima». Assim, a organização das Baixas Ordens copia, guardadas as diferenças obrigatórias,

a organização das altas ordens; reproduzem-se os mesmos transe, por vezes as mesmas especies de symbolos; o sentido é outro e menor, mas a regra da similhaça tem que ser mantida, pois, de contrario, a ordem menor não vive e abatem, por si, as columnas do seu templo. Parece, ás vezes, que é dos graus simples que se desinvolvem os altos graus, e que foi nos altos graus que as altas ordens foram buscar (alargando o sentido) os seus aditos e cursos. Não é, porém, assim. Vemos o caminho como o trilhamos, mas foi de lá para cá que elle foi construido. E, de facto, as altas ordens começaram por fabricar os graus simples, convertendo certos gremios profanos em templos menores por um processo emblematico, a principio fechado, como um leque, depois gradualmente abrindo-se, como esse mesmo leque que se abrisse, ou, talvez, que abrissem. Mais tarde, e foi esse a especie de abrir o leque que revelou os desenhos nelle — se bem que o exacto entendimento das figuras não possa ser dado só com vel-as — e assim permitiu que os altos graus se formassem por evolução intima, emblematica, ou especulativa, dos graus da base ou fundamento. De modo que, quando, depois ainda, de alguns altos graus, e em virtude do ensinamento e conteudo nelles, algumas altas ordens se fizeram ou foi permitido que se fizessem, não houve nisso, no fundo e no intimo, mais que uma Devolução, o regresso à origem, a Reintegração, como também se diz.

O sentido profano é como o tacto das coisas, obscuro e material; e allegorico como o gosto, que é um tacto intimo, material ainda mas (- - -); o moral como o olfacto, que é o gosto desfeito, mentalizado, entendido na sua essencia e na definição do que o deu; o espiritual como o ouvido (sic)

Só no divino, que não podemos ter, sendo homens, se attinge a plenitude do conhecimento, já sem tacto, sem contacto, sem que é representado pela vista.

Se isto for comprehendido, e, sobretudo, meditado, haverá entendimento de muitas coisas.



53-13 (Dct) FM *Sephiroth, as applied to hermeneutics.*
(tentative)

- | | | |
|------------------|----------------------------|---------------|
| | 1. Divine (Kether) outside | |
| 2. Angelical | / | 3. Alchemical |
| | 4. Magical / | |
| 5. Mystical or / | | 6. Religious |
| Symbolical | | / |
| | 7. Philosophical | |
| 8. Historical / | | 9. Moral |
| | 10. Profane (outside) | |
| | (Malkuth) | |

These form the three columns of interpretation. It will be noticed that the Philosophical interpretation of, for instance, the MG, is the philosophical interpretation of magical action in history. It will be noticed that the moral interpretation of the MG rises naturally, in actual instruction and fact, into the religious (theory of the generation of beings and unity of all religions), just as the moral interpretation is, in a sense, of the brotherhood of all men. These, again, rise into the alchemical, which is the essential secret of FM, being the transmutation of the man himself by contact with the magically laden symbols. So also the historical sense rises naturally into the Mystical, since the Order symbolized in the historical plane is the depository of the Mystic Church. This again rises into the Angelical, or RC, in its ultimate interpretation. The horizontal senses follow the same logic, there being an analogy of spiritual level in the senses.

The Magical sense contains the inner meaning of the Philosophical sense, the secret of the magical operation by which the world is transformed.

53-13 (Dt) (Td)

FM — *Os Sefirotos, como são applicados à hermeneutica*

(tentativa)

- | | | |
|-------------------------|------------------------------------|--------------|
| | 1. Divino (Kether) de fora | |
| 2. Angélico | | 3. Alquímico |
| | 4. Mágico | |
| 5. Místico ou Simbólico | | 6 Religioso |
| | 7. Filosófico | |
| 8. Histórico | | 9. Moral |
| | 10. Profano (de fora)
(Malkuth) | |

Estas formam as três colunas da interpretação. Notar-se-á que a interpretação filosófica, por exemplo, do Grau de Mestre, é a interpretação filosófica da acção mágica na história. Notar-se-á que a interpretação moral do Grau de Mestre sobe naturalmente, em instrução e facto real, para a religiosa (teoria da geração dos seres e unidade de todas as religiões), assim como a interpretação moral é, em certo sentido, a da irmandade de todos os seres. Estas, de novo, elevam-se para a alchimia, que é o segredo essencial da Franco-Maçonaria, sendo a transmutação do próprio homem pelo contacto com os símbolos magicamente carregados. Assim também o sentido histórico transforma-se naturalmente no Místico, já que a Ordem simbolizada no plano histórico é a depositária da Igreja Mística. Esta, por sua vez, transforma-se na Angélica, ou RC, na sua máxima interpretação. Os sentidos horizontais seguem a mesma lógica, pois há uma analogia de nível espiritual nos sentidos.

O sentido Mágico contém o significado interior do sentido Filosófico, o segredo da operação mágica pela qual o mundo é transformado.



54A-20 (Dct) *Cabala.*

O Ser supremo, incompreensível e abstracto, etc., o SS dos Christãos, é o que essencialmente existe, e supremamente é. Elle, porém, pensa-se, e, ao pensar-se, torna-se o Objecto de si mesmo, a sua passividade, ou femininidade portanto; este é o que chamamos F, e estaremos lembrados de como diz aquelle texto antigo que «pela

Segunda Pessoa da Trindade soarão dois toques de sino, porque Ella é feminina». Este pensamento do SS surgiu do nada, a possibilidade infinita, a V.M. como dizemos. Ficou pois D. constituido de Sujeito e Objecto de si-mesmo, de Masculino e Feminino, hermaphrodita portanto. E este é o D. P., creador do mundo. Elle proprio é o Adam primordial (???). (Quanto á anterioridade do F., «No principio era o Verbo»). O proprio pensamento de Deus é seu filho; e assim, em Deus, o Pensamento e o Objecto são a mesma coisa.

A criação do mundo consiste na projecção do Ser Supremo, assim triplo e uno, no Mundo, triplo e uno tambem. É este o Adam primordial, Adam Kadmon dos kabalistas. A criação é symbolizada pela rotação do triangulo supremo (dividido pela linha filial que o constitue signal do Ar) sobre o eixo horizontal paternal de modo a formar um triangulo invertido, com o traço medio tambem, formando o signal da Agua. A vesicula piscis que envolve tudo naturalmente é a Possibilidade a que já referimos, em certo sentido externa a D. mesmo, a Noite infinita, o Nada.

O symbolo assim formado está naturalmente dividido em 4 partes, que são os quatro mundos dos kabalistas (? ex.): a parte entre o ponto SS e a linha F; a parte entre a linha F e a linha P; a parte entre a linha P e a linha F' (seja) e a parte entre esta e o ponto S, infimo. Chamaremos a estes mundos A, B, C e D. O mundo D, partindo de S, que é a instinctividade, é o mundo inorganico e instinctivo (cf. Wirth, Diable-Instinct); O mundo C é o mundo humano; o mundo B é o mundo angelico; o mundo A é o mundo divino.

Em cada mundo operam os dez Sephiroth.

A linha P pertence aos dois triangulos: ao divino como DP, ao mundano como Mundo; como tal é dupla e tripla: Deus-Mundo, como reflexo do SS; Deus-Homem como reflexo do F; Deus-Deus como reflexo proprio, manifestação de si-mesmo a si-mesmo, hermaphrodita espirito-materia.



On the Kabala.

The Ineffable is beyond our knowledge; we cannot say, in language is ours, even that He (or It) exists. The self-manifested Ineffable, therefore no longer Ineffable, is the Elohim, dual (Unmanifest and Manifest), and, whereas the Unmanifest is symbolically sexless; the Manifest is (symbolically) both-sexed. Afterwards, so to speak, there is the other-manifested Unmanifest, otherwise the manifestation of the Unmanifest as other than itself, and it is this that contains the four worlds. These three constitute the Trinity, being, respectively, SS, Son and Father, the father being «identical» with the world, the sould and (...) of it.

Our communication, even in its highest, can go no further than the Second Person; hence Union with God and Union with Christ mean the same thing, for we can only be one with God in and through Christ.

One is the number of Divinity in itself; two the number of Divinity Manifest, since the Son contains the two; three is the number of Divinity complete to man. Four, being the four worlds, is the number of reality, or manifestation as reality. Five, being the four worlds of the Father, and the formative world of the Son (as one) is the number of world-perfection. Six, being the four worlds of the Father and the Two Natures of the Son, is the number of Creation or Perfection of God and Man, or God and World, and therefore of the Six Days of Creation. (ex) Seven is the addition to these of the Supernal, and therefore the Perfect Number, in which there is full undersanding, for it includes the fullness (four) of the World, the fullness (two) of the Formative Son, and the Fullness (one) of the SS.

One, SS. Two, SS plus F. Three, SS plus the two natures of F. Four, SS, plus two natures of F, plus P. Five, this plus the World, thus completion.

Sobre a Kabala.

O Inefável está para além do nosso conhecimento; não podemos dizer, na nossa linguagem, nem sequer que Ele (ou O) existe.

O Inefável automanifesto, portanto não mais Inefável, é o Elohim, duplo (Imanifesto e Manifesto), e, enquanto que o Imanifesto é (simbolicamente) sem sexo, o Manifesto é (simbolicamente) ambos os sexos. Em seguida, por assim dizer, há o outro-manifestado Imanifesto, ou seja, a manifestação do Imanifesto como outro além dele próprio, e é isto que contém os quatro mundos. Estes três constituem a Trindade, sendo, respectivamente, Espírito Santo, Filho e Pai⁽¹⁾, o Pai sendo «idêntico ao Mundo, (...)

A nossa comunicação, mesmo no seu ponto mais alto, não pode ir mais longe de que a Segunda Pessoa; daí significarem a mesma coisa União com Deus e União com o Cristo⁽¹⁾, pois só podemos ser um com Deus em e através do Cristo.

Um é o número da Divindade em si própria; dois o número da Divindade Manifesta, já que o Filho contém os dois; três é para o homem o número da Divindade completa. Quatro, sendo os quatro mundos, é o número da realidade, ou da manifestação como realidade. Cinco, sendo os quatro mundos do Pai, e o mundo formativo do filho (como um) é o número da perfeição do mundo. Seis, sendo os quatro mundos e as Duas Naturezas do Filho, é o número da Criação ou Perfeição de Deus e do Homem, ou de Deus e do Mundo, e, portanto, os seis dias da Criação (ex). Sete é a adição a estes do Celestial⁽²⁾, e, portanto, o Número Perfeito, no qual há compreensão completa, pois inclui a plenitude (quatro) do Mundo, a plenitude (dois) do Filho Formativo, e a Plenitude (um) do Espírito Santo.

(1) acrescentado à mão a partir da colocação deste número.

(2) Tradução nossa da palavra «Supernal», muito utilizada nas doutrinas e rituais da «Golden Dawn», donde talvez Fernando Pessoa a tenha recebido.

Um, Espírito Santo. Dois, Espírito Santo mais Filho. Três, Espírito Santo mais as duas naturezas do Filho. Quatro, Espírito Santo, mais as duas naturezas do Filho, mais Pai. Cinco, isto mais o Mundo, sendo assim o acabamento.

54-83 (dt)

OC. (FM?).

One high meaning of the MG is as follows. Even as the Supernal G. is the Spirit of the Soul of the Creator G., even so our Higher Self is the Spirit of the Soul that is our Lower Self (save the body, which is but the expression of the soul, but its expression in the same manner as The LS is the expression of the HS). We thus reproduce in ourselves the exact nature of G., being, in fact, made in his image and likeness. It is the Spirit of our Soul, our Higher Self, which is really conscious in us and of us supremely; our LS or Soul, which is all we know of ourselves here, is conscious only of itself — Soul and Body — and not conscious of the HS. The HS retains the memories and results of former incarnations, and we therefore only vaguely, and by some obscure and occasional contact with the HS, remember them or vaguely feel them. The formula Holy Guardian Angel corresponds to the HS, and it expresses the truth. The Spirit of our Soul, being the substance of us, is nevertheless distinct from us in this world and is someone else. The formula HGA is therefore right.

The moment we grasp this state in which we live we understand the Divine state which it copies here below. We are Spirit (superior otherness), Soul (ourselves) and Body (inferior otherness). In the same manner the Divinity is Spirit, HG, or the Trinity in itself (Ain, Ain Soph, Ain Soph Aur), King S.; It is Soul, the S., or the Trinity as Self-Manifest (Kether, Chokmah, Binah, or Macroprosopus), H. K. T.; and It is Body, the F., the Trinity as Other-Manifest (the Trinity in Microprosopus), H. A. B. (or Adam).

With the HG proper, or High Trinity we have no contact, save the abstract fact that we exist, as dreams and shadows themselves

do. Our highest contact is with the Middle Trinity, the Tr. according to the S., and this is why the Xtn. religion contains the highest of the Mysteries. It is with Kether, the Word, that we can rise to contact.

Our resemblance with the Trinity and the doctrine of the Fall. What was the «man and woman created(he) them»? Does this mean Soul and Body (Spirit being «behind» and God's own?) Then it must mean Soul and Body identified, same-essenced or substacked; when the Body became different from the Soul, then was Eve born. The body then tempted the Soul to eat of the Tree of Knowledge, that is to say, of the relation between Higher and Lower, as in Hermes TMG., when the reproduction on the lower level of what happened on the higher, the phallic-yonic Fall, the subjection to the Symbol as thing.

(Td)

Ocultismo (F. Maçonaria?)

Um dos altos sentidos do Grau de Mestre é o seguinte. Assim como o Deus Supremo ⁽¹⁾ é o Espírito da Alma do Deus Criador, assim o nosso Eu Superior é o Espírito da Alma que é o nosso Eu Inferior (exceptuando-se o corpo, que é apenas a expressão da alma, mas a sua expressão na mesma maneira em que o Eu Inferior é a expressão do Eu Superior). Reproduzimos assim em nós próprios a natureza exacta de Deus, sendo, de facto, feitos à sua imagem e semelhança. É o Espírito da nossa Alma, o nosso Eu Superior, que está realmente consciente em nós e de nós supremamente; o nosso Eu Inferior ou Alma, que é tudo o que aqui conhecemos de nós, está apenas consciente dele — Alma e Corpo — e não consciente do Eu Superior. O Eu Superior retém as memórias e os resultados das encarnações anteriores, pelo que só apenas vagamente e por algum contacto obscuro e ocasional com o Eu Superior, é que nos lembramos deles ou vagamente os sentimos. A Fórmula Santo Anjo da Guarda corresponde ao Eu Superior, e exprime a verdade. O Espí-

(1) Tradução aproximada do inglês «Supernal».

rito da nossa Alma, sendo a substância de nós, é, todavia, neste mundo distinto de nós e é uma outra pessoa. A Fórmula Santo Anjo da Guarda é, portanto, certa.

No momento em que captamos este estado em que vivemos, compreendemos o estado Divino que o copia aqui em baixo. Somos Espírito (alteridade Superior), Alma (nós próprios) e Corpo (alteridade inferior). Da mesma maneira a Divindade é Espírito, Espírito Santo, ou a Trindade em si-própria (Ain, Ain-Soph, Ain Shop Aur), Rei Salomão; É Alma, Filho, ou a Trindade como Auto Manifesta (Kether, Chokmah, Binah, ou Macroprosopus, Hiram Rei de Tiro; e É Corpo, o Pai, a Trindade como Outro Manifesto (a Trindade em Microprosopus), Hiram Ab Abiff, (ou Adão).

Com o Espírito Santo, ou Trindade Superior, não temos contacto, a não ser pelo facto abstracto de existirmos, do mesmo modo que os sonhos e as sombras. O nosso mais alto contacto é com a Trindade do Meio, a Trindade de acordo com o Filho, e isto é a razão pela qual a religião Cristã contém o mais alto dos Mistérios. É com Kether, a Palavra, que podemos erguer-nos para contactar.

A nossa semelhança com a Trindade e a doutrina da Queda. O que era o «homem e mulher criou-os (ele)»? Significará isto Alma e Corpo (o Espírito estando «por» detrás e sendo próprio de Deus?). Então isto tem de significar Alma e Corpo identificados, sendo da mesma essência e substância; quando o Corpo se tornou diferente da Alma, então nasceu Eva. O corpo tentou então a Alma a comer da Árvore do Conhecimento, ou seja, da relação entre o Superior e o Inferior, como em Hermes Trismegista, quando se dá a reprodução no nível inferior do que sucedera no superior, a Queda fálica — yonica, a sujeição ao Símbolo como coisa.

26-46 (m)

O Número de Deus Padre é o 1, o do Filho 2, o do E. S. 3. Deus é 1 porque é tudo; o Filho é 2 porque é Deus e Filho de Deus. Deus-Causa e Deus-Efeito, o E. S. é 3 porque é Deus, vindo de Deus e Regresso a Deus, (Tudo quanto é «Regresso» é do S. Espírito).

O Verbo é 2, porque é Deus e Mundo, ou seja, Deus e Homem. E como 2 é o número da Mulher, assim se lê no texto dos antigos ocultistas. «--- porque a 2.^a pessoa da Trindade é *feminina*. Entre as figurações antigas do Xt.^o, se contava a do peixe; — (exemplo de se chamar «o peixe» a Xt.^o), e o peixe, na forma significativa da «Vesica pisces» é o sinal da Mulher.

Deus creou o mundo da *Possibilidade de creal-o*. A Possibilidade Infinita é representada no ocultismo pelo nome de «a mãe de Deus». É dada como Virgem, porque é Possibilidade, e a Virgem é uma Pura Possibilidade.

Como o Christo é 2, há um duplo Reino do Verbo. Há 1.^o o reino do Verbo Mundo, symbolizado, no drama mystico da «Paixão» na *Morte* de Christo; há depois o Reino do Verbo-Deus, symbolizado, num drama, na *Ressurreição*. No 1.^o D'estes reinos, o Xt.^o é opposto a Deus, como *Mundo*, e, como ele mesmo é Deus, é opposto a si-mesmo, ou *Anti-Christo*. Assim o 1.^o Reino do Verbo é, o reino do Anti-Christo, e é por um lapso ocultamente feito que vários escreveram (erroneamente?) Ante- (em vez de Anti-Christo).

Este 2.^o reino do Verbo existe, designado muito mais explicitamente, na linguagem profética com o nome de *Segundo Advento*, ou 2.^a Vinda, do Christo: e por certo, como o número de Christo é 2.^o, o Advento 2.^o é o verdadeiro e divino.

Christo disse-nos *venho trazer a guerra* etc.; porém, dizendo-o, não quiz dizer senão que esse era, não o propósito, senão o *resultado* da sua vinda. No Christianismo oculto, dos chamados ocultistas, se prepara o 2.^o Advento, a Religião Universal, a Religião Catholica, *Una*.

O Christianismo realizou em si o Anti-Christo. Separando-se das outras crenças, guerreando-as, desfazendo-se toda a vida em heresias, em seitas, em scissões; mantida a unidade pelo falseamento das doutrinas de Jesus; vivendo pela perseguição e pela injustiça, realizou bem o Anti-Christo.

São confusas as origens do X^{mo} e as do «X^{to}» porque as origens dos deuses são na nevoa e na escuridão.



Zero — o pre-immanifesto (super-Kether, Ain, etc.)

Um é o numero da immanifestação, numero supremo.

Dois é o numero da primeira manifestação, da manifestação do Um a si-mesmo.

Trez é o numero da criação, resultado da manifestação do Um a si mesmo, sommada a esse mesmo um.

Quatro é o numero da manifestação da criação, o numero da queda e da prisão, e, em certo modo, da mentira (cf. quarto voto).

Cinco é o numero da vida (cinco petalas da rosa, cinco pontos do erguimento ou reencarnação).

Seis é o numero (cf. criação em seis dias)

(Criação em seis dias envolve a dupla criação de Ain em si mesmo e depois a expansão sephirothica através dos quatro mundos).



54-7. (m)

0	Deus (uno e trino)	Deus em Si.	
10	Serafins	Deus creador	
9	Cherubins	Deus fundador	S. S.
8	Tronos	Deus alma do creado	Espírito.
7	Dominações	Deus creador deste mundo	
6	Virtudes	Deus formador	
5	Potestades	Deus mantenedor	Filho
4	Principados	Natureza	Alma
3	Arcajos	Deuses	
2	Anjos	Semi Deuses	Pai
1	Homens	Herois	Corpo
(0)	Animais	Homens	



Oc.

We may not believe that disembodied presences or presences artificially embodied may act thus on the minds of incarnate men, but we can be sceptical only if we refuse to believe the existence of those Presences. Mind acts on mind normally in this world, and when a link of some sort — by love, affection, sympathy or whatever it may be — is formed between two human beings, that interaction of minds is prompter and easier. The hypnotist, whose link with the subject is one of power, need not send him a letter to call him; he need but think the message and the subject will come. This is known to all and is current in hypnotism. If, then, we admit disembodied presences or presences which by evolution should be disembodied, the action of their minds will readily be allowed to be far stronger than that of our bound ones. It will be limited, as everything is, by the weakness or insecurity of the link formed; in the same manner as the most accurate exposition cannot carry a notion of Kant's metaphysics to a child or a common man, or as the most logical doctrine will not appeal to a man who hears it from one he mistrusts or detests, that is to say with whom he has no link.

The rule is the same everywhere. There must be capacity in the recipient and a link with the emittor; and these two conditions have long since been summed up in the precept that when the Disciple is ready the Master is ready too.

All is living and a magic link may as readily be formed with a doctrine as with a man. A doctrine is a living being, in its manner and in its grade.

I speak as one who has passed through some of those stages and know, though by a necessarily intransmissible experience, that these things are so.

54 A-67. (Dt) (td)

Oc.

Podemos não acreditar que presenças desincorporadas ou presenças artificialmente incorporadas possam agir deste modo nas men-

tes das pessoas incarnadas, mas só seremos cépticos se nos recusarmos acreditar na existência de tais Presenças. Neste mundo a mente age na mente normalmente, e quando uma ligação de certo tipo de amor, afeição, simpatia ou o que quer que seja é formada entre dois seres humanos, esta interacção de mentes é mais pronta e fácil. O hipnotista, cuja ligação com o paciente é de poder, não precisa de mandar uma carta para o chamar; só precisa de pensar a mensagem e o paciente virá. Isto é conhecido de todos e é habitual no hipnotismo. Se, então, admitirmos presenças desincarnadas ou presenças que por evolução devam estar desincorporadas, aceitar-se-á rapidamente que a acção das suas mentes é, de longe, mais forte de que a das nossas ligações. Ela será limitada, como tudo é, pela natureza e capacidade da mente recipiente, pela fraqueza ou insegurança da ligação formada, como, igualmente, a exposição mais perfeita de uma noção da metafísica de Kant não pode ser transmitida a uma criança ou a um homem comum, ou como a doutrina mais lógica não atrairá uma pessoa que a ouve de alguém em quem não confia ou detesta, ou seja, com quem não tem uma afinidade.

A regra é sempre a mesma. Deve haver capacidade no recipiente e uma ligação com o emissor; e estas duas condições foram há muito resumidas no preceito de que quando o Discípulo está pronto o Mestre também está pronto.

Tudo é vivo, e uma ligação mágica pode tão facilmente ser formada com uma doutrina como com um homem. Uma doutrina é um ser vivo, na sua maneira e no seu grau.

Falo como alguém que passou através destes estágios e sabe, apesar de o ser por uma experiência necessariamente intransmissível, que estas coisas são assim.

53A-81

Waite RC — p 449/50

Zelator

Black, White, Yellow, Red

Putrefaction, Albation, Gradation, Rubification

Saturno

Lua — personality

Sol — individuality

Marte — individuation

Sensation. Memory. Imagination, Conception Expression
Preparation, Putrefaction, Albation, Gradation, Rubification.
(Death) [The Skeleton] (Rebirth)
is white

(Td)

A[rtur E.] Waite — «A Fraternidade Rosea Cruz»
— pág. 449-50. Zelador

Preto Branco Amarelo Vermelho
Putrefacção, Albação, Gradação, Rubificação.

Saturno

Lua — personalidade

Sol — individualidade

Marte — individuação

Sensação Memória Imaginação Conceção Expansão
Preparação, Putrefacção, Albação, Gradação, Rubificação.
(morte) O Esqueleto (renascimen-
to)
é branco

★

53A-69 (m)

First Matter as vitality, not life, but the animality of this life, physical instinctivity — (Magnetism).

(1) Putrefaction — the rottenness (such as (...)) which comes by killing this.

- (2) *Albation* — the purity coming afterwards —
- (3) *Gradation* — the
- (4) *Rubificatio*

Stilling of the senses (killing the 3 assassins)

- Neophyte (1) Closing of the avenues of senses
- (2) Stiness of soul (? *Finding of the word*)
 - (3) Sanctification (? *Completing the temple*)
 - (4) Illumination (? *Identification with the Master*)
 - (5) Tincture by Divine Fire.

(B. R. C., p. 65)

(Td)

Matéria-prima como *vitalidade*, não vida, mas a animalidade desta vida, instintividade física — (Magnetismo).

- (1) Putrefacção — a podridão (como a (...) etc. que vem de matar isto.
- (2) Albação — a pureza vinda em seguida
- (3) Gradação
- (4) Rubificação

Acalmar os sentidos (matando os três assassinos).

- Neófito (1) Encerramento das avenidas dos sentidos.
- (2) Acalmia da Alma. Procura da Palavra ?
 - (3) Santificação. Completar o Templo ?
 - (4) Iluminação. Identificação com o Mestre ?
 - (5) Tingimento pelo Fogo Divino.

(«A Fraternidade Rosea Cruz», pág. 65)



53A-25 (m) (p)

Hiramic myth (Gibson)

Nisto — em que um mytho pode ser Verdade — está uma das chaves da Alta M.[agia] A «alchimia» está nisto.

A *De Sapientia Veterum*, de Fr. Bacon, contém uma aplicação a outros assumptos do processo alchimico ou maçónico.

Um myto pode não ser verdade, mas ser verdadeiro.



54-95. (Dt)

Subsolo.

..... Assim também AMDG., que só no primeiro sentido quer dizer Ad Majorem Dei Gloriam ⁽¹⁾.

O Segredo da Alchimia, isto é, da transmutação do inferior no Superior sem alteração

No Templo: o Segredo Alchimico, RC as ReinCtio



53A-54 (m)

O Templo de Salomão é a alma humana. Sua expressão interna e suprema, o Mestre, é morto (no astral) pelos três assassinos. O Mundo (o desejo dos outros), a Carne (o desejo de si) e o Diabo (o desejo de mais que si) e é este último que dá ao Mestre na Frente, o golpe mortal. (Isto é na parte mais sublime do ser).

A Grande Obra é o elaborar em nós o com (no sentido estrito e pessoal) que não reincarnarmos, a transmutação (aqui mesmo) do chumbo do nosso ser precível no ouro do nosso ser que não perece.

⁽¹⁾ Significa «Para a maior glória de Deus», e é a divisa da Sociedade de Jesus.

No sentido lato e universal é esse mesmo fenomeno aplicado ao conjunto da humanidade, pelo auxilio e amor dos que se libertaram. Ninguem se liberta senão creando em si a dedicação ao universal, ao multiplo outrem. Querer libertar os outros é a condição essencial de nos podermos libertar a nós. É com amor que a liberdade se consegue (1).

O Diabo é o desejo de ser igual a Deus: como porem, não podemos ser eguaes a Deus senão na sua imagem e semelhança de reincarnados, o Diabo é o querer reincarnar.

O terceiro assassino vibra no Mestre em plena frente, o verdadeiro golpe mortal.



54A-76 (dt)

«O Peregrino», os trez mundos: Cidades, Campos, Montanha; o mundo humano, o mundo angelico, o mundo divino; a Caverna.

O verdadeiro sentido de esoterico e exoterico. Ha dois sentidos possiveis: exoterico, o que pertence á apparencia do mundo, esoterico, o que pertence á realidade que está por baixo desta apparencia; exoterico o que pertence ao mundo em toda a sua realidade humana e divina, esoterico, o que está para além d'isto.

Sentido do Sacrificio (i. e., do «tornar sagrado»), da cruc. da R. — A R. tornar-se «producto» do «cruzamento» do vert. com o horiz. A Em. pura «sacrificar-se» a tornar-se «humana», a ser acção (vert.) e emoç. perdida (perdue) (horiz.), a ser inst., a converter-se em «fé». (Inversamente, o inst. a tornar-se, a gerar no seu «cruzamento», a R., tornar-se inst. de emo. não de acto, intuição portanto.) (Ex.)

A passagem dos 10 signos a 12. De um lado V. (a R.), do outro Sc. (a Cr., o instinc. sex.,) pela interposição de Lib. (signo intell. mas fem.). Estas duas «forças» (V. e S.) formam (estando separadas e eguaes) o «equilibrio» do mundo natural.

«Queda» . - (Casa cadente - -)

(1) v. paga, alcança.

Mundo hum., governado pelo inst. - Mundo ang., govern. pela Em. - Mundo d. gov. pela Vo.

Quem «cala» «con-sente». O «silencio» é de «ouro»; a «palavra é de prata.

As «colunas» de Hercules (i. é, da Força).

V. não é um prod. da Intel. — V. é que produz. — V. prod.Em., primeiro em Si (Filius), segundo fora de Si (anj). — Per este (e estes) prod. Hom. (V) e Mul. (Em), finalmente em separação. — Queda (da V; na Em) gera Inst. — Em.em V. (Filius) torna D. como que Inst. Super.; Em. sem V. (anj) tem, em todo o caso, Int., porque se separa de D., e assim assemelha-se ao Dest. (como este, dist. e indist. do D.). Assim anj. reproduzem Dest. — Hom. pur. V. (porisso «livre»); mul. pur. Em. (porisso negro) (mul. tambem branc. — junção de n. e b. os dois fem.)

Anj. bs. sentem só vont. div. — Anj. ms. sentem tambem Int. alem-div. — «Eritis sicut dei» (não «sicut angeli!»), porq. anj, bs. não conhecem o b. e o m. — Anj. ms. também não o conhecem, mas produziram-o, pela «separação». — Hom., unindo V. e Em., ficou conhecendo b. e m. Era (elle) pura V. sem consc. (? -ys); ella pura Em. sem consc. — divisão de Ds.sem Int., que só podia ser adquirida pela união, reproduzindo Ds. na Terra. — Int. (Serp) lembrou Un. á Un. — Productos: Abel, Caim;

Filho não governa no mundo angélico.

Homem era pura vontade exterior; feminino era pura emoção interior.

Porisso feminino é negro (noite, falta de luz de fóra; e prata, luar, luz dada.....).

Redempção occulta — sublimação da emoção pela intelligencia abstracta (ou do instinto pela intelligencia abstracta.) (Instinto abstracto = regresso a Deus) — Redempção externa — instinto torna-se emoção abstracta — regresso a Deus pelo Filho. (Ou o contrario, pois que o instinto abstracto é o amor místico; a emoção abstracta é o sentimento hermético.)

Hypoteses: Intelligência torna-se Emoção — (Emoção torna-se Intelligência.) — (amor místico) 1. aproxima do Filho. — 2. aproxima de anjos.

Instinto abstracto parece Deus. Emoção abstracta parece anjos.

Nota. A parte final deste texto apresenta-o já sem as abreviaturas originais.

125 B 10 (p) (Dt)

... No Antichristo dos prophetas, embora a sua natureza e modo de apparecimento se discutam, são essenciaes trez condições. Ha de ser, em primeiro lugar, *conscientemente* o Antichristo; não basta que obre como se suppõe que deva obrar o Antichristo — ha de apresentar-se como o inimigo de Christo ao obrar como tal. Como Christo é, essencialmente, uma força espiritual, o Antichristo ha de ser, em segundo lugar, uma força espiritual também; por onde se vê que a allusão aos seus exercitos (se assim a propheta se applica) não se deve entender de exercitos de soldados, mas de fieis, não de uma guerra no espaço onde estão os corpos, mas no tempo onde estão as ideias. E como Christo é o representante da Intuição, ou do Sentimento, como guia e norte da Vida, o Antichristo deve ser o representante da Intelligencia, que é o inimigo do Sentimento. Isto entendem os occultistas, quando dizem de Christo que ele é femea, porque o Sentimento é, na figuração dos Rosa-Cruz, entendido como feminino, e esquerdo. Nem outro sentido tem a attribuição ao anjo rebelde de o nome de Lucifer, o que Traz a Luz, symbolo patente da Intelligencia. Sabem também os versados nestes assumptos esconsos que o numero 666 era significador da «Intelligencia Material», que é como se designava a intelligencia baseada nos processos extra-mysticos, isto é, na analyse, na experiencia e no raciocinio — a Intelligencia scientifica, portanto, ou na verdade, a Intelligencia propriamente dicta.

Em terceiro lugar, o Antichristo deve ter uma estatura espiritual condigna com o Mestre, a quem se oppõe. Não deve ser, por uma casualidade, ou por uma mera consequencia, autor de damnos e de males para o christianismo. Deve ser comparavel a Christo na sua grandeza, embora se entenda que emprega para mal essa grandeza.

125 A 36 (dt)

Já alludimos a este typo de confusão, com o mesmo genero de exemplo, quando houvemos de nos referir ao character do pensamento prophetic.

Aliás, este triumpho final do christianismo encontra-se accentuado em as poucas prophacias que temos sobre o assumpto, e ás quaes podemos attribuir, no propheta, uma independencia das suas proprias opiniões e desejos — unico fundamento para tomar a propheta como propheta a valer, e não como expressão de um sonho proprio. Uma é a do verso de Nostradamo, posto no fim das centurias para que se repare que se reporta ao fim das «cousas» — isto é, da civilização a que pertencemos:

Religion du nom des mers vaincra,

sendo que o christianismo é a religião dos mares, governada pelo signo de Pisces, e nascido o seu fundador de Maria, que quer dizer «mares» em latim.

A outra é a propheta, ainda mais curiosa, de S. Francisco de Paula. Este diz que haverá uma «religião nova» — repare-se bem, «nova» — (((Lusitanus torce inutilmente a phrase, ao interpreta-la; se S. Francisco de Paula quizesse dizer uma religião velha para que havia de chamar-lhe nova?)); mas essa religião será imposta ou desenvolvida por uns a quem chama «cruciferos». O serem cruciferos indica que a religião é christã, pois a cruz é o symbolo essencial do christianismo (embora exista, porém só acessoriamente, na symbolologia de outras religiões); mas o ser a religião «nova» indica que não é catholica, pois para S. Francisco de Paula, que era, claro está, catholico, um christianismo não-catholico é uma religião nova.

A propheta de Nostradamo é aceitavel, por «imparcial», pois assim são todas as prophacias d'esse homem extraordinario; essas e as do Terceiro Corpo do nosso Bandarra. A propheta de S. Francisco de Paula é igualmente aceitavel, pois é evidentemente «imparcial» a propheta de um catholico que, embora involuntariamente, prophetiza a queda da sua propria religião.

Para justificar a sua aspiração (de agora) a um imperio cultural, tem Portugal, além da tradição quebrada d'esse imperio, isto é, da indicação inicial nesse sentido, a felicidade de não ter tido até agora uma grande litteratura, mas uma litteratura escassa e pequena, de modo que está quasi tudo por fazer nesse campo, o que torna possível o fazer tudo, e como deve ser feito.

«Fará paz em todo o mundo» diz o Bandarra de D. Sebastião. E a paz em todo o mundo, só numa fraternidade por enquanto imprevisível, mas que por certo exigirá um meio de comunicação igual — uma lingua.

Que mal haverá em nos prepararmos para este dominio cultural, ainda que não venhamos a tel-o? Não queremos derramar uma gota de sangue; e ao mesmo tempo nos não furtamos á ancía humana de dominio. Não cahimos portanto na esterilidade do universalismo humanitario, mas também não cahimos na brutalidade do nacionalismo extra-cultural. Queremos impor uma lingua, que não uma força; não hostilizamos raça nenhuma, de nenhuma côr, como em geral não temos hostilizado, porque podemos ter sido por vezes barbaros, como todos os imperiaes de conquista, mas nem fomos mais, senão menos, que outros, nem nos pode ser contado como defeito que excluíssemos os de outra cor da nossa casa ou da nossa mesa. Assim nos nossa índole prepára para aquella fraternidade universal que a theosophia anteprega, e que é, de ha tanto tempo, o doutrina social intima dos Rosa Cruz.

Se falharmos, sempre conseguimos alguma cousa — aperfeiçoar a lingua. Na peor hypotese, sempre ficamos escrevendo melhor. Ser-vimos immediatamente a cultura geral e a civilização; quando mais não fizéssemos, não houveramos que accusar-nos de ter peccado.

125B-42 (Dt)

Bandarra

Os dois ramos (apparentemente) mais notaveis da propaganda occulta, o Buddhismo Esoterico e os Rosa-Cruz, destinaram-se a pre-

parar o mundo, cada um em sua sphaera de acção, para a formação da Nova Jerusalém, ou verdadeira Igreja Catholica. E, como operavam em regiões differentes, e para crentes de religiões diversas, dispunham a sua propaganda do occulto de acordo com as predisposições e crenças d'esses. Assim, sendo sua doutrina essencial, como de todos os ramos do occultismo, o Segundo Advento de Christo, e a fundação, com elle, da vera Igreja Catholica, preparavam o estado de alma, só hoje definindo-se, para esse Advento e essa Fundação, de maneiras differentes.

A natureza de Jesus Christo é dupla — para os occultistas como para os theologos christãos. É a um tempo divina e humana. Para os theologos e para os crentes christãos, ambos exteriores á comprehensão d'este assumpto, a dupla natureza entende-se de maneira diversa que para os occultistas. Para estes Jesus Christo é ao mesmo tempo um Adepto, como Buddha, ou outro Iniciado qualquer, e o Filho de Deus, ou Logos, e, como tal, acima de qualquer nivel de adeptismo. Como o primeiro é Jesus, ou Ieschu, e viveu na terra cem annos antes da epocha que no mundo christão se suppõe, sendo justa a interpretação dos hierologos radicaes — resalvado o materialismo d'ella — de que os mythos christãos se reuniram em torno á figura de Ieschu ben Pandira que foi enforcado e lapidado em Lydda, na vespera da Paschoa, no reinado de Alexandre Janneo. Como o segundo é Christo, e não pertence a este mundo senão como Deus, que o creou, e é substancia d'elle, lhe pertence. Os Gnosticos, que eram occultistas, ou pelo menos mysticos superiores, assim viram, mas separaram as duas naturezas, adorando só a divina, que lhe será necessariamente superior, e não a humana, que, quando muito, só em grau, que não em genero, o poderia ser. Mas os Gnosticos foram condemnados por herejes, e como herejes repulsos e extinctos, pelo menos apparentemente. Não foi porém a Igreja que os extinguiu assim, senão o Destino que fez a Igreja poder assim extinguil-os. A idéa que apresentavam vinha fóra do seu tempo, nem poderia servir aos fins do conductores do mundo, embora estes soubessem bem que era mais verdadeira que a que iria ser espalhada e desenvolvida entre as nações pela Igreja Catholica.

Os Buddhistas, para trabalharem para a convergencia dos homens para o Segundo Advento, apresentaram sempre Jesus aos seus apenas

VI CAPÍTULO

como um Adepto, pois se o apresentassem como Deus, ou como Deus e Adepto ao mesmo tempo, nem seriam compreendidos nem accites pelas populações buddhistas. Precisavam manter nellas o respeito preparador por Jesus; fizeram-o pondo-o como respeitável no nível que seria compreendido. Só a Theosophia é que, finalmente, declarou o Segundo Advento, e, ainda assim, como deveras lhe compete, não insiste muito na outra face da Figura, na face transcendente e divina.

Os Rosa-Cruz, por outra parte, tendo de ministrar, embora veladamente, o mesmo ensinamento a outras populações, apresentaram-o de diverso modo. Não se referiram, senão de modo tam velado que só o comprehendesse quem pudesse comprehendel-o, a Jesus, ao Adepto; apenas alludiram ao Christo, ao Filho de Deus. Assim nada, no que diziam, feria a fé catholica ou christã dos seus leitores.

Do mesmo modo não alludiam os Rosa-Cruz, em seus escriptos, claramente á doutrina da reencarnação, elemento physico do occultismo todo. Tal doutrina, embora contida em verdade no verdadeiro christianismo, não está nelle dada exotericamente. Ensinal-a seria ferir as populações christãs, erguer o odio das egrejas christãs, prejudicar a preparação que os seus livros serviam de effectuar.



53B-72 (m)

A Destruição do Templo. (Introdução á historia moderna)

A symbolica da destruição do templo nos phenomenos da crucifixão no Quarto Evangelho. *O sangue e a agua* que correm da ferida.

A destruição do Templo quer dizer *a ruina dos Mystérios*, e o desastre que foi o derramar pelo mundo e pela humanidade das doutrinas esotericas, que por natureza não se destinam a ser divulgadas.

(Divulgar é destruir, porque a doutrina occulta, divulgada, passa para quem não a pode comprehender e que, portanto, (1) a deturpa na interpretação; (2) a deturpa ainda mais na acção).

As duas «divulgações» são a da esoterica como exoterica (e. g. o Ch^{mo}, e sobretudo o X^{mo}, biblico, pois a Biblia é inintelligivel e a absurda sem a chave «alchimica», por assim dizer, que a interpreta), e a da esoterica como falsa esoterica, nas sociedades secretas, etc., que já não eram depositarias da verdadeira doutrina esoterica, mas de fragmentos invitaes della.

A Reconstrução do Templo, a Segunda vinda de X^{to} (os dois symbolos significam o mesmo sentido), dado pela mystica christan, sob as duas formas de «fim do mundo» ou «fim da fé» (?), ou ainda «Juizo Final».

Das sociedades herdeiras (?), dos antigos detentores da sciencia sobrehumana, só uma, conhecida vulgarmente por os Rosa-Cruz, verdadeiramente herda a verdadeira Sciencia. Esta mysteriosa Fraternidade, de quem ninguem pode ao certo affirmar nada, tampouco sequer sonhar que conheceu um dos seus Adeptos, vela-se por com-

pleto da realidade, vem através das épocas occulta em meio da vida e dos povos.

A iniciação nas sociedades secretas é uma mimica deteriorada, uma figuração em plano inferior da iniciação verdadeira. O ceremonial maçónico, por exemplo, como o trabalho alchimico, é *symbolico*; não significa nem mesmo o que os «iniciados» neste nível supõem que ele significa.

Ao homem vulgar, que queira entrar as portas do Occulto, diremos só uma cousa: não tentes! O occulto é que nos procura, não nós a elle: pois, desde a Queda, não há livre-arbitrio. Não somos nós que olhamos para a Materia: ella é que olha para nós. Collocando-se na passividade chamada mediunica podes julgar que atinges outros mundos; não fazes senão aprofundar a Illusão, que, como é contínua com o mundo, é para nós verdadeira.

Esta frase é para quem entende: *a sublimação é pelo mercurio*. Toda a iniciação está nisto.

Vertical, vontade

Horizontal, intelligencia

Circulo, emoção.

A terra ⊕ é a Vontade e a Intelligencia presas na Emoção. O symbolo da R-C é a emoção «crucificada» na Vontade e na Intelligencia.

Deus não pode pensar-se porque sera distincto de si se o fizesse: Deus é só figuravel como vontade. Só cria; e o que cria não se separa d'elle, senão para nós, que vemos o criado e não criador.

A intelligencia não pode criar. A «revolta dos Anjos» é a intelligencia que se «dividiu» da vontade. Todo o homem que sente em si o drama de *Hamlet* realiza em sua alma a tragedia da Revolta dos Anjos — a *queda absoluta* no Abysmo anterior ao mundo.

O «Logos» pelo qual Deus creou o mundo, segundo a doutrina secreta, não é a intelligencia, não é *aquella* Intelligencia: é a *Sciencia*, sem Intelligencia, o *Verbo*, isto é, a *Expressão*.



125A-8 (dt)

Bandarra

Aquilo a que se chama «iniciação» é de trez especies, na primeira e no nível ínfimo a iniciação exotérica, análoga à iniciação maçónica, e de que esta é o typo mais baixo: é a iniciação dada a quem propriamente se não encaminhou para ella, nem para ella se preparou (porque a suggestão de outrem, o impulso externo, e a simples curiosidade não são preparações), e que serve para pôr o individuo em condições de poder dar-se o caminho esotérico, de poder buscar, pelo contacto, embora exotérico, com symbolos e emblemas o verdadeiro caminho. O mais exterior e nullo dos systemas iniciáticos — como o é hoje a maçonaria — serve este fim, logo que tenha conservado os symbolos pelos quaes em nós se infiltra o primeiro conhecimento do occulto. O único fim com que os Rosa-Cruz instituíram a maçonaria exotérica é o de pôr muita gente em contacto com, por assim dizer, o aspecto externo da verdade occulta, podendo assim aquelles, que se sentem aptos, ascender a ella lentamente.

Há, depois, a iniciação esotérica. Differe da primeira, em que tem que ser buscada pelo discípulo, e por ele desejada e preparada em si mesmo. «Quando o discípulo está prompto», diz o velho lemma dos occultistas, «o mestre está prompto também.»

Há, por fim, a iniciação divina. Esta, não a dão exotéricos ou esotericos menores, como a exoterica, nem até Mestres ou Esotericos Maiores, como a esoterica vem directamente, e por de cima d'estes todos, das mesmas mãos do que chamamos Deus. O typo supremo d'esta iniciação é a de Jesus, a quem Deus, de nascença, converteu em sua mesma Essencia, tornando o Christo.

Iniciado exoterico é, por exemplo, qualquer maçõn, ou qualquer discípulo menor de uma sociedade theosophica ou antroposophica. Iniciado esoterico é, por exemplo, um Rosa-Cruz, um Francis Bacon, seja.

niciado Divino é, por exemplo, um Shakespeare. A este typo de iniciação vulgarmente se chama génio.

Quando Shakespeare disse, «uns nascem grandes, outros chegam à grandeza, a outros é a grandeza imposta», deu, talvez sem querer e julgando ser simplesmente ironico, a chave das trez iniciações, na ordem descendente. Outro sentido não tem a mesma frase de Christo que diz o mesmo pelo modo oculto, «a uns fazem eunuchos, outros se fazem a si mesmos, outros são eunuchos desde o ventre materno», em que, por uma expressão symbolica que a intuição facilmente comprehende, se exprime pelo eunuchismo o afastamento dos outros que caracteriza a iniciação.



54-34 (dt)

Occ.

É hoje mais ou menos conhecida a divisão dos mundos ou planos, em que o homem vive. Ha varias definições d'esses planos: uma(tradicional do occultismo europeu, que os divide no do corpo, no da alma, e no do espirito (ou seja os planos physico, astral e espirital); outra, seguida pelo buddhismo chamado esoterico, que alarga esta divisão em physico, etherico, astral, mental, monadico e divino; outra ainda, derivada da Cabala judaica, que divide os planos segundo os quatro mundos da emanção divina — physico, angelico, archangelico e divino. Para fins theoreticos, serve a definição cabalistica, operando-se nella, porém, algumas modificações, que são, afinal, esclarecimentos. Assim teremos: (1) o plano physico, (1a) o entreplano etherico, que não é mais que a ponte entre os planos physico e astral, (2) o plano astral, (2a) o entreplano angelico, que é a ponte entre o espirital e o divino, e, finalmente (4) o sobreplano divino.

Para fins practicos, o plano archangelico e o sobreplano divino tem que ser eliminados da nossa consideração, pois, salvo no intimo inatingivel do nosso ser, estamos fóra de contacto com esses niveis. O maximo que se alcança na iniciação humana é o plano astral;

o maximo que se attinge na iniciação sobrehumana é o plano espirital. Temos assim como que cinco mundos, que são diversos dos quatro da Cabala, de que só dois são incluidos nos cinco.

Nos graus da ordem interna, os primeiros quatro correspondem á iniciação no plano physico, o entregrau de Senhor do Limiar á iniciação no entreplano etherico, os trez graus seguintes correspondem á iniciação no plano astral, attingivel todavia com este corpo e nesta vida, o entregrau do Infante do Abysmo á iniciação no plano angelico (?), os trez ultimos graus da Ordem á iniciação no plano espirital, esta obtida só desincarnadamente.



54-40 (dt)

Occ.

São trez os caminhos da iniciação — pela emoção, pela vontade e pela intelligencia (pelo enxofre, pelo sal, e pelo mercurio). A iniciação pela emoção adquire-se pela immersão em qualquer religião e no mysticismo que haja nella, e pela ascensão individual atravez do contacto com essa religião e com esse seu mysticismo. A iniciação pela vontade adquire-se pertencendo a uma Ordem iniciatica qualquer, ou em subordinação e aprendizagem a um Mestre qualquer externo; como a vontade se manifesta na acção, esta iniciação tem que passar-se no campo da acção, que é a vida e a relação que ha nella, e de ahí o fazer-se esta iniciação atravez de contactos vitais definidos, e não simplesmente fluidos, como na pela emoção. A iniciação pela intelligencia faz-se solitariamente, sem contacto fluido ou solido com qualquer religião ou ordem; o unico contacto é aquelle, angelico, com os Superiores Incognitos. É esta ultima a iniciação pela chamada formula da RC.

O iniciado pela emoção é candidato a mystico, o pela vontade a mago, o pela intelligencia a alchimico. O processo emotivo é, até certo ponto, solitario, pois a emoção está mais perto da intelligencia

que a vontade; aliás, toda a iniciação é solitaria, e aqui a distincção não é entre os resultados, mas entre os processos.

O homem emerge do animal pela intelligencia, entendendo-se, sobretudo, a intelligencia abstracta. Na esphera da Primeira Ordem, que é puramente humana, o desenvolvimento da intelligencia abstracta é o fim. Porisso o mais alto grau da Primeira Ordem é designado como o grau de Philosopho.

Na Segunda Ordem o fim é a conversão da intelligencia em intuição, o desenvolvimento da intelligencia analogica, para além da intelligencia discursiva. Na Terceira Ordem o fim é o desenvolvimento da intelligencia completa, em que se funde a discursiva com a analogica, a conversão da intuição de novo em intelligencia, porém em outra especie de intelligencia.

Quando o Zelador passa a Theorico, deve adquirir o conhecimento dos systemas philosophicos. Desenvolve depois a capacidade de especular sobre esses systemas, pois o uso d'elles não é dar alguma parte da verdade (embora a contenham, ou um ou outro a contenha) que não podem dar, mas de livrar da tyrannia do dogma, da auctoridade, da unilateralidade espirital e mental. Completado este periodo practico de comparação e reflexão, o Theorico passa a Philosopho, e começa a elaborar uma systematização das comparações e criticas que fez, das reflexões a que foi levado; chega assim a seu systema proprio — que não será por certo melhor que os de outros philosophos, mas que é proprio, e consiste na definição, pela intelligencia abstracta, da propria individualidade. (O Neophyto toma simplesmente consciencia da sua intelligencia abstracta; o Zelador completa, pelo estudo, essa consciencia, tomando conhecimento das tradições da intelligencia abstracta, da intelligencia abstracta dos outros).

Chegado, porém, à elaboração de um systema metaphysico proprio, qualquer que seja o seu valor, e seja ou não escripto, o Philosopho encontra-se perante o Limiar e perante a Segunda Prova. Quando foi feito Neophyto (e passado Zelador) abdicou, em favor das coisas da intelligencia abstracta, d'aquellas que são da intelligencia

concreta; agora, que é Philosopho, tem que abdicar, em favor das coisas da intuição, d'aquellas que são da intelligencia abstracta. É uma prova mais difficil e mais profunda: chegado ao conhecimento de uma verdade sua, tem agora que se convencer que ella é falsa, e que se enganou; tem que despir-se até da sua personalidade superior humana, como antes tivera de despir-se da inferior, e a prova é tanto mais difficil quanto o que ha que rejeitar é de mais valia.

Logo que attinge o convencimento de que tudo quanto attingiu nada vale, de que a sua verdade é erro, e de que a sua personalidade superior é inferior, está o candidato no entregrau de Senhor do Limiar, onde nada se passa salvo uma provação, sendo por isso que o passo se chama entregrau, e não grau, e não tem numero na série.

Quando o Senhor do Limiar, despido por completo da sua personalidade e do amor a ella, se torna um elemento intellectual desenvolvido mas passivo, está apto a que nelle desabroche a intuição, que é uma faculdade angelica, que, portanto, só pode existir no homem por dativa superior, e não por natural desenvolvimento das qualidades humanas da mente. Quando essa intuição é recebida, ascende ao grau de Adepto Menor, que é o primeiro da Segunda Ordem.

O Adepto Menor tem por tarefa o desenvolver a sua intuição até ao ponto em que ella chega ao limite do que humanamente possível. Chegado a este ponto, estando, por assim dizer, saturado de intuição, passa ao grau de Adepto Maior, onde retoma, então, a intelligencia abandonada e a trata de desenvolver á luz da intuição recebida. Começou por abrir a sua personalidade á intuição; agora abre a ella a sua intelligencia, faz a intuição, que é já nelle substancial, subir (ou descer) á intelligencia, de sorte que esta tome a côr da intuição. Fundida a intelligencia com a intuição, pois tal é o resultado d'esta operação magica, o Adepto Maior pode passar a Adepto Exempto.

(A abertura da personalidade é intuição, pela abdicção da intelligencia pessoal, é o que é figurado em linguagem occulta pela obtenção da Intelligencia e Conversa do seu Anjo da Guarda, expressão que, sem deixar de ser symbolica, todavia o não é de todo.)

Fundida nelle a intelligencia com a intuição, o Adepto Maior está, por assim dizer, angelizado — isto é, a sua personalidade está

semelhante, salvo a origem e a diferença, ás dos anjos, ou as personalidades superior a quem assim designamos. O que tem que fazer, como Adepto Exempto, é analogo ao que fez quando Philosopho. Na Primeira Ordem, juxtapoz, examinou, criticou os varios systemas philosophicos; por fim, numa especie de negação d'essa critica, elaborou um systema proprio. Na Segunda Ordem, formada por completo a sua personalidade superior, pelo casamento da intelligencia e da intuição, vae proceder, por uma outra negação, inversa em natureza da anterior, à destruição da sua personalidade assim constituida.



54-33 (dt)

Occ.

O Adepto Menor desenvolve a sua intuição a ponto de a tornar um instincto, operando com a rapidez, a perfeição e a inintelligencia de todos os instinctos. Assim como, porém, a intelligencia succede ao instincto na ordem natural, assim na ordem iniciatica ha uma intelligencia que succede a esse segundo e mais alto instincto que é a intuição. O papel, ou tarefa, do Adepto Maior é o de desenvolver em si essa segunda e maior intelligencia.

Será possivel definir que intelligencia é essa que transcende a intuição, do mesmo modo que esta transcende a intelligencia humana? Não é impossivel, embora a definição tenha que ser comprehensivel só abstractamente. Vejamos quaes são as relações da intelligencia com o instincto. Ser-nos-hão claras se considerarmos — seja isso verdade ou não — o instincto como desenvolvendo-se na base do sentido do tacto, a intelligencia como desenvolvendo-se na base do sentido da vista. Assim como nos cegos, sobretudo se o são de nascença, os sentidos outros que a vista se desenvolvem num grau sobrenormal, assim na cegueira intellectual do instincto se desenvolvem os seus sentidos proprios para além do que a intelligencia os pode deixar desenvolver. Sabe-se que ha animaes que preveem tempestades e

tremores de terra, quando o céu não traz signaes de umas, nem ha signaes nenhuns visiveis dos outros. Ha aqui como que um desenvolvimento subtilissimo do tacto, que colhe vibrações inconvertiveis em termos visuaes, e que a posse da intelligencia prejudica. O instincto é pois uma sensibilidade tactil desenvolvida em subtilidade, e principalmente receptiva. O animal sente segundo o instincto, age segundo a intelligencia. (ex. develop)

Assim a intuição é principalmente receptiva. Differe do instincto em que o instincto é receptivo para coisas que representam subtilizações tacteis, ou seja para vibrações physicas, ao passo que a intuição é receptiva para coisas que representam subtilizações intellectuaes, ou seja para vibrações ethericas (e astraes). A intelligencia serve para reduzir a acção as sollicitações do instincto; assim a intelligencia segunda servirá para reduzir a acção as sollicitações da intuição. A intelligencia comprehende e cria, num ou noutro nivel.....



54-39 (dt)

O grau de Adepto Menor é, na realidade, o ponto de partida da verdadeira iniciação, e é possivel chegar a esse grau sem uma passagem definitiva pelos graus da Primeira Ordem. Em outras palavras, é possivel chegar a um desenvolvimento notavel da intuição sem um desenvolvimento anterior da intelligencia abstracta. (Tal é, em certo modo, o caminho seguido por os que seguem a forma emotiva ou instinctiva, ou a forma voluntaria ou ritual, da iniciação — os que chegam, dentro de certos limites, a santos ou a magos, respectivamente.) Mas a posse dos graus tem graus em si mesma; póde ser muito imperfeita, sem que por isso o iniciado deixe de ter o grau que de facto tem. E o resultado será uma falta de desenvolvimento dentro do proprio grau, e, em consequencia, uma excessiva demora nelle, sem se poder passar para o grau seguinte; pois só a perfeição num grau dá a passagem para o que se lhe segue.

Uma comparação, tirada de coisas simples e externas, tornará claro o que aqui foi dito. Um poeta é um intuitivo, e faz versos por uma operação intuitiva. Pode ser-se poeta sem quasi nenhuma cultura. Nunca, porém, sem cultura nenhuma se poderá ser um grande poeta, ou um perfeito poeta em nenhum genero, ainda que inferior, da poesia. Nunca houve grande ou perfeito poeta no mundo que fosse inculto; o que varia, entre esses grandes ou perfeitos poetas, é o typo de cultura. Póde ser a cultura obtida por erudição deliberada e paciente, como em Milton; póde ser a cultura obtida por diversidade curiosa de interesses, como em Goethe; póde ser a cultura obtida pela extraordinaria universalidade do espirito, tirando resultados de tudo, apprendendo em tudo, como em Shakespeare; póde ser a cultura derivada de um amor ardente à cultura, e uma absorpção apaixonada da pouca que se obteve, como em Keats. Cultura, porém, tem que haver; sem ella a intuição trabalha no vacuo. (A pomba de Kant.) (Porque não ha vacuo absoluto, nem incultura absoluta, de algum modo, enfim, se pode a pomba intuitiva mover.)

No caminho ritual busca-se o desenvolvimento da intuição pela intuição mesma, ou, se se preferir, pelo instincto (base da acção, da acção perfeita). No caminho mystico (?) busca-se a obtenção da intuição pela abdicação da personalidade. No caminho mercurial busca-se pelo desenvolvimento da intelligencia, de que a intuição depois se alimente.

54A-63 (dt)

Init. (Occ.)

It is difficult, of course, to understand what is meant by Union with God, but some idea may be given of what it is intended to mean. If we assume that, whatsoever may have been (apart from the falseness of using a tense, which implies time) the manner of God's creation of the world, the substance of that creation was the conversion by God of His own consciousness into the plural consciousness

of separate beings. The great cry of the Indian Deity, «Oh that I might be many!» gives the idea without the idea of reality.

Union with God means therefore the repetition by the Adept of the Divine Act of Creation, by which he is identical with God in act, or manner of act, but, at the same time, an inversion of the Divine Act, by which he is still divided from God, or God's opposite, else he were God Himself and no union were required.

The Adept, if he succeed in making his consciousness one with the consciousness of all things, in making it an unconsciousness (or unselfconsciousness) which is conscious, repeats within himself the Divine Act, which is the conversion of God's individual consciousness into God's plural consciousness in individuals. But, at the same time, he thus reaches back to the plurality God attained when making that whole of which he is a part, and, in repeating God's Act, he is really inverting it, and, in inverting it, going back on the way to God, and thus attaining union with God.

If we represent the whole scheme of this by two equilateral triangles on the same base, each, so to speak, opposite to the other, we shall obtain a clear idea, or an idea as clear as possible, of the method of attainment. God, apex of the upper triangle, opens out into the base, and the base narrows down into the cast-down apex of the lower triangle. From the apex of the lower triangle there is ascent into the base-line of both: thus the descent of God is repeated upwards, and, the same time, there is ascent towards God.

Now this, whichever way it be considered, leads us to the peculiar theory of three types of consciousness: the Divine Consciousness, the World Consciousness, and the Individual Consciousness. In the first identity is absolute, there being neither subject nor object. In the second the subject has made itself its own object, and, being infinite because indivisible, becomes objectively infinite, that is infinite because infinitely divisible. In the third the subject has made itself as object its own subject, and has taken consciousness of itself, and therefore consciousness of itself in every infinitesimal element of that object.

The more each infinitesimal subject makes itself an object unto itself, the more it approaches the first back-step to the Supreme

Consciousness. From this it will eventually pass to annulling this, and going back to the primal stage of Divine consciousness.

(Td)

Iniciação (Ocultismo)

É difícil compreender, é claro, o significado de União com Deus, mas pode dar-se uma ideia do que se quer significar. Se assumirmos que, seja qual for (à parte a falsidade de usar-se um modo gramatical, o que implica tempo) o modo da criação do mundo por Deus, a substância desta criação foi a conversão por Deus da sua própria consciência na consciência plural dos seres separados. O imenso grito da Divindade Indiana, «Oh possa eu ser muitos!», dá a ideia sem a ideia da realidade.

A união com Deus significa, portanto, a repetição pelo Adepto do Acto Divino da Criação, pela qual é idêntico a Deus em acto, ou em maneira de acto, mas é, ao mesmo tempo, uma inversão do Acto Divino, pelo qual está ainda dividido de Deus, ou oposto a Deus, a menos que ele fosse o próprio Deus e não precisasse de qualquer união.

O Adepto, se consegue fazer a sua consciência uma com a consciência de todas as coisas, e torná-la uma inconsciência (ou uma inconsciência de si próprio) que é consciente, repete dentro de si mesmo o Acto Divino, que é a conversão da consciência individual de Deus na consciência plural de Deus nos indivíduos. Mas ao mesmo tempo, ele regressa assim à pluralidade que Deus atingiu quando fez esse todo do qual ele é uma parte, e, ao repetir o Acto de Deus, está verdadeiramente a invertê-lo, e, ao invertê-lo, regressando no caminho para Deus, e atingindo assim a união com Deus.

Se representarmos o esquema completo disto por dois triângulos equiláteros com a mesma base, cada um, por assim dizer, oposto ao outro, obteremos uma ideia clara, ou uma ideia tão clara quanto possível, do método de realização. Deus, cimo do triângulo superior, abre-se para a base, e a base estreita-se para o cimo do triângulo

inferior. Do cimo do triângulo inferior há ascensão para a linha-base de ambos: assim a descida é repetida em direcção a cima, e, ao mesmo tempo, há uma ascensão para Deus.

Ora isto, de qualquer modo que seja considerado, leva-nos à teoria peculiar de três tipos de consciência: a Consciência Divina, a Consciência Universal e a Consciência Individual. No primeiro a identidade é absoluta, não havendo nem sujeito nem objecto. No segundo o Sujeito torna-se a si mesmo o seu próprio objecto, e, sendo infinito porque indivisível, torna-se objectivamente infinito, isto é, infinito porque infinitamente divisível. No terceiro, o sujeito faz-se de si mesmo como objecto o seu próprio sujeito, e tomou consciência de si mesmo, e, portanto, consciência de si mesmo em cada elemento infinitesimal desse objecto.

Quanto mais cada sujeito infinitesimal faz de si mesmo um objecto para si próprio, mais ele se aproxima do primeiro passo de regresso à Consciência Suprema. A partir daqui poderá finalmente passar a anular isto, e a regressar ao estágio primordial da consciência Divina.



54A-6

Way of the Serpent

Todo o homem, que tenha que talhar para si um caminho para o alto, encontrará obstáculos incompreensíveis e constantes. Se não fôssem mais que os obstáculos que se atravessam e estimulam, pelo perigo ou pela resistência directa, bem iria, e os próprios obstáculos seriam o clarim para o avanço. Mas encontrará outros — os obstáculos réles que vexam e vergam, os obstáculos suaves que adormecem e viciam, os obstáculos ternos que o farão, como Orpheu, volver o erro do olhar para o vedado Averno. Cercal-o-hão, não só resistências duras, como as que os penhascos erguem como tropeço, mas resistências brandas, como as memórias dos valles, e a dos lares nas

faldas. E o triumpho consiste na força para, sabendo sentir essas atrações intencamente (pois não sabel-as sentir é não ter alma para a subida), as submeter à emoção superior; sabendo organizar as vontades do amor e da terra, saber submettel-as à vontade do espírito do mundo. Este processo de victoria, figuram-o os emblemadores no symbolo da Crucificação da Rosa — ou seja no sacrificio da emoção do mundo (a Rosa, que é o círculo em flor) nas linhas cruzadas da vontade fundamental, que formam o substrato do Mundo, não como Realidade (que isto é o Círculo) mas como produto do Espírito (que isso é a Cruz).

54A-4 (dt)

Way of the Serpent.

No seu feitio de S (que, se se considerar fechado, é 8, e, deitado, igualmente serpentino, Infinito), a Serpente incluye dois espaços, que rodeia e transcende. (O primeiro espaço é o mundo inferior, o segundo o mundo superior.) Em outra figuração serpentina — a da cobra em circulo, a bocca mordendo a cauda — reproduz-se, não o S, de que a letra é signal, mas o circulo, symbolo da terra, ou do mundo tal qual o temos. No feitio de S a Serpente evade-se das duas Realidades e desaparece dos Mundos e Universos.

A illusão é a substancia do mundo ,e, segundo a Regra, tanto no mundo superior como no mundo inferior, no occulto como no patente. Assim, quando fugimos do mundo inferior, por elle ser illusorio, o mundo superior, onde nos refugiamos, não é menos illusorio; é illusorio de outra, da sua, maneira. Só a Serpente, contornando os infinitos abertos — ou os circulos «incompletos» — dos dois mundos foge á illusão e conhece o principio da verdade.

A magia e a alchimia teem illusões como a sciencia e a sexualidade, que são as suas figurações no baixo mundo. Construimos ficções, com a nossa imaginação, tanto na terra como no céu. O mago,

que evoca determinado demonio, e vê apparecer materialmente esse demónio, póde crer que esse demonio existe; mas não está provado que elle exista. Existe, porventura, só porque foi creado; e ser creado não é existir, no sentido real da palavra. Existir, no sentido real da palavra, é ser Deus — isto é, ter-se creado a si-mesmo; em outras palavras, não depender substancialmente de nada e de ninguém.

A G. O. é a libertação, no homem, de Deus, a crucifixão do desfolhavel no morto, do perecível no perecido, para que nada pereça. A G. O., em outras palavras, é a criação de Deus.

A magia e a alchimia são caminhos de illusão. A verdade está só no instincto directo (representado nos symbolos pelos cornos) e na linha directa da sua ascensão ao instincto supremo; no instincto directo, cuja fórmula activa é a sexualidade, cuja fórmula intermedia é a imaginação, fantasia, ou criação pelo espirito, cuja fórmula final é a criação de Deus, a união com Deus, a identificação abstracta e absoluta comsigo mesmo, a verdade.

A figura, que exprime estas especulações porventura facticias, é a seguinte: (1)

54-79 (dt) (2)

O próprio conseguimento pode ser dividido em trez maneiras de seguir, e a maneira mais directa é aquella mesma que abdica de magia e de alchimia, que são os ramos dispersos e lateraes.

(A figura ascensão, e pensar o que fazer do caminho da serpente, agora repudiado.)

O caminho simples entendido como a consubstanciação com o Verbo, como Verbo, que é como é dado, como multiplo e não um, como membro de Osiris, Deuses muitos. Aceitar o Verbo como Verbo, isto é, o Mundo como Mundo.

★

(1) Seguiu-se um desenho esquemático, que não reproduzimos.

(2) Texto muito importante do repúdio do «way of the Serpent».

Atrio

Christo não é uma pessoa, mas um grau — o mais alto da escala dos graus divinos, ou do templo, que são tornados ⁽¹⁾ humanos. É-se erguido a Christo pela união da sabedoria suprema (Salomão R da J.), da magia suprema (Hiram, R de T.) e do supplicio (H.A.B.) às mãos das trez forças satanicas — a Carne, o Mundo e o Diabo, como, com sábia interpretação ensina a Igreja.

Há mais que um Christo — Hiram, Zerubbabel, Jesus de Nazareth (ou de Lydia) e, por ultimo, até nossos dias, Jacques de Molay.

Atrio (do Templo de Salomão) — Claustro ou — , S.S. ou Templo propriamente dicto, = Entrar. Passar. Subir — A Forma Cubica do Templo = pedra cubica = Christo.

O Grau de Ipsissimo = Christo.

Nos trez graus maçónicos, que são evangelhos, a que falta o quarto de que são esboços — o que a Palavra Perdida designa, e é buscando, sempre em vão, atravez dos Altos Graus e dos que lhe estão acima — está dada a notícia do Governo íntimo e espirital do mundo.

⁽¹⁾ v. Contados.

1. Neophyto ou Zelador (dois tempos do mesmo grau)
2. Theorico — abysmo = Morte
3. Pratico
4. Philosopho
Senhor do Limiar
5. Adepto menor ou junior
6. Adepto maior
7. Adepto maximo
— Infante do Abysmo
8. Mestre do Templo — morto para o mundo
9. Mago. — morto pelo mundo
10. Christo ou Ipsissimo — morto no mundo

A religião verdadeira ⁽¹⁾ tam obscuramente (darkness visible) representada na F. M., como o Ch.^{mo} na Eg. Cath., servia-se da elevação a Christo de Jacques B. Molay, Mestre do Templo.

O symbolo de Rosa na Cruz indica o character abstracto, multiplo, do Christo. (Cuspir no crucifixo na iniciação templária).

54B-6 (m)

The Apprentice Degree is the symbol of all initiation, in the higher sense, or, better, of the way of all initiation.

The Fellowcraft Degree is the symbol of the progress (the lesson of how to progress) in that initiation.

The Master Grade is the symbol of attainment — of the frustrated attainment (disillusion of the Masters) which is the *human* culmination of knowledge.

Initiation has three phases or grades — entry into initiation, progress in initiation, attainment. (The three orders in Rosicrucianism).

⁽¹⁾ Leitura incerta.

(Td)

O Grau de Aprendiz é o símbolo de toda a iniciação, no sentido superior, ou melhor, do caminho de toda a iniciação.

O Grau de Companheiro é o símbolo de todo o progresso (a lição de como progredir) nessa iniciação.

O Grau de Mestre é o símbolo da realização — da realização frustrada (desilusão dos Mestres) que é a culminação humana do conhecimento.

A iniciação tem três fases ou graus — entrada na iniciação, progresso na iniciação, realização. (As três ordens no Rosicrucianismo).



53-2. F. M. (dt)

The progress in Chr., in the Order, is made in three stages: — The first revealing J. of N., or simply, J; the second the Ch. of Gl.; the third the Chr. of G. The third contains the self-transcendence of even this, the final vision.

The opposed triangles, countenance beholding countenance, are the region of the Real; they are involved by the Infinite Possibility, vesica piscis, the Supernal Feminine, V. M, the untainted sea of the Possible; and they are crowned by the all-seeing Eye of the Ineffable, which is outside both Reality and Possibility.

All that is, as we know of Is, is the child of the Infinite Possible by the Infinite Real, that is, Being. It is therefore the Infinite Becoming (? in the which there is neither beginning nor end).

Symbol of the 1st degree: J. crucifd. I. N. R. I. Pax Profunda,

Symbol of the 2nd degree: Rose Crdfd.

Symbol of the 3rd degree: Rosy Cross. (or as in Ord. of Ch. of P., the Rosy Cross with the white centre cross; being ? the escape in the «Outer» World).

(Td)

F. M.

O progresso em Cristo, na Ordem, é feito em três estágios: O primeiro revelando Jesus de Nazaré, ou simplesmente, Jesus; o segundo o Cristo de Glória; o terceiro o Cristo de Deus. O terceiro contém a autotranscendência disto mesmo, a visão final.

Os triângulos opostos, face contemplando face, são a região do Real; são envolvidos pela Possibilidade Infinita, Vesica piscis, o Eterno Feminino, Virgem Maria, o mar imaculado do Possível; e são coroados pelo olho omnividente do Inefável, o qual está fora tanto da Realidade como da Possibilidade.

Tudo o que é, como conhecemos do É, é o filho do Infinito Possível pelo Infinito Real que é, Ser. É, portanto, o Infinito Tornar-se (? no qual não há princípio nem fim).

Símbolo do 1.º grau: Jesus crucificado I. N. R. I. Pax Profunda.

Símbolo do 2.º grau: Rosa crucificada.

Símbolo do 3.º grau: Rosea Cruz (ou, como na Ordem de Cristo de Portugal, a Rosea Cruz com a Cruz branca no centro; sendo ? a evasão para o Mundo «exterior»).



26C-43 (m)

Hiram quickly and undecently buried, and ritted.

C. R. C., defuntly and realy buried, and incorrupt.

J. Christh, buried legally and wrongly killed, and *grave empty*.

(We have here, in some obscure manner, the same symbol in different expressions).

(Td)

Hiram, rápida e indecentemente sepultado, e erguido.

Christian Rosenkreutz, morto e realmente sepultado, e incorrupto.

Jesus Cristo, enterrado legalmente e morto erradamente, e o túmulo vazio. (Temos aqui de modo obscuro, o mesmo símbolo em expressões diferentes).

★

54A-57 (Dt)

Oc. (RC)

É difícil compreender a que vem a observação de Waite, nem porque a coincidência, ainda que não fortuita, de haver uma abertura de tumulo tanto na Fama como no Terceiro Grau haja necessariamente de implicar um igual seguimento symbolico. As circunstancias são diferentes nos dois casos. A historia da Fama é uma allegoria, mas não um ritual, e muito menos um ritual de iniciação; o que importa, no ritual do Terceiro Grau, é o levantamento do Candidato, em analogia figurativa com a simples exumação do Mestre, mas na Fama não ha candidato, e não é facil levantar um candidato que não existe. Acresce que o tumulo de C. R. C. é um tumulo definitivo, proprio e condigno, ao passo que a sepultura, onde os assassinos enteraram o Mestre, é um tumulo provisório, improprio e indecoroso, que obriga por natureza à exumação de que o levantamento do Candidato é o reflexo ritual.

Longe de, como parece querer Waite, tomarmos as duas narrativas symbolicas como representações da mesma coisa, mais proprio parece que as tomemos como, a dentro da mesma symbologia (a abertura do tumulo de um Mestre), querendo significar coisas oppostas. C. R. C. viveu muitos annos, morreu naturalmente, foi condignamente enterrado; o seu tumulo foi encontrado, aberto, e fechado de novo, deixando-se como estava. H. A. teve uma morte permatura e violenta, foi indignamente sepulto; o seu tumulo foi encontrado, aberto, e, porisso que era indigno d'elle, exumado o Mestre e transferido para um tumulo proprio, no Logar Sagrado. Só depois de deposto no segundo tumulo ficou em analogia com C. R. C. E talvez

nisto, se o meditarmos bem, sabendo medital-o, estejam grandes mysterios e profundas licções.

★

53A-44. (m)

As the Temple means the manifested world, Universe (or Being) (2 coluns = Form and Matter), the burial outside the Temple means outside being, identification with not-Being.

In corruption, the body lives *by itself*, in unconsciousness. This is a *duality* — life and death in one (duo in carne una)

(3 assassins = Inferior Governors in *Fama*.)

The Master's Grave = Extension (?)

Acacia =

The Companions or Fellows, are Archangels or Angels. (So who are the 3 bad companions?)

(Td)

Como o Templo significa o mundo manifestado, Universo (ou Ser) (As duas colunas = Forma e Matéria), a sepultura fora do Templo significa fora do ser, identificação com não-Ser.

Em corrupção, o corpo vive *por ele proprio*, em inconsciência. Isto é uma *dualidade* — vida e morte num (dois numa só carne).

(Os três assassinos = Governantes Inferiores na «Fama»).

O Túmulo do Mestre = Extensão (?)

Acácia =

Os Companheiros ou Camaradas são Arcanjos ou Anjos. (Assim quem são os três companheiros maus?).

★

54A-95 (m)

Oc.

A natureza é um symbolo, e o que se passa nela uma allegoria. Os cinco principios da geração universal não são mais que enigmas da realidade que revelam. (O Universo tem sonno de si mesmo).

Os unicos principios da geração universal são, em certo modo, as cinco petalas da Rosa e os cinco pontos perfeitos. (Pelos quais a Morte é levantada a ser Vida).

O Candidato é o filho ritual (astral) do Mestre.

54B-3. (m)

O. T. P.

In the first degree the Candidate is taught the way of attainment. In the second degree he is taught the nature of attainment (hence the degree is an Adept one) and that attainment brings disillusion and sorrow. In the third degree he is taught that the path and its term are one. It may be said that the first degree is a treatise in mysticism, the second in magic, the third in alchemy — but this is in another light.

The temple is as in «Fama», with the tomb closed in the two first degrees; it is opened in the third, and a curious ceremony ensues.

No one under 30 could be initiated, and we would be lucky or highly deserving who was passed to the second degree before the age of 40, or the third before 45. Thenceforward, it seems, advancement was quicker, as it had need to be, unless the elixir of life were delivered somewhere.

(Td)

No primeiro grau o Candidato aprende o caminho da realização. No segundo grau aprende a natureza dessa realização (donde ser de Adepto o grau) e que a realização traz desilusão e tristeza. No ter-

ceiro grau aprende que o caminho e o seu termo são um. Pode-se dizer que o primeiro grau é um tratado de misticismo, o segundo de magia, o terceiro de alquimia — mas isto a uma outra luz.

O templo é como na «Fama», com o túmulo fechado nos dois primeiros graus; é aberto no terceiro grau, seguindo-se uma curiosa cerimónia.

Ninguém com menos de 30 anos podia ser iniciado, e seria muito feliz ou altamente merecedor, o que passasse para o segundo grau antes dos 40 anos, ou para o terceiro grau antes dos 45. Daí para a frente, parece, o avanço era mais rápido, como tinha de ser, a menos que o elixir da vida fosse a certa altura entregue.

124A-8 (m)

De la loi de Nature représentée par Hiram, on passe à la Loi humaine, représentée par Christian Rosenkreutz, et ensuite à la Loi de Dieu, représentée par le Christ. Le relèvement rituel du Candidat marque le premier passage, et *l'instinct* est la parole qu'il a perdue. La aventure du tombeau de Christian Rosenkreutz marque le deuxième passage: en voyant le livre T, que le Second Maître serre contre la poitrine, on trouve enfin *l'intuition*, soit la parole dans son état humain, car l'intuition est l'instinct de l'intelligence, le mariage de ces deux dans des «noces chimiques» dont on a décrit ailleurs en langage symbolique, les grades, ou marches, magiques. La découverte, *sans cherche ni difficulté*, du tombeau de Jésus, ouvert et vide, marque le passage final, le mariage divin, celui de l'intuition avec la profondeur même de l'âme, l'union avec le Christ.

Dans le premier grade de cette vraie initiation le candidat a la tâche de tuer (en soi) les trois assassins du Maître, les trois éléments qui s'opposent (en lui) à la loi de Nature — le désir du superflu, la croyance à la intelligence⁽¹⁾ et l'impulsion de dominer (la volonté de pouvoir de Nietzsche), ou, dans un langage plus simple, l'ambition, l'orgueil et la vanité. Cela, du reste, lui est déjà obscurément indiqué au commencement même de sa vie initiatique, quand il est dépouillé

(1) v. Science.

des métaux. Il est dépouillé, techniquement, du fer ⁽¹⁾, de l'argent (qui est la monnaie qui achète) et de l'or (qui est la monnaie qui éblouit) — métaux régis, respectivement, par Mars, Lune et Soleil, significations de l'ambition, de la vanité et de l'orgueil. Quand les trois assassins sont tués dans l'âme de l'aspirant, il est prêt pour le avancement.

Dans le deuxième grade de cette ascension vers Dieu, la tâche du candidat est de retrouver la parole. Pour cela il faut qu'il fasse trois choses: qu'il trouve où est située la voûte mortuaire de Christian Rosenkreutz, qu'il ouvre cette voûte, qu'il ouvre le tombeau et y voit le Maître Parfait, qui porte la parole contre son sein — ce livre T (Templi) qui est en même temps complète et s'oppose au livre M (Mundi). Il faut d'abord qu'il sache qu'il est en lui une voûte où est logée son âme supérieure, morte en ce monde. Il faut ensuite, qu'il la trouve. Il faut, après, qu'il sache ouvrir cette voûte. Il faut, encore, qu'il sache regarder bien ce qu'il y voit. Il faut, finalement, qu'il sache ouvrir le tombeau du Maître et le voir dans la majesté de sa morte vive, incorruptible. Ce sont les cinq points parfaits de la grande maîtrise, (les cinq points de l'étoile magique, les cinq pétales de la Rose crucifiée). Par eux il est relevé de cette vie, qui n'est qu'une morte figurative.

L'homme n'était pas destiné à être ce qu'il est: il n'est devenu tel que par le Chute. Retrouver la Parole c'est retrouver la vraie Loi Humaine, l'Adam primitif et androgyne, fait ainsi à l'image de Elohim. Faire en soi même le mariage des deux principes — c'est la Loi Humaine retrouvée, la vraie création de la pierre philosophale.

Hiram est l'Homme qui devrait être et sa Parole était cette destinée qui s'est perdue. Nous pourrions retrouver la Parole, non pas retrouver Hiram. Il est vraiment mort, et c'est là le péché originel; nous ne pourrions nous en défaire qu'en nous régénérant, soit en naissant à ⁽²⁾ nouveau. Tel est le sens du mot «neophyte».

(1) Cortado — «qui sert à faire des armes».

(2) v. de.

(Td)

Da lei da Natureza, representada por Hiram, passa-se à lei humana, representada por Christian Rosenkreutz e, em seguida, à Lei de Deus, representada pelo Cristo. O erguer ritual do Candidato marca a primeira passagem, e a palavra que ele perdeu é o instinto. A aventura do túmulo de Christian Rosenkreutz marca a segunda passagem: vendo o livro T, que o segundo Mestre aperta contra o peito, encontra-se, por fim, a intuição, quer seja a palavra no seu estado humano, pois a intuição é o instinto da inteligência, quer seja o casamento destes dois nas núpcias químicas, cujos graus, ou degraus mágicos, foram descritos algures em linguagem simbólica. A descoberta, sem busca nem dificuldade, do túmulo de Jesus, aberto e vazio, marca a passagem final, o casamento divino, o da intuição com a profundidade mesmo da alma, a união com Cristo.

No primeiro grau desta verdadeira iniciação o candidato tem a tarefa de matar (em si) os três assassinos do Mestre, os três elementos que se opõem (nele) à lei da Natureza — o desejo do supérfluo, a crença na inteligência, a impulsão de dominar (a vontade de poder de Nietzsche), ou, numa linguagem mais simples, a ambição, o orgulho e a vaidade. Isto, de resto, é-lhe já indicado obscuramente no próprio começo da sua vida iniciática, quando é despojado dos metais. Tecnicamente, é despojado do ferro, da prata (que é a moeda que compra) e do ouro (que é a moeda que encanta) — metais regidos, respectivamente, por Marte, Lua e Sol, e significativos da ambição, da vaidade e do orgulho. Quando os três assassinos são mortos na alma do aspirante, ele fica pronto para avançar no segundo grau desta ascensão para Deus. A tarefa do candidato é encontrar a palavra. Para isto é preciso que faça três coisas: encontrar a cripta mortuária de Christian Rosenkreutz, abrir esta caverna, abrir o túmulo e ver o Mestre Perfeito que tem a Palavra no seu seio — esse livro T (Templo) que ao mesmo tempo completa e se opõe ao livro M (Mundi). É preciso, antes de mais, que saiba que ele é em si mesmo uma câmara onde a sua alma superior se alojou, morta neste mundo. Em seguida, é preciso que a encontre. Depois é preciso que ele saiba abrir esta câmara. É preciso, ainda, que saiba olhar bem o que aí vê. Finalmente, é

preciso saber abrir o túmulo do Mestre e vê-lo na majestade da sua morte viva, incorruptível. (São os cinco pontos perfeitos da grande mestría, os cinco pontos da estrela mágica, as cinco pétalas da Rosa Crucificada). Através deles, ele é erguido desta vida, que é apenas uma morte figurativa.

O homem não estava destinado a ser o que é: só se tornou tal pelo Cristo. Encontrar a Palavra é encontrar a verdadeira Lei humana, o Adão primitivo e andrógino, assim feito à imagem do Elohim. Fazer em si mesmo o casamento dos dois princípios — eis a Lei Humana reencontrada, a Verdadeira criação da pedra filosofal.

Hiram é o homem que deveria ser e a sua Palavra era esse destino que se perdeu. Podemos reencontrar a Palavra, mas não reencontrar Hiram. Ele está verdadeiramente morto, e é esse o pecado original: não podemos desfazer-nos dele senão regenerando-nos, ou nascendo de novo. Tal é o sentido da palavra «neófito».



53B-44, (m)

A doutrina rosicruciana afirma uma dualidade activa de Deus — a sua emissão ou emanção, que é a Força, e a sua retirada (retrait) ou immanção, que é a Matéria. A primeira parte do acto divino, a acção, está neste nosso mundo final representada pelo Homem; a segunda, ou desacção, pela Mulher. Os proprios órgãos sexuais de um e de outro indicam, por assim dizer, graphicamente, esse intimo sentido. Primitivamente, Homem e Mulher eram um só, na perfeita imagem e semelhança de Deus que, ainda *in posse* como creador, continha em si as duas naturezas, pois, se as não contivesse, as não poderia desenvolver *in acto*. «Retirada» a mulher do homem, à imagem e semelhança da «retirada» de Deus do Mundo, seguiu-se este mundo que temos, à imagem e semelhança da dualidade activa de Deus.

Para que o adepto possa realizar em si, pois tal é seu mister, a dualidade activa de Deus, é preciso, primeiro, que seja homem, pois a emissão é a primeira condição activa de Deus. É preciso, porém, que em seguida se torne mulher, o que só pode fazer «retirando-se» de ser homem, tornando passivo o que nele se destinara a ser activo.

De ahí a exigencia rosicruciana, não da simples castidade, que é uma «retirada» temporária ou condicional, e, portanto, relativa, mas da virgindade, que é a «retirada» absoluta, identica, pois, enquanto absoluta, á «retirada» divina.

(Acresce, vindo ao mundo physico, que a castidade masculina, sendo completa, como deve ser, compelle o sémen formado a recolher, a ser reintegrado pelo corpo, entrando para o sangue. E deste modo o indivíduo, por assim dizer, se fecunda a si mesmo, sendo, interiormente, a sua propria mulher. Isto é, porém, o simples reflexo no mundo physico)

A Força, emissão de Deus, ou Deus emisso, é representada pelo simbolo phallico, ou seja, uma vertical |. A Matéria, emissão de Deus, é representada pelo signal contrário, uma horizontal: —. A conjugação das duas, que é Deus na sua manifestação mundana total, é, pois, ou chamada cruz cosmica +, em que, por serem eguaes as linhas, os quatro braços são eguaes; ou o chamado Tau (1), em que as duas linhas devem ser eguaes também. A primeira representa o mundo physico na sua generalidade, a segunda o mundo physico na sua particularidade humana, isto é, sexual — não a união, mas a junção, das duas naturezas.

As duas linhas, de qualquer dos dois modos unidas, representam, porém, a natureza abstrata do mundo e da humanidade — a Força e a Matéria, o Homem e a Mulher, em sua simples existencia e potencialidade. A sua união com junção activa e fecunda não está allí figurada. Para isso adopta-se um segundo simbolo da Mulher, um simbolo «aberto», cuja razão de ser não carece de explicação. Esse simbolo é o disco ou circulo: ○.

De aqui partem novos symbolos. O primeiro, indicando a fecundação abstracta e absoluta, é o disco ou circulo com um ponto no meio, ou seja, a indicação visivel do «centro», ou razão de ser, do circulo: ⊙. É este, simultaneamente, um simbolo phallico, sendo o phallus erecto visto de frente. Por estas duas razões se representa o Sol por este simbolo; o Sol é, ao mesmo tempo, o Espaço fecundado, feito vida, o corpo, ou a materia ou «mulher» de Deus, e o Fecundador, ou «homem» da Terra.

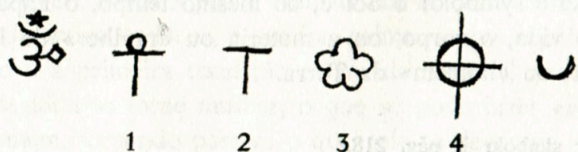
(1) Ver simbolo 2, pág. 218.

Quando se quer representar a Natureza em sua fecundidade, inscreve-se o sinal total do Mundo dentro do circulo, formando o symbolo \oplus , com que naturalmente se designa a Terra. É a fecundidade unindo, cercando, prendendo os dois principios. E quando se quer representar distinctivamente a união fecunda dos principios masculinos e femininos, o circulo sobrepõe-se ao Tau, formando o symbolo ⁽¹⁾, sinal muito usado dos egypcios, cuja Trindade é uma trindade de fecundidade, visto que a formam: Pae (Osiris), Mãe (Isis) e Filho (Horus). Neste Tau coroado está todo o mistério da geração dos seres.

Até aqui temos estado no ambito, ou na região ⁽²⁾ do que podemos chamar a Natureza e a religião natural — a manifestação mundana de Deus. Desde que, porém, lembrados por intuição, ou informados por iniciação, da sua origem divina e dos modos de essa origem, entre os homens surja o desejo de regressar a Deus e com ele se unirem, os homens tendem para Deus como Deus tendeu para o Mundo (que a mesma tendencia creou), mas tendem em sentido inverso, pois que o caminho e o sentido do regresso é o da «retirada» ou immissão de Deus, e não o da sua emissão. Seremos deveras semelhantes a Deus, mas com polos inversos, pois reproduzimos em nós masculinamente a parte feminina de Deus. O nosso caminho masculino será o caminho feminino de Deus. Intensificaremos o elemento masculino da vida, mas em sentido inverso, antiphallico. E, como a linha phallica, ou masculina, |, se entende, por uma razão evidente, feita *de baixo e para cima*, e não como, ao escrever, por conveniencia a traçamos /, construiremos o symbolo mystico, anti-natural, prolongando *para baixo* a linha masculina, e fal-o-hemos, pelo mesmo

⁽¹⁾ Ver símbolo 2.

⁽²⁾ v. esphera.



motivo de anti-naturalidade, outro tanto quanto tinha para baixo, igual nisso e qualquer dos outros trez braços da cruz cosmica. O symbolo mystico ficará ⁽¹⁾, que é o que vulgarmente se chama a Cruz Christã ou a Cruz do Calvario. Esta Cruz significa, pois, o mundo em divinização, ou a caminho de Deus, ou seja, a Redempção.

Se agora quisermos integrar na cruz mystica, para que nada nella falte, o segundo symbolo feminino, o circulo, não o poderemos colocar senão ao centro da Cruz, como se nella estivesse crucificado; pois a Cruz mystica nem é de braços eguaes, para que o circulo ⁽²⁾ se lhe possa circunscrever, nem é fechado em cima, como o Tau, para que se lhe possa sobrepôr. O segundo symbolo mystico será pois: ⁽³⁾. Da simples collocação do circulo resulta que dentro d'elle ficou uma cruz cosmica, de quatro braços eguaes. Quer isto dizer, ao mesmo tempo, que o circulo fica «partido», e que a Terra fica «crucificada». Quere isto dizer que o caminho mystico envolve a «quebra» de quanto em nós é tendencialmente «fecundo», e a «crucificação» do quanto em nós o é realmente. O que em nós é tendencialmente fecundo ⁽⁴⁾ é a nossa natureza sexual, que *pode* ser quebrada, isto é, inteiramente repudiada. O que em nós é realmente fecundo ⁽⁵⁾ é a nossa natureza carnal — a que envolve a necessidade de comer, de dormir, e a de outras coisas, da Carne (Naturaes), do Mundo (Sociais) ou do Diabo (artificiais) que *não podemos* inteiramente repudiar, mas somente limitar. Assim o mystico, em sua vida divina, repudia, «quebra», a sua sexualidade; comprime, faz sofrer, «crucifica», a sua carnalidade. Por isso os votos mysticos fundamentais são os de castidade e pobreza — de castidade absoluta e pobreza relativa, como alguns, com melhor precisão, tem por habito dizer. O chamado «terceiro voto», o de obediencia, é puramente accidental, existindo só quando o mystico está integrado numa Ordem qualquer, e só relativamente a essa Ordem. Não existe, nem poderia existir, para aquelles mysticos e adeptos cuja iniciação lhes vem directamente dos Mestres.

⁽¹⁾ ver símbolo 5, pág. 137.

⁽²⁾ v. vivo

⁽³⁾ ver símbolo 4 na pág. 218.

⁽⁴⁾ v. vivo


Está claro que é este o symbolo na sua aplicação ao mystico individual. No seu entendimento universal, indica, como é de ver, uma maior amplitude da ideia de Redempção, uma mais perfeita symbolização do Christo. O que no homem é a sua natureza sexual e carnal ⁽¹⁾ é no Christo a Vida, sua natural «mulher», que Elle «quebra» ou repudia, elegendo a Morte como verdadeira vida; e a Natureza, seu natural «corpo», que elle «crucifica» ou faz soffrer, elegendo a dor por sua natureza verdadeira. Quando o mystico attinge o nível de repudiar em si o desejo à vida, de fazer soffrer em si tudo quanto o liga à Natureza, quando tanto o amor como a beleza para ele e nelle morreram, identifica-se com o Christo, ascende ao que se chama a União com Christo — termo da iniciação, começo da vida divina, o que se chama em certa linguagem o Grau de Mestre do Templo.

O circulo está «quebrado», e quebrado em cinco elementos, que são as quatro linhas e o centro, seu ponto de encontro ou confluencia — os quatro elementos e a Alma; as quatro letras do nome divino e o Shin, letra do Espírito; os quatro lados do quadrado da perfeição e a Diagonal que os nega. Por isso se achou melhor figurar estes cinco elementos do ser quebrado por qualquer symbolo que distinctivamente os apresentasse e os revelasse cinco com mais clareza que a contagem, necessariamente abstrusa e aparentemente forçada, das quatro linhas e do centro em que confluem. E assim, e para tal effeito, se figurou o circulo crucificado como tendo a forma de cinco semicirculos de um circulo de metade do original, assim: ⁽²⁾

O signal da Terra está «crucificado» — da Terra, que é a côr e a beleza, e que com seus proprios elementos se crucificou, pois os braços da cruz do Calvario são extensões dos da Cruz Cosmica que está contida no symbolo da Terra. E assim se veio a conceber esse symbolo de cinco elementos, ou pétalas, como sendo a Rosa, por ser esta flor o signal externo da Beleza, e ainda o do Silencio que está no centro da Belleza, e por ser a flor que contém em si os elementos do martyrio ou sofrimento, que são os espinhos — elemento que não há em nenhuma outra flor das que possam symbolizar

(1) v. material

(2) Ver símbolo 3 da pág. 218.

Considerando, porém, que o circulo está "quebrado", e quebrado em cinco elementos, que são os que as quatro linhas e o centro, seu ponto de encontro ou confluencia — os quatro elementos e a Alma; as quatro letras do nome divino e o Shin, letra do Espírito; os quatro lados do quadrado da perfeição e a Diagonal que os nega. Por isso se achou melhor figurar estes cinco elementos do ser quebrado por qualquer symbolo que distinctivamente os apresentasse e os revelasse cinco com mais clareza que a contagem, necessariamente abstrusa e aparentemente forçada, das quatro linhas e do centro em que confluem. E assim, e para tal effeito, se figurou o circulo crucificado como tendo a forma de cinco semicirculos de um circulo de metade do original, assim: 

O signal da Terra está "crucificado" — da Terra, que é a côr e a beleza, e que com seus proprios elementos se crucificou, pois os braços da cruz do Calvario são extensões dos da Cruz Cosmica que está contida no symbolo da Terra. E assim se veio a conceber

a Belleza. E por isso Áquele que foi a Rosa Crucificada, e em Si crucificou a Rosa, se impoz⁽²⁾, em seu martyrio, uma Coroa de Espinhos. E por isto se entende que esse elemento de cinco partes, que está crucificado e quebrado, é uma Rosa; e o symbolo christão completo e final é o symbolo da Rosa-Cruz.



54A-34

Conditions for Initiation

1. Desire ardently the Light, knowing yourself in (...)
2. Deprive your self of selfishness, Vanity and Pride (Qy. Caim, Abel and Seth), if not altogether, at least in so far as initiation is concerned.
3. Think fraternaly; harbour no evil thoughts, and as few material thoughts as possible. (This defends against evil influences). (Breast bone, etc.)⁽¹⁾.
4. Be easy and firm to meet all tests to which you will be put.
5. Know thyself — so, at least, that you may know what path to follow or circle to enter.

(Td)

Condições para iniciação

1. Deseja ardentemente a Luz, conhecendo-te a ti próprio nela.
2. Priva-te do Egoísmo, Vaidade e Orgulho (Qy. Caim, Abel e Seth?) se não completamente, pelo menos no que diz respeito à iniciação.
3. Pensa fraternalmente, não alojes pensamentos maus e tem o menos possível de pensamentos materiais (isto defende contra influências más). (Osso do externo, etc.)⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Possível referência ao ritual iniciático em que se aponta a espada ao peito.

⁽²⁾ v. foi imposto.

4. Está pronto e firme para enfrentares todos os testes a que serás submetido.

5. Conhece-te a ti próprio — para que, pelo menos, saibas que caminho seguir ou círculo entrar.



53-81 (dt)

Talent de bien faire.

- (1) Executar na maxima perfeição todos os actos da vida, e sobretudo todos os actos da vida superior.
- (2) Fazer o bem.
- (3) Criar a vinda do Bem.

..... Não ha outros principios fundamentais na O.

Oito graus segundo as oito letras da palavra Portugal, sendo os graus contados, ascendentemente, de traz para deante, ou do fim para o principio: L, A, G, U, T, R, O, P,

A estas oito letras poderão caber designações particulares, cada uma definidora do typo de acção ou conhecimento do que o tem.

Admissões: dos preparados por Ordem ou por Indole.

(ou do grau U, que é o 4.º

Os F. do grau T, que é o quinto, poderão instituir subordens estrangeiras. Ficará sempre ignorada a origem superior e occulta nação da O.

Talent de bien faire: executar todos os actos da vida, e sobretudo todos os actos da vida superior, com a maxima perfeição (bien faire) e intelligencia (talent).

(Cf., quanto a nação, a theoria da FM ingleza).

Ausencia de ritual e de symbolo, salvo os seguintes symbolos verbaes: (1) Talent de Bien Faire, (3) Ero, (4) S. (?)

E o symbolo mental da RC unificada,
Ero : E racione omnia. e a CT restaurada, que é o mesmo.
Liminar

Degraus dos Graus:

L, A, G;	Limiar	—	Admisso	—	Guarda
U, T;			Unido	—	? Templario
R, O, P.	Restaurador	—	Ordente	—	Pontifice
	(Operante		(Orderer)		(Opifice) (Ponte)

O T chega onde estava os Templarios, porisso tem o nome d'elles. (Tomado)

A ausencia de symbolo deriva de elle assim nunca poder ser utilizado «em vão», e assim magicamente polluido.

	Tomado		Possesso
Unido	—	Tirado	—
		Reposto	—
		Oblato	—
			Possuido

As letras do g. junta-se S (que na ordem inferior é Sciencia, na segunda ordem Segredo (ou o contrario), e na terceira Serp. Na 1.^a ordem não se está de posse do segredo nacional da O., porisso o S. tem que ser «universal», e é preferivel Segredo a Sciencia; na 2.^a, onde já se sabe isto, é preferivel Sebastião ou DS (?); na 3.^a, onde se sabe já o intimo segredo de Pl., o intimo sentido de S. se sabe também. ⁽¹⁾

★

53-B-25 (Td) — O. C. P.

Provas (testes)

As 3 colunas do pórtico ou do limiar F. Castidade, teste não voto
Pilares degraus do Limiar N. Pobreza

D. Obediência (submissão)

(submissão a circumstâncias exteriores para além das que a pobreza faz)

⁽¹⁾ Transcrevemos apenas a parte dactilografada, e não os escritos na margem.

Estes são votos impostos.

O grau de Neófito quando em (...) (...) intuição das coisas Rosa Cruz — nesta altura escrever à máquina.

O neófito está inconsciente, como o infante no Baptismo. Alguns nascem Neófitos (Alguns são neófitos desde o seu nascimento) ex

Quando se tornam votos auto-impostos, o Neófito atinge o estágio de Adepto Menor isto é (eunucho em 1931, 1932 ?).

isto é, quando a imposição é aceite com agrado e com compreensão e os desejos abdicam do apetite.

4-9-1933 (Mag. Atri.)

O Neófito tem a inteligência intuicional do mundo pagão, do mundo como é visto (Caeiro — data).

O Adepto Menor tem inteligência intelectual do mundo espiritual.

Teste de Adepto (testes para se tornar um Adepto)

amor da vida		pilares do átrio
medo da morte		

Pela conquista do *amor da vida* ele toma naturalmente como votos os testes (...) ⁽¹⁾, como lhes foram impostos.

Pela conquista do *medo da morte* ele torna-se livre de tudo.

Pobreza relativa

Castidade absoluta

Obediência reservada.⁽²⁾

As provas não são provas senão quando se é candidato.

Em qualquer outro caso não são mais que circumstâncias.

Há que ter o *verdadeiro* amor da vida, o *verdadeiro* temor da morte — e vencê-los.

★

⁽¹⁾ Abreviaturas, de graus, não decifradas.

⁽²⁾ V: Sagrada.

53B-20 (m)

Médiuns somos nós todos, e cada quanto menos tem um cordel que o prende a mão oculta que nos move.

Medium qualquer pode ser, e todos o somos.

Não se pode porem ser um iniciado, nas formas e maneiras deste mundo ⁽¹⁾ sem ser um grande artista, nem ter o comando da inspiração ⁽²⁾, sem que primeiro se o obtenha da palavra e do raciocínio.

Tal é a lei, tal é a escala, tal é a regra (via).

Mais pesa na balança da Alma ⁽³⁾ o verdadeiro poeta que pensa o que não sabe, que aquele falso iniciado que sabe o que não pensa ⁽⁴⁾.

Kabbalas, magia, grimorios brancos ou negros, breviarios de misticismo ou de ascese, essas coisas são formulas, formas, nada mais. Nellas não há mais vida que a vida que há em quem usa dellas, e essa será a que é ainda que ellas nunca houvessem sido.

Muito fez, mais outrora do que hoje, a nossa **Ordem Menor**, a Sociedade de Jesus para quebrar de dentro o poder de Roma e libertar o mundo pela evaporação ⁽⁵⁾.

O conhecimento de Deus não depende do hebreu, nem de anagramas, nem de symbolos. Nem de lingua alguma, fallada ou pensada ⁽⁶⁾; faz-se pela ascensão univocal da alma, pelo encontro final da alma consigo mesma, do Deus em nós connosigo mesmo.

Como comandará a sua alma quem não comanda os seus pensamentos? Como comandará seus pensamentos quem não comanda, não usando dela nobre e pura, a mesma lingua em que as pronuncia?

(1) v. conforme neste mundo a iniciação se manifesta.

(2) v. intuição.

(3) v. gnose.

(4) pensou.

(5) v. purificar a fé.

(6) v. figurada.

Mas os caminhos da Magia são muitas vezes os da miragem, os do misticismo, muitas vezes os da ilusão.

Each work has its own devil ⁽⁷⁾.

A cada dia compete um demonio, em cada mister um inimigo habita. Na mesma ordem material nós os vemos: periga no physico a insensibilidade; no matematico a secura, ao legista a tergiversação.

A alma, como a mão do tintureiro, fica falsa com a cor do em que mexe.

Um Adepto Menor ⁽⁸⁾, António Vieira, ainda que, com as reservas da Ordem e os cuidados do seu uso, vivesse subordinado à Igreja ⁽⁹⁾ de Roma e (sic).

Nos graus Rosa-Cruz da Maçonaria, embora nelles o signal seja incompleto, e os quatro sellos da Palavra sempre desdobrados com erro, qualquer sol (longinquo) ainda doura as ruinas de um cerimonial perdido. E o mesmo, com diversas referencias, que não é licito dizer em voz alta, está no que resta do grau de Mestre, vestígio magno da Licção ⁽¹⁰⁾ Suprema.

54B-20 (m)

The man of genius is a left-hand initiate. Shakespeare. He is an initiate who feels, but does not *know*, his initiation.

Initiation is admission to the conversation of the Angels. Some hear, others see and hear. The first are on the left, the others on the right.

(7) Tradução: Cada trabalho tem o seu demónio.

(8) Escrevera «Grão Mestre», riscando depois. Já noutro texto referido como tal, esta diminuição de grau indica uma certa desvalorização do sebastianismo a favor de uma visão mais iniciática e possivelmente de uma verdadeira tradição templária.

(9) v. Lei

(10) v. Iniciação

The essence of occult doctrine is that there is no communication with God. (Pasqually to St. Martin). The essence of mysticism is to seek that communication, to break the bounds of plurality.

- (1) Knowledge and conversation with the Guardian Angel,
- (2) Knowledge of the other angels, (3) Way to God.

(Td)

O homem de génio é um iniciado da mão-esquerda. Shakespeare. É um iniciado que sente, mas que não sabe da sua iniciação.

A iniciação é a admissão à conversa com os Anjos. Alguns ouvem, outros ouvem e vêem. Os primeiros estão na esquerda, os outros na direita.

A essência da doutrina oculta é que não há comunicação com Deus. (De Pasqually a Saint-Martin). A essência do misticismo é procurar essa comunicação, quebrar os limites da pluralidade.

- (1) Conhecimento e conversação com o Anjo da Guarda,
- (2) Conhecimento dos outros anjos, (3) Caminho para Deus.



53A-3. (m)

E diz o snr. José Cabral, no seu triumpho de lavadeira imperfeita: «Choveu no templo.»

Em que templo falla?

No templo de Salomão? No templo de Zerubabel? No templo heptagonal onde jaz incorrupto, o corpo do Segundo Mestre? Na Igreja Secreta de Von Eckartshausen? Na clausura extrema e ignota onde o Santo Graal aguarda o Gallaz que o procure? ⁽¹⁾

⁽¹⁾ V: busque.

Em nenhum desses templos choveu, nem pode chover.

Mas sim, sim, choveu no templo. E o templo em que choveu foi na E. de S. Domingos ⁽²⁾.

54A-37 (m)

A Iniciação comporta 3 tipos:

1 — a conquista da consciência etérica, para o devido contacto entre o astral e os sentidos;

2 — a sublimação dos sentidos misticamente;

3 — o conhecimento das coisas divinas, ou o lado etérico e o lado divino das coisas ⁽³⁾.

⁽²⁾ V: Ah, sim, sim, choveu no templo; mas no templo em que choveu foi na Igreja de S. Domingos.

Nota:

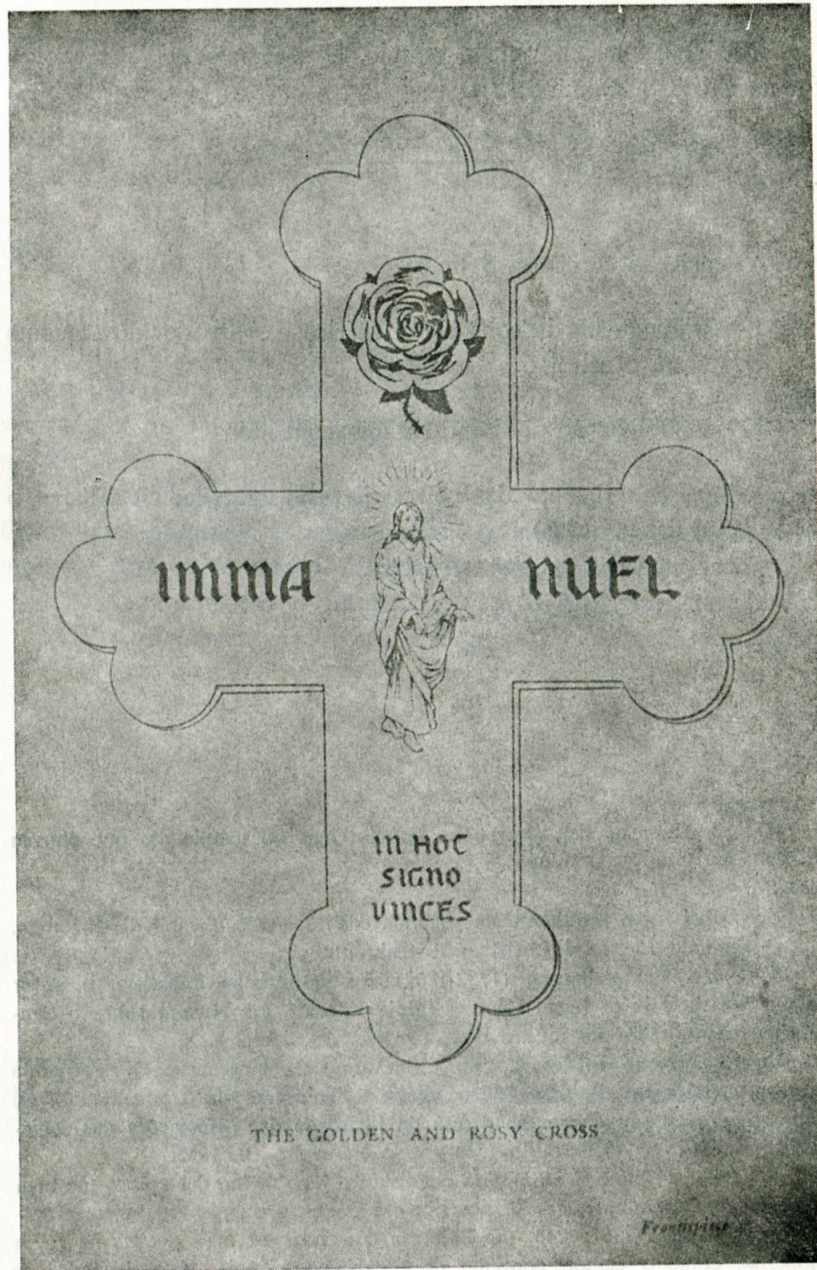
Zerubabel foi o architecto da segunda edificação do Templo de Salomão. O Segundo Mestre é Christian Rosenkreutz.

Karl von Eckartshausen (1752-1803), místico cristão kabalista, e autor de um dos mais belos livros sobre a Igreja Interior, «A Nuvem sobre o Santuário», e inspirador de muitos dos ocultistas do século XIX.

Este fragmento foi escrito no último ano da incarnação de Fernando Pessoa, a propósito da contestação infeliz e ignorante que o deputado José Cabral fizera ao seu artigo em defesa da liberdade das associações das sociedades secretas, no «Diário de Lisboa» de Fevereiro de 1935.

⁽³⁾ O lado etérico e, em alguns cientistas, o lado divino das coisas, tão bem expressos por Fernando Pessoa nos poemas do ciclo mágico-alquímico, transcritos nas páginas 236 e 243, são hoje em dia cada vez mais aceites na física moderna, como o campo contínuo de energia-consciência, base de todos os fenómenos e seres do Universo.

VII CAPÍTULO



53B-28.

*Segredo visível, Rosa crucificada, Mysterio e Nome do Mundo,
olha-me ⁽¹⁾ para que eu te veja ⁽²⁾, crucifica-me para que eu te colha,
torna-me mundo para que eu te oiça e desconheça!*

*Martyrio de flor desabrochada, nasce pela morte em mim!
Silencio da flor desencantada, cresce pela morte em mim!
Segredo da Rosa crucificada, morre pela morte em mim!*

*Rosa, sê eu; Cruz, sê minha; Rosea Cruz, sê!
sê sê eu*



O ENCOBERTO ⁽¹⁾

*Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.*

*Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.*

*Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.*

(1) v — Vê.

(2) v — Saiba.

(1) Publicado em «Mensagem».

61B-9. (dt)

24/8/33.

Omnia fui — Sev.
Rit. M. G. — darkness visible / Morning Star.

*Depuz, cheio de sombra e de cansaço,
As armas da magia entre onde estão
Os livros sacros com quem tenho o laço
Que dá à alma a Força e a Visão.
Ai, não pude depor meu coração!*

*Quam alto fui para o que todos são!
Quam baixo para quanto quiz em mim!
Vi e toquei o que a outros é visão
Em sombras ou desejos, vaga e escura,
Na confusão da confusão sem fim
Sou hoje a minha propria sepultura.
Tenho deserto e alheio o coração.*

*Quantos, com longo estudo e fiel vontade,
Tentam pisar as sendas do Poder,
Sem que sintam uma unica verdade,
Sem que o invocado espirito appareça,
Sem que o dominem, se é apparecido,
Sem que sintam, como eu, sobre a cabeça,
A coroa dos magos — ah, mas essa,
Se é de gloria no nitido esplendor,
É de espinhos no intimo sentido.*

*Por mais alto que o Mago suba e atinja
O commercio dos anjos que ha no Além,
E da côr livida do Além se tinja,
Que mais que os outros, que aqui dormem, tem?
Se a illusão, o symbolo e a sombra
São o que rege tudo, regeirão*

*O mesmo Além que o nosso exforço empana
Com o que de illusão a si se ensombra.
Se tudo que nos falla nos engana,
Porque é que os Anjos não enganarão?*

*Vi Anjos, toquei Anjos, mas não sei
Se Anjos existem. Tal me achei ao fim
D'esse caminho de que regressei
E vi que nunca sahirei de mim.*

*Vã sciencia, inda que aqui, no rito certo,
Os Anjos certos viessem à chamada,
Servos da invocação que os trouxe perto,
Mestres do templo que lhes foi a estrada.
Arte vã, porque tudo, inda que obtido,
Deixa as nevoas que somos taes quaes são,
Sem mais que uma presença sem sentido,
Passando, como um cheiro ou um ruido,
Nas camaras rituaes da illusão.*

*Annos e annos de confusa sciencia,
Lida e relida até me ser meu ser,
Me ergueram a submersa consciencia
À superficie clara do querer.
Tracei os signaes certos, invoquei.
Obedeceram Anjos ao que eu quiz.
Nada sou, nada fiz e nada sei.
Quantos se orgulhariam do que eu fiz!*

*... ..
Quem me diz que não ha, Senhor do Mundo,
Um Spirito que illude? Quem me diz
Que, quanto mais o incognito approufundo,
Mais de illusão e erro não me innundo?
Sei que, quanto maior, mais infeliz.*

*Não ha já fé, nem sciencia, nem certeza
No que sou eu pra mim. Vermes me minam
De outra, peor, mais negra natureza
Que os que ao Mestre destroem na atra valla.
Tudo me é escuro, inda que com destreza
Os caminhos da sombra me illuminam
As dez luzes divinas da Kabbalah.*

Meus pés pisam a Camara do Meio.
Minhas mãos tocam o que os Anjos são.
Já de onde estou branqueja o Limiar
Do intimo Sacratio. Sinto o ar
Do silencio ulterior tocar meu seio,
E rasgam-se olhos no meu coração.

Mas que é tudo isto, se isto não é nada?
Que sei eu d'isto, que bem pode ser
Aquella aerea, falsa e linda estrada
Que nos desertos se consegue ver?
Venci? Perdi-me? Não o sei dizer.

Poder! Poder! Ah, sempre a maldição
Da substancia do mundo! Quem me dera
Que me nascera no ermo, coração
Antes a ansia de ser só mesquinho,
Antes um somno cheio de perdão,
E ser agora qual menino eu era,
Da verdade mais proximo visinho.
(Dos mesmos Anjos mais fiel visinho).

Caminhei como os homens; sou como esse
Que viajou paizes por achar,
E não achou mais nelles do que houvesse
Na Patria de onde se houve de apartar.
Tudo é aqui, mais mar ou menos mar.

Ah, não é essa, a Outra Cousa da alma,
Que ella do fundo incognito que tem
Anceia — a grande e verdadeira calma,
Sem querer nem poder, o Summo Bem.

Com o escopro e o malhete do alcançar
Quebrei a Pedra Cubica do Altar
E a Pedra Cubica se abriu em Cruz.

Quebrara o altar, então a mim quebrei
então em sangue
Sobre o centro da Cruz me derramei.

Alli sacrificado, ou sacrificio,
Exausto, nullo, senti meu enfim
Aquelle coração que era ficticio
... ..
Consegui. Paz profunda, meus irmãos!

Prezas (— — —) as mãos
Minha extraordinaria liberdade
Corajosa (— — —)

Symbolos? Sonhos! A verdade é a alma

Converti

Os cinco pontos pelos quaes me ergueram
Nas cinco chagas pelas quaes cahi.
Em cinco rubras pétalas flori.

62-2 (dt)

3a4/1/1934

Há cinco Mestres de minha alma
Por (Em) cinco pontos me levanto
Da estrella que me explende calma
E tem no meio o signal santo —
A letra que nos traz dos céus
A sigla do nome de Deus.

Foi o primeiro um Architecto
Morreu sob o imperfeito tecto
Por não dizer nosso Segredo.
Tres assassinos (agressores) o mataram
Nas tres portas em que o acharam.

Seu nome, virgem de traição
Está em meu ser como um remedio
Contra o que é fraco em coração,
Contra o dessidio e contra o tédio.
À sua imagem de exumado
Quando é que serei levantado?

Foi o segundo um Thaumaturgo
Que na Judeia,
Foi filho irreal do Demiurgo
Que é o Architecto do Universo;
Ao Deus judeu se substituiu
E a Nova Lei instituiu.

Morto na cruz, diz-se na lenda
Que apoz tres dias levantou
Seu corpo e achou a sacra senda
Que Outro maior lhe
A sua imagem de cruzado
Quando serei sacrificado

Foi o terceiro

H.A.B. — J.N. — J.B.M. — C.R.C. — Ch. of Glory.

Jesus sem Nazare na terra
Cristo de Gloria além da (de) altura.
À sua imagem de elevado,
Quando em seu sangue e corpo dado,
Serei enfim divinizado?

J B M.
À sua imagem de imolado
Quando serei martirizado?

O Cristo que foi a alma
Da vida que foi Jesus. (¹)

(¹) Já escrito a lápis.

NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENCREUTZ

Não tínhamos ainda visto o cadáver de nosso Pai prudente e sábio. Por isso afastamos para um lado o altar. Então pudemos levantar uma chapa forte de metal amarelo, e ali estava um belo corpo célebre, inteiro e incorrupto..., e tinha na mão um pequeno livro em pergaminho, escrito a oiro, intitulado T., que é, depois da Bíblia, o nosso mais alto tesouro nem deve ser facilmente submetido à censura do mundo.

FAMA FRATERNITATIS ROSEAE CRUCIS.

I

Quando, despertos deste sono, a vida,
Soubermos o que somos, e o que foi
Essa queda até Corpo, essa descida
Até à Noite que nos a Alma obstrui,

Conheceremos pois toda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?
Não: nem na Alma livre é conhecida...
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.

Deus é o Homem de outro Deus maior:
Adam Supremo, também teve Queda;
Também, como foi nosso Criador,

Foi criado, e a Verdade lhe morreu...
De além o Abismo, Spirito Seu, Lha veda;
A quem não a há no Mundo, Corpo Seu.

II

*Mas antes era o Verbo, aqui perdido
Quando a Infinita Luz, já apagada,
Do Caos, chão do Ser, foi levantada
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.*

*Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si, que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e unguido,
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.*

*Então, senhores do limiar dos Céus,
Podemos ir buscar além de Deus
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;*

*Não só de aqui, mas já de nós, despertos,
No sangue atual de Cristo enfim libertos
Do a Deus que morre a geração do Mundo.*

III

*Ah, mas aqui, onde irrealis erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.*

*Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra. Sombras, que tocamos?
Nosso toque é ausência e vacuidade.*

*Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser: mas como, aqui, a porta aberta?*

.....
*Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Rosaeacruz conhece e cala.*

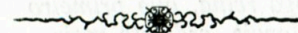
*Porque choras de que existe
A terra e o que a terra tem?
Tudo nosso — mal ou bem —
É fictício e só persiste
Porque a alma aqui é ninguém.*

*Não chores! Tudo é o nada
Onde os astros luzes (rasgos) são.
Tudo é lei e confusão.
Toma este mundo por strada
E vae como os santos vão.*

*Levantado de onde lavra
O inferno(,) em que somos réus
Sob o silencio dos céus,
Encontrarás a Palavra,
O Nome interno de Deus.*

*E, além da dupla unidade
Do que em dois sexos mixtura
A ventura e a desventura,
O sonho e a realidade,
Serás quem já não procura.(:)*

*Porque, limpo de universo,
Em Christo nosso Senhor,
Por sua verdade e amor,
Reunirás o disperso
E a Cruz mostrará a Flor
(E a Cruz abrirá em Flor).*



62A-2 (m) e (Dt)

Sup. Incognytos.

9/5/34

*Nunca os vi nem fallei
E elles me teem guiado
Segundo a fórmula e a lei
Do que, inda que conhecido,
Tem que ficar ignorado.*

*Nunca li o livro occluso
Nem vi o tumulto aberto,
Mas, em meu claustro recluso,
Vendo o céu só pela luz,
Senti a verdade perto.*

*Não foi o Mestre incorrupto
Nem o que foi exumado
Que me fez negar o fruto ⁽¹⁾
Que guarda em seus quatro gomos
O segredo do pecado.*

*Mãos do meu Anjo da Guarda,
Que bem guiaes, como dois,
O meu ser que teme e tarda,
Postas firmes nos meus hombros
Sem de que eu saiba de quem sois!*

*Vou pela noite infiel
Sentindo a aurora raiar
Por traz de alguém que me impelle;
Mas já adiante de mim
Vejo ⁽²⁾ o dia ⁽³⁾ a começar ⁽⁴⁾*



66A-70

IESCHUA BEN PANDIRA. ⁽¹⁾

ISAAC LORIA (?) ⁽²⁾

*Em nós o Fogo reina, que primeiro
É desejo, e depois, ardendo mais,
Desse mesmo desejo se purifica. ⁽³⁾*

⁽¹⁾ v. colher, no manuscrito.

⁽²⁾ v. veja, no manuscrito.

⁽³⁾ v. a luz, no manuscrito.

⁽⁴⁾ v. a se espelhar.

⁽¹⁾ v. Escrito em cima sobre o título de Isaac Loria.

⁽²⁾ v. Escrito em cima do lado direito, a lápis: E assim de mim deposto, senti-me.

⁽³⁾ v. Escrito a lápis: Do que faz desejar se purifica,

*Consumo aquillo de que se alimenta, ⁽⁴⁾
Os diversos desejos queima eguaes,
E quer ser fogo universal e inteiro,
Chama sem lume, de si mesma rica ⁽⁵⁾.*

*Ah, mas depois que tudo é consumado
Que o fogo, por ser fogo, pode arder;
Depois que é em si mesmo sublimado;
Com tal ardencia exacerbado dura
Que a si mesmo se queima e faz não ser,
Seu ardor para dentro vira anciado,
E a chama pura torna-se luz pura.*

*Assim tornado o ser que sou commigo,
Vi que quando cercara o que eu quizera
— Altar ou vara, livro e templo —
Nunca fóra de mim estivera,
Só por julgal-o ⁽⁶⁾ tal fôra inimigo.*

*E então vi que essa Cruz em que converso
Jazia o altar outrora meu
Era, em Cruz de Luz, todo o Universo ⁽⁷⁾
E que essa Cruz era quem fora eu.
Sobre ella a Luz Perfeita em mim erguida
Cahira, numa inteira identidade,
Pois essa Pedra Cubica partida
E a minha alma em luz pura resolvida
Eram a mesma coisa, era a Verdade. ⁽⁸⁾*

⁽⁴⁾ v. Substituídas à máquina eram: E quer ser fogo universal inteiro
Fogo da consciência

⁽⁵⁾ v. Variante a lápis: se sustenta

⁽⁶⁾ v. Escrito a lápis: curidal-o

⁽⁷⁾ v. O original à máquina, riscado a lápis, era: Era uma Cruz de Luz
do Universo

⁽⁸⁾ v. Escrito a lápis: Eram a Vida e a Verdade
Amando assim a Vida e a Verdade

Com o escopro e o machete do alcaçar
Quebrei a Pedra Cubida do Altar
E a Pedra Cubica se abriu em Cruz.

Quilares o velho, antigo e amado

então em sangue
Sobre o centro da Cruz me derramei.

.....
Consegui. Paz profunda, meus Irmãos!

*Alas simplicas, as sacrificias,
Sinhentas, mudo, certo non confis
Hquelle - cometa, que um ficticio*

*Paes - A pais
triste, extraordinaria abusa
Cruz*

Agredida? Dado! A verdade a Valua

*Comenti
E como pinto, pelo pass, na expressa
Nos luma, clama, pelo pass, colis*

POSFÁCIO

Se o aparecimento público da Fraternidade Rosa Cruz ocorre no século XVII, com as obras atribuídas na época a J. V. Andreae, e editadas a partir de 1614 com inúmeras publicações e repercussões, isto não quer dizer que a Fraternidade não pudesse já existir, como, aliás, a vida de Christian Rosenkreutz (1378-1482), descrita num desses livros, indicava. Seria, contudo, apenas uma legenda, ou teria existido esse cavaleiro que fora ao Médio Oriente, como outros peregrinos, iniciar-se nas tradições esotéricas desses povos, aprofundar a sua iluminação e fundar uma Fraternidade iniciática, que atravessaria os anos incógnita?

Sabemos que uma das regras da Fraternidade era a de os Irmãos manterem-se em segredo, de tal forma que quase poderemos dizer que quem se afirmará membro não o devia ser. Nos adeptos e místicos mais conhecidos não se registam afirmações deste teor. Fludd sempre disse que não era um dos Irmãos. Michael Maier entendia por Irmãos Rosa Cruz a continuidade de iniciados desde sempre, evitando assim a questão da historicidade de Christian Rosenkreutz e da sua Fraternidade. Jacob Boehme apenas no seu testamento deixa entrever uma ligação rosicruciana por uma frase adaptada desta tradição: «Nascido de Deus, morto em Ihsvh, selado no Espírito Santo.» Saint-Germain atravessará o tempo como um misterioso e solitário «nobre viajante». Quanto a Christian Rosenkreutz as provas ou argumentos da sua existência não tem uma consistência histórica. Será então uma questão de fé, clarividência ou intuição afirmar-se a sua existência, ou que tal ou tal adepto era um dos Irmãos Rosa Cruz.

Quanto às doutrinas da Fraternidade, muito resumidas nos manifestos, foram, sobretudo, desenvolvidas pelos primeiros comentadores, de tal modo que estas doutrinas de rosicrucianos vieram a ser conhecidas como as doutrinas dos Rosa Cruz. As bases eram a magia, como ciência da natureza, a Kabala, como especulação e visão da estrutura e funcionamento do Universo visível e invisível, e o Cristianismo joanita, gnóstico ou místico. As leis das analogias, correspondências e assinatura das coisas tinham um papel importante numa metodo-

logia laboratorial: o labor científico e a oração permitiam, ou não, a compreensão das coisas e dos seres invisíveis. A natureza física era apenas o degrau mais denso da escada de Jacob, através da qual as Hierarquias divinas se manifestavam num processo redentor e evolutivo da humanidade. Por isto, o mistério do mal e a encarnação do Logos Solar ou da Segunda Pessoa da Trindade eram objecto de pacientes e profundas meditações. Se o carácter meramente imaginativo de certas especulações se provou mais tarde, também inúmeras descobertas científicas e intuições espirituais se comprovaram reais.

Podendo-se falar, pois, de uma continuidade de tradições ou filiações espirituais, que, por transmissão pessoal ou intuição, se fizeram nos inúmeros místicos, sábios, alquimistas, que procuraram rasgar os véus da ilusão e da ignorância obscurecedores das capacidades do género humano, interessará, não obstante, equacionar o movimento com as suas raízes ambientais. O movimento ou impulsão, que veio a ser conhecido por Fraternidade Rosa Cruz, brota numa altura de crise da civilização europeia em que, ruindo os poderes públicos do Sacro-Império Romano-Germânico e do papado, o nascimento das novas línguas e nações e o desenvolvimento de uma burguesia capitalista e humanista faziam sentir cada vez mais possível, desejável e necessária uma libertação dos dogmas, limitações e desequilíbrios reinantes.

Assim, uma série de espíritos foram lançando as suas ideias e acções que, fermentando lentamente, produziram movimentos por vezes contraditórios, mas que, em última visão, se ordenavam para os mesmos fins: a iluminação ou salvação individual e a Reforma Geral do Mundo, particularmente da Europa, bem presente já na consciência dos autores do movimento, e vivenciada pelos rosicrucianos peregrinos.

A descoberta e publicação da literatura clássica, com uma forte ressurgência do hermetismo, neo-platonismo, (O «Corpus Hermeticum» de Hermes Trismegista, os «Oráculos de Zoroastro» e as obras de Plotino e de Jamblico, publicadas por Marcílio Ficino), o estudo e o interesse pela Kabala judaica (Jean Reuchlin, 1455-1522), as tentativas de conciliação com o islamismo e com o judaísmo (Pico da Mirandola, 1463-1494), começaram a produzir novas gerações de pensadores que queriam que as ciências e a experiência pessoal aprofundassem o Livro da Natureza. Tinham vindo os descobrimentos e a revelação de muitos erros das autoridades escolásticas, veio a Reforma, a partir de 1517, com as tentativas de nacionalizar a religião e de tornar mais pura na sua vivência, mas com toda a corte de violências e de manutenção ainda de erros e situações injustas, causadoras de sofrimento humano. Por outro lado, recusando os intermediários (anjos e santos) entre a Divindade e os homens, a Reforma

terá aumentado a necessidade de se revelar a existência dos adeptos e «Irmãos mais velhos». As igrejas em luta tornavam-se, assim, incapazes de satisfazerem ou conterem as aspirações humanas. O milenarismo e o messianismo surgiam facilmente, bem como, mais invisivelmente mas eficazes, os sonhos de utopias, as sociedades secretas e os cenáculos íntimos.

Está hoje historicamente comprovada a existência de um desses cenáculos em Tubingen, em que cerca de trinta membros ilustres, como Christophe Besold, humanista e kabalista, Arndt, Hirsch, e vários outros, conhecedores da tradição hermética e gnóstica, discípulos de Campanella, Tauler, Thomas Kemphis, Paracelso e Valentim Weige, elaboraram, ou fizeram emanar, com Andreae, os livros da Fraternidade.

J. V. Andreae pertencerá a outras sociedades, ora existentes, ora criadas por ele, e dirá: «Se eu deixo presentemente a própria Fraternidade, não deixarei, porém, jamais, a verdadeira fraternidade cristã que, debaixo da cruz, sente a rosa e se afasta completamente das imundícies deste século, das suas confusões, erros e orgulhos: queria, bem pelo contrário, erigi-la e comentá-la mais apropriadamente com todos os devotos.» (1619). E mais tarde, na sua autobiografia, afirmará ser a Fraternidade «um jogo de intelectuais, tendo por fim incitar as pessoas a fazerem um retorno a si próprias».

Mas podemos perguntar-nos se não seriam, em vez de invenções, saídas para o grande público, deturpadas ou não, de ensinamentos e intenções iniciáticas, provindas de um grupo, a fraternidade fundada por Christian Rosenkreutz, ou do Centro Primordial, a Hierarquia dos Radianes da Arqui-Luz.

No nosso século, alguns esoteristas têm-se manifestado sobre este mistério das origens da Fraternidade. Citaremos algumas visões resumidamente: para René Guénon e a sua escola, haveria um Centro espiritual primordial inspirador dos diversos iniciados de todos os tempos. A este Cenáculo de seres que teriam atingido um estado iluminado, é que se deveria dar o nome de Rosacruz, sendo rosicrucianos os inspirados por eles, ou os que tinham intenção de o ser. E teria havido muito poucos inspirados, porque na maioria dos que são considerados como tal existem posições religiosas dogmáticas ou imparciais, mostrando a sua não pertença à unidade supra-religiosa.

Para os rosicrucianos da A. M. O. R. C. (Antiqua Mystica Ordo Rosae Crucis), a origem dos manifestos deveria ser atribuída a Francis Bacon, aliás para eles o autor das obras de Shakespeare, e que fora o relançador do rosicrucianismo nessa época, ainda que houvesse uma origem egípcia e uma continuidade, em ciclos de lactência e de manifestação, ao longo dos séculos.

Para Rudolf Steiner, criador da Antroposofia e da pedagogia Waldorf, Christian Rosenkreutz foi o iniciado que lançou, no século XIV, o movimento Rosa Cruz, para impulsionar um cristianismo esotérico e uma espiritualização da ciência (tanto no sentido de uma ciência espiritual como de uma ciência experimental), tendo formado para isto um grupo de discípulos e inspirado, directamente ou não, ao longo dos anos místicos e cientistas, como Bacon (1560-1626), Comenius (1592-1670), Boehme (1575-1624), Von Helmont (1577-1644) e Goethe (1749-1832). Esta posição da existência real de Christian Rosenkreutz foi também sustentada pelos líderes teosóficos C. W. Leadbeater e Annie Besant, por Max Heindel, fundador da Fraternidade Rosicruciana, e por Rijckenborg, do «Lectorium Rosicrucianum».

No começo do século XVIII, surgiu na Alemanha, fundada por Samuel Richter, pastor da Silésia, uma nova reformulação da Fraternidade; discípulo de Paracelso e de Jacob Boehme, publica «A Preparação Verdadeira e Completa da Pedra Filosofal da Fraternidade Rosa Cruz de Ouro», sob o nome de Sincerus Rhenatus, onde diz que os últimos irmãos recolheram-se para a Índia, descrevendo pormenorizadamente a organização interna da Fraternidade, que utilizava como uma das palavras-chave o «Benedictus Deus Qui dedit nobis signum», também usado por Fernando Pessoa. Esta fraternidade tinha um carácter acentuadamente alquímico até à reforma que Hermann Fictuld lhe faz nos meados do século, em que são introduzidos fortes aspectos ritualísticos, pelos quais reforça a atracção pelo oculto que nessa época se sentia. O rei da Prússia e outras figuras importantes farão parte da Ordem, em que, a par de iniciações bem encenadas, uma doutrina profunda era transmitida com o fim de que cada membro libertasse a luz da natureza, e «assim iluminar de novo no coração de cada irmão uma tocha cuja luz o tornará capaz de melhor reconhecer o Deus escondido...». Também a criação, ou introdução, de Graus Rosa-Cruz na Maçonaria e a acção do judeu português Martines de Pascoallys (1727-1774), ao fundar a Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos-Cohens do Universo, marcadamente mágica mas que interessou inúmeras personalidades da época, em França, permitiram que a impulsão rosicruciana chegasse até ao século XIX, e aí adquirisse um forte desenvolvimento, ao qual também não estaria alheio uma certa reacção à demissão iniciática da Igreja e ao exagero materialista do socialismo e do positivismo nascentes. Desses grupos, dos quais alguns chegarão até hoje, citemos a «Societas Rosicruciana in Anglia», a «Golden Dawn», a «Stella Matutina», a «Society of Inner Light», em Inglaterra, e em França as Ordens Rosa Cruz, de Saar Peladan e de Stanislas de Guaita, e o «Martinismo» de Papus (adaptação feita por este dos ensinamentos de St. Martins, místico provindo da magia ritualística de Pascoallys), movimentos todos eles conhe-

cidos de Fernando Pessoa, sobretudo a «Golden Dawn». Finalmente surgiram no nosso século a A. M. O. R. C. (a Antiga e mística ordem Rosa Cruz), de Spencer Lewis, a Antroposofia de Rudolf Steiner, a Fraternidade Rosicruciana de Max Heindel e do Lectorium Rosicrucianum de Jan van Rijckenborgh.

Porém, será talvez na meditação dos próprios símbolos da Rosa e da Cruz, raramente unidos antes do século XVII (brasão de Lutero, medalhão no claustro oriental dos Jerónimos), que conseguiremos



compreender não só a vitalidade deste movimento, como até uma das suas possíveis origens: houve sempre o caminho iniciático, que é a medula do aperfeiçoamento individual e social e a essência da caminhada da Humanidade. Quer por seres suprahumanos, quer pelos iniciados mais desenvolvidos, quer pela clarividência ou espiritualidade normal dos seres, a Humanidade sempre teve acesso ou ligação com os mundos espirituais, com os seres superiores e a Divindade. A materialização progressiva do homem, concomitante ao seu domínio da matéria e do pensamento racional, fizeram-no perder cada vez mais este contacto. A partir do mundo espiritual ou, se quisermos, dos iniciados, foram sendo transmitidos certos ensinamentos ou impulsões no sentido da religião. Se a vinda de Cristo, por um lado, foi parte deste processo, a sua importância como Segunda Pessoa da Divindade encarnada na Terra foi decisiva. É a partir desta realidade que a Cruz, detentora já de um múltiplo carácter simbólico de toda uma metafísica da criação, da harmonia dos contrários e da religião,

adquire o seu valor máximo de símbolo da verdade, do caminho e da vida. Mas ela era um símbolo que acompanhava um movimento, um espírito (santo) vivo nos discípulos dos primeiros tempos da Igreja, que admitiam e conheciam a existência de mistérios ou estágios iniciáticos, a reencarnação, a tríade humana de corpo, alma e espírito e a cristificação individual.

A partir do século VI, sobre esta cruz, talvez menos viva após alguns concílios, começou a colocar-se o corpo sofredor de Jesus, valorizando-se demasiado este aspecto, real, mas unilateral, do momento do Calvário e da vida de cada um de nós: o do sofrimento e da morte, já que na mesma altura a luz refulgia, o Cristo de Glória sorria e o seu amor (sangue invisível e universal) derramava-se sobre a Terra. Nas trevas da Idade Média, com as suas obscuridades e sofrimentos, se a Cruz era uma ajuda aos que sofriam, ela era, contudo, mais um lenitivo do que um estímulo. Mas, para além de se ter perdido o sentido iniciático das letras que encimavam a cabeça de Jesus e que Fernando Pessoa e a Tradição tanto valorizaram, a imagem de Jesus ali crucificada fazia perder de vista algum do sentido metafísico e iniciático da Cruz, evitando uma maior assumpção e identificação com ela, com o caminho para o Cristo individual e não apenas por projecção e invocação de Jesus.

Quando Joaquim de Fiore (sendo Fiore um dos nomes da Rosa nos Trovadores) previra a vinda de uma terceira época, a do Espírito Santo, em que a ligação com Deus se faria pela inteligência espiritual e, portanto, sem intermediários, estava a lançar (ou a reflectir...) o fermento dos movimentos como o da Rosa Cruz e a colocar sobre a Cruz do Filho a Rosa ou Amor do Espírito Santo. Ela espelhava a necessidade de se trazer de novo ao conhecimento geral dos seres o caminho da iniciação, do «Conhece-te a ti mesmo, ao Universo e a Deus», que vinha dos mistérios antigos e que fora reforçado pelas possibilidades de redenção e desenvolvimento do Eu individual, operados pela encarnação de Cristo, e que deste modo amadurecera para chegar ao que sempre foi dito como: «É a hora.» É-o para Fiore, 1260 (ano do nascimento do nosso rei D. Dinis, o protector do culto do Espírito Santo e da tradição templária), é-o no tempo dos manifestos Rosa Cruz, como o é para Fernando Pessoa na «Mensagem». Como o é agora (para quem o quiser e conseguir...).

Por esta e outras razões surge a Rosa, símbolo, desde a mais alta antiguidade, do amor e do silêncio, na sua consagração, por exemplo, a Vénus e a Harpócrates, na Grécia; ou da vida eterna e da ligação amorosa entre os mortos e os vivos, quando depositada nos túmulos romanos, nas festas das Florálias; da graça ou da aurora, misteriosamente visível ao longo da Idade Média e da Renascença na estatuária de certos cavaleiros e damas; ou ainda símbolo da

Harmonia Universal Divina em Dante. No pano de fundo das guerras, dos fanatismos e dos egoísmos, surgia um novo símbolo eterno e altamente inspirador: na cruz da tua personalidade e destino, tens que fazer desabrochar a rosa do Espírito, da liberdade, verdade e amor, a Presença Divina, e assim viverá a Rosea Cruz.

Evidentemente que os símbolos, e as ideias-forças que estão por detrás deles dependem não só do Alto como também da vivência e transmissão dos humanos, e é aqui que os problemas surgem. O movimento Rosa Cruz vem da realidade simbolizada, da acção da Hierarquia Divina, de Christian Rosenkreutz, de outros adeptos? E os seus objectivos ou propósitos terão vindo a realizar-se?

Sem dúvida que os movimentos actuais rosicrucianos continuam a desenvolver-se, impulsionando alguns seres no caminho do aperfeiçoamento e do conhecimento, sem no entanto poderem modificar os aspectos ainda negativos da nossa civilização. Como Michael Maier dissera em 1616, o essencial da F. R. C. não era a reforma geral, mas o conhecimento e o caminho iniciático. O que não pode ser identificado a grupos, mas sim compreendido, como, de certo modo, Pessoa o sentiu, como uma ligação vertical com a nossa entidade, mundos e seres espirituais, maxime com a Divindade. Os grupos são meras formas intermediárias operativas no sentido de estabelecerem uma circulação entre as aspirações humanas e as forças e seres dos mundos superiores. Fernando Pessoa entrou, no fim da sua vida, na Ordem Templária de Portugal e considerava o movimento Rosa Cruz como a forma da tradição gnóstica e templária ter sobrevivido na Alemanha. Ora o que se verificava, na época dos manifestos, na terra lusa eram as visões e profecias sebastianistas e restauradoras. Talvez por estas e outras razões Fernando Pessoa valorizou tanto este veio, comum aos herméticos e aos próprios manifestos, das profecias e do sebastianismo ou messianismo. «Aquele que há-de vir», Johannes Trithemus. Paracelso: «Vem aí Elias Artista». Nostradamus: «Uma nova seita de filósofos, desprezando a morte, ouro, honras e riquezas, dos montes alemães estarão muito perto. Para os assegurar terão apoios e Imprensa» (III Centúria, 57). Ou ainda a própria Confessio: «Virá o tempo em que a serpente deixará de silvar e a tripla tiara se quebrará.»

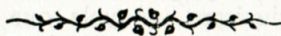
O objectivo sociocultural dos manifestos Rosa Cruz de se unir os vários conhecimentos dos povos num ecumenismo benfazejo, visão que produziu tantas utopias, está, contudo, a realizar-se mais nos nossos dias pela própria marcha da humanidade, consciencial e técnica, bem visível na Europa. A obra de Fernando Pessoa é também um sinal de todas estas impulsões Rosicrucianas e humanas. A sua mitologia do Quinto Império tem correspondências com as profecias

de Joaquim de Fiore, talvez um dos principais inspiradores das especulações e visões de uma época de fraternidade e espiritualidade, visíveis na tradição portuguesa do culto do Espírito Santo (esotérico e exotérico), e na tradição Rosa-Cruz pela Europa fora.

Pode-se, então, admitir que as duas vertentes da Cruz, a vertical, iniciática, de ligação com o mundo espiritual e divino, e a horizontal, da fraternidade e da reforma geral, estão a realizar-se, o que permitirá cada vez mais aos seres humanos o desabrochar da Rosea Cruz, que é a intuição, que é o Cristo, o Espírito, o Divino em cada um de nós.

Haverá, então, interesse em estudar-se as obras dos rosicrucianos antigos, conhecer-se alguns dos grupos actuais, ou tentar-se meditar os textos de Fernando Pessoa? Sem dúvida que sim. Não só para melhoria da cultura pessoal, e num dos seus aspectos que, sendo dos mais significativos e potenciais, mais foi reprimido ou desprezado ao longo do rolar dos anos pelos que estavam nas posições de Poder (já que este, em geral, não ouve a Autoridade espiritual, cultural, moral, que o devia inspirar), mas, sobretudo, pela nossa possibilidade de inserção na Tradição e no Plano Cósmico e Divino.

Em que direcção caminharmos, sobre que prática nos basearmos, que ligações estabelecermos, sempre foram perguntas a ressoarem nas almas peregrinas nesta vida, tão cheia ora de encruzilhadas ora de cruces. A investigação, a transmissão Rosa Cruz, ainda que em alguns casos apenas hipotética ou imaginativa, evidencia uma profunda penetração no ilimitado campo das possibilidades infinitas do homem e da natureza. É, pois, um motivo de gratidão o podermos participar da Tradição Rosea Cruz, de que a obra de Fernando Pessoa e a de outros iniciados, se meditadas e vividas, impulsionarão o alinhar da Cruz e o desabrochar da Rosa.



Prefácio da «FAMA FRATERNITATIS», na edição de 1615, traduzida da versão francesa de E. Coro, 1921.

«A Sabedoria (disse Salomão) é um tesouro infinito para os homens, pois é o sopro da potência divina e um raio da magnificência do Todo-Poderoso. É um reflexo da luz eterna, um espelho virgem da potência divina e uma imagem da sua beleza. Ensina a disciplina, a inteligência, a justiça e a força. Compreende as fórmulas escondidas e sabe a palavra dos enigmas. Conhece de antemão sinais e milagres, e o que se passará no futuro.

O nosso pai Adão possuía este tesouro integralmente antes da queda — do que resultava que o Senhor Deus, tendo posto diante

dele todos os animais dos campos e todas as aves do céu, podia dar a cada um deles o nome que lhe pertencia segundo a sua natureza.

A triste queda no pecado desfalcou esta jóia magnífica da sabedoria, e espalhou no mundo a obscuridade orgulhosa e a incompreensão; contudo, o Senhor Deus desvendou-a por instantes aos seus amigos, pois o sábio rei Salomão testemunha dele próprio por este facto: ter obtido, a partir da sua oração aplicada e da sua aspiração, sabedoria semelhante, que lhe permitia conhecer como é que o mundo foi criado, a força dos elementos, o começo, o meio e o fim do tempo, o modo como o dia começa e acaba, as estações se transformam, o ano evolui, as estrelas se mantêm, de modo a compreender também o instinto dos animais domésticos e selvagens, as tempestades, o pensamento dos homens, a natureza de todas as plantas, a força das raízes e outras coisas.

Se bem que eu não acredite que se possa encontrar alguém que não queira partilhar este tesouro, que não queira desejá-lo de todo o coração, contudo ninguém o pode encontrar, a não ser que o próprio Deus lhe dê a sabedoria e envie o seu Espírito Santo das alturas, — fizemos então imprimir abertamente este pequeno tratado de Fama e das Confissões de amável fraternidade dos Rosa Cruz, no qual está claramente designado e descoberto o que se deve esperar neste caso para o futuro do mundo.

Se bem que certas coisas possam parecer um pouco estranhas e que mais do que um desejo crer que o que foi publicado quanto à fraternidade dos Rosa Cruz não passa de um ensaio cego de filosofia em vez duma história verdadeira, contudo ver-se-á amplamente através das confissões que há mais do que se contava «In Recessu» e aquele que não é um ignorante poderá reparar facilmente e compreender o sentido que se liga ao dia de hoje e ao tempo presente,

Quanto aos verdadeiros discípulos da Sabedoria e herdeiros da ciência escondida, esses tomarão as coisas com mais atenção, eles saberão também observar lá um «Ludicium» (jogo) mais vasto, especialmente do lado da gente nobre, particularmente de Adam Haselmeyer, notário público de Sua Dignidade o arquiduque Maximiliano, autor também de um extracto dos escritos de teologia de Theophrastos, e que escreveu um tratado com o título de «Jesuítas», no sentido em que cada cristão deve ser um verdadeiro Jesuíta, ou seja, caminhar, viver, ser, morar em Jesus, com o que os Jesuítas lhe deram uma recompensa especial porque ele chamou, na sua resposta à Fama, aos irmãos rosicrucianos homens altamente esclarecidos, e aos Jesuítas impossíveis de se enganar, e como estes não podem suportar coisa semelhante, apanharam-no e meteram-no na galé, e por causa disso receberão também a sua paga.

A aurora celeste vai brotar e trará, com os seus raios puros, o

dia sagrado, para o qual numerosos corações piedosos têm um desejo doentio depois do fim da sombria noite saturnal e do reflexo da Lua ou das magras chispas de Sabedoria Celeste que se encontra ainda entre os homens com o seu brilho bem diminuído, e que é um mensageiro do Sol amável. À claridade desse dia todos os tesouros celestes, e também todos os objectos invisíveis e escondidos nos segredos do mundo, poderão ser reconhecidos como verdadeiros e vistos segundo a doutrina dos primeiros pais e antigos Sábios. Lá, estará o verdadeiro rubi real, a nobre e brilhante pedra vermelha a propósito da qual foi ensinado que ela dá nas trevas um brilho luminoso, é um medicamento feito para todos os corpos, transforma os metais em ouro puro, afasta para longe todas as doenças, dores e melancolias dos homens.

Portanto, que o leitor favorável seja solicitado a suspirar comigo para Deus a fim de que os corações e as orelhas dos duros de ouvido se abram, que Ele lhes queira bem dar a sua bênção, que eles o queiram reconhecer na sua potência, com uma visão maravilhosa da natureza, para o seu louvor, sua honra e sua estima, amor, ajuda, consolação e força do próximo e tornar saudáveis todos os pobres homens. Amem.

Aqui termino o prefácio, abordamos a partir de agora a própria Fama.»



Extractos da epístola aos Irmãos Rosa Cruz, por Michel Potier, 1617.

«Apressai-vos, então, a vir em nome do Pai que fez o céu e a terra. Vinde com diligência em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, filho redentor. Vinde sem demora em nome do Espírito Santo. Deixai-me sentir a centelha de amor que por todos os lados brota em abundância da vossa "Fama e Confissão". Ó irmãos, dai vigor às vossas promessas. Porque, como espero que haveis de fazer, assim eu cessarei de rogar, para não parecer que desconfio da vossa benevolência. Com efeito, nada tenho para vos dar em troca, a não ser a minha infatigável súplica por vós e além disso um coração leal, o qual alberga, como símbolo da verdade tão sincera para convosco, a declaração de eterna amizade e, dedico, ofereço e consagro-vos esta obra como testemunho da minha veneração.»

«... mas antes para comprovação dos fenómenos ocultos que o comum dos filósofos objecta, não suspeitando que possa haver um

outro lado na natureza das coisas, para além do que lhes é dado pela inteligência; como, todavia, cada coisa possua o seu próprio valor e a influência divina se manifeste em tudo, até no mais pequeno verme, contudo, esse valor em quase nada pode ser visto pelos olhos exteriores, mas somente o seu efeito.»

«Pois se um dia agradou a Deus iluminar Adão, nosso primeiro antepassado, com tão grande sabedoria para que ele pudesse designar cada objecto da criação pelo seu nome certo e apropriado; Salomão, para que conhecesse o passado e o futuro, os pensamentos dos homens e ainda todas aquelas coisas que fossem secretas e imprevistas; Eliseu, para que soubesse indicar todas as palavras do rei de Israel e todas aquelas que foram ditas pelo rei da Síria no seu quarto; os Apóstolos, para que fizessem milagres: por que é que Deus, cujo braço não estava cortado, não podia estimular os homens nestes últimos tempos do mundo e por intermédio deles mostrar de maneira semelhante o seu poder, verdade, justiça e clemência, não só para a conversão dos incrédulos mas também para a glorificação do seu eterno nome?

Não é verdade que o eterno Deus promete o Espírito da Sabedoria a todos aqueles que o invocarem com sinceridade, conforme o valor das palavras: «Pedi e recebereis», «Batei e ser-vos-á aberto», «Procurai e achareis», e «ser-vos-á dado o reino de Deus primeiramente e as restantes coisas por acréscimo»? Por exemplo: não disse Salomão, «Invoquei e veio até mim o Espírito da Sabedoria»? E não diz o próprio Jesus Cristo, «Amen» vos digo, que se tiverdes fé e não duvidardes não só fareis isto em relação à figueira, mas também se disserdes a este monte «move-te e lança-te ao mar» assim será feito? Acaso não diz novamente, no dobro, «Amen, amen vos digo aquele que crê em mim fará as obras que eu faço e ainda outras maiores do que estas?» Sem dúvida, todo aquele que não ceder com respeito diante destas claras palavras da Suma Escritura é ímpio no Espírito Santo: porque não crê na palavra saída da própria boca de Deus.

Por conseguinte, esses homens proclamam que a Cabala e a Magia são artes indignas do homem cristão devendo ser evitadas e o menos cultivadas possível, afirmam também que todas aquelas coisas que eles próprios não entendem ou não podem alcançar pela sua inteligência são supersticiosas e do diabo; eles que ouçam um Pico Mirandola, um Reuchlin, um Pedro Galácio, e muitos outros doutíssimos, cristãos e homens de bem, não só de séculos anteriores

mas também do nosso próprio século; estes julgaram essas artes com mais boa-fé e prudência.

Não sou de tal modo ignorante ou ímpio que queira julgar estas artes, que se tornaram num execrável abuso por artifícios do diabo: nem me estou a referir à absurda, vã e falsa cabala dos eruditos, da qual os sofistas se gloriam, mas sim à santa, pura e divina Cabala dos antigos naturais, a perscrutadora dos assuntos divinos, através da qual certos Rabinos dos Judeus reconheceram Cristo, filho de Deus e Deus uno em três pessoas: e compreendo essa mesma Magia pela qual aqueles que, no Oriente, sob a orientação da estrela reconheceram Cristo como rei dos Judeus, se tornaram ilustres: pois eu, declaro-me abertamente um cristão e, assim sabendo e querendo, não desejo defender nem apoiar nenhuns erros: não afirmo qualquer palavra que seja contrária à sacrossanta, Profética e Apostólica Escritura ou à Igreja Cristã, mas, pelo contrário, condeno, rejeito, abomino, detesto e desprezo tudo aquilo que se opõe à celeste doutrina de Cristo e concludo, nisto persistindo vivamente (1).

Extractos das obras de Robert Fludd (1574-1637), traduzidos do latim.

«... Como a fonte eterna da vida reside na periferia do Mundo, sem dúvida na morada celeste da Santíssima Trindade não existe nenhuma matéria, mas sim a pureza verdadeira, o fogo imaculado, a forma perfeita, a graça infinita e o esplendor imenso.»

«Logo, o Pai ou a Unidade essencial é o poder do Filho ou da Unidade primogénita; o Filho, na verdade, é a beleza do Pai. Portanto, a Unidade segunda, juntamente com a Sabedoria daquele (Pai que aquela primeira unidade faz irradiar de um centro oculto e inexprimível) permanece na sua origem.»

«Ó eterna Sabedoria, tu, brilho da luz perpétua, imagem da bondade Daquela, visto que és una, tudo podes e permanecendo em ti própria, inovas tudo, e através dos tempos transferes-te para as almas, fazendo amigos de Deus e profetas.»

«O Espírito Santo é o princípio que, procedendo do centro e do Pai e do Filho, os medeia, e cuja luz brilhando é chamada conciliadora, porque a sua parte última é o sincero e verdadeiro amor que por meio de laço inviolável une o Pai ao Filho.»

(1) Tradução do latim, na edição de 1617, Francfort, feita por Maria João Almeida.

«Pois os verdadeiros irmãos Rosa Cruz são aqueles que com os olhos da inteligência voltados para o espiritual penetram o centro do sangue humano, que está como que ligado a uma cruz de sangue de rosa, e esforçam-se por retirá-lo daquela cruz, e através da fé nos corações fazê-lo reerguer-se e voltar de novo à vida, para que deste modo se faça a purificação dos pecados e uma barreira mais eficaz da matéria, esvaziando seguramente as inimizades na carne e o carácter dos mandatos. (Ditos dos Apóstolos, Heb. I)» (2).

«Passai bem, caríssimos irmãos, naquele que sinceramente cultuamos. Adeus, digo, mais uma vez adeus, e (peço-vos e suplico-vos pela vossa fé e pela ignorância deste século relativamente à filosofia pura e verdadeira) ajudai-me e favorecei-me: lembrai-vos de mim e das vossas promessas.»

(2) A cruz de sangue, em Fludd, pode ser uma referência à visão de Platão da alma divina universal (Logos), crucificada na natureza, que caberia aos seres humanos libertar e, nela, ressuscitar.

INSPIRAÇÕES DA ROSEA CRUZ

Joachim Frizius, «Summum Bonum»:

«F. R. C. significa Fé-Religião-Caridade. O símbolo da R. C. representa a madeira do Calvário vivificada pelo sangue de Cristo.

Os R. C. chamam-se Irmãos porque são todos filhos de Deus: que a Rosa é o sangue de Cristo; que sem a Cruz interna e mística, não há nem abnegação nem iluminação.

Os Irmãos dividem-se em duas classes:

1.º Mistus — Aureae Crucis Fratres; 2.º os Teosóficos: Rosae Crucis Fratres.»

«Os filhos de Deus são os Irmãos da Rosa Cruz, são verdadeiramente iluminados pelo Espírito Santo.» *Robert Fludd.*

«É necessário, para fazer parte da nossa assembleia, que possuas esta luz, pois sem ela, não nos poderás contemplar, a menos que nós o permitamos.» *Thomas Vaughan.*

«Não há diferença entre o nascimento eterno, a reintegração e a descoberta da pedra filosofal.» *Boehme.*

«O repouso só existe no Um e em mais nenhum número; tudo o que é pluralidade é inquietação.» *Paracelso.*

«Procurar o meu único salário em mim mesmo, não desejando nada mais do que matar o desejo.» *Philip Sidney.*

«Acostuma-te à constância e à gravidade nas palavras e nos actos, já que os anjos são Espíritos constantes e graves, inimigos da superficialidade e ligeireza; são Espíritos verdadeiros e amantes da Verdade.»

«Preocupa-te primeiro em teres uma legítima vocação para as coisas que tens de fazer.» *Heinrich Khunrat*, «Anfiteatro da Eterna Sapiência».

A cruz marca um centro dos quatro pontos do espaço. Cada ser humano o é. E é-o quando se liga verticalmente com Deus, com Cristo, com o Espírito, nele surgindo então a rosa.

★

A rosa do coração para estar viva tem que estar protegida ou irradiar fortemente pelos braços teus ou da cruz.

★

Temos de fazer surgir botões no tronco da nossa coluna vertebral. E transformar a árvore do bem e do mal na cruz da vida onde brilha a rosa do Espírito.

★

A rosa cruz, ou o duplo dorje tibetano, ou a cruz templária representam o homem no caminho iniciático. No centro do seu peito, o fogo, a rosa do Espírito, irradia.

★

A cruz é o sinal de haver um eixo no mundo e um caminho para os homens que os pode levar para além das agonias e horizontes em direcção ao próprio centro do Universo e de Deus.

★

A Cruz marca o encontro num centro de todas as direcções do espaço, de todos os raios do Cosmos, de todos os seres e energias do Universo. Quem conseguir retirar-se da dispersão e contrair-se nesse ponto verá, na caverna obscura da alma, começar a despontar, como rosa, a Luz.

★

Para que nos lembremos que por detrás do Cristo está um ser, e que é o Coração Universal, se ergueu a Rosea Cruz. Mas só nos corações humanos é que Ele voltará.

★

As rosas crescem frescas porque os vasos estão abertos ao alto.

★

Na Cruz da Vida a Rosa do Amor.

★

Na cor vermelha da rosa está o sangue de Cristo, a energia do Espírito Santo, purificando-nos dos desequilíbrios, fortalecendo-nos para o embate da vida. Se lhe damos de nós próprios, ela cresce e torna-se nós, braços abertos em cinco pétalas, veste das Núpcias Alquímicas ou Gloriosas.

★

Na cruz a linha vertical é a das dificuldades da ligação espiritual, e o traço horizontal, mais amplo nas três dimensões ou nas representações arquitectónicas, representa as influências terrestres, da astralidade das poses e relações humanas. Por isso se diz que a rosa se crucifica na emoção e que dela pode surgir a abertura ao Divino.

★

No meio do traçar do sinal da Cruz realiza a rosa da consciência ígnea.

★

Temos que fazer nascer ou aceitar a Cruz de Cristo em nós para que a Rosa do Espírito brilhe.

★

É sobretudo pelo sofrimento e pelo amor que a rosa nasce na Cruz e a torna Rosea.

★

O esoterismo cristão não podia ficar morto sob as pedras da Igreja que não estavam vivas. E por isso renasceu como rosas na cruz da verdade e de Cristo. Uma rosa que dá conhecimento e alimento às abelhas, aos discípulos de todo o mundo, que nestes símbolos, nesta impulsão, tem recebido inspirações para a evolução humana.



A Rosa Cruz foi um impulso espiritual iniciático: «Houve um cristão que uniu o Oriente e o Ocidente de novo e que atingiu a Sabedoria do Microcosmos, fazendo assim renascer na cruz a rosa. E que vem agora lançar uma nova impulsão do Espírito Santo: conhecimento e fraternidade a espalharem-se por todo o mundo.»



Na rosa da rosácea surge a Cruz da estrutura. Ou seja, as cores dos planos invisíveis são perfeitas e visíveis, se assentes numa estrutura ou armação harmónica do mundo da matéria. É pelo esforço terrestre que se ergue a beleza cósmica.



A cruz marca a passagem ou a descida para o centro. A rotação da cruz produz a suástica e o círculo.



A Rosa Cruz foi um dos modos de se fazer passar a consciência para uma visão mais viva e amorosa do sinal da cruz, símbolo da verdade e do centro. E os símbolos servem para nos transformar através dos estados de consciência superiores que possam suscitar em nós.



Mais do que se chamar pela Rosa Cruz, é pelo Cristo que se chama. O Cristo é a Rosa da Cruz. É a divindade nos homens. É o mestre de quem podemos ser discípulos. Pela imagem da Rosa Cruz, Jesus é tirado da Cruz e nela brota a força viva e invencível do Cristo, a Rosa.



A Rosa Cruz está já em potência na cena da Transfiguração: sobre o quaternário do Pai, de Moisés, de Elias e do grupo de Discípulos, Jesus, de braços abertos, mostra no peito a rosa vibrante do Espírito.



O túmulo de Jesus aberto, o túmulo de Christian Rosenkreutz aberto, marcam épocas de renovação espiritual. O cristianismo, a religião divina renascida unindo os vários opostos em gnose, em fraternidade. Entre Deus e os homens surgiam os Discípulos, os Adeptos, os Mestres, Irmãos mais avançados no Caminho.



A Rosa tem quantas pétalas, de que cor ou cores, onde está no corpo e na alma? Cresce, diminui, abre-se e fecha-se, roda?

A Rosa, que é o Espírito manifestado como beleza e subtilidade, o orvalho materializado, tem um caule rugoso e espinhoso, sinal da força com que se apoia no corpo e na terra, e dos espinhos da dor e da luta. Erguendo-se das raízes minerais, ela pode desabrochar então em botão, e surgir como a flor da perfeição. As folhas e a seiva alimentam-na. A luz a que aspira e recebe, bem como o calor ambiental, físico e psíquico, fazem-na crescer e abrir-se. Tudo na Rosa é símbolo e acção.

As pétalas abrem-se e manifestam a vida divina que brota do aparente vazio central onde, da obscuridade, ressalta uma luz última em forma de estrela de cinco pontas. Dir-se-ão então que a rosa é a alma, que o centro do círculo da rosa é o Espírito e que a rosa de várias cores é sinal das várias qualidades que o Espírito assume como alma, como consciência activa e operante no mundo.

Há rosas brancas, vermelhas, amarelas, rosadas, rubras, laranja, e outras nuances da natureza. E no interior do ser humano? Qual a cor da tua rosa?

A tua rosa és tu próprio, e a sua cor será, então, a tua cor como ser espiritual. A tua rosa é o centro do teu ser, o coração da tua alma. Mas cada ser tem ainda várias rosas, que são os centros de energia subtil ao longo da coluna vertebral, cada um com cores próprias. Quando se mostram as sete rosas na Cruz revelam-se esses lotus, ou rosas da coluna. Assim, pode ser que a Rosa na Cruz seja a Rosa do coração ou a do olho espiritual.

Se a Rosa principal é a do coração, a do Amor, quem saberá o que se passa e se deve realizar em cada ser a cada momento do

seus caminho? Não há na estatuária santos, anjos ou senhoras com a rosa na testa? Mesmo num dos claustros de Tomar não está ela, num túmulo alquímico, desabrochada na frente de uma dama?

Rosa, Rosa, és um mistério. E uma beleza.

Foste-o desde sempre. Imortalizada em Isís e Nefretiti, ou, como os lírios de Salomão, rosa do vale, Rosa de Sharom.

Os árabes te cuidaram pelas mãos doces dos Sufis de Isfaham e te cantaram em Rumi ou Hafiz; os zelosos gnósticos te tingiram de púrpura em Alexandria. Os templários e os cátaros trouxeram-te do Oriente e os trovadores cantaram-te oculta, enquanto Dante, fiel do Amor, te viu aberta no sidéreo céu da divindade. Por fim, enlaçada na Cruz, qual serpente erguida, brilha como o símbolo dos Rosa Cruz.

Pétala da Tradição, pétala da Iniciação, pétala da Fraternidade, pétala do Espírito, pétala do Amor, sê em nós, ó Rosa Divina, ó Rosea Cruz.

- 1132-1202 — Joaquim de Fiore
1214-1294 — Roger Bacon
1235-1315 — Raimundo Lúlio
(?) -1361 — Tauler
1293-1381 — Ruysbroeck
(?) -1340 — Geert Groote
1380-1471 — Thomas Kempis
1433-1488 — Valentin Weigel
1433-1494 — Marcilio Ficino
1455-1522 — Johan Reuchlin
1463-1494 — Pico de la Mirandola
1462-1516 — Johannes Trithemius
1493-1541 — Theophrastus Paracelso
1555-1621 — Johannes Arndt
1568-1639 — Campanella
1568-1622 — Michel Maier
1560-1605 — Heinrich Khunrath
1561-1626 — Francis Bacon
1574-1624 — Jacob Boehme
1574-1637 — Robert Fludd
1577-1644 — Van Helmont
1577-1638 — Christoph Besold
1586-1654 — Johannes Valentine Andreae
1592-1670 — Comenius
1614-1687 — Henry More
1618-1699 — François Mercure von Helmont
1622-1666 — Thomas Vaughan
1688-1772 — Emmanuel Swedenborg
1710-1774 — Martines de Pasquallys
1743-1795 — Joseph Balsamo, Conde Cagliostro
1743-1803 — Louis-Claude de Saint-Martin
1749-1832 — Goethe
1752-1803 — Karl von Eckartshausen
1803-1873 — Bwiler-Lytton
1810-1875 — Eliphas Levi
1861-1897 — Stanislas de Guaita
1865-1916 — Papus
1865-1939 — William Butler Yeats
1888-1935 — Fernando Pessoa

BIBLIOGRAFIA

- AGNOSTUM (Irenaeum), «Fons Gratiae», 1619. «Frater non Frater», 1619. (Exemplares da Biblioteca Nacional de Paris).
- ANDREAE (Johannes Valentinus), «Fama Fraternitatis Rosea Crucis». Paris, Éditions Rhéa, 1921.
- ALLEN (Paul M.), «A Christian Rosenkreutz», anthology. Garber Communications. New York, 1981.
- ARNOULD (Paul), «Histoire des Rose-Croix et des Origines de la Franc-Maçonerie». Paris, Mercure de France, 1955.
- BAYARD (Jean-Pierre), «La Symbolique de la Rose-Croix». Paris, Payot, 1975.
- BAYARD (Jean-Pierre) e MONTLOIN (Pierre), «Os Rosa-Cruz ou a Conspiração dos Sapietes». Lisboa, Edições 70, 1979.
- COMÊNIO (João Amós), «Pampaedia» (Educação Universal). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.
- DIGBY (Kenelm), «The nature of Man' soul, and the nature of bodies». London.
- DUCHAUSSEY (Jaques), «Mystère et Mission des Rose-Croix». Monaco. Éditions du Rocher, 1981.
- FACON (Roger), «Le grand secret des Rose-Croix». Nice. Éditions Alain Lefevre, 1979.
- FLUDD (Robert), «Utriusque cosmi». London, 1617.
- FRÈRE (Jean-Claude), «Vie et mystères des Rose Croix». Maison Mame, 1973.
- GADNER (F. Leigh), «A Catalogue Raisonné of works on the Occult Sciences», 1923.
- GORCEIX (Bernard), «A Bíblia dos Rosa-Cruzes». Brasil, Editora Pensamento.
- GUÉNON (René), «Le Théosophisme. Histoire d'une pseudo-religion». Paris. Éditions Traditionnelles, 1978.
- HEINDEL (Max), «Conceito Rosacruz do Cosmos ou ciencia oculta cristã». Lisboa, 1927.
- HUTIN (Serge), «Robert Fludd, Alchimiste et philosophe rosicrucien». Paris. Omnium Littéraire, 1971.

- KHUNRATH (Henri), «Anphiteâtre de la sagesse eternelle». Lyon, 1944.
- JENNINGS (Hargrave), «The Rosicrucians. Their rites and mysteries». London. George Routledge & Sons.
- LEWIS (Spencer), «Manuel Rosicrucien». Paris. Editions Rosicrucien-nes. 1972.
- MAIER (Michael), «Silentius post clamores», Francfort, 1617. «Themis Aurea», Francfort, 1618. (Exemplares da Biblioteca Nacional de Paris).
- McINTOSH (Christopher), «La Rose-Coix dévoilée». Paris. Dervy-Livres, 1981.
- MORE (Henry), «A collection of several Philosophical writings of Dr.», 1662.
- PIOBB (M: F. Nouveau-), «La Rose Croix Johannite». Paris. Omnium Littéraire, 1960.
- POTIER (Michel), «Philosophia pura». Francfort, 1617.
- POTIER (Michel), «Novo tratado Químico da verdadeira matéria e do verdadeiro processo da pedra filosofal». Francfort, 1617.
- RIJCKENBORGH (J. van), «L'appel de la Fraternité de la Rose-Croix». Harlem. Rozekruis Pers. 1983.
- SÉDIR, «Les Rose-Croix». Bibliothèque des «Amitiés Spirituelles». Paris, 1972.
- SOANE (George), «New Curiosities of Literature and Book of the Months», Vol. II, 1847.
- STEINER (Rudolf), «Rosicrucianism and Modern Initiation». Rudolf Steiner Press. London, 1982. «Christian RoseCroix et sa mission et sa mission». Genève. Editions Antrophosphiques Romandes, 1980.
- TORRENS (R. G.), «The Golden Dawn. The inner teachings». Samuel Weiser. New York, 1973.
- VAUGHAN (Thomas), aliás Eugenius Philalethes. «Euphrates, or the waters of the East; being a short discourse of that Secret Fountain whose Water flows from Fire; and carries in it the Beams of the Sun and the Moon». London, 1655.
- Waite (Artur Edward), «The Brotherhood of the Rosy Cross». London. MCMXXIV.
- WAITE (Arthur Edward), «Emblematic Freemasonry». London, 1925.
- WAITE (Arthur Edward), «The Hermetic Papers of A. E. Waite». Wellingborough. The Aquarian Press, 1987.
- WITTEMANS, «Histoire des Rose-Croix». Paris. Éditions Adyar, 1925.



ÍNDICE DAS GRAVURAS

	Pgs.
Capa: Gravura usada por Joachim Frizius, e depois por Robert Fludd. Entre o Sol e a Lua, a Rosa dá sabedoria às almas diligentes.	
Fac-símile duma escritura automática de Fernando Pessoa, em 1916, época em que recebeu (ou escreveu...) várias mensagens do irmão Rosa Cruz, Henry More. Aqui ele diz que foi e é um irmão Rosa Cruz e que Fernando Pessoa também o é.	15
No cimo do monte pode surgir a visão divina. A sombra das tuas asas, Iod, He, Vau, He. Gravura de Theodore de Bry, feita para Robert Fludd.	28
«Espelho da Natureza Inteira e Imagem da Arte». Gravura de Theo- dore de Bry, para Fludd, ilustrando as relações entre Deus, as Hie- rarquias, a Alma do Mundo ou Natura e a Terra	48
Johannes Valentinus Andreae, autor quase certo dos manifestos Rosa Cruz	80
A Rosa Cruz numa versão contemporânea por Margarida Cepeda	114
Frontispício do livro «Filosofia Sagrada e Verdaderamente Cristã, ou Meteorologia Cósmica», de Robert Fludd. Os elementos da Natu- reza são movidos por seres invisíveis. Mikael vence o dragão. A Terra um ser	133
Frontispício de «Anithmologia», do Padre Kircher, Roma, 1665. Um kabalista e Pitágoras, como representantes da tradição que sempre existiu, reflectem a Sabedoria Cósmica	135
A árvore das Sefirot (emanações, nomes e números divinos) da Ka- bala, numa versão de Robert Fludd. Consultar para compreensão de textos de Fernando Pessoa	162

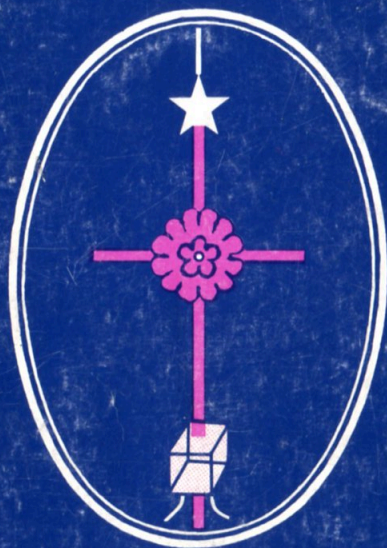
Gravura extraída do livro do médico Steffan Michelspacher, «Cabala», 1616. Raphael Custos foi o gravador desta Simbologia de 7 graus do trabalho alquímico, rumo à Fénix Renascida ou ao Mercúrio Filosófico, estado iluminativo. A febre é a matéria-prima que se encontra no «Vitriol», interior da Terra visitado.	163
O Caminho da Rosa Cruz, numa versão contemporânea, por Filipe Rocha da Silva	190
Gravura extraída do livro de A. E. Waite, a «Fraternidade Rosea Cruz», existente na biblioteca de Fernando Pessoa. Deus em nós como a Rosea Cruz.	230
A Cruz e a Rosa no Gólgota, numa versão da tradição portuguesa no claustro do Mosteiro dos Jerónimos	249
O Cristo como centro do coração e do Universo. Gravura de Van Campem, para o «Anfiteatro da Sabedoria Eterna», triplo compêndio cristão-cabalistico, divino-mágico e físico-químico, de Henrich Khunrath, 1602	268
Contracapa: Texto de Fernando Pessoa sobre o segredo de I. N. R. I. A Rosea Cruz englobando o Espírito, Alma e Corpo.	

ÍNDICE

	pgs.
Apresentação do «Corpus Rosicruciano» de Fernando Pessoa	7
I Capítulo — Os textos iniciais, contos-ensaios: O Filósofo Hermético e o Desconhecido. Apontamentos de leituras sobre a polémica Bacon-Shakespeare e sobre a Ciência Rosa Cruz	27
II Capítulo — A evolução de Fernando Pessoa na compreensão das correntes ocultistas e das relações entre elas. As críticas às revelações dos mistérios. A Gnose ao longo dos séculos	47
III Capítulo — A Fraternidade Rosa Cruz. Apontamentos de leitura, reflexões e ensaios sobre a origem dos Manifestos e da Fraternidade Rosea Cruz, bem como da sua orgânica	74
IV Capítulo — A Simbologia da Cruz, da Rosa, da Rosa Cruz e da Cruz tingida pela Rosa, Rosea Cruz	119
V Capítulo — Os métodos ou ciências ocultas utilizados pela tradição Rosa Cruz: Magia, Alquimia, Numerologia, Sentidos de Interpretação, Kabala, Astrologia	163
VI Capítulo — A Iniciação Rosa Cruz	189
VII Capítulo — Antologia da Poesia Rosea Cruz.	231
Posfácio: Comentário, Prefácio do 1.º manifesto «Fama Fraternitatis», 1615, Extractos de livros de Michel Potier e Robert Fludd. Inspirações da tradição Rosea Cruz	245

«Damos-te o symbolo: está em ti o entendel-o.
Fallamos-te: está em ti o comprehender-nos.»

I.N.R.I.



Edição patrocinada pelo
**Instituto Português
do Livro e da Leitura**

Preço **12000**

